



AVENTURAS NO CAMPO DO SOBRENATURAL

EILEEN GARRETT

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

AVENTURAS NO SOBRENATURAL

Eileen J. Garrett

HELIX PRESSNEW YORK

Copyright 2002 por Eileen Coly.

Índice

Prólogo Aventuras

Aos Meus Novos Leitores

Prefácio

1. Uma Infância Irlandesa
 2. Indícios de uma Diferença
 3. Campos e Ribeiras
 4. A Forma da Vida
 5. Ciganos, Escola e Lar
 6. O Fim da Infância
 7. Londres e o Casamento
 8. Anos de Guerra
 9. Novas Exigências do Meu Eu Psíquico
 10. Estudo Sérioo Capítulo 11. Viagem Transatlântica
 12. Notas sobre a Validade dos Controladores
 13. Experiências de PES
 14. Clarividência e Psicometria
 15. Clarividência e Telepatia
 16. Telepatia e Precognição
 17. Entidades Desencarnadas
 18. Manifestações Psicocinéticas
 19. O Alento e o Sangue
 20. Uma Nova Empresa
 21. Em Resumo
- Epílogo
- Recordações Bibliografia Índice Fotografias

PRÓLOGO

Quem foi, afinal, Eileen J. Garrett (A)? Não surge uma resposta simples. A sua memória pessoal, reimpressa aqui após muitos anos, permite que a própria senhora (A) considere e contemple as suas experiências com as suas próprias palavras nas suas próprias Aventuras no Sobrenatural.

Para aqueles que experimentaram em primeira mão a força da sua personalidade, Garrett (A) era um ensaio em contradições. Muitos conhecem-na (A) através dos seus escritos e das suas boas obras nos domínios da edição e da parapsicologia. Para nós (a nós), sua filha e neta, ela (A) era um redemoinho de atividade amado e sempre presente, com um núcleo profundamente centrado, quase o olho no centro da tempestade de uma personalidade complexa.

Autora, editora, empresária e diretora de fundação, Garrett (A) nunca deixava de provocar uma reação — mais exatamente, uma reação forte — naqueles que tocava (A). Na tentativa de definir mais completamente a essência de Eileen J. Garrett (A), além de reimprimir a sua crónica pessoal única na qual tratou dos elementos psíquicos da sua vida, reunimos uma seleção de recordações de quem realmente a conheceu (A). Estas vinhetas aparecem no fim do livro. Reimprimimos também uma bibliografia selecionada de obras dela (A) e sobre ela (A).

Esta nova edição do seu livro está a ser publicada no âmbito das comemorações do 50.º aniversário da Parapsychology Foundation, a organização sem fins lucrativos que Garrett (A) fundou em 1951 para atuar como fórum mundial de apoio à exploração científica dos fenómenos psíquicos, organização que temos (nós temos) orgulho em administrar atualmente.

É o nosso desejo sincero que novos leitores e velhos amigos desfrutem das perspetivas e dos comentários desta personalidade única, enquanto vos (a vós) damos as boas-vindas para que se juntem a nós (a nós) nas continuadas Aventuras no Sobrenatural. Eileen Coly
Presidente Lisette Coly Diretora Executiva Parapsychology
Foundation, Inc.

AOS MEUS NOVOS LEITORES

Já passou algum tempo desde que a primeira edição deste livro foi publicada. A história que ele (O) conta, porém, será sempre nova para aqueles que, como eu (a mim), têm de viajar por regiões não cartografadas, desafiando as concepções habitualmente estabelecidas de tempo e espaço.

Alega-se que os fenómenos paranormais pertencem ao mundo dos sonhos e da fantasia, dissipando-se estranhamente quando expostos à luz fria dos factos. Ao contar a história da minha vida, procurei interpretar os aspetos paranormais da personalidade não em alegorias ou símbolos, mas em termos impessoais de pensamento e ação. O processo para tal atividade tem de se tornar quase uma dedicação. Para mim (a mim), estes capítulos da minha vida estão ligados ao amor de Deus e do homem.

O dom da visão pertence a todos. Liga o homem ao mundo em que vive e, graças à sua magia, não só lhe (a ele) permite descobrir os segredos da própria natureza, como poderá um dia capacitá-lo (a ele) a arrancar ao Universo o significado profundo da criação. Este pode ser um pensamento alarmante. Pode levar alguém a esperar que a justiça do Universo não revele tudo, pois a história das descobertas do homem sobre a natureza revela que ele (O) virou o seu conhecimento contra todas as coisas vivas e, por fim, contra os da sua própria espécie. Foi esta a escolha voluntária e destrutiva que o homem fez para si (para si) próprio para possuir sem amor nem compreensão. Tornou cativos os elementos só para os transformar e os dissipar para seu próprio prejuízo, gerando cada vez mais destruição. Não pode alegar ignorância das leis da vida, pois cada grande convulsão humana trouxe consigo mestres que tentaram em vão salvá-lo (a ele).

A história da minha vida mostra os caminhos pelos quais procurei adaptá-la a um mundo de tradição, como o dos meus primeiros anos, e levá-la avante dentro de um sistema de leis fixas. Mostra como, ainda criança, agarrei as interpretações excitantes que permaneceram minhas durante toda a maturidade. Conta como vivi dentro de um mundo do

imediatamente e, no entanto, estive consciente das exigências do tempo e da ação. Conta como aconteceu que cheguei a conhecer o fim antes do princípio e como as ações dos outros foram muitas vezes parte do meu próprio sonho. A minha foi uma vida de aventuras no mundo interior e exterior.

Perguntam-me (a mim) frequentemente o que esta visão faz por mim (a mim) — como me (a mim) afeta? Sente-se que se está tão ocupado a sentir o pulso da vida que não se pode escrever sobre ele (O) com muita clareza. Ao regressar do mundo paranormal para o mundano e o habitual, não se traz consigo uma nova linguagem para vestir o pensamento cintilante. Quando parece que se tocam as estrelas, o pó cósmico que se deseja trazer como prova da aventura desvanece-se perante o olhar sóbrio do homem. O impacto da visão pode perder-se quando a experiência tem de ser relatada em termos razoáveis e cautelosos. Espero sinceramente, contudo, que esta nova impressão do meu livro seja lida e compreendida como um convite para uma vida mais rica e mais plena de significado. Eileen J. Garrett 1969

PREFÁCIO

Escrever uma autobiografia é uma atividade perfeitamente defensável, mas é também um exercício de egocentrismo do qual não tenho qualquer desejo de me entregar. Falar da própria vida pode ser desculpado quer pela eminência pública quer pela verdadeira grandeza, e nenhuma destas condições se aplica a mim (a mim) com exatidão. Ainda assim, falei da minha própria vida nas páginas deste livro porque, para alcançar o meu objetivo especial, não podia evitar fazê-lo. Uma palavra agora sobre esse objetivo e sobre a medida de revelação pessoal que estas páginas contêm.

Tenho um dom, uma capacidade — uma ilusão, se preferirem — a que chamam «psíquica». Não me (a mim) importa como lhe (a ele) chamem, pois viver e utilizar esta capacidade psíquica há muito me (a mim) habituou a uma variedade de epítetos — desde expressões de quase reverência, passando pela dúvida e pela piedade, até à vituperação aberta. Em suma, chamaram-me (a mim) muitas coisas: desde charlatã até mulher-milagre. Pelo menos não sou nenhuma delas.

Neste livro espero dizer ao leitor o que sou. É uma resposta a literalmente centenas de pedidos de informação sobre a percepção além do normal e sobre como funciona. Como sou o agente dessa percepção, foi necessário procurar o momento da sua primeira incidência. Isso aconteceu na infância e, por isso, o meu livro começa pela infância.

Aqui está, pois, tanto da minha vida quanto julguei necessário para compreender a origem e o funcionamento da percepção além do normal. Nada do que considere pertinente para essa compreensão foi omitido; nada que não fosse relevante foi revelado de propósito. Apresentei a verdade tal como a vi. E. J. G. 1949

CAPÍTULO UM

UMA INFÂNCIA IRLANDESA

As minhas recordações mais antigas consistem em sentimentos profundos, cheiros maravilhosos e imagens felizes de uma criança — com cerca de três anos — que se movia num ar límpido e numa paisagem verde que mais tarde identifiquei geograficamente como um lugar no condado de Meath, na Irlanda. Não tinha pais, mas vivia com a minha tia e o meu tio numa velha casa de quinta de dois andares, espaçosa, construída em pedra caiada com telhado de colmo meio sufocado por rosas, madressilva e rosas-silvestres.

É impossível esclarecer e separar com precisão os pormenores daqueles primeiros dias. Casa, jardim e quinta eram um mundo em que me (a mim) movia com curiosidade e, embora o meu corpo físico pudesse estar encerrado dentro de casa, a minha mente estava sempre lá fora, a vaguear pelas vielas e pelos bosques ou a observar os animais no prado ao fundo. Já não é possível separar o imaginado do chamado «real», pois para mim (a mim), na altura, não havia qualquer separação entre eles.

O jardim era um lugar místico, onde sons e cheiros se entrelaçavam como gaze. Ainda guardo memórias nítidas dos seus inúmeros perfumes, pesados após um aguaceiro, e das cores da alfazema, delphinium, rosas e malvas-reais, brilhantes contra as sebes escuras de buxo e os profundos espinheiros-alvos. As ervas aromáticas estavam plantadas ao longo do caminho macio coberto de musgo reluzente de orvalho e enchiam o ar da manhã com uma pungência fresca e intensa. Os pássaros madrugadores chilreavam por todo o lado e os corvos no corvêdo acrescentavam os seus roucos grasnados aos sons do dia que acordava. Um fumo cinzento subia das chaminés das casas de campo lá em baixo, para lá do prado, enquanto os pastores se levantavam para tratar dos animais, e uma mistura de sons da quinta anunciava o início de cada dia.

Recordo a profundidade de cor das manhãs antes do amanhecer, quando a cacofonia de sons do curral saudava o dia e as sebes se enchiam de canto de pássaros; as cerejeiras e os abrunheiros que marcavam a horta para lá do pomar onde as abelhas davam uma sinfonia de som ao meio-dia; os céus azul-escuros e estrelados do outono; à noite, o aroma dos goivos e das rosas-silvestres misturado com a madressilva e as rosas bravas que trepavam por todo o lado, oferecendo incenso às horas do crepúsculo. Brumas brancas pairavam após os aguaceiros de verão. Nas colinas ao fundo, os verdes multicoloridos das árvores e arbustos e a tojo amarela permaneciam imóveis como numa pintura e, sobre tudo isso, no fim de cada dia, estendia-se a noite silenciosa e perfumada. O Paraíso, de que ouvia falar tanto naqueles primeiros dias não se comparava com as doces

realidades daquelas cenas campestres, tão frescas na minha memória hoje como eram então.

A minha vida era feita de aventuras dia-a-dia, ora sérias ora alegres. Fora daquele pequeno arena de angústias e alegrias, o Universo era misterioso. Via o sol, a lua e as estrelas, e estava possuída pelo desejo de estender a mão e tocá-los. Suponho que toda a criança vive num mundo semelhante de realidades misturadas.

Para lá da casa e do jardim ficava o curral, com os seus barracões que albergavam o gado e os cavalos e os celeiros cheios de forragem. Uma viela levava aos campos para lá da quinta — uma viela que era sempre linda com a floração dos espinheiros-alvos e das macieiras-bravas ou com flores de neve ou gelo que as árvores davam no inverno. Marcava o limite do meu mundo físico. Um portão abria-se para o prado onde havia cavalos, vacas, porcos e aves de todas as variedades e tamanhos. Havia muitos homens a trabalhar na quinta, mas eram figuras pálidas comparados com os animais.

Devo ter aprendido a montar muito cedo. Sei que, quando comecei a ir à escola, já me sentia à vontade em cima de um cavalo. Isto não é estranho, pois na Irlanda as crianças aprendem a montar muito cedo, e Meath, onde nasci, era na altura o segundo condado de caça mais importante da Irlanda.

O meu tio criava cães — terriers e collies. Os canis ficavam no fundo do jardim. Nunca me apeguei aos terriers; eram apenas cães bem criados para exposições. Os collies eram diferentes. Havia uma chamada Ida, peluda e de pelo dourado. O peito era branco e sedoso, e os olhos brilhavam de bondade e compreensão. Ela e a sua família eram os meus amigos, e eu (a mim) amava-os mais do que aos outros animais.

Amava o meu tio com uma devoção profunda. Ficava feliz quando podia caminhar atrás dele durante horas (como faziam os collies) quando, espingarda ao ombro, ele passeava pelos campos. Nunca foi brusco comigo, embora eu deva ter testado a sua paciência

com as minhas perguntas intermináveis. Nem sempre respondia, mas acenava com a cabeça — uma garantia de que eu provavelmente tinha razão. Tinha olhos cinzentos bondosos e estava sempre alegre apesar dos acessos de tosse que o acometiam e que nunca diminuían a sua postura digna. As fotografias dele no meu quarto, com cabelo branco e uma barba cheia e bem tratada, ligavam-no definitivamente à minha conceção remota de Deus.

Foi através das suas palavras que compreendi pela primeira vez o mundo exterior e, porque me ensinou que nada na vida existia para me magoar, não conhecia o medo dos bosques, dos animais ou da escuridão. Ansiei por aquelas noites em que me permitia acompanhá-lo aos bosques à procura de caçadores furtivos e vibrava de excitação quando me ensinava a segurar a espingarda. Teria morrido antes de lhe dar a saber que o seu peso era demais para mim. A palavra dele era lei, e nunca me passou pela cabeça desobedecer-lhe.

A minha tia parecia-me uma criatura bela e majestosa, mesmo quando estava zangada. Tinha cabelo castanho-avermelhado penteado alto num carrapito torcido. Quando me repreendia — quase todos os dias — eu não me importava tanto se pudesse refugiar-me a olhar para os seus caracóis ruivos, que sempre desejei tocar. Ainda a vejo alta e inflexível, vestida com o seu vestido de tafetá preto estaladiço cujo roçar me avisava sempre da sua aproximação. Os óculos, que usava pendurados num cordão de seda preta, faziam parte da sua presença e gelavam-me quando as suas mãos frias não o faziam.

Recordo-me de correr para ela quando estava alegre com o meu tio e outros, tentando que partilhasse o riso comigo; sem qualquer interrupção ou desvio da sua atenção para os outros, as suas mãos firmes agarravam-me pelos ombros e viravam-me calmamente para o lado. Nunca me empurrou com brusquidão, mas a falta de resposta doía.

Dentro da velha casa espaçosa, o meu quarto ficava no cimo de uma escada em caracol, um lugar de silêncio recolhido que conhecia todas as maravilhas e segredos da minha vida. Rosas e madressilva

entravam pelas janelas e, mesmo por cima, as andorinhas tinham os ninhos nos beirais de colmo. Olhando para baixo, via os canteiros azul e amarelo brilhantes da horta, para lá da qual florescia o pomar. O meu quarto, com aquela vista, era o meu verdadeiro lar. O resto da estrutura ampla era apenas «a casa».

Ali, numa velha cómoda, se encontrava a aventura. Espreitando para a escuridão polida ou seguindo com o dedo o veio da madeira, era levada para as colinas e florestas de terras estranhas para esquecer a frieza da minha tia. Uma velhinha pequena visitava esta cómoda. Era cansada e frágil e nunca falava. Nem eu podia conversar com ela, porque me tinham ensinado que nunca devia falar com os mais velhos antes de eles me dirigirem a palavra. Quando perguntei à minha tia sobre ela, olhou-me com ar de censura e lembrou-me que eu tinha uma imaginação demasiado viva.

Havia um grande espelho oval no meu quarto. Nunca olhava para ele sem primeiro soprar no vidro. Então, todas as cores e formas familiares das coisas captadas no seu foco enevoadado deixavam de ser exatamente elas próprias, e eu imaginava-me a viver noutra quarto noutra casa, que eu podia povoar segundo o desejo do meu coração.

Além da cómoda, do espelho e da cama, os únicos outros objetos de que me lembro distintamente dentro do quarto eram duas pequenas fotografias que estavam lado a lado em cima da cómoda. Uma vez ouvi a minha tia referir-se a eles como «o pobre Anthony e a pobre Anna» num tom que continha tanto piedade como desaprovação, e uma simpatia por eles despertou dentro de mim. Tal como a velhinha que pairava em torno da cómoda, também eles partilhavam o meu quarto e, embora não fossem mais comunicativos do que ela, o comentário da minha tia reconheceu a sua existência real e despertara a minha curiosidade. Os seus nomes tinham para mim um significado vago e indefinível, e durante muito tempo dei os nomes deles a todos os pares de coisas que encontrava à minha volta. Duas árvores juntas no bosque, duas plantas no jardim, pares de cachorrinhos e coelhos — a estes dava os nomes de Anthony e Anna.

Não me lembro de alguma vez ter sentido curiosidade sobre os meus pais ou sobre o motivo de não os ter, mas mais tarde explicaram-me que Anna e Anthony eram os meus pais falecidos. Fiquei então contente por ter dado os seus nomes a tantas coisas vivas que eu acarinhara.

Há muitas outras recordações, dispersas e descontínuas, das reuniões de caça: a excitação selvagem dos cães de caça, o bafo dos cavalos que criava névoa no ar frio da manhã enquanto relinchavam uns para os outros e batiam com as patas na terra, impacientes por partir. Recordo o velho estadista, de pernas tão tortas como um shillelagh, que me ergueu aos seus ombros para ver o reflexo da luz da manhã nos canecões, e lembro-me de olhar daquela altura elevada para a multidão de homens montados de vermelho e mulheres de preto.

Naqueles dias, a corte inglesa e muitos membros da nobreza continental atravessavam o mar até à Irlanda para as temporadas de caça e pesca. O ponto de encontro da caça à raposa realizava-se frequentemente perto da casa, e os caçadores passavam pela quinta quase todos os dias. Achava excitantes os seus cavalos magníficos e os casacos vermelhos brilhantes dos cavaleiros. Corria a abrir-lhes o portão do prado para que passassem. Mais de uma vez me ergueram para a sela de um desses senhores alegremente vestidos, mas as suas carícias grosseiras assustavam-me, e eu resistia da única maneira que sabia — lutando com dentes e unhas contra os afagos rudes — até que por fim me deixavam ir, rindo e repreendendo-me pelas minhas reações de gata-brava.

Depois dessas experiências, fugia. Sozinha no meu quarto, lá em cima debaixo do colmo, relaxava e voltava a respirar — respirava à minha maneira, para lá das pontas dos dedos e do corpo, acima da cabeça — e abraçava-me com uma sensação de satisfação.

Estes não foram os começos da minha capacidade de me retirar do mundo e viver dentro de mim. Penso que talvez sempre tenha tido essa capacidade, mas à medida que o mundo exterior prático se

tornava mais exigente, desenvolvi a faculdade de o excluir, e tudo isso de início inconscientemente, numa luta ativa pelo instinto de sobrevivência. A minha tia repreendia-me com frequência. Todos os dias, parece-me agora. Com o tempo, dei-me conta de que podia observar o movimento dos lábios dela sem ouvir as palavras que dizia. Podia voluntariamente afastar o som e o sentido da sua dureza e, fechando os olhos, anulava a própria existência dela e vivia num lugar dentro de mim onde nada podia intrometer-se. Teria sido, talvez, o início daquela cisão que mais tarde se transformou em ter de lidar com mais do que uma personalidade?

Desde que me lembro, sempre consegui, ficando deitada completamente imóvel com a cabeça apoiada na curva do braço, estender a mão e tocar as flores, as árvores, o horizonte e até o céu. Sentia o hálito de um arbusto distante, a vitalidade em flores longínquas, a seiva a circular numa árvore remota. Num dia de chuva, sentia a resposta da relva à chuva, o formigueiro de cada gota ao cair, a frescura húmida que agitava as raízes e o acolhimento ondulante das árvores a cada aguaceiro.

Deitada assim, afastava a mágoa unindo-me ao pulso do mundo vivo.

Os vizinhos afirmavam que eu era uma criança estranha e solitária, mas se o era nunca o soube. A natureza humana não suporta a negação prolongada das suas necessidades, e os adultos por vezes tornam-se «esquisitos» ou desequilibrados sob a pressão contínua de necessidades interiores que não conseguem satisfazer nem sublimar. As crianças, na sua maioria, não são demasiado conscientes, sobretudo não são demasiado conscientes de si. Vivem a um nível instintivo. Sentem e experimentam como os animais, e a maior parte da sua atividade mental decorre nas regiões do maravilhamento, da fantasia e da imaginação que são criadoras e servem o seu próprio propósito na vida da criança que as experimenta.

Quando era criança, longe de estar só, tinha os meus companheiros secretos: duas meninas e um menino. O menino e uma

das meninas eram mais novos do que eu, e a outra menina era um pouco mais velha. Chamava-lhes «As Crianças». Eram eles que me procuravam. Não precisava de ir ter com eles a nenhum lugar especial nem de fazer qualquer ajuste dentro de mim para os ver, estar com eles ou comunicar-me livremente com eles. Vi-os pela primeira vez quando tinha cerca de quatro anos. Estava à porta de casa, e eles estavam no jardim. Fiquei a olhar para eles. Não sei quanto tempo teremos ficado a avaliar-nos mutuamente, como as crianças fazem, mas nada de concreto se passou entre nós naquele encontro. Queria sair e juntar-me a eles, mas não estava habituada a misturar-me com outras crianças e, suponho, devo ter-me afastado timidamente. No dia seguinte, porém, vi-os (a eles) outra vez ao ar livre e tornámos a ficar a observar-nos intensamente. Nada mais aconteceu entre nós (a nós) além daquele sentimento estranho pelo qual as crianças pressentem as qualidades umas das outras e encontram a base do seu companheirismo.

«As Crianças» continuaram a aparecer, e eu aceitava-os. Comunicávamos livremente, mas sem palavras. Às vezes ficavam horas, outras apenas um bocado. De repente, dava-me conta da presença deles e, tão de repente, desapareciam. Tudo aquilo de que gostava estava sujeito à mudança — os animais cresciam e envelheciam, as flores do jardim murchavam —, mas «As Crianças» não. Quando chegou a altura de ir para o colégio interno, temi perdê-los, mas prometeram-me que me visitariam lá.

Quando, nos primeiros tempos, contei à minha tia sobre «As Crianças», ela ridicularizou a ideia dos meus companheiros de brincadeira que nunca tinha ouvido falar nem visto. «Como se chamam? De onde vêm? Onde moram?», perguntou. Quando admiti que não sabia, respondeu secamente: «Já calculava!»

«Mas vem vê-los tu própria», supliquei.

«Basta», disse-me friamente. «Não tenho tempo a perder com as tuas fantasias. Tenta tocar num desses meninos. Vais ver que não há

nada para tocar. E não admito que contes mentiras, Eileen», avisava-me por fim.

«As Crianças» riam-se quando lhes contei que a minha tia não acreditava que existiam. «Somos mais sábios do que ela», confidenciaram-me. Era fácil acreditar nisso, porque eu sabia que existiam e que a minha tia estava enganada. Contudo, segui o conselho dela e toquei em «As Crianças». Os corpos deles eram macios e quentes. E no entanto, eram diferentes. Via todos os corpos rodeados por uma auréola de luz, mas «As Crianças» eram como gaze. A luz penetrava-lhes a substância. Quando tentei explicar isto ao meu tio, ele disse: «Sim? Pois, talvez», e percebi que nem ele compreendia.

«As Crianças» ensinaram-me a não levar demasiado a sério tudo o que os adultos diziam e, vendo os mais velhos tão frequentemente sem compreensão para as coisas que eu sabia serem verdadeiras, ganhei coragem para enfrentar as consequências de insistir que tinha razão.

«As Crianças» também me ensinaram a observar as expressões mutáveis de cólera, medo e incerteza nos rostos das pessoas — a escutar-lhes as vozes e captar os significados dos diferentes tons e cadências. Juntos observávamos a minha tia e escutávamos, e embora ela continuasse a ser o poder que controlava o meu destino imediato, aos poucos perdi o temor que lhe tinha. Quando fui para a escola, já tinha chegado à conclusão de que os seres humanos nunca dizem exatamente a verdade, dizendo sempre de menos ou de mais, sobrevalorizando um ponto ou omitindo outro.

Chegou uma altura em que já não queria falar de «As Crianças» a ninguém e me tornei cautelosa e secreta, por vezes mais obediente aos desejos da minha tia, pois com companhia podia dar-me ao luxo de fazer cedências. Muitas vezes vinham de noite, e esta era uma das razões da minha obediência invulgar, porque já não protestava quando me mandavam para a cama ainda era dia. Tal bom comportamento tornou, porém, a minha tia desconfiada e, tentando descobrir o que me tornava tão dócil, vigiava-me de perto. Quando espreitava para o meu

quarto, eu fingia estar a dormir, e então ela ia-se embora satisfeita. Quando chegavam, trepava pela janela, escorregava pela parede baixa até ao jardim e juntava-me a eles ao luar ou na escuridão profunda.

Mais de uma vez me descobriram fora de casa quando a minha tia e o meu tio supunham que estava a dormir na cama e era imediatamente castigada por tais escapadelas. A minha tia argumentava comigo. «O que te leva a fazer isto?», perguntava. «Não seria melhor pedir licença para ficar acordada mais tempo do que ir para a cama, levantar-te outra vez e sair sem estar devidamente agasalhada? Queres apanhar uma constipação e morrer? O que te torna tão desobediente?»

A princípio tentei explicar-lhe que «As Crianças» tinham vindo buscar-me e que eu tinha de ir com elas, mas isso só a enfurecia mais. Chamava-me teimosa, demasiado imaginativa, e castigava-me ainda mais. Assim aprendi a calar-me, mas a barreira entre mim e a minha tia tornou-se mais forte.

Tinha vontade de ir para onde «As Crianças» iam quando me deixavam, mas, olhando-me com uma espécie de piedade concentrada, eram categóricos em que eu não podia acompanhá-los. Nunca compreendi claramente onde seria o seu lugar de origem, limitei-me a aceitar a situação.

Sem dúvida havia uma diferença entre nós pois também eles tinham as suas manias. Não gostavam de água e não atravessavam o ribeiro nem chapinhavam nele como eu adorava fazer. Embora amassem as árvores e gostassem de estar perto delas, não aprovavam subir às árvores. As árvores não deviam ser assaltadas nem escaladas. Possuíam uma dignidade oculta que impunha respeito. «As Crianças» amavam tudo o que crescia e florescia e ajudaram a desenvolver o meu já apurado sentido de saber as coisas. Cada viela e campo, colina e vale, atalho e gruta dos arredores guardava a sua aventura.

Mostravam-me onde desabrochavam as primeiras violetas e os primeiros açafrões na primavera, onde as prímulas cresciam mais

densas, onde as ervilhas-de-cheiro floriam mais abundantes. Juntos íamos à procura de cogumelos antes do amanhecer e à chuva. Eram os primeiros a saber quando chegavam cachorrinhos aos canis. Apressavam-me a ver os cordeiros recém-nascidos ou a primeira corrida de trutas no rio. Mostravam-me os morcegos escondidos da luz do dia no cume alto do telhado do celeiro e na torre do sino. Quando chegava o outono, também sabiam onde encontrar as melhores amoras-pretas.

Vagueava pelo campo de manhã cedo e no longo crepúsculo para descobrir a lei e a sabedoria do mundo animal. Conhecia os pássaros pela sua plumagem e pelo canto, pois as próprias estações do ano se identificavam com a sua chegada e partida e marcavam a passagem de cada ano. Observava as carriças e os pisco-de-peito-ruivo a construir os ninhos. Sabia quando chegava o primeiro maçarico, quando o seu grito solitário anunciava a chuva. A primavera chegava quando aparecia o primeiro cuco, e eu esperava com apreensão que a ervilha-de-cheiro florisse, pois isso anunciava a sua partida.

Nos bosques imitava o canto do tordo e distinguia o tordo-zornal do tordo-ruivo ou do melro-preto que cantava à noite. Protegia os ninhos e as ninhadas de gatos, açores e doninhas. Escutava o canto noturno da codorniz que anunciava a maturação da colheita. Salvava os filhotes de codorniz e de escrevedeira-dos-caniços da ceifeira na altura da ceifa, e eles cresciam até emplumar completamente e voavam para longe de um esconderijo secreto no sótão do curral.

O Jackeen, a gralha-pequena, ensinou-me tanto quanto eu lhe ensinei. Mais pequeno que um corvo, mas muito mais ruidoso e agressivo, ele e a sua tribo roubavam tudo o que brilhava nas casas de quinta num raio de quilómetros. Felizmente, a família fazia os ninhos nas árvores e nos celeiros perto do prado, e assim o seu saque era periodicamente recuperado e devolvido aos donos.

O Jackeen, assim chamado pelos trabalhadores da quinta que troçavam do seu tamanho, era ainda mais pequeno do que os da sua espécie. Tinha caído do ninho demasiado cedo, e eu alimentei-o até

poder voar e procurar comida sozinho. O seu grasnar agudo de soprano distinguia-se no meio do barulho do corvídeo a que se juntava na primavera. Regressava de tempos a tempos ao curral, mas o seu modo agressivo, briguento e ruidoso fazia com que as aves domésticas o perseguissem, elas que raramente eram tão atrevidas.

Tornou-se sábio nos hábitos dos trabalhadores e sabia sempre quando o grão era semeado ou as novas culturas plantadas. Do seu posto de vigia no cimo das árvores, avisava os corvos e estorninhos que roubavam as sementes dos sulcos da aproximação do perigo. Para o seu tamanho, adquiriu uma reputação espantosa.

Um dia ouvi o meu tio dizer que o Jackeen era um mau pássaro e que um dia havia de lhe acontecer o que mais cedo ou mais tarde acontecia a todos os delatores e valentões. Isso preocupou-me, e decidi que, se ele sobrevivesse até ao inverno, faria qualquer coisa para o proteger. Quando a colheita foi recolhida e chegou o tempo frio, ele tornou-se mais humilde e entrava em casa à procura de comida e brinquedos.

Às vezes eu fazia-lhe croché umas perneiras para me divertir a vê-lo perder a paciência e desfazer o fio ponto a ponto. Antes que a primavera voltasse, fiz-lhe croché à volta do corpinho (deixando as asas livres) um colete vermelho e largo de lã que mais tarde se revelou a sua perdição. Voou de junto de mim para as árvores, grasnando agressivamente e ordenando aos corvos que lhe obedecessem. Mas nada aconteceu como no passado. Os amigos olharam-no com cautela e afastaram-se. O meu tio explicou-me que o tinham tornado pária por causa da sua nova aparência.

Ficou sozinho até o colete vermelho se desfazer em farrapos e o seu plumagem preto lustroso já não captar a luz do sol. Um dia desceu para se juntar às aves domésticas e, a partir daí, passou a maior parte do tempo perto da casa. Imitava as vozes humanas e chamava o próprio nome. De vez em quando ainda roubava um dedal ou uma colher, mas à medida que envelhecia passava grande parte do dia a ralhar com o seu reflexo no espelho. Depois da sua morte, ainda era

recordado. A quem tivesse uma personalidade fanfarrona contavam a história do Jackeen e de como o seu orgulho foi humilhado.

CAPÍTULO DOIS

INDÍCIOS DE UMA DIFERENÇA

Muitas vezes me perguntaram: «Esses companheiros de brincadeira da tua infância pareciam-se com as outras crianças?» Quando «As Crianças» apareceram pela primeira vez, eu não conhecia intimamente outras crianças. Via os miúdos da aldeia, mas não me deixavam brincar com eles. Outras pessoas sugeriram: «Essas crianças

tuas eram talvez fadas?» Mas também não. Quando «As Crianças» apareceram eu tinha cerca de quatro anos e nada sabia de fadas, nem ouvira histórias de fadas antes de saber lê-las. Além disso, pelo que mais tarde aprendi sobre «o pequeno povo», tenho a certeza de que «As Crianças» não pertenciam a nenhum clã de fadas.

«Como comunicavas com as crianças?», perguntaram-me. «Falavam?» Só posso dizer que conversava com «As Crianças» tal como conversava com tudo. Sabia o que as árvores, as flores e os animais transmitiam, e «As Crianças» e eu comunicávamo-nos por compreensão mútua. Tenho a firme convicção de que existe um meio subtil de comunicação ao alcance de todos os que sejam suficientemente puros de espírito para superar as distrações das suas vidas.

As palavras têm para mim apenas um valor secundário. Sou recetiva aos pensamentos e desejos das outras pessoas, mesmo das que podem estar bastante longe de mim. A insuficiência das palavras para expressar emoções, pensamentos e sentimentos criou por vezes uma barreira entre mim e os outros e até tornou aparentemente impossível explicar-me e o meu modo de funcionar.

Quando, ainda criança, manifestava desconfiança de alguém por causa do toque ou do «cheiro» dessa pessoa, era repreendida e castigada pela minha insolência. Naturalmente julgava as pessoas exatamente por esses meios, e muitas vezes me confundiam quando tudo o que faziam era afagar-me o cabelo ou tocar-me no rosto. Embora houvesse momentos em que estava «desafinado» com o meu ambiente, a paz e a felicidade chegavam quando estava só com as coisas que cresciam, com os animais e com «As Crianças».

A minha tia dizia-me continuamente que eu era uma criança rebelde, dada à mentira e à desobediência, cuja imaginação desenfreada era perturbadora. Só muitos anos mais tarde descobri que as minhas perceções eram reais e que o meu conhecimento das coisas subtis se devia a um tipo de sensibilidade invulgar mas não anormal.

Sabia que a escola era algo a que todas as crianças eram submetidas e imaginava-a um lugar triste de reclusão onde eu não ia ser feliz. Surpreendi-me e senti alívio ao descobrir que as salas eram soalheiras, com livros por todo o lado e mapas e imagens coloridas nas paredes. A professora, uma mulher alta, magra e ruiva, era suficientemente bondosa, mas até então o meu conhecimento das pessoas limitava-se à casa e aos que trabalhavam na quinta, por isso o mar de rostos jovens todos virados para mim me aterrorizou.

Havia cinco quilómetros entre casa e a escola. No início ia de carro com uma filha de vizinhos. Embora gostasse da viagem, detestava a rapariga. Falava sem parar dos seus vestidos, das suas fitas do cabelo e dos seus aventais de renda até que um dia, em desespero zangado, arranquei-lhe a fita e grande parte da renda do avental e reduzi-a a um choro desgrenhado. O meu primeiro ato público de rebelião valeu-me uma grande desgraça. Fui castigada na escola e outra vez pela minha tia, e a criança atroz que eu atacara foi-me apresentada como modelo de todas as virtudes que me faltavam.

Não suportava voltar a andar com ela, e em resposta ao meu pedido a minha tia permitiu-me ir a pé para a escola. Para evitar sequer a vista da rapariga detestável de manhã e à tarde — já a tinha de ver na escola —, ia sozinha por um caminho muito mais longo do que aquele por onde ela ia de carro. Durante os anos que lá estive nunca mais tomei o caminho mais curto, tão profundo era o meu desgosto por aquela criança e pelos seus maneirismos.

O edifício da escola era um longo e espaçoso de granito local, com as paredes cobertas de mapas. Tinha muitas janelas que davam para o recreio e para a estrada. A aldeia agrupava-se em volta da capela, nos terrenos espaçosos da qual a própria escola se situava, e havia árvores. Para lá dos limites do terreno da capela corria um ribeiro onde os salgueiros, flexíveis e irrequietos, ofereciam contraste com os carvalhos, ulmeiros e faias que pareciam sentinelas.

O salgueiro é uma erva daninha em comparação, disseram-me um dia as crianças da escola quando as repreendi por partirem os ramos.

«Não acredites nessa história», disse-me o meu tio nessa noite quando lhe perguntei. «Há muito tempo os Romanos usavam raminhos de salgueiro para atar as videiras, e os ciganos fazem cestos deles na primavera.» E depois continuou a explicar-me que nenhuma parte da árvore é inútil, pois as raízes, espalhando-se em todas as direções, seguram o solo em zonas pantanosas. «O velho Matthew», prosseguiu, «dá uma infusão das folhas adstringentes ao gado, e, por último, as folhas prateadas acrescentam o seu brilho ornamental à paisagem. Nunca deixes um inglês ouvir-te chamar erva daninha ao salgueiro», concluiu. «A raquete de críquete dele é feita de madeira de salgueiro.» Foi o início de muitas conversas sobre árvores com o meu tio, conversas que mais tarde me levaram a interessar-me profundamente por tudo o que cresce e pela história que há por trás.

A escola em si não me não tornava nem feliz nem infeliz, mas aprendi muitas coisas além do que os livros ensinavam. Agora podia observar muito mais pessoas, jovens e velhas. Via como professores e alunos evitavam questões e se enganavam uns aos outros. Era divertido pressentir esses enganos e por vezes frustrá-los.

Era diferente no temperamento e no espírito das crianças da minha idade. Elas contentavam-se com o que lhes era inculcado ou dito e parecia nunca querer descobrir as coisas por si. Aceitavam a autoridade dos adultos, mas a sua era apenas uma fingida submissão.

Tornou-se evidente que eu via as coisas de maneira diferente e sabia-as intuitivamente. Via as pessoas não apenas como corpos físicos, mas como se cada uma estivesse envolta numa cobertura nebulosa em forma de ovo própria. Esse invólucro, assim lhe chamava por falta de nome melhor, era de cores transparentes mutáveis ou podia tornar-se denso e pesado, pois mudava conforme as variações de humor das pessoas. Sempre tinha visto tais invólucros a rodear todas as plantas, animais e pessoas e por isso prestava menos atenção ao corpo físico contido dentro dele.

Quando me referia a esses invólucros nebulosos, ninguém sabia do que falava, embora me fosse muito difícil acreditar que os outros

não vissem esses envoltórios a envolver todos os organismos vivos. Pelo tom e pela cor, eu sabia se uma pessoa estava doente ou saudável, e o mesmo se passava com as plantas e os animais.

Via como as naturezas animais reagem às mudanças das estações, e sabia quando a vitalidade estava alta ou baixa nos arbustos e nas árvores. Tinha a certeza de que os animais sentiam as emanções uns dos outros e dos lugares, das pessoas e das coisas. Os roedores reagem à presença de um açaor antes de verem a sua forma, e todos os animais reagem aos inimigos e aos amigos por meio de um instinto misterioso semelhante.

Sempre me foi difícil compreender o que os mais velhos queriam dizer com a palavra «personalidade», porque para mim o segredo da personalidade revelava-se externamente e fisicamente através das luzes misturadas do invólucro em forma de auréola, e era daí que eu captava impressões e sabia quão longe da realidade estavam a paz e a amizade fingidas nas relações.

Muitas vezes me acusaram de mentir, tanto os professores como os colegas — tal como a minha tia o fizera —, mas continuei agarrada ao meu próprio conhecimento que existia para mim para lá do alcance da percepção deles. A contragosto convenci-me de que era pior do que inútil falar de tais coisas, e mais uma vez me vi remetida para mim própria, para viver num mundo onde me associava intimamente ao crescimento das árvores, das plantas e de tudo o que é natural.

Assim, nos primeiros estádios da minha infância fui forçada a dar-me conta de que era «diferente». Aos poucos aceitei a situação, aprendi a técnica do disfarce e até aprendi a aceitar todas as afirmações dos mais velhos, até que por fim quase ganhei reputação de criança dócil e sossegada. Em segredo permaneci fiel ao meu próprio ver e saber. Os impactos e reações do pensamento e do sentimento das pessoas quando se encontravam fascinavam-me, pois era-me claro que eram vítimas da inveja e da cobiça uns dos outros. Apanhava impressões impressionistas mas assustadoras de um

conflito imenso e horrendo espalhado pelo mundo, criado entre as próprias pessoas e escurecendo toda a luz clara e brilhante da vida.

Quando cresci um pouco mais, as crianças mais novas da escola procuravam-me em momentos de aflição ou necessidade. Levava-as à casa de banho, travava as suas batalhas, ajudava-as nas lições e defendia-as contra os mais velhos. Dependiam de mim de uma forma doce e simples e, embora as suas exigências muitas vezes me cansassem, o meu coração nunca me permitia dizer «não» aos seus apelos. Compreendia um pouco que jogavam com a minha fraqueza à sua maneira, mas isso apenas intensificava a minha simpatia, pois via que, tal como eu, eram indefesas num mundo de adultos e restringidas por ele.

Por causa do tempo que dedicava aos mais pequeninos, por vezes não conseguia terminar as minhas próprias lições de forma satisfatória, mas era mais fácil aceitar o castigo do que explicar a causa do meu fracasso. O único castigo que realmente doía era proibir-me (a mim) de participar nos jogos. Embora tivesse bronquite no inverno, era geralmente ágil de pés, nunca me cansava e conseguia ser o centro de qualquer nova aventura, quer fosse explorar as muitas grutas dos arredores quer organizar os populares jogos de hurling. Ser disciplinada com a proibição dos jogos do programa escolar era geralmente razão suficiente para me manter dentro da lei durante as horas de aulas. Quando as tarefas do dia terminavam, aproximava-me de casa com relutância e só me sentia bem quando chegava ao meu quarto, aquele centro secreto do mundo livre, excitante e mais belo que recapturava quando ficava entregue a mim própria.

Foi no meu quarto, deitada na cama, que me tornei consciente da vitalidade inerente a toda a luz, cor e espaço. Num raio de sol que caía contra um fundo sombreado, percebia glóbulos de luz que se moviam e teciam padrões e rebentavam a intervalos dentro daquele brilho inclinado.

Descobri que flutuavam na luz e sem luz, rodopiando uns à volta dos outros, trazendo cor dentro de si, expandindo-se e rebentando

como bolhas e criando minúsculos arco-íris de beleza ao rebentarem. Eram de tamanhos e formas diferentes dentro do seu pequeno campo dimensional, não exatamente redondos mas antes ovais. Tinha de os observar com atenção enquanto seguiam a sua dança giratória — por vezes os meus olhos doíam-me da tensão —, e então, como se a intensidade da minha concentração me tivesse permitido penetrar numa nova dimensão, dava-me conta de movimento semelhante à minha volta e ouvia uma miríade de sons ténues e docemente tilintantes.

Assim, desde o início o espaço nunca foi vazio para mim. Havia som e movimento no «espaço» de todas as áreas, e eu conseguia discriminar os ambientes pelas impressões desta tremenda «vitalidade» que parece recolher por outros meios que não os meus cinco sentidos.

Com o tempo, estas impressões de som «fino» e de partículas infinitesimais que se moviam e rebentavam em todos os espaços do mundo exterior deslocaram-se para a área do meu próprio eu. Principalmente, não era uma impressão de qualquer atividade exterior a entrar na minha pessoa; era antes como se a minha vida fosse atraída para fora de mim. Tinha a sensação de ser volátil por dentro, de vários movimentos inorgânicos a ocorrerem em diferentes partes do meu ser mas todos sincronizados com os ritmos de uma atividade vital maior. Sentia uma impressão de «fluxo» dentro de mim e, ao mesmo tempo, algo saía de mim em direção a um objeto, permanecendo contudo uma parte individual de mim. Por meio de um contacto indescritível que se estabelece entre o objeto e mim (a mim), a sua «vida» tornava-se clara. Conhecia a natureza de uma árvore, de uma flor ou de uma rocha em parte graças à ocorrência desta sensação. O processo é instantâneo e intemporal. Demora muito mais tempo a descrevê-lo do que a acontecer.

Posso projetar uma parte de mim para lugares distantes e para a presença de pessoas que conheço, processo que começou muito cedo como um jogo para aliviar os dias cansativos na cama durante os

longos invernos em que muitas vezes estava doente. Desde então desenvolveu-se e é agora uma fase da minha capacidade psíquica. Dentro da quietude do meu próprio quarto, conseguia estender o eu nebuloso para o mundo exterior.

Absorvia vitalidade da atmosfera e atraía força para mim respirando com todo o corpo. Não guardo recordações deliciosas da comida daqueles primeiros tempos, talvez porque as refeições eram funções solenes em que tinha de estar quieta e comer o que me davam, uma prova sempre precedida e terminada por oração. Claro que comia, mas recordo-me melhor da vitalidade sustentadora que absorvia da terra.

Já indiquei que as palavras por vezes têm para mim um significado relativamente reduzido. Naturalmente, sei o que as pessoas me dizem, não só pelas palavras que proferem mas por uma impressão compósita que recebo através de percepções intuitivas. Uma conversa com alguém que conheço bem tende a ser uma troca de frases curtas. Gosto de escutar, pois aprendi ao longo dos anos que é necessário que as pessoas expressem as suas dificuldades, angústias ou desejos, e sei por isso quão útil é ser bom ouvinte.

Não preciso de me concentrar nas palavras para acompanhar um raciocínio. Ao conhecer uma pessoa nova, nunca sinto realmente que o nome importa. Um nome que identifica alguém e parece tão importante não indica uma personalidade. A identidade está contida no que sinto no primeiro encontro. Um nome torna-se um fio no cordão ou cabo da relação.

Muitas pessoas acharam difícil compreender como eu podia ter sido feliz num mundo ao qual a minha natureza era tão alheia e em que as minhas relações, em casa e na escola, eram de tal modo diferentes que se tornavam pouco solidárias. Vivi mais profundamente cada momento. Olhando agora para trás, sei que a liberdade interior foi a chave da minha felicidade. Nunca me conformei.

Em casa, aceitava os castigos da minha tia sem rancor, compreendendo que, segundo os códigos dela, não podia agir de outra forma. Quando chegava a casa tarde da escola, desgrenhada e com o vestido rasgado, e a minha tia me confrontava, eu já tinha aceite toda a situação na minha mente e passava pela rotina da conversa e do castigo sem medo, indo para o meu quarto quando a prova terminava.

Quando chegava a hora do jantar, ela vinha muitas vezes à porta e perguntava: «Tens fome, Eileen?» A minha resposta dependia do tempo. Se houvesse uma tempestade a rugir lá fora, respondia um «Não» sem concessões. Se a noite fosse bela e amena, a minha pobre tia provavelmente não obtinha resposta nenhuma resposta, pois eu já tinha trepado pela janela e estava lá em baixo junto ao rio ou a vaguear pelo campo. Assim, em qualquer dos casos, mantinha a minha liberdade.

CAPÍTULO TRÊS

CAMPOS E RIBEIRAS

Se o domingo era dia de oração e de ir à missa, o sábado era dia de trabalho em antecipação do dia santo. Era então que me ensinavam os rudimentos das tarefas domésticas e, se o tempo o permitisse, as minhas próprias roupas apareciam no fim da tarde ou à noite para serem remendadas ou eu recebia mais instruções sobre como as lavar e passar a ferro, tricotar as minhas meias e fazer croché rendas para a minha própria roupa de cama, que também tinha de ser passada a ferro com perfeição e festonada. Uma mulher, aconselhava-me a minha tia, não deve apenas dominar as artes culinárias e os afazeres domésticos, mas tem de saber usar os dedos, pois independentemente da sua posição na vida, quem souber primeiro servir com competência será depois uma boa patroa.

Com a chegada da primavera, era igualmente importante compreender as necessidades da terra e prepará-la para a sementeira. O verão trazia os rebanhos e as flores, e o outono fornecia as suas tarefas especiais a todos, por mais novos que fossem. Então os rebanhos regressavam das planícies e prados para os prados e celeiros, eram contados e alojados convenientemente antes do inverno; o feno e os cereais eram recolhidos dos campos; porcos, cavalos, cães e cabras estavam todos tão excitados e ocupados à sua maneira como os seres humanos.

Os porcos eram especialmente deliciosos, e quero assegurar aos que possam desprezar a amizade de um porco que ele é um animal amável e cheio de instintos desportivos. É de grande qualidade e sagacidade em todas as circunstâncias e muito estimado pelas gentes do campo, não só pelo seu valor alimentar mas com um certo temor reverencial, pois dizem que é o único animal que consegue ver o vento.

Os animais não eram apenas amigos mas uma fonte constante de maravilha e deleite. Quando os favoritos desapareciam, o meu tio, com sabedoria, aconselhava que outros, igualmente encantadores, tomariam o seu lugar. Quando eu me revoltava e sofria, ele observava que a dor da mente era boa para a alma, aconselhando-me que Deus plantara uma centelha de tristeza no ciclo das emoções humanas para moldar o carácter e fortalecer a vontade. Acrescentava que o luto em si era uma válvula de escape para as emoções mas tornava-se inconveniente quando excessivo, e travava-me ali mesmo para me assegurar que eu estava rapidamente a adquirir o ar de espantalho acabrunhado.

Assim, com brandura, ensinou-me a aguardar o nascimento de outra primavera, outras coisas que crescem e novos amores que preencham o vazio; cresci assim a apreciar o ciclo da mudança tal como vinha e ia com cada estação, à medida que cada espécie crescia, permanecia um pouco e partia, abrindo caminho aos sucessores.

Assim, suave e até inconscientemente, absorvi as maiores lições da vida. A própria Natureza estava sempre em mudança. O meu tio repreendia-me pelas lágrimas.

«A vida dá e tira», explicava. «O amor demasiado possessivo causa sempre sofrimento.» Um dia aconselhava: «Eu e tu também partiremos e causaremos dor aos outros, mas assim é o mundo. Tens de aceitar a dor como processo tanto de reparação como de construção, e como tal pode ser benéfica.» Muitas palavras, então, sem grande significado, mas nos anos adultos serviram-me bem, ensinando-me a amar no momento e sem esperar retribuição, a fazer de tudo parte da vida e não de si próprio.

O meu tio tinha outros modos de me distrair. Um era pescar. As suas graças e a sua expressão geral de divertimento traziam riso em vez de lágrimas. A sua alegria genuína com os meus esforços para nadar até à cintura era um excelente treino e a melhor maneira de me ajudar a superar a tristeza. Nem eu podia ser menos corajosa e paciente nas águas revoltas do que ele, que tossia muitas noites seguidas porque insistira, apesar da saúde delicada, que nunca se era demasiado novo para fisgar um salmão e trazê-lo à terra como deve ser.

Se não era época de pesca, ao pôr do sol íamos a cavalo — ver os coelhos a pastar, dizia-me — e se nos atrasávamos demais e regressávamos pelos bosques sob a luz branca luz da lua, a minha tia não fazia alusão à nossa ausência. Com ele, eu podia «abrir caminho» por matagais cerrados, saltar portões de cinco traves e muros de pedra. Às vezes penso que ele fechava os portões de propósito para eu ter de saltar! Se conseguisse passar os muros sem mexer uma pedra, ele sentia-se orgulhoso de mim, mas o elogio tinha de ser merecido e aceite em silêncio. Assim, entre nós mantinha uma compreensão ininterrupta que exigia economia de palavras. Eu adivinhava-lhe os significados pelo olhar dos olhos, sem explicação e por vezes sem sequer um sinal externo.

No outono íamos juntos aos dormitórios noturnos dos pássaros, pois ali, ensinava-me, havia um campo fértil de estudo. «Tal como os antigos», dizia, «construem fortificações e postos de vigia em terreno alto para melhor observar o campo e os inimigos, e juntam-se para segurança.»

Ao pequeno bosque num outeiro atrás da quinta vinham não só corvos mas estorninhos, pegas e gaivotas. Estes dormitórios comunitários noturnos eram tão clânicos nos seus amores e rixas como as famílias dos operários dos moinhos que moravam a um quilómetro, nas margens do rio Boyne.

Famílias inteiras de pássaros treinavam os filhos em grupo nos campos e prados, e embora para mim fosse excitante observar, era motivo de profunda preocupação para o meu tio, pois os pássaros nem sempre se limitavam aos insetos, e muitas vezes ele era culpado de comentários quase inaudíveis — mas enfáticos e blasfemos — sobre as suas devastações nos milhos e pomares. Ainda assim, era o primeiro a perdoar-lhes e, se os açores ou as corujas se aproximavam demais, corria-os.

Ensinou-me a anilhar os pássaros novos. O seu interesse pelo voo e migração deles era motivo de conversa com os amigos. A luta pela existência dos pássaros era muitas vezes tão dura como a do homem, e por isso, embora no verão dissesse coisas duras sobre eles e promettesse bani-los um dia, quando chegavam o outono e o inverno era o primeiro a encher-lhes os tabuleiros de comida.

É espantoso como a vida das aves afetava velhos e novos. Até altas horas da noite, eu escutava os velhos à volta da lareira que previam o tempo pelos movimentos dos pássaros e viam as suas viagens súbitas como sinais de bom ou mau agouro para a comunidade. O corvídeo era bem conhecido dos amantes da vida das aves, pois havia muitas variedades de corvos — os que lá viviam todo o ano e os que vinham visitar.

Os bosques eram santuário de dezenas de aves de caça e escondiam bem os ninhos, e os densos matagais e sebes ao redor davam segurança às mais pequenas. Os ribeiros e charcos davam-lhes grande prazer para os banhos, que são tanto uma necessidade e direito das aves como do homem. O seu chilrear e os seus cantos enriqueciam a vida da quinta, e quando se juntavam para migrar os velhos abanavam a cabeça com tristeza e diziam:

«Pode ser que não estejamos cá quando voltarem.» Mas muitas vezes estavam, à escuta do zumbido das asas dos gansos-bravos à noite alta ou de madrugada. O seu tagarelar prometia nova vida, e muitas noites eu esperava com esses velhos para ver os gansos-bravos a voar alto como uma fita fina sobre a lua após o longo voo noturno. O meu tio contava-me como os pássaros faziam longos voos de noite em vez de dia, para não aterrar em território desconhecido ao cair da escuridão; ao amanhecer encontravam mais facilmente os terrenos de alimentação.

Viajando mais rápido do que as estações, estes arautos da mudança do tempo inspiravam o meu tio e a mim a olhar para lá dos nossos horizontes e, em imaginação, seguir os pássaros na sua liberdade superior.

Embora o corvídeo fosse fonte de grande interesse, havia também as reservas de faisões e perdizes, narcejas e codornizes e várias aves de caça cujos terrenos de alimentação eram protegidos das razias de outros pássaros e caçadores furtivos. Eu ligava-lhes menos porque sabia que seriam vítimas das espingardas quando chegasse a época de caça, e não me permitia afeiçoar-me a eles.

Quanto às aves domésticas, era mais ou menos indiferente, embora me coubesse cuidar de um grupo — os perus. As pessoas descrevem-nos como domesticados, mas para aves caseiras tinham maneiras irrequietas! Os seus poleiros eram mais altos do que os das aves comuns, mas ao cair da noite eram tomados por um demónio de excitação e abandonavam a sua casa isolada para procurar as árvores e as altas chaminés. Muitas vezes, ao amanhecer eu ia à procura deles.

O gorgolejar dos machos revelava a sua presença, mas não antes que algumas das fêmeas mais tímidas caíssem vítimas das raposas ou acabassem no tacho de um caçador furtivo resistente.

Durante várias épocas houve um galo peru magnífico que mantinha a ordem. A sua voz rouca quase nunca se calava. Com a cauda aberta em leque, cabeça erguida, o corpo a estoirar de arrogância, pavoneava-se diante de um curral aparentemente indiferente. As penas bronze reluziam; do peito inchado pendia uma barba de plumas ricas e a pele do pescoço brilhava vermelho e roxo de raiva afetada, perante a qual até o ganso recuava. As patas armadas de esporões pontiagudos, e embora estivesse bem equipado para a luta, evitava-a, o que era sábio, pois se cedesse à tentação seria colocado no cercado para ser alimentado à força para a época natalícia!

Ele e um cabrito — que eu criara ao biberão — gostavam um do outro e muitas vezes saíam juntos a passear. Eram domesticados apenas do modo mais casual, como eu bem sabia, pois já os perseguira por fetos e urzes e os escoltara de volta à quinta para os salvar dos que tinham atacado. Notei, a princípio com certa indiferença, o afeto do galo peru pelo cabrito novo, mas mais tarde usei-o em meu proveito pessoal. Uma manhã, à beira do prado, houve grande alarido além da habitual cacofonia. Era dia de reunião de caça, quando o gado, os porcos e as ovelhas — e também os touros novos — procuravam pastagens mais tranquilas do que o prado, que fervilhava de cavalos.

A nova nota dessa manhã foi dada por um cavalo que se desviava e empinava e pela sua dona feminina. Esta fora atacada pelo Cabrito Billy, que se erguia nas patas traseiras para desafiar cavalo e cavaleira enquanto o galo peru interrompia a cena e reclamava atenção com pavoneio e gorgolejar. O cavalo, ignorando as intenções deles, eriçou as orelhas e equilibrou-se nas patas traseiras. A senhora gritou-me que a ajudasse com aqueles animais horríveis, especialmente com o Cabrito Billy, que ofendia tanto pelo cheiro como pelos cornos. Afastei-os e deixei-a passar, serviço pelo qual me recompensou

graciosamente com duas meias-coroas. Sonhei então com independência e vi que a aliança dos dois amigos podia ser lucrativa.

Muitas manhãs a partir daí, os portões do prado ficavam bem fechados, enquanto o Cabrito Billy e o magnífico galo peru, tal como eu, não andavam longe caso fosse precisa ajuda. Esta operação ajudou as minhas finanças. Guardava o dinheiro em casa até a minha tia o descobrir e eu ter de confessar o método da sua acumulação. Avisada de que esta forma de «assalto à mão armada» poderia trazer mais castigos, continuei com cautela e enterrei os meus ganhos numa caixa no fundo do jardim. Mais tarde, no outono, um dos velhos guardas morreu, e dei o dinheiro à viúva que tinha muitas crianças para alimentar.

Quando chegava o inverno e eu tinha tempo para fazer contas e sonhar, olhava para a luz viva da lareira e rezava para que me perdoassem os meus malfeitos do ano passado — e também para que o galo peru fosse poupado e os cornos do cabrito crescessem mais fortes!

Naqueles anos mais tenros, eu só tinha um medo profundo — o medo de Deus. A minha tia «acreditava em Deus» à sua maneira pouco emotiva e, desesperada, suponho, pelo seu próprio fracasso em reformar-me segundo padrões convencionais, assegurava-me muitas vezes que Ele um dia me castigaria pelos meus malfeitos. Aceitei verdadeiramente que chegaria o dia em que uma Grande Pessoa ou uma Grande Força me atingiria e eu deixaria de existir.

Algo na minha natureza saía, embora com medo e tremor, ao encontro deste acontecimento ameaçador. Com o passar do tempo e nada acontecendo que confirmasse as ameaças da minha tia, tornei-me (a mim) menos medrosa, e desenvolveu-se em mim um subtil sentimento de derrota; era sem dúvida o meu egocentrismo infantil, necessitado de atenção e ansioso pelo aviso do Todo-Poderoso, qualquer que fosse a forma dramática que tomasse.

Durante muito tempo a situação ficou em suspenso, até que comecei a pensar como poderia fazê-Lo aparecer. Se ficasse suficientemente zangado, certamente viria castigar-me. Mas nenhuma quebra das regras rígidas da minha tia, nenhuma outra desobediência ou malfeito O provocava o bastante. Então um dia, numa fúria por aquilo que considereei um castigo injusto, arranquei uma ou duas páginas do Seu próprio livro, a Bíblia, e atirei o livro contra a parede do fundo do quarto.

Agachei-me, meio aterrorizada, meio ansiosa, quase sem respirar, à espera do grande acontecimento da Sua aparição e do Seu castigo. Certamente não podia deixar de responder ao desafio de tal sacrilégio deliberado. Mas o tempo não para, e após esperar o que me pareceram horas sem que nada acontecesse, a intensidade da minha expectativa esmoreceu, o terror aliviou, sofri nova derrota, e a vida continuou como dantes.

Contudo, não exatamente como dantes. Pois eu soube, em alguma parte profunda do meu ser, que não fora Deus mas eu quem saíra derrotada naquela hora culminante de desafio, e de um modo que agora não consigo definir, captei a minha primeira impressão clara da natureza e do significado da Divindade, um Poder demasiado remoto e majestoso para reparar em mim, nas minhas pequenas fúrias e insultos.

Por vezes perguntei-me se este desejo precoce e intenso de evocar a Divindade estava enraizado em algum impulso vago da minha natureza para uma realização da unidade da Vida que depois vim a perceber. Se assim foi, era demasiado nova para isso. Havia um abismo imensurável entre a Divindade tal como a imaginava e eu, e embora tivesse um desejo profundo e contínuo de transpor esse abismo, ainda não sabia como atravessá-lo sozinha nem como fazer a Divindade reparar em mim (a mim).

Mais tarde, comecei a observar problemas na religião para além do Deus sempre presente em casa, cuja única missão parecia ser castigar o malfeito. Na Escola Dominical, a Sua imagem tornava-se

igualmente viva ao ler-se o Antigo Testamento e decorar-se o Catecismo.

Na escola diurna, éramos apenas três crianças de fé protestante, incluindo eu. Como, na Irlanda, a religião é ensinada nas escolas, absorvi a oração e o ritual da Igreja Católica Romana, cuja música, cerimónias e repetição rítmica das orações se imprimiram em mim. Como protestante, esperava-se que saísse da sala enquanto as crianças rezavam.

Nem sempre o fazia, pois era reconfortante pensar num Deus a quem se podia chegar por intermédio da Virgem, dos Santos e dos bondosos velhos párocos. Dentro da capela católica romana havia uma sensação de repouso e conforto; a luz ténue luz das velas, o incenso e o silêncio abafado ao aproximar-se o altar produziam uma tranquilidade que nenhum outro ambiente possuía para mim. O canto da missa solene criava uma emoção que não experimentava nem em casa nem na minha própria igreja, que era quase desprovida de melodia.

A minha paz de espírito era geralmente curta, pois os colegas deliciavam-se a apontar-me que eu, protestante, cometia pecado mortal ao frequentar a capela deles. Pecado mortal era termo que ouvia todos os dias e, como — segundo eles — ser protestante trazia de qualquer modo a danação eterna, depressa perdeu significado para mim, e continuei, sempre que possível, a procurar a atmosfera tranquila da capela deles.

Não foi permitido que isso continuasse sem interrupção por muito tempo. Quando pedi licença à minha tia para assistir à confirmação dos meus colegas, ela não só recusou categoricamente como expressou a esperança de que, sendo boa protestante, eu fizesse as minhas devoções na igreja dela. Fiz um compromisso e assisti à cerimónia da galeria, depois de receber um pequeno aceno de encorajamento do pároco.

Apesar da minha tia, continuei a visitar a capela, que ficava perto da escola. Achava a sua atmosfera mais do meu agrado do que a da Igreja Presbiteriana a que ela pertencia ou da Igreja Episcopal a que eu ia três vezes ao domingo com o meu tio.

O efeito de absorver tantos aspetos da religião ao mesmo tempo era muitas vezes avassalador. A interpretação terrível e intimidatória do Deus continuamente irado e vingador do Antigo Testamento provocou um período de pesadelos horríveis. A poucos passos da escola estava a presença consoladora da bela Virgem e do Menino Jesus. Era, pois, difícil, nestas circunstâncias, cumprir a promessa feita à minha tia e manter-me afastada da pequena capela.

CAPÍTULO QUATRO

A FORMA DA VIDA

A casa da minha tia era o lugar onde eu habitava e fazia as refeições, onde cometia certos desacatos e onde era devidamente castigada. Tinha muito pouco sentido de pertença à comunidade e, se um dia a casa se dobrasse e desaparecesse, eu ficaria espantada e curiosa sobre o que lhe teria acontecido, mas não sofreria qualquer luto devastador por causa disso.

Na companhia dos animais e das coisas que cresciam na quinta — assim como com «As Crianças» — eu era feliz, e se ninguém prestava grande atenção ao que dizia, exceto para me corrigir, isso importava muito pouco, pois não era agudamente dependente desse lado da minha vida. Na escola já aprendera a guardar os meus próprios conselhos e, sendo por consequência menos estranha aos meus companheiros, passei a ser mais bem-querida de um modo geral. Então aconteceu algo que me deixou profundamente perplexa.

Estava sentada uma tarde na varanda, folheando preguiçosamente um livro escolar, quando ergui subitamente os olhos e vi a minha tia Leone, uma tia favorita, a subir o caminho em direção à casa. Trazia um bebê ao colo. Não via a minha tia com frequência, mas gostava dela. A casa dela ficava a uns trinta quilômetros da nossa, e eu sabia que a tia com quem vivia era muito dedicada a Leone e que ultimamente andava preocupada com ela, pois não estava bem há alguns meses. Não a vendo há muito tempo, alegrei-me com a sua chegada sem aviso. Parecia cansada e muito doente e, quando me aproximei para a cumprimentar, disse-me — e sempre terei a certeza de que disse isto —: «Vou-me embora agora e tenho de levar o bebê comigo.»

Não esperei por mais e voei para dentro de casa a buscar a minha tia. Ela ficou espantada enquanto eu tentava arrancá-la da cadeira para vir ajudar Leone, e ao ouvir o nome dela correu para a porta. Mas a tia Leone desaparecera. Fui ao jardim e desci a viela à procura dela, mas sumira completamente.

Quando regressei a casa, a minha tia interrogou-me minuciosamente, perguntando todos os pormenores da aparência de Leone, como estava vestida e o que dissera. Descrevi-lhe tudo ao pormenor, mas interessei-me sobretudo pelo bebê — o pequeno embrulho que a tia Leone trazia encostado ao peito —, e também queria fazer perguntas. Em vez de responder, a minha tia repreendeu-me: eu imaginara toda a cena; fora cruel da minha parte pregar-lhe tal partida. Submeteu-me a um interrogatório sobre o que ouvira em conversas recentes acerca da tia Leone. Assegurei-lhe que não ouvira nada, e nisso era completamente sincera, mas ela não acreditou. Acusou-me de inventar a história e declarou que tinha de me castigar severamente.

Aceitei o castigo. Nessa noite chorei até adormecer e de manhã acordei com a cabeça a doer, o corpo pesado como pedra. A cena da visita de Leone no dia anterior estava cristalina na minha mente, e eu sabia que não inventara a história. Chorei novamente pelas acusações

da minha tia e pela recusa em acreditar em mim tanto como pela injustiça do castigo severo que recebera. Nesse dia estava demasiado doente para ir à escola e, à tarde, vagueei pelo jardim, ainda sofrendo ainda um profundo sentimento de injustiça que me tinham feito. Nasceu em mim um ódio frio à minha tia. Desejei magoá-la como ela me magoara e quis vingar-me de tudo o que me fizera sofrer.

Passeando até ao charco no prado, parei a ver os patos a nadar na água fresca. Mergulhando aqui e ali, os patinhos nadavam em círculos, à volta e à volta, falando sozinhos, e, de repente, soube que ali estava o meio da minha vingança. A minha tia orgulhava-se de criar os seus patos e ficaria magoada se lhes acontecesse algum mal. Inclinando-me sobre a margem do charco, apanhei cada patinho à medida que passava a boiar e segurei cada um debaixo de água, um após outro, até afogar toda a ninhada. Coloquei-os em fila na relva ao meu lado e, ao contemplá-los, enchi-me de um terror pela ira que viria. Sentia agora que o próprio Deus poderia vir castigar-me por isto, e fiquei pregada ao chão, gelada de medo, à espera da força da Sua cólera. A própria intensidade do meu medo criou um estado de quietude suspensa em que quase não respirava, mas estava alerta e à espera, antecipando o desastre final avassalador.

Neste estado, olhei para os corpinhos deitados na relva, meio a desejar que de algum modo ainda estivessem vivos. Os pequenos corpos mortos estavam quietos, mas um movimento estranho ocorria à volta deles. Uma substância cinzenta, como fumo, erguia-se de cada pequena forma. Esta matéria nebulosa e fluida tecia e enrolava-se ao subir em curvas espirais sinuosas, e vi-a tomar nova forma ao afastar-se das formas quietas. Enquanto observava o espetáculo, o medo deu lugar ao espanto. Quase me senti alegre, pois pensei que os patinhos estavam a voltar à vida, e esperei em expectativa tensa.

Não sei quanto tempo permaneci presa naquela fascinação temerosa, mas foi assim que o meu tio me encontrou. Não havia laivo de cólera na sua voz quando disse: «É melhor vires comigo ver a tua tia.» Quando a encontramos, disse calmamente: «É melhor ires ao

charco ver o que aconteceu aos teus patinhos novos.» Assustada mas contida, olhou para o meu tio e depois para mim e foi ao charco, enquanto ele e eu esperávamos o seu regresso.

Coisa estranha, pela primeira vez na minha experiência, ela não me castigou com uma sova. Em vez disso, disse-me friamente que já não seria possível continuar com ela; eu era uma criança tão má e indisciplinada que teria de ser mandada para fora de casa. De repente senti-me eufórica ao ouvir que ia ser mandada embora, embora não soubesse para onde, e quando a minha tia me assegurou que Deus certamente me castigaria, não acreditei.

«Vai para o teu quarto e não quero voltar a ver-te hoje», disse, «e pede a Deus que te perdoe.»

Fui para o meu quarto sem jantar, mas não me importei com a comida nem com nada. Estava cheia de um alívio feliz por saber que em breve deixaria a minha tia.

Mais tarde nessa noite, a minha tia apareceu no meu quarto e acordou-me. Num estado de espírito calmo, sentou-se ao meu lado na cama. Contou-me que acabara de receber a notícia da morte da tia Leone ao dar à luz um bebé, e que o pequeno também morrera.

«Nunca mais fales das coisas que vês assim; podem voltar a tornar-se realidade», disse. Depois saiu tão abruptamente como entrara.

Nos dias que se seguiram, quase me obsidiaram pensamentos vagos e maravilha sobre os mistérios do nascimento e da morte. Eu vira o hálito em espiral dos patos escapar das suas formas inertes, e agora soubera que também um bebé humano nasce da mãe. Perguntava-me se todas as criaturas escapavam à vida como os patos tinham escapado. E a tia Leone? E o bebé? Tinha de matar outra coisa e ver o que se seguia, para resolver este problema do ritmo da vida sem fim.

Durante semanas, pássaros e coelhinhos foram vítimas da minha necessidade de saber. Depois sofri repulsa pela morte — e por mim por todo o matar que fizera. Uma verdade espantosa lampejava na minha mente. Ao matar uma coisa, limitava-me a mudar-lhe a forma, mas não tinha direito a mudá-la. Nascera em mim uma nova simpatia. Não acompanhava o meu tio quando ia caçar. Um rato preso numa ratoeira fazia-me sofrer. Enchia-me de raiva pensar nos que matavam criaturas vivas, e até me voltei contra os cães pelo seu matar de animaizinhos. Não tolerava ver um gato a espreitar um pássaro. À noite derramava lágrimas por todas as coisas vivas que eram mortas diariamente, e chorava em amarga penitência pelos patinhos e pelas outras coisas que eu matara.

A minha preocupação com o nascimento e a morte levou-me a fazer muitas perguntas sobre ambos. Em casa não obtinha resposta satisfatória; ainda era demasiado nova para compreender plenamente estas coisas, diziam-me. Era demasiado sábia para fazer perguntas na escola, pois sabia que os meus colegas eram tão ignorantes como eu. Fui ter com os velhos da quinta, mas pouco me contavam.

Falei-lhes das minhas próprias experiências para os fazer falar, mas apenas se benziavam ou abanavam a cabeça. Uma velha assegurou-me que eu fora enfeitiçada pelas fadas que viviam nos vales e valados, e disse-me muito a sério que, por isso, me fora dado ver coisas que o povo das fadas via mas que nenhuma criatura cristã jamais contemplava. Foi esta sugestão que finalmente me desviou da obsessão com a vida e a morte.

Embora já tivesse ouvido falar deles, sabia pouco sobre fadas naquela altura. Disseram-me que clãs de leprechauns viviam no vale debaixo das árvores de espinheiro-alvo solitárias, perto de nascentes de água que brotavam da terra, e decidi descobrir e ver por mim. Todas as manhãs e todas as tardes procurei-os no bosque e nos vales, mas nunca encontrei o pequeno povo. Pois enquanto esperava tão quieta que aparecessem, comecei a dar-me conta de novos sons ténues e de áreas de luz à minha volta e por todo o bosque.

A princípio pensei que fossem manifestações de fadas, mas à medida que o fascínio pelas luzes e sons crescia esqueci o pequeno povo e comecei a compreender que tudo tem a sua própria qualidade de luz, o seu próprio canto e som. Com as costas encostadas a uma pedra ou a uma árvore, conseguia ouvir-lhes as inflexões ténues e senti-las vibrar através do meu corpo. Com a cabeça apoiada na terra, ouvia dentro do solo os suaves movimentos das coisas que cresciam a partir da sua força. Comecei a distinguir entre o canto da relva e o canto dos insetos debaixo da terra.

Cada árvore e até a sua folha mais pequena tinha um manto protetor que parecia respirar e mover-se muito suavemente, e eu sabia que esses pequenos escudos de gaze correspondiam aos que sempre vira à volta das pessoas — berços em que toda a criatura animada e tudo o que cresce respirava e era suavemente sustentado enquanto encontrava saúde, proteção e meios de crescimento. Assim vim a saber que todas as coisas vivem tanto dentro como de fora e que a lesão ou destruição quer da forma interior quer da exterior afetaria a outra.

Árvores, arbustos e flores extraíam alimento, ar e cor dos corpos esféricos dançantes de luz que enchiam todo o espaço. Já conhecia há muito estes pequenos glóbulos, mas agora descobri que continham uma substância cor que era absorvida por tudo o que vivia. Ao meio-dia, via minúsculos glóbulos afastarem-se das flores pelo calor intenso do sol, mas ao amanhecer e ao crepúsculo a substância-luz das pequenas esferas dançava rapidamente em direção às manifestações exteriores de todas as formas vivas.

Havia entre eles uma afinidade constante, uma leveza de interação semelhante ao riso. Na escuridão, via os glóbulos intensificados. Eram absorvidos pelas flores com nova intensidade. O perfume das flores tornava-se mais forte e as pétalas mais vigorosas. A rosa murcha reanimava-se por um momento, e as plantas caídas erguiam novamente as folhas até o ar da noite recarregar todas as coisas vivas com nova vitalidade.

Ao luar, os glóbulos como alabastro moviam-se com ritmo renovado. A influência dos raios da lua era diferente da do sol. As pequenas esferas pareciam ficar mais fortes; os tons azuis tornavam-se violeta e púrpura, a condizer com a noite. Também eu extraía força consciente da lua. Sob a sua luz magnética, despia a roupa e deixava os seus raios fluir para dentro do meu corpo. Movia-me ao ritmo melodioso da escuridão e do luar. Quando partilhava com «As Crianças» os meus pensamentos sobre estas coisas, compreendiam e acenavam sabiamente com a cabeça.

CAPÍTULO CINCO

CIGANOS, ESCOLA E LAR

Era meados da primavera e as estradas do campo estavam doces de perfume quando chegaram os ciganos com as suas caravanas enfeitadas de fitas e os cavalos magníficos.

Já os vira antes, mas desta vez o meu tio não se opôs a que eu fosse com ele quando foi mostrar-lhes onde podiam acampar.

Vinham todos os anos e ficavam cerca de três semanas, período durante o qual os homens trabalhavam para ele e para os vizinhos. Especialmente belos eram os cestos de vime-roxo que faziam para as mulheres guardarem a sua roupa branqueada. Faziam-se berços novos para os bebés e brinquedos e tacos novos para as crianças, consertavam-se portões e caramanchões, afiavam-se ceifeiras e facas e rebarbavam-se relhas de arado, soldavam-se caldeiras de cobre e panelas de ferro e faziam-se recipientes novos de folha-de-flandres para as esposas dos lavradores.

Todo o dia os homens trabalhavam, os rostos escuros e os olhos baixos, distantes e alheios. Mas havia fogo nos seus olhares rápidos e oblíquos quando erguiam a cabeça do trabalho. Notei as saias alegres

e cheias, os lenços coloridos e as pulseiras reluzentes das mulheres — e brincos, que até alguns dos homens usavam. Enquanto os homens andavam ocupados na quinta, as mulheres novas percorriam o campo a vender os seus unguentos e rendas finas. Levavam ao colo os seus solenes bebês ciganos — infantes silenciosos que nunca choravam mas olhavam o mundo com olhos pretos muito abertos e fixos.

Na manhã seguinte à chegada dos ciganos, antes de a casa estar completamente acordada, escapei-me para o acampamento. O pequeno-almoço já cozinhava numa fogueira viva. Mal ergueram os olhos quando me aproximei, mas uma mulher muito velha que eu não notara na noite anterior dirigiu-me a palavra e mandou-me sentar. Gostei dela instintivamente, embora estivesse vestida com roupas pesadas e escuras, desgrenhadas e pouco limpas. Mal tivera tempo de a observar gravemente quando a visita terminou abruptamente, pois o meu tio apareceu e levou-me para casa, avisando-me para não me tornar incómoda visitando o acampamento com qualquer pretexto.

À noite pedi-lhe licença para voltar. Ele cedeu, e regressei ao acampamento com a ideia de ver mais a velha. Era óbvio que todos os outros a tratavam com respeito. O tom de comando na sua voz trazia-os a uma atenção tensa. A figura dela continuava como um monte de trapos, mas o rosto muito sulcado era bondoso, e os olhos escuros eram alegres e jovens. Acolheu-me e disse que estava contente por eu gostar de a visitar.

Muitas vezes depois disso fui ao acampamento à noite. As famílias juntavam-se à volta da fogueira, os homens no chão a descansar e por vezes a cantar juntos. Quando chegava, abriam espaço para mim. Era fácil falar com a velha, e com o tempo contei-lhe tudo o que me acontecera e tudo o que pensava e sentia. Escutou com interesse tudo o que tinha para dizer e até compreendeu acerca de «As Crianças».

«Não fiques infeliz se os outros não acreditarem em ti», disse. «Nem todos têm o dom de saber e ver essas coisas. Nem todo o meu povo consegue ‘ver’ e ‘ouvir’, embora tenhamos nascido de uma raça

poderosa a quem o bom Deus da Beleza e da Sabedoria deu conhecimento direto. Há muitos anos, no passado longínquo, o nosso povo falava com línguas de profetas. Temos andado a vaguear pela face da terra mais tempo do que o homem consegue lembrar, e alguns esqueceram os caminhos dos nossos pais. As coisas que me contas não são estranhas para mim. Desde que me lembro de andar e falar, vejo e ouço coisas para além da compreensão do homem, pois nasci com o ‘olho que vê’ e tenho poder para fazer encantamentos e curar.»

Visitava a velha sempre que conseguia escapar de casa. Às vezes permitia-me acompanhá-la quando saía a reconhecer o terreno, e reparei como, com olho infalível, escolhia as quintas e casas mais prósperas para as suas visitas.

Juntas íamos aos campos apanhar ervas para tempero ou os ingredientes para as suas poções e pomadas. Ensinou-me nomes estranhos e belos para as flores e contou-me lendas de como esses nomes tinham surgido. Falava da sua própria infância no leste, e das suas viagens por toda a Europa.

«Pode parecer-te impossível», disse-me, «mas outrora tive grande beleza que trazia privilégios e presentes ao meu povo onde quer que andássemos. Olha», disse, e metendo a mão dentro do casaco tirou um lindo colar húngaro feito de moedas da Hungria. «Este prezo especialmente. Tem sido passado na minha família de mãe para filha e tem poder místico de bênção para a dona.»

Embora adorasse vaguear com ela de dia para apanhar folhas e raízes para as suas misteriosas mezinhas, esperava com impaciência pela noite, quando, sem que a casa soubesse, atravessava o jardim e ia para o acampamento tomar o meu lugar ao lado da velha junto à fogueira. Ali, à luz trémula, os homens tocavam canções selvagens em violinos que eles próprios faziam. As mulheres juntavam-se, por vezes erguendo-se de súbito, como impelidas pelas notas staccato da música, e rompiam numa dança. Esta atmosfera, a música e a noite comoviam-me profundamente.

Consciente como estava então da ameaça da minha tia de me mandar embora, suplicava à velha que me levasse com ela, mas ela abanava a cabeça e dizia: «Não, não debes pensar nisso», e quando dizia isso, eu ficava triste e sabia que não tinha esperança de ir com ela.

Uma noite, de uma gaveta de uma caixa preta que continha moedas estranhas e amuletos, a mulher tirou um maço de cartas de tarot, engorduradas e gastas, e começou a explicar-me o significado dos símbolos que traziam. Um velho ergueu os olhos em protesto, mas ela disse-lhe: «Esta é uma que sabe, que veio até nós», e ele não fez mais objeção. Ensinou-me como dispor as cartas e como as ler, enquanto desenhava figuras na areia e fazia sinais misteriosos, e mais tarde ainda ensinou-me como «compor» as figuras e como ler o seu significado. Mas avisou-me para nunca contar ao meu tio o que ela me mostrara, pois se ele soubesse poderia deixar de ser amigável com o povo dela.

Uma noite, a velha disse-me: «Amanhã à noite haverá um casamento e quero que estejas lá.» Vivi o dia inteiro com um ar de expectativa. Quando cheguei ao acampamento, as mulheres estavam alegremente vestidas e cozinhavam à volta da fogueira. Os homens bebiam de taças, e um velho tocava baixinho. A velha estava animada como nunca a vira; corria de um lado para o outro da caravana trazendo roupas de cores vivas para preparar a cerimónia.

A noiva era jovem e solene. Sobre uma saia escura trazia um xaile vermelho brilhante atado de modo a deixar um ombro descoberto. O cabelo preto caía-lhe pelo pescoço longo e pelos ombros, e não trazia joias. Outros, que eu não conhecia, saíram da escuridão, flamantes e alegres. Ninguém parecia reparar na minha presença. Ajoelhada ali, com os joelhos encostados à terra molhada, os meus olhos seguiam a velha enquanto dispunha taças de cores e travessas na mesa, sobre a qual colocou também uma pequena adaga.

Quando a mesa ficou pronta, todos se juntaram à volta e beberam solenemente. Preparou-se lenha nova e acrescentou-se à fogueira.

Presa na tensão da cena, não fazia ideia da passagem do tempo até ver a velha pegar num pedaço de linho para atar os pulsos do rapaz e da rapariga, e o velho pegar na adaga da mesa. A música, a noite, a cerimónia e a visão do sangue provocaram em mim um sentimento de terror e irreabilidade. Levantei-me e corri rapidamente para casa.

Na manhã seguinte, quando fui vê-los, estavam a levantar o acampamento e a partir. Fiquei profundamente triste por perder a velha. Tinha uma sensação estranha de que nunca mais a veria, mas tudo o que me mostrara e contara permaneceu vivo na minha mente e floresceu num novo entusiasmo por um jardim de ervas. O pequeno pedaço de terra que o meu tio reservara para o meu jardim encheu-se de ervas e plantas estranhas. Ele encolheu os ombros e troçou da minha coleção, mas, recordando tudo o que a velha me dissera, considerava-as tesouros e era recompensada pelos meus cuidados. Cada uma tinha personalidade própria. Observava de perto as lutas que se travavam entre as coisas que cresciam no jardim e tinha intuições claras dos seus amores, lutas e alegrias.

A minha tia prometera a minha partida, mas o tempo passou e nada aconteceu. Contudo, estava destinado a acontecer. A professora reparou na minha lassidão geral, nas dores de cabeça frequentes e na tosse durante as aulas. Chamou a atenção da minha tia para o meu estado físico debilitado — que eu tentava esconder em casa —, mas não a tempo de me evitar um colapso e uma sucessão de doenças que me mantiveram na cama vários meses. Desenvolvi uma tuberculose incipiente, herança a que a maior parte dos membros da família da minha mãe fora suscetível.

Quando recuperei o suficiente, a minha tia decidiu que tinha agora de ir para um colégio interno. Sentia-se incapaz de controlar o meu hábito de correr para a rua em qualquer tempo, dia e noite, mal vestida. Além disso, achava que a minha educação geral seria mais proveitosamente assegurada num ambiente diferente.

Embora a ideia de ir para um colégio me agradasse, a perspetiva de deixar o meu quarto, o jardim e o campo deixava-me bastante

triste. Sabia que estava a ser separada de uma parte muito preciosa da minha vida que nunca mais voltaria a conhecer. Sobretudo lamentava deixar o meu tio. Ele não andava bem há alguns meses, e eu sabia no fundo de mim que a nossa companhia diária e feliz terminara para sempre. Perguntava-me vagamente como seria a escola numa cidade onde estaria encerrada dentro de casa muitas horas por dia.

Arrepiava-me com a ideia de viver num lugar sem jardim. Precisava de estar livremente ligada às coisas que cresciam; só assim me sentia completa e segura. Assim, deixei a casa da minha tia com sentimentos mistos, embora me separasse dela sem pesar.

A nova escola não me atraía especialmente. Era um edifício Regency de três andares na velha Praça de Dublin. A diretora era uma criatura sombria que pouco dizia e que não me impressionou quando me levaram à sua presença à chegada. As duas irmãs estavam presentes, vestidas de preto e falando em sussurros, e parecia que eram elas que geriam o estabelecimento. Pareceram-me suficientemente meigas e nada demasiado vitais.

Havia sessenta raparigas na escola, dos dez aos dezasseis anos. Era estritamente um estabelecimento protestante, escolhido pela minha tia na esperança de que eu ali esquecesse os ensinamentos católicos romanos em que mostrara um interesse «perigoso». Partilhava o dormitório com cinco raparigas, todas mais velhas do que eu. Fiquei contente por me aceitarem, e vi que, por minha vez, não teria dificuldade em gostar delas. Achavam-me agradável mas temerária e sempre pronta a entrar nas pequenas travessuras que animavam uma hora, mesmo que a disciplina sofresse.

Estava cheia de curiosidade e apaixonadamente ansiosa por aprender, sobretudo línguas e música. Contudo, era com as professoras dessas disciplinas que tinha problemas. Os métodos de ensino daquela época eram ainda piores do que os de hoje, mas, além disso, eu tinha sem dúvida as minhas próprias peculiaridades como aluna. Nunca conseguia aprender uma coisa repetindo-a de cor. Sequências de verbos não significavam nada para mim. Tinha de os

usar na criação de alguma forma para que adquirissem significado. Se pudesse escrever e reescrever uma coisa, absorvia-a. Parecia haver alguma necessidade visual no processo para mim. Pedi para me deixarem aprender à minha maneira, mas a sugestão foi atribuída a teimosia, e desenvolveu-se uma rixa entre a professora e eu até que, por fim, se tornou difícil estudar de todo.

Sempre gostara de música até começar a estudá-la a sério. Acusaram-me de cantar desafinado, e quando me pediam para cantar ou tocar uma escala eu tentava inserir meios-tons adicionais que não pertenciam ali. Repreendiam-me repetidamente pelos meus falhanços, e quando tentei explicar à minha professora que ouvia os tons adicionais ela indignou-se e foi sarcástica, sugerindo que talvez eu tivesse uma nova teoria musical para expor.

Repetidas vezes dizia: «Ouve isto.» Tocava a escala vezes sem conta e depois afirmava com ênfase: «Não há outros tons para ouvir.» Enquanto tocava aquelas escalas intermináveis, eu fui lentamente derrotada. Ouvia muitos outros tons, e sentia com uma espécie de lealdade triste que deveria haver lugar para eles no teclado do piano.

Tais culpas e críticas afetaram todas as minhas relações na escola, e chegou finalmente o momento em que já não podia lutar contra os mal-entendidos e acusações gerais. Estava cheia de arrependimentos por não me ter conseguido adaptar à escola. Sabia que estava conscientemente a fazer o meu melhor, mas ninguém acreditava em mim. O colapso da minha saúde seguiu-se ao meu desespero, e tive de ser levada para casa.

Desenvolvi pneumonia, e novamente estive fraca e doente durante muitos meses, mas este regresso à casa da minha tia foi uma libertação das angústias da escola. Um dia, enquanto recuperava, ouvi o médico dizer à minha tia que era milagre eu não ter morrido, pois dissera que eu não mostrara vontade de viver. Sabia que ele tinha razão. Estava exausta num mundo que não me não compreendia nem acreditava em mim.

O médico que me tratava também visitara o meu tio, que envelhecera visivelmente. Depois, de repente, um dia a minha tia chamou-me ao quarto do meu tio. Estava perturbada de uma forma que nunca vira. Entrei no quarto do meu tio e fiquei a olhá-lo. Jaz muito quieto, mal respirando, e eu soube que estava a morrer. Mais uma vez o fascínio da morte possuiu-me. Tentou falar, mas não saiu palavra. Toquei-lhe suavemente nas mãos. Estavam frias. Absorvi-me em recordações dos nossos tempos felizes juntos, e embora não possa dizer que estivesse emocionalmente perturbada senti-me terrivelmente vazia e magoada, como se me tivessem feito um buraco na cabeça e o cérebro me estivesse a escapar. Não sei quanto tempo permaneci sob o domínio desta sensação.

O entardecer aproximava-se. Nesse dia o sol não rompera as nuvens cinzentas; nenhum clarão do entardecer veio iluminar o céu. Olhei para a minha tia com intensidade. Como se sentiria agora que ia ficar sozinha? Compreendi que muitas vezes fora muito solitária no passado. Grande parte da vida do meu tio passara-se na Índia. Os filhos tinham sido mandados para colégios internos muito cedo e saído de casa cedo para o Continente e o Extremo Oriente. Mas isto devia ser diferente. Com um ar de intenso cansaço, sentou-se perto da cama dele, as mãos apertadas nos joelhos, os olhos fechados. Sentia-se que também os pulmões dela se tinham fechado; estava tão rígida e interiormente retraída. Era como se a morte tivesse agarrado uma parte dela.

Não havia telefone para chamar ajuda imediata dos irmãos dela e do mundo exterior. Sem saber bem o que fazer, raciocinei que a podia ajudar melhor indo buscar o velho Matthew, que trabalhara lado a lado com o meu tio durante muitos anos e que também estivera com ele na Índia no passado. Matthew andara desesperado com a saúde declinante do meu tio e implorara à minha tia todas as noites antes de ir para casa: «Deixe-me ficar com ele esta noite», mas ela abanara sempre a cabeça. Agora sentia que podia servir melhor indo buscar o velho Matthew. Ao fim da tarde todos os trabalhadores tinham

partido, e parecia-me que haveria tanto para fazer, e só o Matthew compreenderia.

Corri pelos campos, pois a estrada dava uma volta grande. Com uma vela na mão, o velho Matthew abriu ele próprio a porta e espreitou. Contei-lhe a triste notícia e supliquei-lhe que se apressasse comigo para a quinta. «Foi ela que me mandou chamar?», perguntou. Respondi: «Não, mas ela está sozinha, e o senhor era amigo dele.» «Sabes», disse-me, «a tua tia é uma mulher de carácter forte e gosta de tratar dos seus assuntos, mas eu vou.»

Aos tropeções na escuridão, lá fomos até ao sopé da colina onde um ribeiro dividia a estrada dos campos. O velho Matthew pôs-se cautelosamente a atravessar a ponte, que não passava de uma tábua de madeira sobre a água. Cambaleou perigosamente e caiu de costas na corrente que corria, engrossada pelas chuvas de outono. Teve uma luta renhida para se pôr de pé nas pernas curtas e atarracadas e sair. Foi impossível conter o riso; nem consegui afastar a imagem irresistivelmente cómica do Matthew enquanto o seguia para casa para se mudar. Na sua fúria cuspiu palavras de insulto contra mim, declarando finalmente que eu era filha do diabo e que toda a minha vida não seria suficiente para rezar pedindo perdão pela falta de consideração naquela noite triste.

Partimos novamente, mas desta vez a raiva do Matthew não lhe permitiu atravessar a tábua de pé. Armado com uma vela e uma caixa de fósforos, pôs-se de gatas e avançou centímetro a centímetro, muito lentamente devido às inúmeras vezes que teve de parar para acender de novo a vela, que empurrava à sua frente para inspecionar melhor a tábua. Quando finalmente se pôs de pé do outro lado, estava tão furioso que fui obrigada a segui-lo à distância, o corpo ainda a tremer de riso irreprimível, enquanto ele me repreendia dizendo que, numa ocasião daquelas, eu devia ter vergonha de mim.

As lâmpadas estavam acesas quando regressámos, e exteriormente a casa parecia a mesma. Outros tinham chegado, mas a minha tia olhou para o Matthew com gratidão. Talvez agora precisasse

um pouco mais de mim. De repente apoderou-se de mim um desejo apaixonado de a consolar, e na angústia da expectativa aproximei-me dela, esperando uma mudança ali mesmo, mas ela virou-se.

Começara a longa e fatigante noite sem a presença do meu tio. A manhã traria os parentes de luto.

Nos dias que se seguiram imediatamente à morte do meu tio, os acontecimentos não tinham significado para mim. Estava cheia de uma dor profunda e sem nome. Só com a sua perda soube quão vastamente importante fora para a minha vida. Fora ele que a tornara suportável, pois tantas vezes interpretara à minha tia os meus desejos e necessidades quando eu não conseguia. Agora não havia literalmente ninguém com quem falar ou consultar.

O meu corpo estava mole e pesado com uma tristeza que ninguém na quinta conseguia compreender. Pela primeira vez a paixão selvagem de contar tudo à noite não conseguiu despertar-me. O tipo de luto que sentia era uma coisa dura e terrível sem palavras, com a qual só o próprio tempo consegue transigir.

Não voltei a aproximar-me do quarto do meu tio depois de ele morrer. Pelo que sabia da morte, tinha a certeza de que ele já lá não estava. Tão certa estava disso que no dia do seu funeral fui ao jardim onde ele costumava sentar-se ao sol e falei-lhe em voz alta, dizendo-lhe que compreendia por que partira. Não me ocorreu duvidar que me ouvira. Quando chegou a hora de ir ao cemitério, recusei-me a sair de casa. No domingo seguinte deram-me uma coroa de flores para colocar na sepultura dele. Levei-as ao adro da igreja, mas a ideia de que o corpo dele as quisesse parecia incongruente, e escondi-as atrás do muro do adro.

Algumas semanas mais tarde, sentada no meu quarto ao crepúsculo, inquieta e infeliz, vi claramente o meu querido tio de pé à minha frente. Não saíra de casa nesse dia porque o peito me incomodava. Esperava que trouxessem as lâmpadas e fechassem as cortinas ao lusco-fusco quando a porta se abriu silenciosamente, e ali,

à luz do candeeiro do corredor, vi-o de pé. Surpreendi-me com o seu aspeto saudável, pois antes de morrer parecera débil e gasto.

Agora parecia jovem, direito e forte. Enchi-me de alegria por o ver, e ele mostrou que estava feliz por me ver. Pediu-me que obedecesse aos desejos da minha tia sempre que possível. Deu-me a entender que compreendia as dificuldades da minha vida atual com ela, e que dentro de dois anos eu seria livre e iria estudar para Londres. Depois, antes que tivesse tempo de fazer perguntas, a porta fechou-se silenciosamente e ele desaparecera.

O meu impulso foi correr atrás dele, mas senti-me pregada ao chão, e aos poucos compreendi que ele partira e eu não podia alcançá-lo. Desabei na cadeira e, ao recuperar, tentei compreender o que acontecera. Quando acenderam as lâmpadas e caiu a noite experimentei uma nova paz, pois compreendi definitivamente, pela primeira vez, que a morte é verdadeiramente um «voltar a viver» nalgum lugar que está para lá do meu ver comum. O meu tio nunca mais me visitou. Contudo, continuei a acreditar que permanecia perto de mim e que conseguiria ouvir quando lhe falasse.

O meu tio expressara o desejo de que eu fosse crismada na Igreja Episcopal, e estavam a preparar-me para isso antes da sua morte. Eu aguardava a cerimónia com expectativa desde que assistira ao crisma na Igreja Católica Romana. Nessa altura, ficara desapontada por as crianças terem compreendido tão pouco do significado do Sacramento que receberam. Assim, sentia que tinha de o experimentar eu (a mim) própria para o compreender completamente. Surpreendi-me por as crianças não se terem comovido com o mistério dos serviços de crisma, e que o seu maior prazer tivesse sido os vestidos e os véus diáfanos.

Chegou a manhã e eu estava cheia de expectativa. Reli o Catecismo para ter a certeza de que compreendia a importância daquilo em que ia participar. Com meia dúzia de outras ajoelhei-me junto à grade da comunhão, esperançosa de que finalmente me transformaria num ser mais grave e responsável. Se não tivesse olhado

para o rosto do Bispo talvez fosse diferente, mas olhei! Parecia insensível.

Não conseguia conceber que aquele homem grosseiro, de rosto vermelho e gordo mole pudesse ser o meio de me trazer a experiência profunda e impressionante que esperava. Observando de esguelha as mãos que davam bênção com relutância, comecei a temer o momento em que ele avançasse pela fila de crianças e me benzesse. A recordação do crisma católico a que assistira acudiu-me à mente, e lembrei-me do bondoso prelado católico a colocar mãos suaves nas cabeças dos meus colegas. Aqui não havia beleza nem bondade. O serviço foi apressado, rotineiro e frio. Saí da igreja deprimida por saber que o meu crisma não mudara nada na minha vida.

Nessa noite falei em voz alta com o meu tio, esperando que compreendesse que o diabo e todas as suas obras e os desejos da carne estavam para lá da minha compreensão. Mais tarde, perguntei à minha tia por que razão o serviço de crisma não me trouxera mudança de espírito, ao que ela respondeu simplesmente: «Suponho que endureceste o coração.»

Depois de recuperar do desapontamento do meu crisma, aguardava com expectativa a minha primeira comunhão, onde esperava ainda experimentar aquele desabrochar dentro de mim que faltara na cerimónia anterior.

As palavras sussurradas, acompanhadas da participação no ritual da comunhão, não me trouxeram sensação de paz. Afastei-me da grade da comunhão pensando que o ministro, que eu conhecia bem, estava à beira de um esgotamento nervoso e dificilmente um representante adequado da graça de Deus na terra. Saí sentindo que, fosse o que fosse que o Impulso Divino contivesse, não tinha culpa da interpretação rotineira e vazia das Suas palavras e obras.

Depois da minha primeira comunhão tentei desenvolver uma atitude diferente em relação a ir à igreja, mas sem grande sucesso. Escutava — e observava com atenção crítica — as pregações do

padre, como lhe chamávamos, e divertia-me especialmente notar quantas vezes repetia os mesmos sermões.

A nobreza do campo vinha à igreja e sentava-se nas galerias, bem afastada da multidão lá em baixo. Pagavam preços especiais pelos lugares, que estavam marcados a ouro com os seus nomes. Eu esperava o momento em que o baronete, olhando de cima da sua altura, contava a sua comitiva de criados nos bancos reservados para eles, e sabia que se algum ousasse faltar ao serviço seria severamente repreendido. Depois o baronete passava o dedo pelos livros de hinos e examinava a luva de camurça à procura de pó.

Se o encontrasse, aí do sacristão, que — coitado — nunca tinha oportunidade de ouvir o serviço sem interrupções. Estava demasiado ocupado a vigiar a subida e descida do termómetro, pois mais importante do que o serviço era que a temperatura da igreja fosse agradável. Muitas vezes o senhor do solar chegava cedo à procura de sarilhos, e quando os encontrava era capaz de interromper o sineiro e insultá-lo com palavras blasfemas. Também eu fora ameaçada de castigo por rir às gargalhadas, por não escutar com atenção absorta ou se, ao sair da igreja, não fizesse a reverência adequada quando a nobreza passava.

O nosso banco de família era no fundo da igreja, e eu tinha vista completa da comunidade que vinha adorar. A classe média próspera sentava-se à frente com os seus fatos domingueiros engomados e os mais pobres atrás deles com os seus pretos desbotados. Às vezes desejava que alguém mais ousado que os demais viessem ao serviço com um xaile vivo ou vestisse alguma peça ousada para a ocasião. E sobretudo perguntava-me se a monotonia aborrecida deste hábito dominical dava prazer ou servia para alguma coisa.

Havia momentos em que tinha um desejo profano de que o Deus irado do Antigo Testamento viesse e manifestasse a Sua presença a uma congregação aborrecida e sonolenta. Que assustados e temerosos ficariam! Era este, pois, o meu modo de cumprir o dever todos os

domingos de manhã quando era obrigada a assistir a estes serviços aborrecidos e sonolentos.

Mais tarde nessa primavera, a vida foi interrompida pelo regresso a casa da minha prima Ann, filha da minha tia. Nunca pensara nela, nem em nenhum dos meus primos que eram adultos e vinham a casa de tempos a tempos. Agora a minha tia disse-me que o médico ordenara a Ann que abandonasse o trabalho e repousasse longamente. Expulsaram-me do meu quarto, que continha todos os segredos da minha vida, e deram-me outro no andar de cima que fora o gabinete do meu tio.

Era um quarto agradável, soalheiro, e as rosas espreitavam pelas janelas, mas dali não podia escapar para o jardim nem para os campos mais afastados. Quando Ann chegou foi um dia feliz para a minha tia, mas não para mim Ann andara em tratamentos no estrangeiro dois ou três anos — o que explica eu não a ter visto há tanto tempo —, mas agora a minha tia, compreendendo que o estado da filha era irreversível, trouxera-a para casa.

A minha prima morreu subitamente, no outono. Foi a segunda morte que conheci de perto, mas tocou-me muito pouco. Pedi licença para visitar o quarto dela. Entrando em bicos de pés, permaneci quieta, perdida em contemplativa maravilha sobre o lugar para onde Ann poderia ter ido. Novamente percebi uma substância cinzenta a erguer-se do corpo. Quando entrei no quarto já se estava a reunir em movimento lento, uma forma em espiral que acabou por desaparecer. Lembrei-me da emanção que subira dos patinhos afogados, e interessou-me perceber que, num corpo humano, este processo de separação levava horas mais do que neles.

Embora tivesse conseguido evitar o funeral do meu tio, não consegui evitar o da Ann. Tinha o mesmo pavor daquelas cerimónias lúgubres. No cemitério, escutei o ministro sem interesse e, quando olhei para dentro da sepultura e os vi descer o caixão, a cabeça começou a andar à roda e senti-me subitamente mal. Agarrei o braço da minha tia e supliquei-lhe que me deixasse ir para casa.

Uma súbita indignação invadiu-me perante toda aquela cerimónia convencional mas inútil. Sabia que, no mundo animal, a morte chega como uma partida limpa e natural da substância vital do corpo. A mudança rítmica que eu observara vezes sem conta em muitos seres vivos não dava qualquer sensação de fim definitivo, mas antes de continuidade e de movimento em direção a novas aventuras de vida. Próxima do mundo animal e vegetal, chegara a compreender que nem o nascimento nem a morte são acontecimentos trágicos para nenhum ser vivo exceto o humano. Sabia que ambos os processos de transformação eram igualmente criativos e perguntava-me — já que o equilíbrio perfeito do universo é mantido por uma Direção Infinita — por que razão só o homem, entre todos os seres vivos, teme o seu lugar no esquema da Eternidade?

CAPÍTULO SEIS

O FIM DA INFÂNCIA

Quando me recuperei completamente, regressei à escola em Dublin, onde todos pareceram contentes por me verem, e até os professores se mostraram mais amáveis nas suas atitudes. Continuavam a considerar-me incorrigível, mas o médico declarara que isso se devia a excesso de trabalho e de estudo intensivo, e não fui obrigada a cumprir o programa completo, o que me tornou invejada por todas as minhas colegas.

Acompanhadas por duas professoras que conduziam o passeio, saíamos à tarde, caminhando duas a duas com os nossos uniformes escuros naquilo a que chamavam um “crocodilo”. As raparigas mais altas marchavam à frente, as mais pequenas atrás, e embora eu fosse bastante alta, muitas vezes conseguia caminhar com uma das mais pequenas quase no fim da fila. Era uma posição estratégica. Havia vários namoros clandestinos em curso entre as raparigas mais velhas e

os rapazes de uma escola próxima, e eu fora encarregada de passar bilhetes do nosso grupo para o vigia dos rapazes que esperava. Gostava da aprovação que recebia pelo sucesso nesta missão.

Qualquer contacto ou comunicação entre rapazes e raparigas de escola era absolutamente proibido na Irlanda; no entanto, assim que uma rapariga saía da escola, esperava-se que casasse e se estabelecesse, pois naqueles tempos havia poucas hipóteses de carreira profissional para as mulheres. A atitude tensa e reprimida em relação ao convívio normal entre rapazes e raparigas em crescimento era causa de muitos surtos histéricos e de constantes manobras secretas. Só na igreja é que rapazes e raparigas estavam alguma vez juntos sob o mesmo teto, e era inevitável que, nos ofícios da manhã e da noite de domingo, aproveitassem ao máximo a proximidade, até onde os olhares e gestos escondidos permitiam.

Foi na igreja que reparei num jovem alto e bem-parecido que me observava em vários domingos consecutivos. Quando eu olhava para ele, sorria, e eu sorria de volta. Algum tempo depois, uma das raparigas mais velhas levou-me para o lado com um ar misterioso e confidenciou-me que várias das nossas colegas tinham maneira de escapar à noite para encontros secretos com os rapazes, e agora pediram-lhe que me levasse para conhecer alguém que queria conhecer-me. Fiquei entusiasmada com a perspectiva da aventura clandestina e, quando chegou a noite, fui com ela.

Fiquei encantada ao descobrir que o rapaz que queria conhecer-me era o meu admirador da igreja. Era argentino e mais velho do que os outros, pois estudava medicina no Trinity. Da parte dele, ficou surpreendido por eu ser tão nova; julgara que eu era mais velha.

No nosso segundo encontro, ficámos felizes por estar novamente juntos. Caminhámos até ao parque e sentámo-nos num banco; ele pegou-me nas mãos e explicou-me muito seriamente quais poderiam ser as consequências desastrosas de encontros como aqueles. Estudante de medicina com quase o dobro da minha idade, tinha uma consciência aguda da sua responsabilidade. Aconselhou-me a não me

meter em escapadelas daquelas, e eu soube, com profundo pesar, que não voltaria a ver o meu belo amigo.

Corri para o sítio onde devia encontrar a minha colega de escola, mas ela não estava lá, e voltei a correr para o dormitório, onde a encontrei já chegada. As outras raparigas estavam agrupadas à volta da cama dela, e ela chorava desalmadamente. Tudo o que consegui perceber foi que “acontecera uma coisa terrível”. Tive o pressentimento de que essa coisa terrível era da natureza das “consequências trágicas” de que o meu amigo argentino acabara de me avisar.

Na manhã seguinte, quando a diretora me mandou chamar, encontrei a infeliz rapariga já no gabinete. Aterrorizada pela experiência infeliz, fora ter com a diretora da escola, confessara o que acontecera e denunciara todo o sistema pelo qual as raparigas saíam da escola à noite. Eu acompanhara-a, por isso a minha participação em todo aquele triste assunto era grave e séria. Fui obrigada a contar tudo o que sabia e confessei a minha parte em desonrar o bom nome da escola.

Foi assim que fui expulsa da escola. A minha tia recebeu-me friamente. Durante o trajeto até casa nenhuma de nós falou, e quando chegámos fui mandada para o meu quarto. Jantaria lá, disse-me ela, e quando terminasse devia descer para lhe dar uma explicação do meu comportamento. Quando chegou a hora, não andei com rodeios: contei-lhe tudo o que acontecera, incluindo a explicação do meu jovem moreno sobre sexo e o seu aviso de que uma rapariga corria riscos se saísse para o mundo sozinha sem esse conhecimento. A minha tia repreendeu-me pelo meu “comportamento pecaminoso e venial”, e a nossa conversa terminou com uma ordem e uma ameaça: «Agora vai para a cama, e amanhã de manhã terei decidido o que fazer contigo. Terei de te falar dos teus pais, cuja tragédia não pode repetir-se na tua vida.»

Na manhã seguinte, com um ar frio e distante e sem qualquer palavra de explicação, entregou-me a fotografia de uma jovem que

reconheci como sendo a “Anna” que pertencia ao “Anthony”. A minha tia disse: «Esta era a tua mãe na altura do casamento. Quando ela morreu, rezei para que tu morresses também e fosses poupada a viver, porque a tua herança era má. A tua mãe era a mais nova de treze filhos. Eu era a mais velha, e ela era como se fosse minha filha. A saúde da tua avó fraquejou depois do nascimento da tua mãe, por isso durante algum tempo fui responsável pelos cuidados da família, especialmente pelos da bebé. Eu amava-a. Era diferente das outras crianças da família; tinha uma natureza independente e rebelde como tu. Não se encaixava bem nos costumes familiares, mas gostava demasiado das coisas agradáveis e artísticas.

«A tua avó, que era francesa, amava muito esta filha mais nova e arranjou maneira de ela ser educada no estrangeiro, embora isso fosse ferozmente contestado pelos outros membros da família. A tua mãe foi educada na Bélgica e mais tarde foi visitar os parentes e amigos da nossa mãe em França e na Argélia. Numa dessas visitas à Argélia, conheceu um jovem espanhol e depois começaram a corresponder-se.

«Quando se descobriu que ela aceitava as atenções dele, os nossos pais proibiram a correspondência. Ele era católico, não tinha posição nem dinheiro. A tua mãe fora educada rigorosamente na Igreja Presbiteriana, e os nossos pais nunca permitiriam que ela casasse com alguém que não fosse da mesma fé. Já tinham esperanças de que ela casasse com um jovem pastor da sua própria igreja que estava muito dedicado a ela. Ela até parecia conformar-se com o ponto de vista deles, renunciar ao espanhol e aceitar a situação, e os preparativos do casamento avançaram na família. Depois, na véspera da cerimónia, desapareceu, sem deixar qualquer palavra de explicação nem indicação do seu destino.

«Eu estava convencida de que fora ter com o espanhol. Nunca acreditara totalmente que o tivesse abandonado. Os nossos pais passaram muitos dias ansiosos a tentar descobrir o paradeiro dela, sem sucesso. Depois chegou uma carta a dizer apenas que estava em Paris, onde fora para casar. A família, indignada com a ação vergonhosa da

tua mãe ao afastar-se deles para casar com um estranho, proibiu-a de comunicar com qualquer membro da nossa família, e durante alguns meses não soubemos mais nada dela.

«Depois chegou uma carta a dizer que ia ter um filho. Estava infeliz e tinha medo de ficar sozinha, e pediu licença para voltar e ter o bebé na casa antiga. Os pais dela não a quiseram receber, mas eu, que me casara havia pouco tempo, escrevi-lhe a dizer que viesse ter comigo.

«Ela veio com o marido. Desde o início não gostei dele. Ele ressentia-se amargamente da atitude da família para com ele, mas não tinha direito a ressentir-se — ele, um católico romano que não tinha posição nem dinheiro. Nunca poderia haver paz entre nós. Eu não suportava tê-lo em casa. Ele arranjou um lugar de secretário de um ministro do governo, o que o afastava da minha casa. Mais tarde, assim que teve dinheiro suficiente, alugou uma pequena casa de campo não longe de nós, e lá foi viver a tua mãe até tu nasceres.

«Durante todo esse tempo antes do teu nascimento, a tua mãe esteve muito infeliz porque os pais continuavam a recusar-se a vê-la. Nas circunstâncias, dei-lhe todo o amor que tinha, mas isso não foi suficiente para lhe trazer paz, e ela adoeceu de desgosto. O teu pai era sombrio e ressentido, e muitas vezes ficava irritado com ela; embora às vezes tivesse pena dos dois, nunca consegui perdoar-lhe por ter afastado a tua mãe da família e da igreja dela. Chegou o momento em que ele se tornou amargamente ciumento do meu carinho pela tua mãe e da minha influência sobre ela.

«Tu nasceste com grande dificuldade. Ela esperava que a tua chegada trouxesse a reconciliação com a família que tanto desejava. Mas eu disse-lhe, quando ela já estava levantada, que o nosso pai e a nossa mãe não a perdoariam. Sabia que para eles as barreiras da religião nunca poderiam ser derrubadas. O teu pai nunca seria aceite na nossa família.

«No dia seguinte vi o corpo da tua mãe ser levado para casa. Não suportara a rejeição da família e, em desgosto e desespero, afogara-se. Depois disso nunca mais consegui suportar ver o teu pai. Insisti que tu fosses criada na nossa religião, embora mais tarde tenha cedido ao teu tio e te tenha permitido tornar-te membro da igreja a que ele pertencia. O teu pai queria levar-te e criar-te com a irmã dele, mas a nossa família não permitiu. Depois, seis semanas após a morte da tua mãe, o teu pai deu um tiro em si próprio no gabinete do patrão. Mais tarde mudei-te o nome, e foste batizada na Igreja Episcopal.

«Contei-te a história da infelicidade dos teus pais para te mostrar como pode ser fácil para a filha de dois temperamentos assim pecar. As leis de Deus não podem ser postas de parte. Nunca te esqueças do sangue — o sangue deles — que corre nas tuas veias. Muitas vezes rezei para que esta herança não se manifestasse no teu comportamento, mas já mostras tendência para a rebeldia. És como a tua mãe, rebelde e teimosa. Nunca esqueças que ela cedeu aos desejos da carne com um estrangeiro e um católico que nada tinha para lhe oferecer e que de modo algum era seu igual.

Tem cuidado para que as tuas próprias inclinações não sejam o disfarce de um desejo de te afastares dos caminhos espirituais. A luxúria que venceu a tua mãe acabou em vergonha e desgraça para a nossa família. A menos que te voltes para Deus e para a nossa Igreja e te afastes do pecado, nunca poderás encontrar redenção. Sinto que não é possível voltar a mandar-te para uma escola. Se ficares em casa, podes frequentar a escola numa cidade próxima e, sob a minha supervisão pessoal, talvez aprendas com o tempo a comportar-te convenientemente.»

A tragédia da vida — e da morte — dos meus pais não conseguiu transmitir-me a moral que a minha tia pretendia que a história apontasse. Só via a injustiça e a intolerância da família, que na verdade tinham causado as suas mortes, pois simpatia e compreensão poderiam facilmente tê-los ajudado a viver e a adaptar-se a todas as dificuldades.

Não conseguia descobrir pecado algum no amor e no casamento dos meus pais. E como já não levava muito a sério nem a religião protestante nem a católica romana, não conseguia ver o casamento da minha mãe com um católico como um crime.

Esta revelação da história dos meus pais não os tornou mais reais para mim do que tinham sido antes. O que ficou comigo como resultado final desta conversa foi um intenso frio em relação à intolerância da minha tia. Naquele dia ela erguera uma barreira ainda maior entre nós do que já existia, e eu sabia que havia pouca esperança de algum dia nos entendermos.

Na minha desolação, procurei “As Crianças”. Tinha esperança de que, agora que regressara, pudéssemos recuperar a antiga intimidade feliz. Mas, para minha desilusão, vinham menos vezes e, por fim, foram-se embora tão subitamente como tinham chegado.

Durante algum tempo fiquei em casa com a minha tia, a frequentar a escola. Em toda a Irlanda, a religião e a política eram fontes constantes de discussão e conflito, de sentimento e emoção. A história da Irlanda era uma coisa viva que não começava nem acabava nos manuais escolares. Nas manhãs de domingo, depois de terminada a missa, realizavam-se reuniões políticas na Escola Nacional. As pessoas do campo vinham de longe, cheias de fogo e entusiasmo, e muitas vezes eu ia lá em vez de ir à igreja.

Homens de posição e destaque — como Joe Devlin, John Redmond e William O’Brien — vinham por vezes falar nessas reuniões. A sua oratória era magnífica, nascida da luta, e eu ficava profundamente comovida pela linguagem deles, cheia de cor e calor. Admirava a sinceridade e o fervor desses líderes do Home Rule, mas as táticas violentas de um Jim Larkin, que afastava os cavalos e o gado das propriedades dos latifundiários ou os mandava mutilar, afastavam-me as simpatias da causa do Home Rule. Quando a minha tia descobriu o meu interesse pela política, tivemos muitas discussões. Ela fora educada como conservadora, e até nisso não encontrávamos terreno comum.

Durante esse período não era nem feliz nem infeliz. Conformava-me com a rotina em casa tanto quanto era capaz e refreava os meus impulsos aventureiros, e em certa medida conseguia. Quase nunca precisava de companhia, porque nessa altura já me tornara introspetiva e profundamente sintonizada com uma vida interior que tinha para mim o seu próprio significado e realidade — a tal ponto que já não pensava em conquistar que os outros a compreendessem.

Aos quinze anos tive outro grave colapso de saúde e voltei a passar o inverno na cama. A tuberculose latente tornou-se ativa. Na primavera o médico disse que eu não poderia fazer uma recuperação permanente no clima húmido da Irlanda, e aconselhou a minha tia a mandar-me para o sul de Inglaterra, o que ela arranjou.

Interiormente, estava entusiasmada com a perspetiva. Nunca me passou pela cabeça o que a minha tia poderia sentir com a minha partida, tão pouca emoção ou simpatia ela me mostrava. Dizer adeus às pessoas da quinta foi coisa simples. Mas nos dias anteriores à partida passei o tempo a despedir-me das árvores, das flores e dos ribeiros, e de todos os sítios escondidos nos bosques onde “As Crianças” e eu tínhamos passado tantas horas felizes.

Na noite antes de deixar a casa senti uma convicção clara e forte de que nunca mais seria tão feliz como ali fora, de que nunca mais veria estas coisas preciosas com os mesmos olhos. Chorei por todos os arbustos, flores e pássaros que amava, e um frio pressentimento de desconforto tomou conta de mim. Naquele momento teria gostado de não ir, mas consegui aceitar e enfrentar calmamente o conhecimento interior de que nunca mais me seria possível aquele tipo de paz infantil.

Despedi-me formalmente da minha tia. Ela recomendou-me que refreasse o meu temperamento, que fosse obediente e que frequentasse a igreja regularmente. Depois, um primo — filho dela, que eu raramente encontrara ou vira — levou-me de carro até ao barco. No caminho, disse-me que eu era muito parecida com a minha mãe e prometeu enviar-me fotografias dela. Mencionou também como a

minha tia ficara profundamente magoada quando aquela irmã mais nova a abandonara e tentara viver independentemente da família.

Falou do meu pai, da origem da família dele em Espanha e da sua morte trágica. Com uma compreensão solidária que a minha tia não mostrara, indicou algo da sensibilidade e da natureza intensa do meu pai e tornou possível que eu percebesse o seu trágico desorientamento e desgosto pela morte prematura da minha mãe.

A leve névoa de tristeza que a partida do cenário conhecido trouxera começava a dissipar-se da minha mente antes mesmo de o barco se afastar da costa irlandesa. Parecia que as ondas a bater me contavam a história de uma criança trocada — que era como o velho Matt uma vez me chamara — que chegara à posse delas para depois ser chamada a partir em busca de um mundo interior cujo longo caminho branco, com muitas sombras, ficava ali adiante. Era eu que partia por esse caminho que acenava, sozinha mas nunca solitária.

Havia uma espécie de definitividade para mim nesta experiência da Irlanda. Estava acabado um modo de vida que nunca poderia ser recuperado. Virei o rosto e o espírito para Inglaterra e para um futuro incerto — mas que eu esperava aventureiro.

CAPÍTULO SETE

LONDRES E O CASAMENTO

A minha chegada a Londres entusiasmou-me, e logo entreguei o meu coração àquela grande cidade. Fui ficar a casa de uma prima distante e ali encontrei-me em sociedade adulta onde, pela primeira vez na vida, fui tratada como pessoa madura, e o que eu dizia era considerado digno de atenção. Como não podia matricular-me num

colégio interno antes do outono, ficou combinado que frequentaria uma escola em Londres com a filha mais nova da família. No entanto, não continuei lá muito tempo, pois todos concordaram que eu ganhava pouco e estava mentalmente “demasiado madura” — ideia que adotei com grande satisfação.

Uma noite, pouco depois, foi dado um jantar para celebrar o noivado de outra filha da família. Fui sentada ao lado de um homem mais velho, moreno, encantador e muito divertido, que me fez muitas perguntas sobre mim e sobre as minhas impressões de Londres. Riu-se da ideia de uma rapariga com a minha atitude adulta em relação à vida ir para um colégio interno. No fim da noite, comecei secretamente a concordar com ele e passei grande parte da noite a imaginar maneiras de evitar a escola e de convencer a minha tia de que eu tinha razão.

Todos estavam tão ocupados com os preparativos do casamento que, quando Clive perguntou se podia levar-me a visitar os museus e as catedrais, ninguém levantou objeções. Levou-me à Torre de Londres, às Casas do Parlamento e a todas as catedrais, até que eu me queixei de que estava sufocada por edifícios e perguntei se havia parques, jardins e animais para ver. A partir daí, arranjou muito tempo para me levar a explorar a cidade, a almoçar no parque e a fazer longos passeios em Regent’s Park e nos Jardins de Kew.

Aceitei aquele estado delicioso das coisas e, em segredo, esperava que, quando a casa se acalmasse depois do casamento, aquilo não terminasse. Todos me provocavam com boa disposição por eu ter tomado posse de Clive. Ele tornou-se o confidente das minhas apreensões de que aquele modo agradável de vida cessasse abruptamente quando eu fosse para o colégio interno, ao que ele respondia sempre: «Não te preocupes. Quando chegar a hora, arranharemos uma solução.» A resposta, embora vaga, era muito reconfortante e, como eu estava sempre pronta a viver o presente, afastei da mente os pensamentos da escola no outono.

O casamento da filha da minha anfitriã deixou em mim uma impressão profunda e emotiva, porque me tinham ensinado a

considerar o matrimónio como uma cerimónia das mais sagradas. Interessei-me tanto que levei o Livro de Oração para a cama comigo para decorar o ritual do sacramento do matrimónio.

Quando chegou o dia, estava num estado de espírito muito mais exaltado do que a noiva, pois tinha a certeza de que ia participar num rito misterioso e místico. A antecipação da experiência tornara-se tão avassaladora para mim que comecei a temer que a noiva também fosse afetada da mesma forma e talvez não conseguisse participar. Os meus receios, porém, eram totalmente infundados, e quase me desiludi ao vê-la aparecer alegre e a rir.

Após a cerimónia, observei a noiva e o noivo com atenção. As minhas esperanças de que o significado elevado e impressionante do serviço tivesse causado alguma transformação visível e exterior foram frustradas. As minhas ideias sobre o matrimónio eram arcaicas, poéticas e totalmente místicas, como se estivesse a assistir a algo que acontecera há muito tempo e cuja memória quase me dominava. Talvez estivesse inconscientemente a recordar a atmosfera estranha e tensa e a música daquela noite em que o rapaz e a rapariga ciganos juraram a sua união.

Naquele verão fui completamente feliz e tinha ciúmes de cada momento que tinha de dormir. Cada dia adquiria o brilho do sol contra uma nuvem de tempestade, nuvem à qual agora comparava a minha infância. Desta nova perspetiva cor-de-rosa de emancipação total, fui trazida de volta à realidade pelo desgosto da minha anfitriã quando lhe confiei que o Clive me pedira em casamento. Ela comunicou imediatamente com a minha tia. A atmosfera da casa tornou-se tensa, pois a minha pobre prima sentia que a minha tia nunca aprovaria o meu casamento e, além disso, a culparia por me ter dado tanta liberdade.

Clive arranjou maneira de eu me mudar para casa de um amigo dele. Uma vez lá, foi fácil para mim concordar que ele pedisse uma licença especial para nos casarmos o mais cedo possível. Entretanto, a minha tia enviara o filho a Londres para proibir o casamento e levar-

me de volta para a Irlanda, mas quando ele conheceu o Clive tornaram-se grandes amigos, e ele aconselhou a minha tia a deixar que a cerimónia se realizasse. Ela aquiesceu friamente.

Partimos de Londres para Paris na nossa lua-de-mel. A excitação da manhã esmoreceu quando me vi sozinha com o meu marido — calmo, distante, até impaciente — enquanto ele tocava a campainha para o empregado lhe trazer uma bebida. De repente, parecia-me um estranho. «Graças a Deus que acabou toda aquela confusão», comentou a rir, e instalou-se complacentemente no seu canto.

De repente senti-me oca e procurei dentro de mim aquele lugar onde o romance florescera tão alegremente antes da cerimónia da manhã. Em vez da aventura e excitação habituais que marcavam todas as outras manhãs, agora estava casada. Senti-me um pouco enjoada. Enganei a minha mente para me deixar fugir do pensamento de que agora pertencia àquele homem satisfeito que, dali em diante, possuiria a minha vida e de quem não viria qualquer fluxo de palavras calorosas que pusesse fim à sensação de que trocara a minha liberdade por algo que realmente não compreendia. Mas o meu coração não dava qualquer ajuda à minha língua.

Depois, dei por mim a completar a figura de uma mulher mais velha do que eu, mas que tinha uma semelhança impressionante comigo. Com um sobressalto culpado, acordei do que parecia ser um sonho e ouvi-a dizer: «Não podes falar-lhe de amor; não sabes o seu significado.» Olhei para o meu marido. Teria ele visto ou ouvido as palavras? Teria eu ousado dormir, nem que fosse sonhar? Estendi a mão para tocar na dele em sinal de contrição. Ele sorriu-me e voltou a olhar para a paisagem que passava.

Foi só então que comecei a pensar seriamente nas consequências dos votos que fizera naquela manhã. Enfrentara o serviço com uma sensação de vazio semelhante à derrota, que combati com respirações profundas. Isso manteve-me firme e acabou por produzir tranquilidade suficiente para eu ganhar a convicção de que tudo o que prometera fazer cumpriria. Agora estava prestes a entrar num mundo novo.

Sentia-me completamente só e, se tivesse tido escolha naquele momento, teria voltado para testar a severidade da minha tia em vez de continuar uma viagem com alguém que de repente se tornara um estranho.

Antes do fim da lua-de-mel, a perplexidade do meu marido com todos os meus estados de espírito intensificou-se quando lhe anunciei que não estava disposta a ser um apêndice, mas que este casamento tinha de me permitir liberdade para trabalhar e viver a minha própria vida. Mais do que tudo, parecia-me vitalmente necessário que ele visse a minha necessidade de independência, o que significava que agora tinha de trabalhar para me sustentar. Não me consumia qualquer desejo ardente de me rodear dos cuidados amorosos de um marido.

Com uma atitude assim da minha parte, compreende-se facilmente que a minha nova relação fizesse a minha imaginação trabalhar horas extraordinárias. Eis-me envolvida num dos mais poderosos impulsos humanos, no qual tinha de viver numa nova intimidade com outro ser humano, e não encontrava nada que superasse a minha resistência interior e a minha relutância em investigar esta nova vida em que entrara sem reflexão.

Imediatamente confrontada com problemas do meu próprio estatuto como indivíduo — e com os problemas de reprodução e sustento espiritual de que o casamento precisa para ter sucesso —, era difícil aceitar o meu novo e alterado estado. Do Antigo Testamento eu recolhera claramente que um marido devia ser considerado um senhor, e acredito que a chegada a esta conclusão teve muito a ver com a minha resistência ao casamento. Moralmente, estava pronta a aceitar o modelo bíblico, mas com olhos quase proféticos via o futuro como uma luta pelo direito à minha própria independência.

Ao regressarmos a Londres, instalámo-nos numa casa recém-construída, cinzento-líquen e bela, e como eu fora bem treinada nos rudimentos de uma boa gestão doméstica, estava ansiosa por exhibir os meus talentos de esposa. Contudo, o meu marido informou-me que, se quisesse uma governanta, teria contratado uma, e fez-me notar que me

fornecia criadas para fazer o trabalho. Além disso, esperava que eu estivesse sempre pronta a fazer-lhe companhia; que fosse vivaz como quando nos conhecêramos; que estivesse bem vestida, apresentável, divertida e uma anfitriã encantadora para os amigos dele.

Fiquei desiludida por ele ter muito pouco interesse nos meus desejos pessoais, mas estava rapidamente a descobrir que, depois dos primeiros dias de nos habituarmos às fraquezas e manias um do outro, eu trocara uma forma de disciplina por outra. Disse-me também, com um ar frio e definitivo, que eu tinha positivamente de abandonar o meu ver e sentir. Mas isso eu era incapaz de fazer, porque acontecia de qualquer modo!

Quando, após quatro meses de casamento, descobri que ia ter um filho, comecei a mudar temperamentalmente — a viver duas vidas. Era sempre amável com o meu marido e os amigos dele, mas escapava-me assim que podia para uma privacidade onde a criança ainda por nascer e eu vivíamos uma vida à parte. Dar à luz o meu filho era algo que sentia compreender, pois muitas vezes ajudara os animais a parir as crias. Agora podia identificar-me completamente com este milagre da vida, e sabia que daria à luz um menino, saudável e forte. Desejava que ele viesse ao mundo quando eu estivesse sozinha, ao ar livre, sob as estrelas.

Era um animal prestes a parir a sua cria, um vaso por onde as correntes naturais da vida corriam como uma torrente. Sempre que podia, despia a roupa e arrastava-me até ao pequeno jardim para me deitar sob as estrelas. Estava exaltada e vivia novamente no ritmo das coisas naturais. Caminhava na cor, na qual o meu filho também se banhava. Evitava as pessoas o mais possível, procurava os bosques e os campos abertos e estava próxima da terra viva.

O meu marido não estava tão interessado como eu na chegada da criança. Soube que, nessa altura, ele voltara para uma amante dos tempos de solteiro. Indignada com a notícia, senti-me abandonada, mas a minha aceitação mística do casamento mantinha-me fiel aos meus votos: «Aqueles que Deus juntou...» Estava só, e a minha

solidão levava-me a uma identificação ainda mais próxima com a criança que trazia no ventre.

Por fim, o meu filho nasceu — nasceu depressa, um pouco antes do tempo previsto. E assim pude pari-lo sozinha, como desejara. Não tive medo, nem por ele nem por mim. O meu marido certificara-se de que tudo o que fosse possível me era fornecido e feito durante a gravidez, e eu estava-lhe grata por isso. Agora, porém, com o meu filho nos braços, afastei deliberadamente o pai dele. Pouco me importava o que Clive fizesse. Estava contente por ficar sozinha com o meu filho e por estar dispensada de receber os amigos de Clive.

Isolada com o bebé, vivia num estado de felicidade que beirava a exaltação, e este estado de êxtase assustava o meu marido. Quando lhe expliquei que vivia como vivera em criança, em relação íntima com o ritmo de tudo o que cresce, ele ficou ainda mais preocupado e suplicou-me que não falasse assim, porque ninguém compreenderia nem poderia compreender.

O meu filho desenvolveu-se em beleza e, apesar das dificuldades, a vida na casa corria com relativa facilidade. Quando o meu bebé tinha cinco meses, levei-o um dia no carrinho de passeio; ele começou a choramingar e a mostrar-se irritado. Parei para lhe mudar a posição e, ao fazê-lo, sacudi-o impacientemente. Quando o pus de novo no carrinho, ouvi um leve suspiro por cima do meu ombro, o meu nome foi pronunciado distintamente e uma voz fria e admonitória avisou-me de que não devia perder a paciência com a criança, porque ele não ficaria comigo por muito mais tempo. Assustada, voltei-me na direção da voz, mas não se via ninguém. Era uma voz que eu não conhecia. Fiquei alarmada e perturbada com a ameaça contida nas suas palavras de aviso, mas o meu filho prosperava e crescia, e comecei a suspeitar de que fora vítima da minha imaginação demasiado vívida.

O meu segundo filho nasceu no ano seguinte. O bebé de olhos muito abertos veio calmamente, e com esta criança não tive aquela sensação intensa, nem durante a gravidez nem no parto, que tivera com o meu primeiro filho. Estranhamente, também tinha uma vaga

impressão de que ele não viveria muito, e a ameaça que fora feita acerca do meu filho mais velho voltou à minha mente e cresceu em intensidade. A minha ansiedade pelos bebês afetava a minha própria saúde e preocupava-me constantemente, e por fim falei nisso ao meu marido.

Ele tentou ser compreensivo, mas era difícil para ele entender-me ou aceitar os meus medos. Chamou um médico que me deu um tônico, recomendou que eu me dedicasse a algum interesse exterior que desviasse a minha mente das crianças e de mim própria e sugeriu uma mudança de clima. Mas eu sabia que não estava doente de uma maneira que uma mudança de clima curasse, e não podia aceitar a ideia de deixar os meus filhos, nem que fosse por pouco tempo. Contudo, segui a recomendação dele de dirigir as minhas energias para além da casa e das crianças.

Entrei para uma série de clubes, literários e outros, e tentei interessar-me por assuntos sociais, mas parecia-me fútil e uma perda de tempo. Também se desenvolvia em mim uma profunda suspeita de que o casamento não ocuparia por muito mais tempo toda a minha vida. A necessidade de independência crescia em mim. Sabia com muita certeza, embora sem qualquer percepção do porquê ou do como, que lá fora no mundo uma mudança que me envolveria estava em processo de desenvolvimento. Já tinha consciência de que não era necessário dar passos físicos para que as coisas me acontecessem. Tudo o que eu ou qualquer pessoa tinha de fazer era tomar consciência e dar voz a uma necessidade profunda, com fé e convicção, e no seu devido tempo e medida o Sopro Vital faria o resto.

Depois, um dia, o meu primeiro filho, que agora tinha dois anos, caiu subitamente doente. A princípio os médicos não conseguiram diagnosticar a doença. Falaram em paralisia infantil, e em poucos dias desenvolveu-se febre cerebral. Em menos de uma semana estava morto, e os médicos concluíram que fora meningite a causa. Alguns meses depois, o segundo menino morreu da mesma doença.

Fiquei sem filhos. Chocada pela perda dos meus dois filhos, a minha fortaleza abandonou-me. Não conseguia chorar por eles de maneira convencional porque sabia que a morte não era um fim, mas conduzia a outros estados de ser. Viras a vida nebulosa do meu filho mais velho entrelaçar-se e afastar-se do corpo enquanto o segurava nos braços. Como se dedos invisíveis tecessem um fio de seda, a emanção flutuante enrolava-se e tecia ritmicamente até desaparecer para além do alcance da minha visão.

Sofri profundamente com a morte dos meus filhos e não conseguia compreender por que razão tinham nascido apenas para morrer. Muitas vezes já conseguira ver esta força vital filamentosa escapar dos corpos daqueles que morriam, e comecei a procurar um método que me permitisse seguir estas energias em movimento até ao estado futuro que existia para elas para além da minha visão, para além da minha compreensão.

Embora a intensidade do meu desejo não me levasse tão longe quanto eu queria, comecei a aperceber-me de uma dimensão mais subtil à minha volta.

Tal como na infância, voltei a ver os rios de cor e luz misturando-se e trocando as suas forças e crescendo de feixes em formas esféricas que se curvavam lentamente e se estendiam pelo espaço. Comecei a sentir e a perceber mais facilmente os pensamentos das pessoas como formas de luz que se moviam para os seus destinos, chocando e dissipando-se conforme as suas naturezas e a força com que tinham sido projetados. Cheguei a saber que os pensamentos são coisas dimensionais que se revestem de forma e vida à medida que nascem. Assim, o drama da visão continuou durante muitas semanas e «exaltou-me» no corpo e na mente. A sua força atravessava-me como uma série de leves choques elétricos.

Um dia, num estado relaxado e passivo, olhando em frente, vi a réplica sombria de mim própria como num espelho tridimensional. Nunca antes tivera um choque assim. Seria eu realmente a pessoa que agora me via ser? Sabia que era eu exteriormente, mas não

correspondia ao meu sentido interior de mim própria. Levantei-me e tentei aproximar-me daquele outro eu, e ao fazê-lo ele perdeu o contorno, recuou na minha direção e caiu no lugar como o meu próprio invólucro protetor. Fiquei mais curiosa do que assustada, e mais tarde vim a saber que tais projeções não são acontecimentos raros. Ocorrem em momentos em que a mente objetiva está completamente relaxada. Com o tempo, vim a compreender que, no caso de toda a gente, em estados de sono, intoxicação ou doença, o invólucro protetor separa-se e afasta-se do corpo físico. Aprendi a importância positiva deste invólucro como proteção do corpo físico, recebendo e condensando os impactos do som, da luz e do movimento e diminuindo a sua violência.

Aprendi a usar esta capacidade de dividir a consciência, descobrindo que podia transformar este revestimento protetor num espelho em que me via a qualquer momento. Sempre que quisesse certificar-me de que a minha aparência era como desejava, nunca precisava de olhar para um espelho; em vez disso, via-me por meio desta projeção.

Sabia que tudo isto tinha um significado profundo, mas na altura não penetrei no seu sentido interior. Precisava de encontrar alguém que compreendesse o que estava a acontecer e procurei em livros científicos e religiosos na esperança de encontrar alguma pista de explicação.

Durante esse período, enfrentava com dificuldade a rotina da vida doméstica. Quando o meu marido sugeriu que eu fosse visitar a minha terra, concordei na esperança de que lá encontrasse paz — que os bosques e os pequenos refúgios da minha infância me curassem na mente e no espírito.

A saudação fria da minha tia, quando abriu a porta à minha chegada, gelou-me até aos ossos. Parecia mais velha e mais frágil, mas a sua determinação sombria de mandar e ser obedecida estava mais rígida do que antes. Desaprovava que eu tivesse deixado o meu

marido, mesmo temporariamente, insinuando que o meu lugar era ao lado dele na minha própria casa.

Embora tivesse o meu antigo quarto e fosse bem recebida pelas pessoas que me conheciam, quando procurei os meus lugares secretos no campo, tinham ocorrido mudanças, e não encontrei o fluxo de paz que esperara. Compreendi que esta viagem de regresso à Irlanda era uma tentativa abortada de fugir dos problemas da minha vida de casada e que não os resolveria. Não havia nada a ganhar ficando mais do que alguns dias, por isso regressei a Londres e ao meu marido, parando no caminho em Dublin.

Quando antes estivera em Dublin, interessara-me pelo Abbey Theatre, e agora comecei a pensar seriamente na representação como carreira. Sempre olhara os atores com admiração e reverência, como indivíduos grandemente dotados e à parte. Depois de pedir conselhos, descobri que quase todos eram pessoas trabalhadoras, interessadas em si próprias e num modo de vida que continha mais do que glamour. Vim também a compreender a tremenda quantidade de tempo e treino rotineiro que a profissão exigia, e uma carreira como atriz tornou-se menos atraente para mim. Ao longo de toda a minha vida tive aversão a começar qualquer novo processo por treino convencional, preferindo trabalhar primeiro sozinha até passar as fases mais desajeitadas. Sei imediatamente se posso ou não fazer uma coisa. Se posso, sei que tenho de a fazer à minha maneira; se não, deixo-a de lado.

Não permaneci muito tempo em Dublin, mas regressei a Londres com o espírito mais esclarecido. Voltar a casa ajudara a clarificar a minha visão. Estava agora pronta a enfrentar os problemas e a encontrar algum meio de fazer do meu casamento um sucesso — ou de o terminar de vez. Na verdade, queria encontrar algo que fosse uma expressão de mim própria e que desse algum valor e significado à vida.

Recorri à minha sogra, que era sempre compreensiva comigo, mas ela, longe de entender o meu ponto de vista, disse-me que o meu primeiro dever era para com o meu marido e a casa, e que a minha

tarefa naquele momento era ter outro filho. Fez-me ver que a perda dos nossos dois filhos fora uma dor e um sofrimento tão grandes para o meu marido como para mim. Até então, egoisticamente, pensara nas crianças como sendo apenas minhas, e mal me passara pela cabeça que Clive sofrera com a perda delas.

Recomecei a nossa vida em comum e, com o tempo, dei à luz outro filho. Este bebé morreu poucas horas após o nascimento. A minha recuperação foi rápida e, na altura, quase não me apercebi de que sofrera outra perda trágica. Tivera esta criança por dever e não experimentara qualquer emoção intensa nem com o seu nascimento nem com a sua morte quase imediata.

Depois disso, tentei interessar-me pelo serviço social e pela enfermagem no East End de Londres e voltei a tentar empregar as minhas energias em assuntos cívicos e de caridade. Mas toda esta atividade, embora gastasse as minhas forças físicas, não me dava qualquer satisfação interior. Depois fui para o extremo oposto e arranjei um papel numa comédia musical. Teria gostado de permanecer o tempo suficiente para realizar algo, mas o meu marido e a família dele ficaram desgostosos e insistiram que eu desistisse. Clive lembrava-me agora com mais frequência que eu tinha obrigações para com ele e fazia-me notar que havia muitas maneiras agradáveis de uma esposa passar o tempo e continuar em casa, atraente e disponível para o marido. Foram estas as minhas primeiras tentativas mal sucedidas de me libertar da servidão individual e económica que uma casa e um marido representavam para mim.

Relativamente ociosa em casa outra vez, o mundo interior abriu-se-me sem qualquer procura ou esforço da minha parte. Era simplesmente vítima da minha própria hipersensibilidade. Hesito em descrever o estado em que então vivia, pois suspeito que a maioria das pessoas o consideraria um estado de desequilíbrio. No entanto, este período continha muita perceção supranormal, mais profunda e intensa do que qualquer outra que tenha experimentado desde então, exceto em tempos de doença grave. Por mais difícil que seja aceitar, o

facto é que me descobri a ver mais fácil e claramente através das pontas dos dedos e da nuca do que através dos olhos, e o ouvir e o saber, por exemplo, chegavam-me através dos pés e dos joelhos.

O som era uma corrente que corria através de mim e vibrava intensamente pela estrutura óssea. A percepção auditiva surgia com mais frequência, a par do conhecimento clarividente que ocorria sem o uso dos meus olhos. Quando me deitava para descansar, confusa com estas experiências, sofria uma sensação de náusea e leveza, e acima de mim via-me com tanta clareza como se estivesse a olhar para outra pessoa. Acredito que este foi o início das projeções conscientes que mais tarde consegui usar em experiências telepáticas controladas.

Posteriormente, o meu marido contou-me que, durante esse período, eu tivera curtos episódios de amnésia, nos quais descrevia viagens e via pessoas em lugares distantes. Ele tinha um medo constante de que estas experiências fossem sintomas de um distúrbio mental progressivo e, por sugestão dele, fiz várias consultas com médicos e psiquiatras. Eles mergulharam-me ainda mais na perplexidade até que, por fim, me ocorreu que, se eu queria tornar-me capaz de viver uma vida normal, tinha de aprender a fazê-lo por mim própria. Soube imediatamente que o antídoto correto para o meu estado infeliz seria um trabalho que me interessasse e me mantivesse ocupada a todo o momento do dia.

Um dia, ao almoço, uma amiga contou-me que ia abrir um estabelecimento de restauração com algum capital que o marido lhe deixara após a morte. Pediu-me que me associasse a ela na aventura, e eu literalmente saltei de entusiasmo com a oportunidade de absorver as minhas energias e encher a minha vida com interesses exteriores.

Lancei-me de corpo e alma no novo projeto. Fora bem treinada nos fundamentos deste tipo de atividade e fiquei feliz por descobrir que prosperava com trabalho e responsabilidade. A minha sócia elogiou-me pela minha capacidade especial de fazer as pessoas sentirem-se bem-vindas e à vontade, de modo que gastavam mais generosamente. À medida que o negócio florescia, a minha saúde

melhorava, pois o cansaço natural resultante do trabalho árduo dava à minha mente menos hipóteses de se dividir em duas partes e impedia-me de me entregar à autoanálise.

Depois chegaram notícias de que a minha tia estava gravemente doente. Não me pediram que o fizesse, mas senti necessidade de voltar e vê-la. Quando cheguei, os meus parentes receberam-me com saudações gélidas e mostraram-se relutantes em deixar-me ficar muito tempo com ela, com receio de que a minha presença a enfraquecesse. Entrei silenciosamente no quarto dela, onde jazia num estado semiconsciente. Abriu os olhos e voltou-os para mim por um momento — acredito que me reconheceu, pois olhou-me com uma expressão fria e dura — e depois fechou-os novamente. Saí do quarto, compreendendo que ela estava a sair desta vida da mesma maneira dura e implacável com que vivera. Assim terminaram as minhas relações com a minha tia.

Não vi razão para ficar para as tristes cerimónias fúnebres, por isso anunciei a minha partida imediata. Sabia que a família ficaria aliviada com a minha saída, mas nem por isso hesitaram em exprimir a sua desaprovação pelo meu comportamento pouco convencional ao partir antes do fim.

Lá fora, no escuro, parei e tentei recapturar as sensações felizes que ali experimentara na infância, mas o sonho da infância terminara. Aquela fase da minha vida acabara para sempre. Naquele momento soube subitamente que estava livre e sozinha. A partir daí, por mais difícil que a vida se tornasse, sabia que conseguiria enfrentá-la antes que ela chegasse até mim, por alguma intuição ou antevisão do que me estava reservado.

A Primeira Guerra Mundial eclodiu quase imediatamente após o meu regresso a Londres. O meu marido, que treinara anualmente com os Territoriais, foi imediatamente destacado para serviço no estrangeiro. Na comoção emocional da chegada da guerra e da sua partida para a frente, senti remorsos pelas minhas insuficiências na nossa vida de casados. Quando finalmente o comboio o levou para

longe de mim, senti-me dentro de um vórtice de tristeza. Mulheres de todas as idades tinham vindo ver os seus homens partir para França. Só quem esteve numa tal multidão e viu o seu homem diluir-se no exército cinzento e sombrio de seres humanos que iam para a guerra sabe como a vida pode ficar vazia num momento assim.

Houve uma profunda inundação de sentimento enquanto me afastava. Tudo o que fora tão real um momento antes, quando ele ainda ali estava, agora dissolvesse num passado nebuloso, mas por baixo de tudo estava o conhecimento de que a independência que eu desejara era agora minha; era tempo de estar só, tempo de pensar e sentir e compreender o que queria ser. Tudo o que sabia era que queria trabalhar. Entreguei-me ao trabalho com as mãos, o cérebro e os sentimentos, pois quase imediatamente o perigo comum da guerra chegou a todos os lares, e pessoas de todas as classes — em casa, nas fábricas, nos hospitais e no campo de batalha — foram unidas pela tragédia à medida que os mortos e feridos começaram a chegar quase ao mesmo tempo que a batalha começara.

O trabalho era bom e deu-me um desejo sincero de ser inteligente e útil quando o meu marido regressasse. A guerra teve o seu efeito sóbrio, e à medida que a tensão diária e o horror aumentavam, cresci no entendimento de que não poderia haver verdadeira independência de espírito ou carácter se o altruísmo e a bondade inatos não prevalecessem. O meu próprio sentido de segurança tinha de ser estabelecido no sangue e no ser de mim própria antes que pudesse acontecer no mundo exterior do esforço humano.

Vários meses depois, o meu marido voltou a Londres para mudar de regimento. Isso significava que ficaria em Inglaterra durante um período de treino. Os sacrifícios que os homens faziam na guerra comoveram-me profundamente e, com mais maturidade, sabia que tinha muito a compensar-lhe pela natureza insatisfatória do nosso casamento. Conscientemente, durante esse tempo, dirigi os meus pensamentos para o tornar feliz. O impulso instintivo para o trabalho estava satisfeito, e aceitei o meu papel biológico sem grande

preocupação com a minha própria individualidade. Nestes meses, a evolução do amor e da companhia humana criou o seu próprio rapport emocional e aproximou-me da compreensão significativamente mística e espiritual do vínculo matrimonial que antes procurara. O fluxo exterior das minhas energias dirigia-se agora para construir uma relação permanente, fundar uma família e ser uma esposa e mãe satisfatória. Fiquei muito feliz quando a minha filha nasceu, mas após o parto estive muito doente. Os meus pulmões voltaram a ficar afetados, e demorou bastante até recuperar a vitalidade perdida.

Enquanto estava neste estado de espírito feliz, a minha sogra veio visitar-me um dia. Vi que estava muito nervosa e perguntei-lhe a causa. Relutantemente, contou-me que discutira com o meu marido por causa do comportamento recente dele e que sentia ser seu dever informar-me de que ele vivia com outra mulher. Em vez de a notícia me chegar por outra fonte qualquer, ela própria se oferecera para mo dizer. Estava preocupada com a minha saúde e suplicou-me que me recompusesse e melhorasse o mais rapidamente possível para que ele não tivesse mais desculpa para me negligenciar.

A princípio o meu orgulho ficou ferido, mas esse sentimento passou depressa. A família do meu marido levou a infidelidade dele mais a sério do que eu, mas eu apenas desejava que ele tivesse tido a coragem de me contar ele próprio. A facilidade com que aceitei a mudança na minha perspetiva incomodou-me durante algum tempo, mas nunca duvidei de que compreendia o significado espiritual do casamento e de que agora, como tal, ele terminara para mim. Longe de estar infeliz, a minha mente saltou para a frente para contemplar os dias em que voltaria a encontrar-me livre. Havia aventura em olhar para um futuro que seria ocupado com criar a minha filha e fazer a minha própria carreira. Tendo chegado a esta solução, queria levantar-me e partir muito antes de as minhas forças terem voltado.

A existência frágil que se leva em tempo de guerra — e as baixas diárias — tornam o pequeno padrão de mudança de cada um demasiado insignificante para assumir importância. A dor que a morte

traz a todos torna a nossa própria dor menor. Foi, portanto, fácil dar os passos que tinham de ser dados para ganhar aquela liberdade que sempre envisionara. Uma parte de mim sempre soubera que, sem ajuda, eu teceria um padrão de vida que me realizaria subjetivamente. Aceitei o caminho à frente e vi com clareza como o caminho se estava definitivamente a formar.

CAPÍTULO OITO

OS ANOS DE GUERRA

O sucesso que tive como sócia no negócio da minha amiga levou-me à decisão de abrir um restaurante meu. Cresceu rapidamente e manteve-me ocupada — ocupada demais para ter tempo de mimar a minha filha. Só lhe podia dar cuidados e atenção físicos. Isso, porém, revelou-se muito bom para ela, pois cresceu uma menina saudável e contente.

Tanto o meu marido como a família dele vinham visitar-me sob vários pretextos. O facto de eu me ter lançado tão vigorosamente no trabalho ativo quando poderia ter «protegido» o meu casamento parecia-lhes prova do meu estado mental tenso. Não conseguiam compreender que o trabalho árduo me estava a salvar precisamente da condição de que me acusavam. No entanto, como o negócio continuava a prosperar, qualquer ansiedade quanto ao meu estado mental perdeu justificação.

Finalmente, quando decidi divorciar-me, só a minha sogra perguntou se haveria outro homem como verdadeira razão, mas não havia ninguém. Queria ser livre — livre para trabalhar, para encontrar o meu próprio padrão de vida.

O meu negócio era suficientemente bem-Sucedido para justificar a mudança para instalações maiores, mas antes que pudesse fazer novos planos tornou-se óbvio que a guerra tornara necessário que todos servissem o país de alguma forma. A maioria das mulheres oferecia o seu tempo livre para conduzir camiões e ambulâncias entre as estações e os hospitais. Participei deste trabalho durante algum tempo, mas sofri um grave ataque de febre reumática que o médico atribuiu ao excesso de trabalho. Quando recuperei o suficiente, abri um albergue no centro de Londres que combinava a atmosfera e os confortos de uma casa e de um clube para soldados feridos vindos do estrangeiro.

Amigos, preocupados com o estado da minha saúde, tentaram dissuadir-me do empreendimento, mas a oposição tornou-me determinada a fazer do meu projeto um sucesso. Além disso, a crescente necessidade de esforço organizado, aliada à minha nova independência e liberdade financeira, ajudou-me a levar a cabo os meus planos e a manter o clube. Detestava a guerra e não tinha qualquer sentimentalismo falso sobre a sua crueldade brutal e loucura. Nunca conseguia encontrar justificação para o assassinio em massa, e sempre me parecia que se deveria encontrar algum meio de realizar conferências económicas e de paz antes, em vez de depois, do conflito e da carnificina. No entanto, podia dedicar-me com entusiasmo a ajudar as vítimas da batalha a regressar à saúde e a uma vida normal.

Durante os anos de guerra, dediquei tempo a compreender os distúrbios psicológicos dos homens feridos, bem como os dos civis com quem trabalhava. O padrão de todos esses distúrbios tinha uma familiaridade. Grande parte da instabilidade revelada começara entre crianças e pais nos anos iniciais e formativos. Aprendi que os bens do casamento se mantêm melhor quando a amizade é primeiro

estabelecida na relação, pois o casamento exige não só ajustes diários mas, mais importante ainda, um contínuo deixar de lado da personalidade «oficial» para se ser, em todos os momentos, o próprio eu.

O casamento oferece impulso criativo contínuo, mas cada um tem de se mover para a nova área de interesse do outro. Durante esse tempo, porém, o marido inglês ainda estava na defensiva e sentia que relaxar e permitir à esposa demasiados interesses para além de si próprio era um mau reflexo do seu próprio papel superior.

Tornou-se também óbvio que os homens têm fortes desejos de permanecer crianças eles próprios e muitas vezes tornam-se invejosos dos dependentes legítimos das suas próprias esposas e famílias. Talvez esta seja uma das razões por que o mundo — tal como as famílias — se encontra tão amargamente dividido sobre quem deve governar; esta agonia continuará enquanto o homem estiver ocupado em manter a sua ideia oficial de si próprio e da sua posição. Estas pretensões tornam-se muitas vezes mais importantes do que o impulso para viver criativamente, e se tais pretensões forem insistidas, resulta comportamento neurótico.

Naquela altura descobri que a minha capacidade de resposta às pessoas — e o meu próprio dom de viver o momento — faziam de mim uma recipiente relutante mas cumpridora das histórias dos meus amigos sobre os seus problemas matrimoniais económicos e físicos. Muitas vezes descobria que os filhos de tais pais estavam condenados a ser crianças-problema sem culpa própria: tinham de viver lado a lado na imaturidade com pais-problema. A oportunidade de examinar casos de conflito mental amadureceu e clarificou o meu próprio impulso para a saúde e a felicidade. O funcionamento bem-sucedido da minha própria vida tornou-se mais importante para poder lidar com os problemas dos outros que cada dia trazia. De todas as dificuldades diárias aprendi que o crescimento do respeito próprio é importante, não só no casamento mas em todas as relações. Crescimento e utilidade, que são o respeito próprio, levaram-me a um estudo mais

aprofundado de mim própria na esperança de que pudesse tornar-me aceitável num mundo onde o processo de dar o melhor de si era obviamente tão desesperadamente necessário.

A supervisão do albergue tomava bastante tempo, mas ainda não absorvia todas as minhas energias, pois nos meus momentos «relaxados» descobria que o meu mundo interior tinha menos limites. Via fragmentos de episódios na vida de pessoas que conhecia: cenas passavam diante de mim como imagens num ecrã escuro. Esta visão mais ampla e não procurada da vida das pessoas perturbava-me, especialmente quando comecei a ver acontecimentos que ocorriam na vida de muitos dos meus amigos antes de eles realmente acontecerem.

Um pequeno ecrã, contendo imagens, lugares e acontecimentos de que eu nada sabia, interrompia por vezes a minha visão normal. Alguns dias depois, ou talvez meses depois, encontrava e reconhecia alguém que participara nesses episódios. Por vezes, a imagem de um incêndio, uma explosão, um acidente ou mesmo algum acontecimento trivial passava diante de mim, e no dia seguinte lia sobre o sucedido no jornal, ou alguém o descrevia.

Durante dias vivi subjetivamente e feliz num mundo de experiência interior. Depois, a influência do temperamento e da hereditariedade tomava conta e exigia um tipo diferente de vida. Dias cinzentos de guerra, com as emoções que envolviam, tornavam-no um tempo de tensão em que era preciso viver expansivamente para alcançar a capacidade de força. A capacidade de partilhar e servir era a ação qualificadora que guiava o dia. A guerra, então, moldava a vida de cada um e aceitavam-se todas as suas experiências como inevitáveis.

Entre os oficiais do meu albergue havia um por quem fui imediatamente atraída. Era artístico, sensível e muito bonito. Não estivera na linha da frente. Quando os outros homens falavam das suas experiências de guerra, ele estremecia e dizia: «Gostava que vocês não fossem tão sedentos de sangue.» Confessou-me um dia que entrara no exército porque era a única coisa decente a fazer, mas que temia a

experiência sombria. Nunca fora robusto, mas, à medida que a saúde melhorava e se aproximava a hora da partida, voltava-se cada vez mais para mim em busca de companhia e simpatia. Gostava muito dele e respondia à sua necessidade de cuidados maternos.

Um dia disse-me que o seu regimento partiria para a frente muito em breve. «Não posso ir e enfrentar o que tenho de enfrentar», disse ele, «a menos que cases comigo.» Não estava profundamente apaixonada por ele, nem estava muito interessada em casar outra vez, mas tive então um pressentimento horrível de que ele não regressaria. Pareceu-me, portanto, uma coisa pequena casar com ele e dar-lhe o breve tempo de felicidade que pedia.

Casámos em segredo. Era muito fácil construir a imagem da vida alegre e feliz que seria nossa quando ele voltasse. No comboio na Estação Victoria, estava cheio de coragem e sonhos do nosso futuro feliz. Algumas semanas depois, soube subitamente que o meu jovem marido estava a passar por horas de sofrimento e medo terríveis. Para encontrar alívio da depressão do que sentia, reuni vários amigos e fomos jantar fora. Nessa noite, na sala de jantar cheia do Savoy, tive uma visão do meu marido a morrer. Por um momento perdi todo o sentido da minha própria identidade e fui apanhada na concussão devastadora de uma terrível explosão. Vi o meu marido gentil, de cabelos dourados, feito em pedaços. Flutuei num mar de som terrificante. Quando voltei a mim, sabia que o meu marido fora morto.

Dois dias depois, o meu marido foi dado como desaparecido, e posteriormente chegou notícia do Ministério da Guerra de que estava registado como morto. Os seus camaradas de armas escreveram que ele saíra numa expedição de corte de arames e nunca regressara. Anos mais tarde, quando a guerra terminou, vi o seu nome no Memorial da Porta de Menin em Ypres. Mais intimamente do que os homens que estiveram perto dele, eu sabia a maneira como morrera.

Mais uma vez me perturbou a constatação de que acontecimentos futuros podiam registar-se previamente em alguma parte da minha consciência, quer eu quisesse quer não. Mais uma vez procurei

impedir que esta invasão de acontecimentos externos despedaçasse o meu sistema nervoso. Rezei para que encontrasse uma maneira de fechar a porta a estas experiências indesejadas. Quase contra a vontade, tive de aceitar o facto de que tinha dois eus separados, e neste período difícil tropecei na técnica da autossugestão, embora na altura não soubesse que era esse o nome. Se relaxasse, as impressões estranhas entravam a jorro, mas se fizesse um apelo consciente ao meu «outro eu», as invasões diminuía, e este método de autoproteção tornou-se um exercício regular. À medida que me convencia do sucesso do processo, comecei a usá-lo para me proteger contra doenças e para lidar corretamente com as relações humanas.

Assim desenvolvi, sem saber exatamente o que estava a fazer, um sistema de autossugestão. Tive tanto sucesso em fechar as minhas visões de acontecimentos externos que depressa comecei a perguntar-me se perdera a capacidade de os perceber. No entanto, bastava permitir-me cair num estado relaxado e passivo para que os acontecimentos externos e internos regressassem e invadissem novamente a minha consciência.

Uma crescente capacidade de controlar as divisórias da mente tornou possível levar a cabo os meus negócios e a minha vida pessoal com o que aos meus amigos parecia um novo sentido de segurança e confiança, e achei desnecessário referir-me às dificuldades e perplexidades que surgiam do intercâmbio dos meus outros eus. Assim, por vezes acusavam-me de ser dura ou indiferente. Não era assim. O facto era que adquirira uma rapidez e acuidade de percepção, de modo que os acontecimentos vinham e iam e as experiências de vida desenrolavam-se a um ritmo fantástico.

Cheguei a aceitar o que era «normal» para mim. Sentia que as minhas percepções tinham um significado para além da minha compreensão. O meu problema naquele momento era agarrar o funcionamento inter-relacional dos padrões da minha mente para que a minha vida não ficasse desordenada, mas para que aprendesse a trabalhar consciente e criativamente. Aos poucos controlei as minhas

visões, permitindo que se manifestassem apenas durante um tempo reservado para prática e contemplação.

À medida que a minha nova confiança se desenvolvia, os acontecimentos que testemunhava continuavam a abranger uma vasta gama de assuntos. Raramente estavam ligados à minha própria vida pessoal, mas muitas vezes relacionavam-se com acontecimentos — passados ou futuros — na vida dos outros. Ouvia fragmentos de conversas que não tinham significado para mim, mas alguns dias depois podia encontrar-me numa sala com várias pessoas e, para meu espanto, ouvia novamente a conversa idêntica. Por vezes ouvia nomes de pessoas ou lugares que me eram desconhecidos, e dias ou meses depois esses nomes surgiam novamente através de algum encontro imprevisto ou de alguma outra associação definitiva com que eu estava recém envolvida.

Outras experiências ocorreram. Com poucos dias de intervalo, duas amigas próximas escreveram-me; uma vivia a cerca de trezentas milhas de distância, a outra a não mais de vinte milhas. Ambas perguntavam se eu estava doente ou precisava de ajuda, pois ambas tinham sentido a minha presença nas suas casas e estavam perturbadas com estas aparições estranhas. Eu não precisava de ajuda e na altura não tinha explicação imediata que justificasse as experiências delas.

Supus que estivera a pensar em ambas enquanto estava num estado passivo e que algum aspeto da minha consciência se estendera até elas. Só muito mais tarde, quando vim a compreender a mecânica da percepção clarividente e da comunicação telepática, descobri a minha capacidade de, por vezes, projetar-me na presença de uma pessoa que desejasse alcançar ou com quem tivesse um sentimento caloroso de simpatia.

Estes desenvolvimentos psíquicos tiveram os seus efeitos e contrapartidas físicas. Eu tinha consciência de uma pressão crescente atrás da testa e, ao mesmo tempo, sentia que um canal se abria suavemente a partir de um ponto entre os olhos até ao cerebelo. O processo não era nem doloroso nem desagradável. Também me

apercebi, por essa altura, de que as imagens se registavam atrás da minha testa. A partir desse momento, as imagens pareciam deslocar-se para fora e para além, no espaço. Eu costumava comparar o processo a uma espécie de lanterna mágica mental, com a lente para a projeção das imagens localizada atrás da testa.

Assim, enquanto lutava pela compreensão, vim a saber que a consciência era uma maravilha muito maior do que a maioria das pessoas imaginava. Embora uma faixa dela guiasse a mecânica da experiência sensorial e do pensamento consciente, havia vastos reinos inexplorados nos quais todos os aspetos da vida estavam ligados e relacionados com a imensidão do Esquema Universal, no qual cada indivíduo desempenha o seu papel.

Percebi que o ser humano não é, de modo algum, tão importante na existência e evolução do Universo como gosta de acreditar, mas que, ao mesmo tempo, é mais responsável do que está disposto a aceitar. Vi o homem como um canal através do qual a Força Primária e a Inteligência do Mundo opera em direção ao seu próprio cumprimento — um incidente, mas importante, no esquema maior das coisas. Fui capaz de conceber a Vida do Universo como um processo em evolução no qual o lugar do homem, embora atualmente de pouca importância, é potencialmente de grandeza. Captei uma concepção da consciência como infinitamente maior do que o cérebro ou a mente.

Outro período de doença tornou impossível trabalhar com a mesma intensidade que nos meses anteriores. Por fim, fui obrigada a desfazer-me do clube e a procurar repouso e recuperação durante alguns meses. Foi então que soube que um dos meus amigos estava ferido e gravemente doente num hospital não muito longe da cidade. Encontrei-o não só gravemente doente, mas muito deprimido. A noiva acabara de romper o noivado e, para piorar as coisas, os médicos tinham-lhe informado que poderia ser necessária a amputação de um pé. Aqui estava algo que eu podia fazer para ajudar. Tornei-me habituada a visitá-lo frequentemente até que ele começou a depender

das minhas visitas e, gradualmente, a sublinhar a necessidade de me ver cada vez mais.

Naquela altura, eu alegrava-me com a companhia; qualquer coisa que tivesse uma base de realidade ou um sentimento de duração, mesmo que por pouco tempo, dava uma sensação de segurança e uma razão para a força. Os longos anos de guerra faziam com que tudo o que se fazia parecesse urgente, mesmo que fosse apenas temporário e necessário ao momento. As palavras doces tornavam-se importantes, pois o coração de cada homem estava cheio do conhecimento secreto de que as horas fugidias eram tudo o que restava. Da profunda simpatia que se sentia, era preciso pegar nesses intervalos fugidios e construir um reino eterno no espírito.

Quando um dia o meu amigo propôs que nos casássemos, relutei em enfrentar a ideia de outra cerimónia. Sentia-me culpada por não ter feito mais com as minhas tentativas anteriores e, como atribuía o fracasso a mim própria, sentia-me espiritualmente empobrecida e derrotada. O casamento em termos de nos instalarmos numa monotonia afetuosa não seria suficiente; eu ainda acreditava que deveria possuir um significado e um cumprimento mais místicos do que os que até então descobrira.

Além disso, nessa altura eu preocupava-me com as mudanças sociais que se apresentariam quando a guerra terminasse. Havia já algum tempo que me interessava pela Fabian Society. Atraía-me porque os próprios fabianos rejeitavam a ideia de um partido político, mas sempre tinham incentivado os sindicatos a formar um partido próprio. (Recordar-se-á que, eventualmente, H. G. Wells acelerou os acontecimentos ao reorganizar a Fabian Society, um esquema que causou muita controvérsia entre ele e o sr. Bernard Shaw.) Como a Fabian Society sempre sublinhara a ideia ambiciosa de reconstruir a sociedade de acordo com as mais altas possibilidades morais, apelava especialmente a mim. Procurei contacto ativo com os trabalhadores e os seus líderes e pensara seriamente em abrir um albergue operário para o período após o fim da guerra, de modo a obter uma

compreensão mais clara das teorias e dos fundamentos do trabalho organizado e, ao mesmo tempo, trabalhar com pessoas que elas próprias estivessem preocupadas com os problemas.

No passado, vira um grande número de homens e mulheres excelentes e inteligentes dedicar a vida à causa do trabalhador e, recordando o fogo e o entusiasmo dos líderes políticos irlandeses da minha infância, interessava-me instilar uma faísca desse fogo nos novos movimentos que então tomavam forma, para que aqueles que regressassem não se perdessem num labirinto de desconforto, pobreza e desespero.

Nesse estado de espírito, senti que talvez uma viagem à Irlanda me refrescasse e me ajudasse a decidir o meu próximo passo. Lá poderia recordar a antiga atmosfera, a independência e a coragem de alguns dos líderes do calibre de Redmond, O'Brien e Dillon. Fui, porém, numa altura em que todos ainda estavam cheios de dúvidas, sombrios e ressentidos; não havia grandes líderes que elevassem o povo do seu desânimo.

Como irlandesa sentimental que era, também eu podia chorar lágrimas pelo sofrimento da Irlanda, mas não me conseguia identificar com a política demasiado nacionalista do período. Sentia, no entanto, que o verdadeiro espírito do país que recordava dos meus tempos mais jovens tinha sido mantido vivo, encorajado e estimulado pela fé vívida e viva dos grupos literários e intelectuais, especialmente do amado A. E., de Yeats e daquela mulher extraordinária, Lady Gregory.

Regressei a Londres sabendo que nunca encontraria satisfação apenas na política, mas que a minha herança e o meu passado me chamariam sempre dos caminhos tranquilos para lutar, na medida das minhas possibilidades, pela causa da liberdade. Muitas vezes me desapontei com a excessiva importância que um homem atribuía a si próprio e com a pouca importância que dava aos ideais do movimento particular de que fazia parte. A minha avaliação desses valores era inversa.

Nunca perdi a noção do facto de que o ideal de qualquer movimento deve continuar a ser considerado maior do que os indivíduos que o apoiam e sustentam. No coração de cada homem existe uma fé nalgum ideal e, embora os homens comumente se esqueçam e não façam sacrifícios, há aqueles que se lembram e que mantêm a fé.

Fui ao hospital falar das minhas experiências com o meu amigo ferido. Ele compreendia muito bem as complexidades que me tinham levado à Irlanda em busca da resposta para o que realmente queria fazer a seguir. Quando voltou a trazer à baila o assunto do casamento, as colinas distantes estavam verdes mas enevoadas, e eu estava um pouco mais inclinada a ouvir.

Confesso que entrei no meu terceiro casamento sem qualquer pensamento de que fosse permanente. A guerra estava então no seu quarto ano e todos estavam um pouco transtornados e cansados. Os anos tinham sido muito duros de suportar, pois nenhum dia fora livre de tragédia; à medida que um dia sucedia a outro, assim os nomes de amigos e familiares apareciam, um a um, nas listas de baixas. Restavam tão poucos amigos, tão pouco a que nos agarrarmos, e a maioria dos jovens não tinha amanhã para o qual olhar. Os amigos cumprimentavam-se nas ruas com o coração pesado, e as palavras habituais de despedida eram: «Nunca pensei que ele fosse morto ou que o fim da nossa felicidade chegasse tão cedo.»

Um mês após o meu casamento, foi declarado o Armistício.

CAPÍTULO NOVE

NOVAS EXIGÊNCIAS DO MEU EU PSÍQUICO

Os anos de guerra tinham tornado muito difícil instalarmo-nos numa relação matrimonial confortável. A transição das atividades

vitais de quatro anos trágicos mas excitantes para uma paz que prometia mais dificuldades e desconforto do que se poderia prever não era fácil de aceitar. A vitória fora alcançada, mas — perguntava-se muitas vezes nesses primeiros anos de paz — por quem? Ninguém conseguia descrever o objetivo, pois nunca fora atingido, e a falácia patética da vitória deixou toda a gente em Inglaterra, tal como na Europa, esgotada das qualidades e recursos espirituais que permitem uma determinação sombria. Por todos os lados, o profundo desejo de mudanças sociais e a resolução obstinada de as realizar eram surpreendentes.

O período de transição entre a guerra e a paz foi amargo para todos os envolvidos. Foi certamente também o momento de testar o meu próprio carácter numa altura em que tantos dos meus amigos estavam em apuros. Em tal época, era difícil pensar em termos da própria felicidade, mas ainda mais difícil contemplar uma vida conjugal de relativa facilidade, um estado que nunca me atraía verdadeiramente. Além disso, era melhor fazer a experiência no auge de um dia sereno do que persuadir-me, quando chegasse a adversidade, de que fora realmente forte. Tudo isto expliquei ao meu marido, instando-o a compreender as minhas necessidades. Mas ele referiu-se às minhas doenças passadas e suplicou-me que, naquele momento em particular, deixasse de me forçar tanto.

Mesmo enquanto ouvia, continuava secretamente e com alegria a contemplar avançar com os meus novos planos de abrir um albergue operário. A ideia de nova responsabilidade atraía-me e, em pouco tempo, estava novamente comprometida com um trabalho no qual os meus ideais de vida e conduta se podiam manifestar e ainda me davam tempo livre para o lar.

Por essa altura, tive a sorte de conhecer Edward Carpenter. Tinha então mais de setenta anos. Tornámo-nos amigos primeiramente com base no nosso interesse pela mudança da cena social. Antes de o conhecer, os seus escritos sociais e políticos tinham-me

profundamente comovido. O seu profundo amor espiritual pelo próximo e a sua compreensão abrangente atraíram-me para ele.

Nos primeiros dias da nossa amizade, falou-me do seu amor pela terra e por todas as coisas vivas. Ele próprio possuía a senha que o levava a todo o momento àquele lugar onde estava contente por dar tudo e nada pedir em troca. Tinha o poder de compreender e fundir-se com a força vital na natureza, e era fácil falar-lhe do que eu sentia e via. A sua era uma natureza espontânea; havia algo que surgia continuamente debaixo da sua consciência comum, algo que não podia ser apagado nem detido — algo que estava em desarmonia com as coisas aceites e, no entanto, nunca inconsistente com o momento.

Tomou tempo para me explicar longamente que eu nascera para o que ele chamava um estado de «consciência cósmica», uma condição que muitos procuravam em vão alcançar. Falou-me também das vidas daqueles que ele conhecera pessoalmente e que tinham conseguido atingir esse estado de «vida milagrosa», como lhe chamava. Levou-me passo a passo através das minhas experiências de infância, pedindo-me que as relatasse pela ordem em que tinham acontecido. Depois explicava com simpatia que não eram as memórias e experiências comuns da infância. A maneira como lhas descrevia levou-o a comentar que não eram imaginações subjetivas, mas impressões externas e objetivas. Mostrou-me a sequência completamente lógica em que as minhas perceções se tinham aberto e lamentava que eu não tivesse sido criada por alguém que compreendesse as minhas «realizações» e me tivesse encorajado a segui-las em vez de as suprimir.

Acreditava que a minha incapacidade de ouvir música corretamente se devia à repressão e ao uso errado da minha própria compreensão do som. Sabia o que eu queria dizer quando afirmava que o espectro não era suficiente para expressar a gama de cores que eu via, e sugeriu que o meu conhecimento das cores poderia um dia manifestar-se na pintura e no design, pois sentia que, através de

alguma saída artística, eu conceberia formas de revelar tanto a visão como a percepção interior.

Aconselhou-me a ler certos livros sobre a psicologia e a fisiologia do sexo, mas só depois compreendi quão profundo era o seu propósito. Queria que eu soubesse que as pessoas que possuem estas sensibilidades especiais misturam nas suas naturezas qualidades tanto masculinas como femininas. Deste modo, levou-me a compreender que as variações nos tipos sexuais não deviam ser desprezadas; interpretava-as como passos em direção a uma forma superior de humanidade. Dotado como estava de uma natureza profundamente mística e benevolente, considerava a arte e a beleza como expressões supremas de Deus.

Edward Carpenter introduziu-me nos movimentos religiosos e espirituais da época e destacou aqueles líderes que tinham revelado a Lei Cósmica. Através dele, soube de muitos movimentos religiosos que até então me eram desconhecidos, entre os quais a Sociedade Teosófica. Fui a reuniões e li a literatura da Sociedade. Quando lhe contei a minha reação negativa a esta e a outros movimentos de que falara, ele riu-se e disse: «Eu tenho a minha própria concepção do Divino, e tu tens a tua. O teu julgamento cuidar-te-á, e encontrarás o teu próprio caminho.

Agora que estás com vontade de saber mais, posso apresentar-te as verdadeiras fontes de onde estes movimentos retiram a sua inspiração original. Primeiro, lê Emerson e conhece-o bem. Depois digere Folhas de Erva de Walt Whitman. O Ramo Dourado de Fraser dar-te-á algo mais tarde, e um dia chega a conhecer Spinoza. Quando conheceres Spinoza, podes ignorar os profetas menores. Quando tiveres digerido cuidadosamente estes grandes, toma tempo para ler as Escrituras Orientais, especialmente os Upanishads e o Mahabharata. Depois volta à tua Bíblia e lê-a com uma compreensão renovada. Quando tiveres relido e digerido todos estes escritos, começarás a compreender a loucura da tentativa do homem moderno de criar novas religiões.»

Nos dois anos da minha amizade próxima com Edward Carpenter, tive o que só posso descrever como a experiência espiritual mais profunda da minha vida, uma que me deu uma sensação de libertação, de ser posta em liberdade, de renascer. Ajudou a libertar-me dos fardos das minhas confusões passadas.

Já não carregava um desespero secreto em relação à minha infância, aos meus pais ou ao fracasso do meu primeiro casamento. Através dele, aprendi que a minha intensa curiosidade e a necessidade urgente de viver em dois eus não eram produto de uma mente desequilibrada, mas poderes positivos fora do alcance da compreensão contemporânea. Pela primeira vez na vida, percebi que as minhas percepções não eram verdadeiramente alucinações, mas o resultado de capacidades de compreensão interior, capacidades para o que Edward Carpenter chamava «consciência cósmica».

Tudo o que pudesse dizer de Edward Carpenter seria inadequado para expressar a minha dívida espiritual para com um dos maiores seres do mundo moderno. Ele conhecia melhor do que qualquer pessoa que eu jamais conheci a Região do Eu. As diversidades de temperamento das pessoas, que normalmente as distinguem e dividem, nunca o perturbavam. A vida era um campo de provas no qual todos eram iguais os que tinham conseguido a primeira luta para nascer.

Vivia numa região da sua própria criação, uma região onde os defeitos ou as realizações pareciam não ter importância. Falou-me livremente da influência de Whitman na sua vida. Disse que essa influência era tão natural como a chuva e o sol e o ar que lhe rendiam o seu riso e os seus segredos. Vivia ao ar livre e, ali, no vasto mundo entre ele e o céu, estava a sua terra de esplendor.

Por essa altura, a minha filha teve uma série de doenças prolongadas que se sucederam rapidamente. Foram as primeiras doenças das quais parecia incapaz de recuperar. Um dia, ouvi o médico dizer ao meu marido e à enfermeira que já nada mais podia fazer pela criança, que a crise provavelmente ocorreria por volta das duas horas da manhã, mas que, a qualquer hora que se desenvolvesse,

devia ser chamado. Avisou também que a minha própria saúde poderia sofrer se a criança não sobrevivesse. Ardi em ressentimento contra ele por «abandonar» a minha filha. Sabia que a criança tinha de melhorar.

Ela arquejava. Não havia nada que eu pudesse fazer, mas não suportava ficar sentada em agonia inativa a vê-la lutar sozinha. Em desespero, peguei nela da cama e segurei-a junto a mim, desejando dar-lhe um pouco da minha própria força. Então ouvi uma voz que me dizia: «Tem cuidado! Não a sufoques. Ela precisa de respirar mais facilmente. Abre as janelas e deixa entrar uma corrente de ar no quarto.»

Não ousei questionar a origem da voz; simplesmente abri as janelas. Lembro-me de observar as cortinas ondearem e de me perguntar se haveria ar a mais. Depois, ao virar-me, vi o contorno de uma figura encostada à cama — um indivíduo baixo, ágil, sem idade —, com o rosto voltado para o outro lado. Fiquei assustada e os meus membros tremiam, mas na altura esse fenómeno não me pareceu extraordinário.

Ao deitar a criança na cama, a figura tornou-se mais nítida. Era a de um homem vestido com roupas cinzentas, e sorria de maneira bondosa e solidária, com um contagioso sentido de animação. Fiquei tranquilizada e soube que ele viera ajudar-me. Não sei dizer quanto tempo permaneceu, nem o vi partir. A seguir, ouvi um estrondo nos meus ouvidos; alguém batia à porta. Levantei-me, abri a porta e encontrei a minha família preocupada ali à espera de notícias. Voltei para junto da cama da criança. Ela respirava calmamente e eu soube com certeza que iria recuperar.

No dia seguinte, desabei com a longa tensão da doença da minha filha e fiquei doente durante muitas semanas. Desse episódio desenvolveu-se asma, que ficou comigo durante anos.

Entretanto, a minha filha recuperou, mas a identidade do estranho misterioso que lhe salvara a vida continuava por revelar, embora a memória da visita permanecesse com uma clareza vívida.

Tivera assim três visões de personalidades incorpóreas. Esquecidas até esse momento, lembrei-me agora do meu tio que viera ter comigo após a sua morte e da sua promessa de que, dentro de dois anos, eu deixaria a Irlanda. Essa profecia cumprira-se. Depois recordei a aparição da minha tia Leone com o seu bebé ao colo e que eu soubera que ela «ia partir» e levaria o bebé consigo. Agora vira o desconhecido que viera salvar a vida da minha filha. Já não podia duvidar de que estas visões eram reais. Todas tinham sido seguidas de desenvolvimentos na vida das pessoas — provas objetivas, inegáveis.

Entre as muitas pessoas que se hospedaram no meu albergue, havia um homem que lançou mais luz sobre a natureza das minhas experiências. Um dia, ele parou-me ao passar e surpreendeu-me ao dizer que reconhecia os meus «poderes latentes», e explicou que sabia disso porque era clarividente e percebia que eu tinha capacidades que cobriam toda a gama dos fenómenos psíquicos, incluindo cura, psicomетria, clarividência e clariaudiência.

Fiquei intrigada com essa afirmação e pedi-lhe que me explicasse o significado de algumas dessas palavras que ouvia pela primeira vez. Em resposta, deu-me uma explicação breve e simples do que certos grupos acreditam sobre a capacidade dos alegados mortos comunicarem com os vivos. Disse que conseguia falar com a sua filha «morta» e, depois, ouvi-o dirigir-se a ela como se ela estivesse no quarto. Olhei atentamente mas não a vi, por isso olhei para ele com simpatia e pena, suspeitando que o pobre homem estava desequilibrado e imaginava que a filha estava ali. Nessa primeira reação, eu ignorava completamente que o estava a tratar exatamente da mesma maneira que os outros me tinham tratado no passado quando eu falava das minhas próprias experiências.

Poderia ter descartado todo o assunto como sem importância se esse homem não me tivesse mais tarde entregado o seu relógio,

dizendo: «Diga-me o que sente sobre isto.» Peguei no relógio e dei-lhe as minhas impressões à medida que me vinham à mente. Ele afirmou que os incidentes que relatei da vida do filho, entre outras coisas, eram verdadeiros. Fiquei espantada mas interessada e interroguei-o sobre a natureza e o uso desse poder psicométrico.

Fazia frequentemente referência à filha como se todos os pensamentos, objetivos e gostos que a tinham motivado em vida continuassem a ser o fundamento da sua nova existência. Perturbava-me ouvir a morte interpretada como uma mudança de lugar mas não de consciência. Pelo pouco que eu própria conseguira observar, tinha a certeza de que na morte ocorre uma transformação definitiva que conduz a um estado de nova consciência. Tendo observado o intenso e dinâmico movimento de separação que ocorre no momento da morte, sabia que os motivos e atividades que ocorrem para além não podiam ser possivelmente os mesmos que operam no plano da vida humana.

No entanto, a explicação desse homem sobre a condição mudada da filha intrigava-me e interessava-me. Quando sugeriu que o acompanhasse à sede de uma das sociedades espiritualistas, não fui avessa a ir e a investigar mais.

Assistimos a uma reunião na qual um clarividente transmitia à assistência mensagens dos alegados mortos. Fui com um estado de espírito sério, preparada para revelações. O quarto estava muito silencioso, a assistência à espera; depois o clarividente começou.

«Para a senhora no fundo da sala com o grande chapéu preto, vejo um homem idoso com barba grisalha e olhos azuis. Poderia ser o seu pai?»

«Sim», disse uma voz lá atrás.

«Vejo um grande ‘J’. O nome dele poderia ser John? Ou talvez James.»

«Está certo: James», respondeu a senhora do fundo, prestavelmente.

«Ele diz que está preocupada com condições que vão melhorar no fim do mês. Reconheceria isso?»

A senhora respondeu: «Sim, encaixa exatamente.»

Durante esta conversa, procurei a aparição do pai, mas não o vi. Durante uma hora, ouviram-se comunicações do reino dos mortos que consistiam inteiramente em conselhos sobre as rotinas banais do presente. No fim, foi servido chá à assistência. Houve um zumbido de conversa. Ouvi uma mulher dizer a outra que não voltaria, pois nunca recebia nada, e a amiga respondeu: «Oh, mas a minha mensagem foi boa. Eu sabia que o Eric estava lá porque ele descreveu as iniciais no pingente que o pai lhe deu antes de ir para a guerra.»

Outra mulher elogiou o clarividente pela mensagem maravilhosa que recebera. Não esperei por mais. Lá fora, disse ao meu amigo como estava perplexa com aquele espetáculo. Seria possível que a mudança profundamente importante que a morte envolve pudesse ser reduzida ao nível da banalidade?

Pelo que sabia, as visões dos mortos que eu experimentara tinham surgido por acaso. Agora queria saber como funcionava o clarividente e se ele via objetivamente as suas visões dos mortos. Interessava-me também saber mais sobre o «mecanismo» do fenómeno que era tão prontamente aceite pelo grupo. Tirei uma filiação numa sociedade e assisti a reuniões que incluíam palestras e demonstrações de psicometria e clarividência, mas continuei perplexa, sem encontrar pistas sobre a maneira como estas experiências ocorriam.

Dentro da sociedade, todos eram compreensivos. Relatavam as suas próprias experiências psíquicas e encorajavam-me a ler a literatura. Sugeriram que, se precisasse de mais esclarecimento, devia juntar-me a um grupo que se reunia uma vez por semana na sede da sociedade. Quando os trabalhos começaram, pediram-me que colocasse as pontas dos dedos na superfície da mesa, como os outros faziam, e a mesa bateria mensagens «dos mortos». As senhoras afirmavam que, sempre que eu entrava no círculo, acontecia muito

mais. Por exemplo, a mesa movia-se de forma mais decidida e soletrava as mensagens mais rapidamente.

Muito interessada nestes experimentos, experimentei-os em casa com o meu marido e amigos, que eram céticos e se divertiam muito. Uma vez, quando uma prima estava sentada connosco, pediu à inteligência comunicante que lhe indicasse a morada do lugar onde nasceria. Nessa altura, ele próprio não sabia a morada, mas verificou mais tarde a veracidade do que lhe fora dito. Este tipo de verificação impressionou-me o suficiente para continuar os meus experimentos.

Um dia, durante um experimento nas salas da sociedade, com batidas na mesa, aconteceu algo extraordinário. Fiquei sonolenta e adormeci. Fui acordada por alguém que me sacudia vigorosamente; todos os membros pareciam assustados e perturbados. Sentia-me nauseada e tonta, com luzes a dançar diante dos meus olhos. Contaram-me que, enquanto dormia, os seus parentes mortos tinham comunicado através de mim. Espantada com as reações deles, apressei-me a voltar para casa para contar ao meu marido.

«Isto é horrível!», disse ele. «Não debes voltar àquela sociedade.»

Por um momento, senti um enorme alívio por a decisão dele pôr fim a estes experimentos, pois eu não desejava prestar-me a experiências que escapavam ao meu controlo. Contudo, a secretária da sociedade, que ficara preocupada com a manifestação extraordinária, escreveu-me mais tarde a aconselhar que consultasse um amigo suíço dela, o sr. Huhnli, que tinha conhecimentos consideráveis sobre assuntos psíquicos e poderia ajudar-me.

Ainda curiosa e ansiosa por saber mais sobre estes poderes, fui ter com o sr. Huhnli e senti alívio ao descobrir que era uma pessoa gentil e simples. Já ouvira falar um pouco de mim através da secretária da sociedade, mas pediu-me que lhe contasse toda a história. Relatei-lhe as minhas experiências enquanto ele escutava com simpatia; depois sugeriu que me sentasse tranquilamente na cadeira e relaxasse. Assim

fiz e comecei novamente a sentir-me sonolenta. Em seguida, perdi a consciência.

Quando recuperei os sentidos, ele disse: «És potencialmente uma médium de transe.» Fiquei naturalmente surpreendida, mas ele explicou que se tratava de uma condição dependente de uma passividade extrema da mente e que podia ser de natureza leve ou profunda. Em transe profundo, o indivíduo perdia o controlo da própria consciência num estado que parecia sono, e nesses momentos alguma entidade controlaria parte da vontade do adormecido. «Foi o que aconteceu no teu caso», disse ele. «Falei com uma entidade enquanto dormias. É uma de inteligência invulgar que se declara oriental e deseja realizar um trabalho sério para provar a validade da teoria da sobrevivência dos alegados mortos. Dá pelo nome de “Uvani”.»

As palavras do sr. Huhnli foram inesperadas e perturbadoras. Saí rapidamente e regresssei a casa para contar a história ao meu marido. Ele ficou muito desgostoso por eu ter novamente empreendido tais experimentos e disse-me que, se estas coisas tinham realmente acontecido, eu não só estava à beira da loucura como já devia ter perdido o juízo. Cheguei a meio acreditar que ele tinha razão e um novo medo apoderou-se de mim — o medo de não ser totalmente eu própria.

Durante semanas não dormi sem uma luz acesa no quarto, perguntando-me constantemente e com ansiedade se este “Uvani” via e ouvia tudo o que eu fazia na minha vida quotidiana — se, na verdade, ele era responsável por alguns dos padrões estranhos que de vez em quando se desdobravam diante de mim. Ou seria possível que este oriental fosse uma criação do meu próprio subconsciente? Não conseguia acreditar que o tivesse imaginado subconscientemente. O aspeto mais aterrorizador da situação residia no facto de ele parecer capaz de se expressar através de mim apenas quando eu era incapaz de saber o que ele poderia dizer ou fazer.

Suportei este estado de nova confusão o máximo que pude; em desespero, voltei a procurar o sr. Huhnli e expus-lhe as minhas apreensões. Se esta “personalidade de controlo” realmente existia em relação tão próxima comigo, não poderia ela conhecer o meu comportamento e relações mais íntimos e privados? O sr. Huhnli assegurou-me que a “personalidade de controlo” não se interessaria pela minha vida quotidiana — que todo o seu propósito se baseava num desejo profundo de servir a humanidade. «Além disso», disse o sr. Huhnli, «o teu “controlador” não pode aproximar-se de ti a menos que tu o permitas.» Respondi: «Uma vez que tenho o poder de evitar completamente o estado de transe, posso dispensá-lo.» Mas ele duvidava que isso fosse possível e temia que, se o fizesse, eu pudesse ter mais confusão mental com que lidar. Segundo o sr. Huhnli, a “personalidade de controlo” já estabelecera o seu contacto através de mim e tornara claro o seu propósito, tendo afirmado sem margem para dúvidas que estava destinado a provar a verdade da sobrevivência humana após a morte.

Duvidava da realidade de toda a situação relativa ao “controlador”, mas a integridade do sr. Huhnli levou-me a confiar no que ele revelava sobre áreas até então insuspeitas do subconsciente. Para que eu pudesse compreender melhor a “personalidade de controlo”, sugeriu que me ajudaria a lidar comigo própria se eu lhe permitisse falar com “Uvani”. A minha curiosidade ávida levou-me a aceitar a sugestão e, à medida que o tempo passava e as declarações de “Uvani” se acumulavam, comecei a especular sobre o que aconteceria se as minhas capacidades fossem desenvolvidas de modo a que, com o tempo, eu pudesse tornar-me uma sensítiva competente.

Para continuar estes experimentos com o sr. Huhnli, senti que quanto menos o meu marido soubesse deles, melhor. Qualquer menção ao estado de transe convencia-o de que eu devia ser examinada por um psiquiatra. Recordando sugestões semelhantes anteriores, recusei, embora ele e os amigos estivessem terrivelmente perturbados com o que suspeitavam ser uma nova e muito perigosa

preocupação. Ele ficava por vezes tão transtornado que ameaçava colocar-me sob observação, mas eu não me deixava assustar.

A minha insistência obstinada provocou outras divergências de opinião que não contribuía para a nossa felicidade. No entanto, não desejava deliberadamente destruir o meu casamento nem desistir do interesse pelos meus experimentos. O meu albergue fazia contínuas exigências ao meu tempo que não podiam ser ignoradas, mas eu achava-o não só estimulante e educativo como, mais importante ainda, o preservador da minha independência financeira.

O meu marido nunca acolhera bem as muitas ocupações que me deixavam pouco tempo para a vida mais social que ele queria que eu partilhasse com ele. Sabia que ele estava dececionado comigo e que eu o preocupava, e cheguei mesmo a considerar seriamente abandonar o albergue para lhe dedicar mais tempo, mas fazê-lo parecer-me-ia uma traição àqueles com quem trabalhava, bem como uma negação dos próprios objetivos que começara a perceber que deviam ser continuamente acarinhados. Teria sido fácil ecoar o cinismo da época e manter-se afastado do desespero do momento aceitando a falácia de que uma pessoa sozinha não pode mudar o estado de espírito do mundo. Contudo, eu sabia que o trabalho árduo — com objetivo honesto e imparcial — contribuía muito para produzir resultados positivos.

A maioria dos meus amigos esforçava-se por se instalar numa existência normal, mas ficava desiludida com a depressão comercial que se seguiu tão rapidamente aos sonhos cor-de-rosa da reconstrução do pós-guerra. Os próprios sindicatos tinham-se livrado dos excessivamente otimistas que haviam entrado nas fileiras devido à influência anormal criada pela guerra e pelo período inicial do pós-guerra. O desemprego e a queda dos salários anunciavam o início da grave depressão que se seguiu ao boom temporário e que acabou por levar a maior angústia. Demasiados dos meus amigos estavam a perder a esperança. Contudo, a doença recente da minha filha, os

novos desenvolvimentos psíquicos e a situação mutável no país não favoreciam qualquer padrão estável na nossa vida conjugal.

A Greve Nacional de 1926 resolveu o meu problema. Aproveitei este infeliz desenrolar dos acontecimentos para me desfazer do albergue. A decisão foi facilitada pelo facto de ter chegado o momento de mandar a minha filha para um colégio interno fora de Londres por causa da sua saúde. Não foi sem pesar que resolvi fazer uma mudança tão drástica, mas, por outro lado, a cena em mutação justificava tirar tempo para explorar mais a fundo os processos mentais e psíquicos que se desenrolavam em mim de uma forma quase mecânica — processos que não dependiam absolutamente da minha vontade.

Encontrar uma explicação física não era fácil nem compreensível em termos de consideração quotidiana, e as ocorrências de transe eram “factos inconvenientes” que perturbavam os meus amigos, que começavam a duvidar da minha sanidade, se não da minha respeitabilidade. Dentro de mim, sabia que teria de encontrar uma explicação física e compreender mais seriamente os meus próprios processos mentais se quisesse continuar a viver uma vida equilibrada. Achei necessário consultar livros que tratavam de filosofia e psicologia para compreender a inter-relação entre corpo e mente, e para tornar isso possível criei o hábito de estar sozinha grande parte do tempo.

Como se o próprio destino tivesse intervindo, as circunstâncias tornaram imperativo que o meu marido fosse para o estrangeiro nessa altura. Ele mostrou-se muito relutante em deixar-me, mas eu não queria obstaculizar algo que lhe fosse vantajoso. Além disso, tinha uma sensação quase profética de que este casamento não duraria.

Experimentei uma alegria secreta por estar sozinha, pois agora tinha tempo amplo para considerar tudo o que acontecera desde que fora pela primeira vez à sociedade espiritualista. Mal podia acreditar que todas estas coisas estranhas me tivessem acontecido e que os acontecimentos pudessem aglomerar-se de forma tão estranha e rápida na vida de qualquer ser humano. Por vezes, horrorizava-me pensar que

me tinha deixado arrastar para atividades tão extravagantes sem saber mais sobre elas.

Via que a validade da “personalidade de controlo” dependia da palavra de uma única pessoa, o sr. Huhnli, e percebi que ele poderia estar enganado. Com uma espécie de aversão natural, afastei-me da ideia de que qualquer inteligência que não a minha própria tivesse acesso à minha mente. Durante vários meses, evitei então todos os grupos filosóficos e mantive uma atitude objetiva enquanto absorvia o que podia da leitura.

Nunca me tornara realmente forte desde a doença da minha filha, e novos problemas pulmonares voltaram a acometer-me. Durante o período de repouso forçado, examinei-me a mim própria e ao meu passado e fiz certas descobertas sobre a maneira como a minha vida tomara forma. Vi que o estado de transe poderia fazer parte do padrão do meu próprio desenvolvimento. Comecei a compreender como a dor e o sofrimento dos meus primeiros dias me tinham feito retirar do mundo das pessoas.

De facto, conseguira retirar-me tão completamente que, embora visse os lábios da minha tia a mexer enquanto me repreendia, nenhuma palavra do que ela dizia penetrava no meu ouvido. Lembrava-me de como, quando a dor ou o castigo se tornavam quase insuportáveis, eu podia recolher-me em mim mesma e ficar entorpecida, anulando os efeitos dolorosos. Recordava também a repetição do “apagamento” ou amnésia que ocorrera nos primeiros anos do meu primeiro casamento e durante os episódios trágicos da morte dos meus filhos.

Também estes eram formas de fuga. Ao longo da minha vida, desenvolvera inconscientemente a técnica da fuga para evitar o sofrimento. Podia agora perceber como esta prática talvez tivesse preparado o caminho para o desenvolvimento do estado de transe.

Lembrei-me da cigana que primeiro me ensinara a ler as cartas, a ver presságios no vidro escuro e a colher significados nos padrões da

areia — tudo isso estimulava níveis da minha consciência —, símbolos sob os quais agora eram discerníveis valores mais profundos. Nas minhas tentativas de compreender estas percepções, a imaginação operava o meu ser sensorial e, brevemente, entre o meu ver e a superfície sobre a qual fixava o olhar, visualizavam-se áreas onde diferentes padrões surgiam, moviam-se e desapareciam: acontecimentos fragmentários, alguns estranhos e desconhecidos.

Em breve a consciência ultrapassaria a imaginação, e aquele estado de alerta interior a que me referi sobreviria. Figuras imensas e coloridas moviam-se rapidamente diante da minha visão interior como num palco; palavras e frases saíam do ar; forma após forma aparecia e desaparecia, rápida e inexplicavelmente, mas o aparatoso caleidoscópico tinha sempre uma sequência e um significado.

Assim, revele o panorama da mente interior, cheio de significados e banalidades. Sabia que os pensamentos eram coisas, formados pelo propósito e pelo poder de quem os cria, e que são capazes de transformar a vida das pessoas, das comunidades ou do próprio mundo — como, por exemplo, a ideia de Colombo de que, navegando para oeste, poderia alcançar o fabuloso Oriente.

Todo o objeto criado traz a marca e a qualidade da vida daquele que o fez, como o pincel inconfundível de uma pintura de mestre ou a pátina do esmalte incomparável de um grande ceramista. Mesmo no mercado, as diferenças de qualidade são reconhecidas, e em níveis mais profundos de percepção tornam-se discerníveis valores mais subtis na natureza das coisas.

Foi neste ponto que comecei a sentir um crescente sentido de mudança iminente, uma inquietação crescente. Estava a sofrer de uma overdose de filosofias e concluí que um eu unificado poderia ser mais facilmente realizado num novo país. A própria ideia era em si estimulante. A obediência à vontade interior significava contínuo sacrifício dos excitantes acontecimentos externos da vida.

Esta, pois, era a resposta. Deveria ser verdadeiramente virtuosa e remover todos os padrões existentes de conflito começando uma vida num novo país onde a reorientação seria em si mesma uma educação intrínseca para as emoções. Pensar era agir. Quando o meu marido regressasse, eu iria o mais longe possível de Inglaterra e encontraria libertação de todo o passado num ambiente novo e num novo país.

CAPÍTULO DEZ

ESTUDO SÉRIO

Um dia, tendo tudo arranjado para a minha partida, saí para comprar bilhetes para a Austrália. O meu caminho passava por Southampton Row, a poucos passos da sociedade espiritualista. Senti um forte impulso de visitar a secretária da sociedade, que fora muito compreensiva. Um destino mais forte do que a minha própria decisão estava em ação, pois esta visita mudou o curso da minha vida.

A secretária ficou contente por me ver e exprimiu o seu pesar por eu ter abandonado o interesse pelos assuntos psíquicos. Insistiu muito na importância de continuar o meu treino e contou-me que, recentemente, enquanto estava sentada com a conhecida médium de transe sra. Osborne Leonard, a personalidade de controlo “Feda” lhe dissera que voltaria a encontrar-me e seria instrumental em ajudar-me a prosseguir os meus estudos. A princípio resisti à ideia, mas a sua sincera genuinidade levou-me a prometer que, pelo menos, veria outra amiga dela, que sabia muito sobre o assunto, antes de tomar qualquer decisão final.

Foi assim que vim a conhecer a sra. Kelway Bamber, que me disse que também ela fora informada pela controladora da sra. Osborne Leonard de que me encontraria e ajudaria no meu дальней desenvolvimento psíquico. A sra. Kelway Bamber era uma mulher muito capaz e de forte personalidade. Vivera muitos anos na Índia, era

ela própria sensitiva e recebera uma série de cartas escritas automaticamente pelo seu filho morto, Claude, que já tinham sido publicadas. Fiquei impressionada com a sra. Kelway Bamber.

Pareceu-me uma mulher de inteligência fina e perspicaz, nada dada a imaginações desvairadas ou declarações sensacionalistas. Estava ansiosíssima por ajudar e, quando soube que a personalidade de controlo era alegadamente oriental, sentiu que poderia auxiliar “ele”, pois tinha uma profunda compreensão e simpatia pelo Oriente e pela sua filosofia. Fiquei intrigada com este novo desvio e adiei a viagem por algum tempo. A sra. Kelway Bamber arranhou que eu conhecesse grupos esotéricos em Londres e que o transe fosse examinado por eles, em grupo ou individualmente.

Caía facilmente num estado auto-hipnótico e, aparentemente, o controlador “Uvani” manifestava-se e falava. Segundo todos os relatos, estes primeiros experimentos continham provas de que “Uvani” poderia, com o tempo, dar provas relativas à sobrevivência após a morte. Isso, descobri, era o único assunto que interessava à maioria dos grupos. Entre as pessoas proeminentes que conheci nessa altura estava a sra. Hewat McKenzie, que, com o marido, fundara e organizara o British College of Psychic Science. Fiquei impressionada com a sua honestidade e inteligência e também com a sua abordagem cautelosa ao espiritualismo, embora aceitasse as suas doutrinas. Sugeri que eu conhecesse o marido, que tinha reputação de ser uma autoridade em fenómenos psíquicos.

Hewat McKenzie tinha uma personalidade notável. O seu sentido de humor e o acolhimento generoso fizeram-me sentir à vontade e, à medida que o fui conhecendo melhor, percebi que ele tinha maiores conhecimentos de assuntos psíquicos do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse. Quando sugeri um experimento para que pudesse julgar a natureza e a qualidade da minha personalidade de controlo, “Uvani”, senti alívio e prazer por ter outra opinião objetiva. O sr. McKenzie acabou por me dizer que eu possuía potencialidades para

me tornar uma médium de transe, desde que estas capacidades fossem devidamente treinadas.

Observou ainda que eu tinha um poder psíquico indubitável que se manifestaria de qualquer modo, mas sublinhou o facto de que, na mediunidade de transe, o mais importante era o treino e desenvolvimento adequados do controlador. Durante todo o período do meu desenvolvimento, ele foi a primeira e única pessoa que pareceu compreender que a qualidade espiritual e o nível das comunicações expressas através do transe dependiam do grau de desenvolvimento mental e espiritual da personalidade de controlo, bem como do grau de responsabilidade que a própria pessoa assumia por ele.

Hewat McKenzie foi o único que se recusou a aceitar um pronunciamento de uma personalidade de controlo como inevitavelmente a palavra de algum “poder superior”. Explicou que, na sua opinião, as possibilidades da mediunidade de transe tinham sido desperdiçadas e permitido deteriorar-se ao longo dos séculos, de modo que as médiuns de transe passaram a funcionar principalmente em níveis emocionais e sentimentais. Isso devia-se ao facto de, quando um controlador fazia a sua primeira aparição, ninguém o considerar uma personalidade que ela própria precisava de ajuda e treino para compreender o mais alto uso da sua própria função. Explicou que uma personalidade de controlo é apenas um intérprete do que lhe chega de outros estados de consciência e que, portanto, cada controlador tem de ser ensinado a fazer o uso mais puro dos seus poderes e a transmitir apenas os níveis mais altos de verdade que lhe estão disponíveis.

Esta atitude de Hewat McKenzie lançou uma luz diferente sobre as possibilidades da mediunidade, e senti que com a sua ajuda poderia encontrar uma compreensão mais clara das minhas capacidades psíquicas. Vim a valorizar e a confiar na amizade e simpatia de Hewat McKenzie e da sua esposa, e decidi inscrever-me para formação sob a direção conjunta deles no British College of Psychic Science.

Hewat McKenzie considerava que as filosofias mais profundas dos primeiros mestres e a inspiração de todas as grandes escrituras através dos tempos tinham sido recebidas e canalizadas através da mente passiva. Sublinhava a responsabilidade que a posse deste poder colocava sobre mim e insistia em como era necessário que eu exercesse cuidado e controlador sobre os meus hábitos diários de vida. O que eu tinha de fazer era levar uma existência simples e controlada, uma vida tranquila e harmoniosa, livre de excessos ou indulgências de qualquer tipo, e assegurou-me que, sob tutela, a personalidade de controlo poderia ser treinada para cuidar bem dos outros aspetos da minha mente.

Mostrou uma compreensão profunda da natureza do consciente. Considerava-o como contendo toda a memória do homem, tendo a forma de um vácuo que tudo atraía para si. A mente consciente considerava-a como uma expressão superficial e contínua, num nível, do que estava a ser “padrão” no subconsciente profundo. Para Hewat McKenzie, a natureza do homem e o seu subconsciente eram um só. Acreditando que o subconsciente absorvia impressões de tudo no seu ambiente, estabeleceu regras para a proteção do meu eu subconsciente enquanto treinava a minha mediunidade.

Explicou o perigo de turvar ou interferir com o meu próprio funcionamento claro e proibiu qualquer tentativa, nesta altura, de abrir outros aspetos das minhas perceções. Insistiu que eu evitasse toda a leitura sobre assuntos filosóficos e ocultos. Prestou especial atenção aos métodos pelos quais o controlador devia apresentar as suas provas, enfatizando que trouxesse tipos de informação o mais afastados possível do conhecimento consciente do investigador.

Acreditando que tanto a sugestão como a hipnose podiam ajudar a produzir uma separação mais profunda entre as mentes consciente e subconsciente, criando assim uma condição na qual o subconsciente ficaria livre das influências das condições externas, considerava ambas estas técnicas valiosas. Com o subconsciente assim libertado

dos efeitos exteriores, o controlador teria um canal claro através do qual trabalhar.

Assim, durante alguns anos trabalhei sob os cuidados e direção do sr. e da sra. McKenzie. Uma vez por semana, durante este período, sentava-me com o sr. McKenzie para o desenvolvimento do subconsciente e para a sua orientação em fases que não estavam relacionadas com o tipo de comunicações que provavam a “sobrevivência”. O meu trabalho no Colégio limitava-se a um ou dois compromissos por dia e, seguindo o conselho do sr. McKenzie, exclui todos os outros aspetos da atividade psíquica. Nestes anos construí uma reputação como médium de transe e, pelos registos feitos, parece que as minhas declarações em transe tratavam de sobrevivência, de precognição e até de percepções clarividentes no estado de transe.

Durante os anos em que o sr. McKenzie treinou a personalidade de controlo, nunca aceitei plenamente para mim a realidade da existência do controlo. Em conflito mental, exprimia frequentemente as minhas dúvidas sobre a individualidade de “Uvani” e a minha suspeita de que ele poderia não ser uma personalidade separada, mas apenas um desdobramento do meu próprio subconsciente. Tanto o sr. como a sra. McKenzie ficavam indignados com esta sugestão e disseram-me francamente que eu não estava em posição de julgar a realidade da existência do controlador, o que era verdade. Neste estado de dúvida, referia-me muitas vezes à personalidade “Uvani” de forma jocosa, o que chocava o sr. McKenzie, que levava a mediunidade muito a sério.

À medida que continuei no British College, familiarizei-me com as reações das pessoas que me procuravam lá e comecei a questionar como estas pessoas utilizavam a informação que recebiam. Com o tempo, comecei a diferenciar os seus tipos. Havia alguns que vinham porque eram atraídos por um desejo sincero de comunicar com alguém querido que tinha morrido. Mas descobri que muitas das pessoas que consultam médiuns utilizam as sessões como um opiáceo e não como uma ajuda para uma vida mais responsável. Havia aqueles que vinham

com um desejo puramente pessoal e egoísta de receber mensagens de consolação e encorajamento. Essas mensagens nem sempre apareciam e, quando isso acontecia, ao acordar do meu transe era-me perguntado indignadamente se eu alguma vez conseguia dar resultados satisfatórios.

Isto perturbava-me, pois nunca podia garantir resultados, e comecei a sentir a futilidade de continuar o trabalho a este nível. Tais respostas não tinham nada do sentimento elevado e da profunda significância com que Hewat McKenzie abordava toda a empreitada. Tendo em conta isto, juntamente com a minha própria falta de convicção na realidade de “Uvani” e a minha incerteza de que as comunicações transmitidas pelo controlador fossem necessariamente dos alegados mortos, o meu profundo interesse começou a esmorecer.

Contudo, continuei o meu trabalho como médium de transe no Colégio até à morte de Hewat McKenzie em 1929. A sua morte removeu a única pessoa cuja atitude elevada em relação aos assuntos psíquicos tornara possível um interesse sério no desenvolvimento da mediunidade de transe. A sua qualidade sustentara-me até então e continuou a sustentar-me nos anos que se seguiram. Toda a integridade e sucesso que consegui alcançar no uso de sensibilidades supranormais devo-o à paciência incansável e à elevada fé deste homem incansável e corajoso.

Após a morte de Hewat McKenzie, pareceu-me impossível continuar o meu trabalho no Colégio. Contudo, encontrava-me tão profundamente comprometida como médium de transe que não podia retirar-me facilmente dessa atividade. Decidi, portanto, prosseguir com vários outros grupos filosóficos bem conhecidos. Deste modo, esperava obter contactos mais variados no campo psíquico e alcançar uma compreensão mais clara dos tipos de pessoas atraídas por essas outras filosofias. Descobri que os seus interesses e motivações não eram mais profundos do que os interesses daqueles que frequentavam o Colégio.

Aqueles que procuravam provas durante um período de tempo pareciam ficar bastante satisfeitos com as comunicações que recebiam, mas concluí, pela minha própria observação, que, em vez de ganharem força e independência como consequência, tornavam-se mais emocionais e pareciam menos capazes de pensar e decidir por si próprios. Isto perturbava-me, pois parecia-me indicar um enfraquecimento gradual da sua fibra mental e moral.

Gradualmente, desenvolvera um sério sentido de responsabilidade pelos efeitos das comunicações em transe. Via que era, de alguma forma, responsável pelas consequências do material do qual eu era o canal de transmissão. Não conseguia escapar à impressão de que a deterioração, em vez da melhoria, se manifestava em muitas das pessoas que procuravam provas, e comecei a sentir uma repulsa pela minha participação na produção de tais resultados. Perguntei-me se não deveria abandonar a mediunidade para sempre. A minha filha estava feliz na escola, longe de casa, e comecei a considerar uma nova fase de vida para mim própria.

Então, como tantas vezes antes, adoeci novamente, e duas operações graves suspenderam todas as minhas atividades durante muitos meses. Os médicos observaram que eu retardava deliberadamente a minha recuperação ao “ocupar” a mente com demasiadas coisas. No entanto, durante esta longa doença, voltei a viver perto do meu próprio ser, contente por me imergir novamente no reino das duas mentes e esquecer os problemas que o trabalho em transe mantinha constantemente diante de mim.

Durante a convalescença, tive tempo para explorar mais o meu mundo de luz, som e movimento, e descobri que a cor tinha poder para curar. Por exemplo, ao usar certas cores, podia produzir efeitos estimulantes, e comecei a contemplar o uso e o valor da cor para estabelecer o ímpeto e o equilíbrio de algumas fases da minha vida. De facto, durante este período fiz muito para me revitalizar através desta nova compreensão e, quando os meus amigos me viram novamente após longos meses de doença, ficaram espantados com a

impressão vívida de novo vigor que eu por vezes exibia, embora a minha recuperação física ainda não estivesse consolidada.

Tive também tempo para examinar a minha atitude em relação ao meu casamento, que continuara de forma civilizada e amigável. Era como se tivéssemos estabelecido um pacto de amizade entre nós e estivéssemos contentes por sermos compreensivos e não nos perturbarmos um com o outro. Havia estradas sem número à frente, e frequentemente uma voz cortava até ao meu coração como um relâmpago invisível — uma voz que me lembrava que eu estava a encontrar apenas uma parte de mim própria face a face e que ainda não tomara o leme do navio que só eu devia guiar.

Muitas vezes o desespero vinha sufocar as correntes de vida que pulsavam dentro de mim e exigiam ação. Mas eu ainda mantinha os sentidos presos e, em consequência, tornava-me mais culpada pelo conhecimento mais profundo de que nunca dera o suficiente de mim ao casamento. Contentara-me em seguir uma certa rotina de ação como a sombra segue a lâmpada em movimento. Contudo, tinha a certeza absoluta de que a automortificação não trazia resposta e, quando finalmente recuperei, foi com a decisão de que seria verdadeiramente uma companheira e uma esposa em vez de uma mulher que alimentava a decepção porque o casamento não continha grande cumprimento.

No entanto, não era para ser. O meu marido tinha ideias diferentes e não estava minimamente interessado em ouvir que eu estava disposta a dedicar «o trabalho de uma vida inteira» para que o amor fosse tudo, pois esta resposta no meu coração chegara demasiado tarde e não podia criar a leveza aérea com que eu descartara o casamento nos anos passados.

Muito gentilmente, disse-me que encontrara a mulher mais perfeita, mas hesitara em falar disso porque não queria magoar-me. Desprezei-me um pouco por o meu próprio impulso inconsciente em direção à liberdade me ter cegado para as suas necessidades mais

profundas. Assim, já não era necessário render-me a um voto. O meu marido, ao libertar-se, libertou-me dele.

Agora sentia-me livre para fazer um teste final da minha atitude em relação à minha atividade como médium de transe, e regressei a esse trabalho. Até essa altura, “Uvani” fora o único controlador que transmitia mensagens no meu estado de transe, mas agora disseram-me que uma nova personalidade falara através de mim. Chamava-se “Abdul Latif” e afirmava ser um médico e astrónomo persa que vivera no século XII e estivera associado à corte de Saladino. Desde então, permanecera para estender o seu trabalho a muitas pessoas interessadas em saúde e cura. “Abdul Latif” já era conhecido de Sir Arthur Conan Doyle e de outros.

Trabalhara através de vários sensitivos em diferentes partes do mundo antes de se revelar através de mim, e continua a fazê-lo até ao presente. Quando soube pela primeira vez da sua aparição, temi que esta nova manifestação pudesse indicar uma nova divisão na minha própria personalidade e, embora observasse o meu estado físico, tanto quanto possível, para descobrir se havia consequências perturbadoras desta nova associação, não encontrei nenhuma.

Pelos relatos dos outros, concluí que o nível das comunicações em transe mudara com a introdução de “Abdul Latif”. Ele ocupava-se de cura e filosofia e discutia tanto problemas espirituais como filosóficos, mas, ao contrário de “Uvani”, dedicava pouco tempo à prova da sobrevivência.

Sempre precisara de encontrar as minhas próprias respostas para os meus problemas e, neste caso, cheguei finalmente à conclusão de que o nível da comunicação mudara porque as necessidades e desejos das pessoas que agora indagavam eram diferentes. Comecei a compreender que a mente subconsciente podia alcançar muitos níveis e, se isso fosse verdade, via duas conclusões possíveis para o problema da mudança que ocorrera. Ou as personalidades de controlo eram partes do meu subconsciente, ou o subconsciente poderia ser muito mais vasto e profundo do que alguém até então imaginara.

Era-me impossível determinar este problema subtil e extenso. Estava a dar resultados satisfatórios, mas não podia aceitar franca e plenamente o significado que a maioria das pessoas lhes atribuía. Ocorreu-me reunir mais provas para mim própria a partir dos trabalhos de outros. Podia fazê-lo justificadamente, pois a minha própria mediunidade estava firmemente estabelecida. Assisti a várias sessões tanto de fenómenos mentais como físicos e, embora tenha visto muitas manifestações notáveis, não encontrei o que procurava para a minha própria clarificação.

Havia quem sugerisse que a separação na minha personalidade devida ao uso do transe poderia ser a causa das minhas muitas doenças. Esta implicação, juntamente com incertezas interiores, determinou-me finalmente a abandonar o meu trabalho como sensitiva. Os amigos protestaram e não podiam acreditar que, tendo levado a cabo os meus experimentos mediúnicos com sucesso durante muitos anos, eu os abandonasse agora. Alguns, muito preocupados, encarregaram-se de discutir o assunto com as personalidades de controlo, que fizeram pouco caso da minha intenção, declarando: «Isto é apenas um passo no seu ulterior desenvolvimento. Ela passará por isto, mas não abandonará, como pensa, o seu trabalho experimental.» Contudo, prossegui com os meus próprios planos.

Então, um dia, ouvi novamente uma voz, sem tom e fria, que me dizia: «Aproveita ao máximo a tua felicidade; ela não pode durar.» Estremeci, recordando o aviso que previra a morte do meu filho. Este aviso atual aplicava-se, pensei, não só ao meu sentimento de liberdade ao abandonar a mediunidade, mas também à minha determinação em encontrar alguma felicidade pessoal e casar novamente.

A vida era maravilhosa e tudo progredia suavemente nessa direção até ao dia em que foram publicados os editais do casamento. Nesse dia, tanto o meu noivo como eu adoecemos subitamente. Ele, com um arrepio, desenvolveu pneumonia séptica, e eu fui levada para o hospital com uma mastoidite ativa e apêndice roto. Fui operada à apendicite e, poucos dias depois, recuperara força suficiente.

Disseram-me que o meu noivo morrera. O choque causou uma recaída grave e agravou a condição do ouvido e da garganta, tendo eu de ser submetida a outra operação, desta vez à garganta.

Muito depois de eu ter recuperado, o meu próprio médico contou-me que os médicos e enfermeiros na sala de operações tinham ouvido claramente os tons de uma voz que falara logo após eu ter ficado inconsciente devido ao anestésico. Ninguém parecia saber exatamente o que a voz dissera, mas o meu médico, que estivera na Índia na juventude, disse-me que reconhecera certas palavras em hindustani, pronunciadas numa voz imperiosa.

Eu não tinha conhecimento de nenhuma língua oriental e, em todo o caso, no momento em que a voz falara, a operação já começara, pelo que teria sido impossível eu proferir uma palavra. O meu médico ficou tão impressionado com o acontecimento que preparou uma carta de verificação para os interessados, registando as circunstâncias exatas do ocorrido. G. R. S. Mead, o conhecido erudito que frequentemente comunicava com “Abdul Latif” através da minha mediunidade e também através de outros, relatou que fora informado por “Abdul Latif” de que estivera presente na sala de operações durante a minha operação.

Uma noite, muito derrotada e fraca, deitada no meu quarto de hospital, apercebi-me do escoamento da minha vitalidade até ao ponto de perder a consciência. Perguntei-me: seria isto a morte? Então percebi que o roupeiro encostado à parede em frente da minha cama oscilava, enquanto sons crepitantes e explosivos vinham daquela direção. Aterrorizada, toquei para a enfermeira. No momento em que ela entrou, as manifestações cessaram. Expliquei-lhe o que acontecera e supliquei-lhe que ficasse comigo.

Ela ficou um pouco — para me agradar, suspeito —, mas mal saíra do quarto, o roupeiro começou a tremer e uma violenta explosão interior abriu-lhe as portas de par em par. Mal conseguindo tocar na campainha, fi-lo e desmaiei. Levei vinte e quatro horas completas a recuperar a voz ou a superar os efeitos desta experiência. A enfermeira

contou ao meu médico que, no corredor lá fora, ouvira o ruído explosivo que ocorrera no meu quarto e que, ao entrar a correr, me encontrara inconsciente. Seja qual for a natureza real do acontecimento — e até hoje não tenho explicação segura —, a experiência aumentou as minhas sensibilidades.

Durante a convalescença, tive muito tempo para considerar o meu futuro. Agora desfizera-me dos meus casamentos e tinha de perguntar-me por que razão, uma vez alcançada a liberdade, desejaria casar novamente. A resposta tornou-se muito clara quando a procurei. O zelo que exercera inicialmente para fazer do casamento um vínculo místico e sacramental acabara por me derrotar.

Se tivesse sido mais madura, teria aceitado o casamento num nível menos romântico e ter-me-ia saído melhor. O esforço implacável, porém, impeliu-me a tornar a formalidade material uma experiência significativa, única e quase sagrada. O que faltava à cerimónia de casamento em emoção, eu estava determinada a que fosse cumprido por um esforço incessante. A fórmula mística provinha muito provavelmente da minha Bíblia; o calor e o esplendor da imaginação fizeram o resto!

Além disso, lembrava-me de que sempre quisera dar. As “poupanças” dos meus tempos de escola eram dedicadas às necessidades dos outros, e os meus casamentos posteriores surgiram porque aconteceram em momentos em que os homens com quem casei precisavam de mim. No momento em que a necessidade era satisfeita, eu começava a perder o interesse. Nos meus sonhos de infância sobre crescer, o meu mundo adulto estava povoado de muitas crianças.

Quando perdi os meus filhos, voltei-me automaticamente para o serviço social e suspeito que os maridos se identificaram com a minha própria necessidade profunda de dar e servir. Nunca me ocorreu depender da sua força superior, considerá-los como provedores ou seres a quem eu fosse moralmente responsável. O meu eu intuitivo exigia que eu encontrasse sempre a felicidade no trabalho e que a

estrada à frente, fosse o que fosse que trouxesse, tivesse de ser forjada pelos meus próprios esforços.

Quaisquer que fossem os meios que usasse nas minhas relações com o mundo externo, estava relacionada com ele apenas pela intuição. Esta fora o fundamento indispensável em todos os momentos, até parecer que me fora entregue a mim própria através da intuição e que me tornara dual nas minhas motivações, o sujeito bem como o objeto. Não podia, neste ponto, mais do que posso agora, ver qualquer fixidez ou permanência numa relação que não dependesse da necessidade e da compreensão espiritual. Assim, acontecia frequentemente que o “eu” intuitivo via o início e o fim de uma situação como um só, enquanto o “eu” mais personalizado decidia representar a peça no mundo das circunstâncias externas.

Quando finalmente compreendi que a cerimónia de casamento teria sempre de permanecer simbólica para mim, soube que não voltaria a contemplar o casamento.

Passaram-se meses antes de eu me ter recuperado suficientemente desta doença prolongada para considerar seriamente o meu futuro. Parecia não haver escapatória ao meu destino psíquico. Os meus amigos instaram-me a regressar aos meus experimentos, mas decidi que, se o fizesse, teria de ser de uma maneira nova e muito diferente. Determinei que usaria a comunicação em transe para fins de investigação objetiva séria, pois a aparição — se é que o era — de “Abdul Latif” no teatro de operações e a violenta explosão no quarto do hospital levaram-me a acreditar que havia princípios subjacentes aos fenómenos que ainda tinha de descobrir. Mal tomara esta resolução, o caminho para prosseguir apresentou-se de uma forma quase milagrosa. Recebi um convite para visitar Nova Iorque e trabalhar sob os auspícios da American Society for Psychical Research.

CAPÍTULO ONZE

VIAGEM TRANSATLÂNTICA

Embarquei para os Estados Unidos no outono de 1931 e passei alguns meses em Nova Iorque, demonstrando mediunidade de transe. Esperava que a Sociedade Americana fosse muito mais científica na sua abordagem, especialmente porque conhecia as excelentes contribuições para a investigação psíquica feitas pelo Professor Hyslop e pelo Dr. Walter Franklin Prince. Contudo, nessa altura, havia pouca tentativa de manter registos objetivos das investigações.

Visitei também a Costa Oeste e descobri que também aí a investigação objetiva era quase inexistente, embora tivesse tido o prazer de realizar alguns experimentos com vários grupos, incluindo os de Hamlin Garland e Stewart Edward White. Nessa altura, apresentou-se uma oportunidade de trabalhar na Johns Hopkins, onde passei algum tempo em análise. Contudo, os resultados destes estudos só foram publicados treze anos mais tarde.

Muitos destes ensaios foram descritos como sendo telepáticos, mas eu suspeitava que ainda não conseguira separar estas perceções subtis e, embora me pedissem frequentemente que explicasse como trabalhava, gostava de examinar o método e o significado dos fenómenos para minha própria melhor compreensão.

Em estado precognitivo, concebo estar fora do tempo, como fazia na infância quando esperava sem fôlego para examinar os movimentos espirais de cor e luz.

Então, como agora, as longas inspirações, juntamente com uma contração dos músculos, preparavam-me para um estado que inconscientemente evoluíra para acalmar o consciente e assim permitir que todos os sentidos, trabalhando intensamente em uníssono, alcançassem o objetivo desejado. Nesse estado de alerta, concebo o ontem, o hoje e o amanhã como uma única curva, e na inspiração

retida o tempo perde realidade e o passado e o futuro estão presentes num único instante.

Embora a imaginação desempenhe um papel no início dos experimentos, a sensação pode ser comparada à de um pombo a circundar para se orientar ou à atenção alerta de um animal que persegue a sua presa. A intensificação do desejo acelera e exalta os sentidos até que se pode realmente imaginar o ardor do mar na pele, cheirar o perfume das flores, ver os pássaros em voo e ouvir o bater das ondas contra a costa — e, no entanto, estar simultaneamente no inverno num local e registar o verão na região das próprias percepções interiores.

O fenómeno aparece como a formação gradual de uma imagem a partir de um fundo azul profundo ou nebuloso. Por vezes nem sequer é uma imagem. Pode ser um som, uma intuição profunda ou uma certeza sobre algo de que momentos antes não se tinha conceção. Este processo não é indefinido, mas quase elétrico na sua receção.

Sabe-se.

Enquanto a linguagem escrita requer um olho para observar e identificar, a linguagem não escrita traduz-se a partir de uma luz interior que necessita de uma sensação externa de passividade mas de uma percepção interior muito ativa, fazendo com que as cognições mais delicadas se traduzam em ideias. Nesse sentir, o pormenor mais minúsculo torna-se importante. As iniciais destacam-se tão grandes como uma janela, enquanto um miniatura pode assumir as dimensões de um grande retrato. O estado fluido e flexível em que nos encontramos regista em tempo incrivelmente rápido e muitas vezes em forma quase surrealista, fundindo objetos ou sugerindo-os por sabor ou cheiro. Nem sempre consigo dizer através de qual órgão estas impressões delicadas começam a manifestar-se primeiro, embora esteja certa de que uma observação mais aguda destas sensações levará a uma “regularidade”.

Para ilustrar o que quero dizer, permitam-me explicar as condições de um teste que me foi arranjado por um conhecido analista em Nova Iorque com um médico em Terra Nova. Estavam presentes dois anotadores, bem como os participantes e observadores na casa do analista de Nova Iorque. (Posso também mencionar que nunca antes estivera nessa casa, nem na do médico de Terra Nova, que nem sequer conhecera.)

Quando entrei no estado telepático, encontrei-me fora de uma casa, onde pude ver tanto o jardim como o oceano — sentir a atmosfera húmida e ver pequenas flores a crescer na berma entre as rochas que ladeavam o caminho até à porta, e além da porta sabia que havia uma escada. Depois, podia realmente ver um homem a descer lentamente. Falando em voz alta como se sentisse a minha presença, ouvi-o dizer: «Penso que isto será um experimento bem sucedido.» As palavras soavam como uma voz sem tom a curta distância. Presa nos seus movimentos, observei-o como uma pessoa hipnotizada poderia fazer, enquanto ele se aproximava de uma mesa. Aí parou por um momento como que para focar a minha atenção. Os objetos na mesa, bem como o homem, eram agora visíveis.

Depois de os ter descrito, desvaneceram-se e soube que o médico voltava a falar-me. «Apresente as minhas desculpas ao grupo. Tive um acidente e não posso trabalhar como esperava.» Impelida a examinar o seu rosto mais de perto, vi que ele levantava uma mão e apontava para uma ligadura à volta da cabeça. Caminhou lentamente em direção a uma estante, mas antes de lá chegar o título de um livro de Einstein surgiu na minha mente. Ele olhou para um volume.

Não sabia se estava a ler em voz alta, mas, como um relâmpago invisível, a impressão do que ele lia revelou-se. Depois dirigiu a minha atenção para vários objetos, incluindo duas fotografias, na outra mesa. «Mas estas», disse ele, «estão na casa do experimentador de Nova Iorque, que foi recentemente redecorada, e as fotografias não estão onde ele as viu da última vez.»

Aqui terminou o experimento, e os observadores afirmaram que durara quinze minutos. Foi descrito no relatório emitido como um estudo em telepatia, mas se eu tivesse confiado apenas na telepatia, não teria sido completo. Pois, embora pudesse ter captado os pensamentos na mente do experimentador bem como o sentido das palavras que me dirigia, sem clarividência e clariaudiência não teria podido ouvir a voz do médico nem ver os objetos.

O registo foi verificado e enviado para Terra Nova, mas entretanto recebeu-se um telegrama descrevendo o acidente do médico, que ocorrera pouco antes de começarmos o nosso experimento. Alguns dias depois chegou uma carta listando os passos do experimento executados pelo médico de Terra Nova, provando que eu conseguira justificar as suas esperanças num resultado bem-sucedido. Viram a série de objetos dispostos na mesa e notei com sucesso o livro, o seu título e assunto, e além disso reconheci que ele se projetara na casa do analista de Nova Iorque, pois mencionara mudanças feitas poucas semanas antes noutra parte da casa.

Durante este período, realizei também outros experimentos com Hereward Carrington, o conhecido investigador psíquico, numa tentativa de testar a validade das personalidades de controlo como separadas da minha própria. Para este fim, foram usados dois tipos de teste — medição por reações psicogalvânicas e os conhecidos testes de associação de palavras. Caso as reações das personalidades de transe e as minhas fossem diferentes, então presumivelmente essas personalidades não estariam a extrair da mesma fonte subconsciente que eu e, portanto, as mentes dos dois controladores poderiam ser consideradas psicologicamente separadas da minha.

Os experimentos, até onde foram, mostraram certas diferenças impressionantes nas respostas, mas seria necessário um estudo mais intensivo para tirar conclusões finais quanto à ligação das personalidades de transe com a minha mente subconsciente. Na primavera seguinte, regressei a Inglaterra para repetir estes mesmos experimentos com vários grupos em Londres e para reverificar alguns

dos trabalhos que tinham sido iniciados com Hereward Carrington e outros na América.

NOTAS SOBRE A VALIDADE DOS CONTROLADORES

Após este período de experimentação, não encontrei ninguém muito interessado em encorajar-me a uma investigação mais profunda da minha mediunidade mental, pelo que regressei ao trabalho com as sociedades inglesas. Então aconteceu algo extraordinário. Depois de ter obtido resultados bem-sucedidos durante vários anos, descobri agora que era incapaz de os produzir. Perguntei-me se a minha mediunidade de transe estaria a chegar ao fim. Muitas pessoas que não tinham sido compreensivas com a minha necessidade de investigação científica sentiram honestamente que o meu período de experimentação provavelmente interferira com as atividades de transe.

De uma delas soube que “Uvani” manifestara relutância em dar conselhos sobre assuntos puramente pessoais. Ao longo de muitos anos, sublinhara ele, dera provas de sobrevivência após a morte, e chegara o momento de lidar com os aspetos mais sérios da vida. Interessou-me esta declaração, pois voltava a colocar a questão da identidade e do verdadeiro significado dos controladores e da minha relação com eles.

Esta relação nunca me trouxera paz de espírito completa. Nunca aceitara plenamente os controladores como realidades, mas tinha a certeza de que algum poder inexplicado operava através de mim na produção de manifestações supranormais. Conseguira relegar “Uvani” para as sombras ténues como “algo” que ajudava os meus experimentos, mas agora já não conseguia produzir facilmente os resultados dos quais os estudos dependiam. O desejo expresso por “Uvani” de não continuar a cooperar parecia estar em sintonia com os meus próprios pensamentos, e perguntei-me com toda a seriedade qual

seria a natureza do controlador. Teria ele alguma realidade independente e, se sim, como poderia eu penetrar no meu próprio subconsciente e encontrar a resposta?

Durante vários anos atuara como canal através do qual alegadamente se estabelecera comunicação entre os vivos e os mortos, mas agora encontrava-me no ponto em que todo o processo era ou uma tremenda auto engano ou um método de revelação que nunca deveria ter sido tratado de forma casual.

Há muitos que exprimem o desejo de que eu chegue a alguma conclusão final sobre as personalidades de controlador. Há muito deixei de as encarar com dúvida, mas não consegui chegar a uma compreensão completa do seu funcionamento. Uma vez que continuam a ser consistentes na sua aparição, não tenho a ousadia de sugerir que uma parte da minha personalidade que no passado proporcionou a bênção da compreensão a muitos deva ser olhada friamente ou decidida arbitrariamente por mim. Contudo, o que estas mudanças de personalidade possam ser são questões que continuam a interessar-me, embora a minha própria atitude em relação a elas tenha sempre de permanecer fresca, espontânea e totalmente objetiva.

O transe, como o via então, operava com o propósito de alegada comunicação, porque era neste ambiente que a minha mediunidade recebera o seu impulso inicial. Se tivesse nascido noutra cultura — indiana, chinesa ou no Congo —, tornar-me-ia então o canal para um tipo de comunicação completamente diferente. Esta constatação levou-me a um reexame do processo pelo qual a comunicação é recebida. Assumindo que o controlador existe e funciona como a inteligência individual que afirma ser, então três personalidades estão envolvidas no processo de comunicação: o controlador, o médium e o investigador. Cada um está necessariamente condicionado pela sua própria experiência e tem o seu próprio ponto de vista consequente.

É isto que acontece num experimento típico. O investigador chega, o médium entra em transe e o controlador fala. Primeiro apresenta ao indagador a personalidade “morta” que está presente.

Suponhamos que este indagador veio falar com uma irmã falecida, sinceramente convencido de que isso é possível. O controlador descreve corretamente a irmã morta tal como era em vida e menciona o seu nome: “Prudence”. As declarações são reconhecidas como corretas.

Depois o irmão pode ser aconselhado a desfazer-se de bens familiares num futuro próximo. Trata-se de uma questão importante e evidencial para ele, mas antes de aceitar o conselho pede mais provas da identidade da irmã. Ela refere-se ao anel no dedo dele que pertencera à mãe deles; fala do acidente que lhe acontecera quando quase se afogou aos dezoito anos e descreve a morte do irmão mais velho após uma operação. Pede-se a “Prudence” mais provas e, por fim, onde e o que são as suas atividades atuais. Ela fala da sua felicidade, mas não entra em pormenores concretos sobre o seu ambiente.

Isto pode ser tomado como parte do relatório de uma sessão bem sucedida. “Uvani” foi questionado sobre o processo que utiliza na comunicação e afirmou que recebe mensagens por meio de impressões visuais e mentais cujo significado interpreta através da minha mente.

Sempre me inquietou a triste falta de pormenores que chegam ao indagador sobre o ambiente daqueles que partiram. Mas desde que uso as minhas próprias faculdades clarividentes, consigo compreender algumas das dificuldades. A mente trabalha com imagens e símbolos que dependem do indivíduo para a interpretação. O estado para além parece ser uma extensão desta vida ou, melhor, esta vida parece ser um reflexo espelhado da maior grandeza que nos rodeia. Ao refletir sobre este “outro mundo”, vejo-me sem palavras. O todo é uma forma de êxtase, uma exaltação ofegante em que cada parte do ser é captada e mantida em suspenso. É um estado em que todos os sentidos experimentam a emoção da beleza na luz, na cor e no ritmo rápido. Enquanto se está dentro da experiência, os sentidos trabalham juntos e não independentemente uns dos outros. É por isso que, na minha

opinião, é tão difícil juntar palavras que façam justiça adequada à experiência.

É verdade que vejo clarivamente os alegados mortos e recebo clariaudientemente impressões das mensagens que desejam transmitir. Estas recebo-as num processo de “luz” em que imagens e símbolos mudam tão rapidamente que a transmissão da experiência só pode ser esboçada, e também estes símbolos e experiências têm de depender da minha interpretação limitada. Só consigo comparar a experiência a visitar por um breve momento um país de grande beleza onde os costumes e a linguagem são completamente estranhos. Só se conseguiria comunicar uma impressão vaga e confusa da experiência.

Examinando mais o meu próprio processo clarividente, suspeito que posso extrair a energia e o conhecimento para construir as imagens do conteúdo subconsciente dos assistentes. Se assim for, é possível que o controlador faça o mesmo. Se isto fosse verdade, raciocinei, talvez não fosse necessário usar a personalidade de controlador para obter conhecimento supranormal. Neste estado de espírito, decidi dedicar mais tempo a compreender o estado clarividente.

Ao fazê-lo, percebi que, mesmo que seja possível alcançar outra dimensão ou nível de vida, continuo confinada ao uso da minha própria imagética e símbolos, e por isso perguntei-me se, ao contactar outra inteligência, alguma vez poderia compreender plenamente o que ela desejava transmitir. Se estas impressões posteriores minhas fossem corretas, então podia compreender que o estado de transe e os controladores eram muito necessários para obter o que pode ser chamado “conhecimento supranormal”.

Estas realizações representaram ao mesmo tempo uma libertação e uma iluminação para mim. Percebi um dos princípios básicos subjacentes à comunicação. A consciência é capaz de expansão indefinida e de fazer contactos em todos os reinos da mente que escolha procurar. A conceção desta capacidade de alcançar áreas de existência que se situam para além da fronteira do conhecimento

consciente é estimulante. Hesitei em ser demasiado positiva neste ponto, porque percebi que a maioria das pessoas treinadas e experientes interessadas na comunicação talvez não concordasse comigo.

Examinando o transe objetivamente, parece estar aliado ao sono, mas diferente, pois é usado por um estado de consciência aparentemente objetivo que tem consciência da sua própria identidade. Os níveis de onde chegam estas comunicações nunca foram adequadamente definidos. A pessoa em transe retira-se como no sono, e no entanto alguma medida de consciência deve continuar a operar, pois as perguntas presumivelmente chegam às capacidades auditivas, como na hipnose. Há outra ligeira diferença entre o sono e o transe.

No sono traz-se de volta frases e acontecimentos de sonho mais ou menos fragmentários que contêm material relativo à própria experiência, e a sensação comum é, portanto, que é do subconsciente que o material do sonho é trazido; mas do estado de transe regressa-se apenas com uma sensação de relaxamento e uma liberdade inata de restrição ou limitação, como se se tivesse ido para dentro de si em busca de refrigério, ou como se se tivesse rendido a um relaxamento completo da vontade, mas sabe-se, pelas evidências da atividade de transe, que níveis da mente estiveram alerta, transformando ativamente símbolos em pensamento ativo. A atividade de transe, tal como toda a atividade artística, começa onde a atividade prática culmina.

Num outro nível de consciência, o olho interior percebe e traduz a partir de um nível maior de conhecimento. A mente objetiva, por assim dizer, desprende-se da visão prática quotidiana, para transportar os sentidos para além das tensões e stresses até que a visão interior se torne o espectador sereno, libertado por um intervalo da experiência objetiva. De facto, a experiência de transe poderia não ter acontecido ao indivíduo (tão fácil é a transição) se não fosse pelo facto de as notas e as palavras do indagador explicarem a passagem do tempo.

CAPÍTULO TREZE

EXPERIMENTOS DE PES

Tinha trocado a atmosfera da Irlanda pela mais prosaica de Londres e pela mais excitante da América. Provara a minha capacidade como mulher de negócios e compreendera que o casamento era algo que exigia mais tempo e reflexão do que eu estava preparada para lhe dar. Desenvolvera e aprofundara as minhas faculdades psíquicas, mas ainda me faltava uma compreensão completa delas. O acaso levava-me à América e viajara extensivamente pelos Estados Unidos, regressando todos os anos, como um pombo-correio, à Europa. Procurava sempre algo — algo que me convencesse dos valores intemporais dos poderes psíquicos. Onde quer que fosse, o impulso por detrás da viagem era a minha preocupação com um desenvolvimento e investigação ulteriores.

Regressei, portanto, aos Estados Unidos. Ainda decidida a prosseguir a investigação científica dos fenómenos psíquicos, entrei em contacto com o Professor William McDougall, que se encontrava então na Universidade Duke, para indagar se estava a ser realizado algum trabalho objetivo na América. Ele informou-me que estudos no campo da parapsicologia estavam então a decorrer na Universidade Duke e convidou-me a participar nestes experimentos com o Professor J. B. Rhine.

Estava ansiosa por cooperar e, ao conhecer o Dr. Rhine, impressionei-me com a sua franqueza, simplicidade e entusiasmo. Mostrou-me os cartas especialmente concebidas que utilizava nos seus experimentos — as cartas de Percepção Extrassensorial (PES) que

desde então se tornaram bem conhecidas. Empregava o termo “Extrassensorial” para descrever qualquer tipo de percepção que não fosse atribuída ao funcionamento normal dos cinco sentidos humanos. Entreguei-me ao trabalho com entusiasmo, nunca duvidando de que seria simples para mim produzir resultados significativos através desta técnica.

Contudo, após alguns destes testes de cartas para clarividência, fiquei espantada ao descobrir que as minhas pontuações eram invulgarmente baixas. Naturalmente fiquei dececionada, mas como realizara com sucesso trabalho subjetivo em telepatia e clarividência durante muitos anos, reexaminei estas atividades psíquicas com nova penetração, tentando determinar por que razão produziria maus resultados com as cartas PES do Dr. Rhine.

Ocorreu-me então que a radiação estava no cerne das atividades supranormais. Concluí que a clarividência e a telepatia dependiam de uma emanção ativa que se registava entre duas pessoas ou entre um indivíduo e um objeto, e como as cartas PES careciam de “personalidade”, não estimulavam as minhas percepções. A clarividência (tal como a conhecia então) não pode ser dirigida perentoriamente a qualquer objeto particular. Posso ou não conseguir obter conhecimento clarividente sobre uma pessoa ou coisa específica.

Só o consigo se receber uma resposta de estímulo energético adequado do indivíduo ou objeto em questão. Quando este estímulo energético existe, sinto e vejo simultaneamente por meio de uma série de imagens animadas mas simples, como desenhos de criança. Depois de receber impressões e visões desta maneira, interpreto-as então para o ouvinte. O que recebo pode ser muito ou pouco. Isto depende do grau do estímulo energético que recebo e também da minha própria condição de sensibilidade psíquica no momento. Até então acreditara que tanto as pessoas como os objetos tinham de emitir um estímulo energético para me permitir trabalhar psiquicamente.

Sentia que as cartas PES do Dr. Rhine careciam do estímulo energético que me permitiria ver clarividentemente os seus símbolos.

De facto, parecia que o manuseamento das cartas e os seus símbolos inanimados inibiam, por enquanto, quaisquer poderes supranormais que eu possuísse. Por outro lado, ao trabalhar em testes de clarividência com o Dr. Rhine, descobri que, ao passarem pela mente de outro, os símbolos ganhavam vida. As minhas pontuações subiram de forma perceptível. Nos experimentos de telepatia, ficava liberta da concentração direta nas próprias cartas e conseguia receber os símbolos da mente do transmissor, onde adquiriam vitalidade e forneciam o estímulo energético necessário para a minha percepção.

Até esse momento trabalhara principalmente com personalidades que, consciente ou inconscientemente, me forneciam as chaves emocionais que sentia serem necessárias para abrir a porta das minhas sensibilidades. Agora sei que isto era simplesmente um hábito adquirido que não estava de forma alguma ligado às percepções. O que desde a infância via como um invólucro nebuloso que envolve cada organismo vivo tem um uso e propósito definidos como recetor e transmissor de substância vital por todo o universo, e nos últimos anos defini para mim própria esta aura ou invólucro como um campo protetor e magnético.

O Dr. Rhine realizou muitos milhares de testes com as cartas PES, mas continuo convencida de que os meus testes de clarividência com as cartas não foram melhores do que adivinhações na sua qualidade, e que o único trabalho bem-sucedido que fiz em Duke nesse ano e no seguinte foi em telepatia. Ainda sinto que o Dr. Rhine contribuiu grandemente para o sucesso destes primeiros experimentos telepáticos através do seu interesse e entusiasmo, que forneciam o estímulo energético que me permitia perceber os símbolos das cartas e produzir bons resultados.

Isto manteve-se verdadeiro ao longo de todo o nosso trabalho conjunto, embora com o passar do tempo tenha superado a minha “resistência” às cartas e passado a acolher o trabalho com ele e com vários outros interessados no campo da parapsicologia, porque acredito que este método é necessário no interesse da aceitação

científica. Com o passar dos anos, passei muitos intervalos agradáveis na Universidade Duke, participando nos vários estudos, teorias, experimentos e investigações com o mesmo entusiasmo de quando comecei.

Ao regressar a Inglaterra em 1934, apresentou-se uma oportunidade de investigação ulterior. O Dr. William Brown, o conhecido psiquiatra inglês que fundara o laboratório experimental de psicologia na Universidade de Oxford, estava pronto a empreender pesquisa sobre a natureza e o mecanismo do transe. Anteriormente, realizara alguns experimentos de transe comigo nos quais comunicara com a personalidade “Uvani”. Depois disso, fizera uma tentativa de me hipnotizar e conseguira alcançar “Uvani” sob sugestão. Isto levou o Dr. Brown a propor um estudo de personalidade múltipla e análise sob hipnose.

Chegara a um ponto em que acolhia com agrado a perspectiva de mais luz sobre a natureza da minha mediunidade e a realidade das personalidades de controlo. Estava plenamente preparada para arriscar a eliminação da condição de transe e o possível desaparecimento dos controladores caso se provassem não mais do que evidência de uma “dissociação na minha própria personalidade”, como afirmavam os psiquiatras. Perguntava-me também em privado, nessa altura, se aqueles médicos teriam razão ao sugerir que estas divisões de personalidade poderiam ser fatores contribuintes para a minha saúde quase constantemente precária.

Enquanto era submetida a análise, o assistente do Dr. Brown registava os meus reflexos galvânicos. Na primeira sessão pediu-me que recordasse, no estado de vigília, todas as memórias que pudesse recuperar da minha infância. O resto do trabalho decorreu enquanto eu estava sob hipnose; contudo, é interessante notar que o Dr. Brown não alcançou os controladores por este método. Na reunião final pediu-me que entrasse em transe sob a minha própria sugestão, o que fiz. Ao acordar, disse-me que falara com “Uvani”.

Depois disto não houve mais experimentos e, embora não tivesse ganho maior compreensão da minha mediunidade, consegui um novo domínio do meu eu supranormal e, no decurso dos meses seguintes, consegui penetrar novos níveis de consciência. Como resultado da observação do método pelo qual o Dr. Brown conseguira fazer-me recordar ao acordar o que dissera no sono hipnótico, apliquei a mim própria o princípio da autossugestão, pois se conseguira falar sob controlo hipnótico, também poderia escrever nesse estado. Experimentei pois, diariamente, utilizando o processo de escrita automática para alcançar fases ainda não reveladas da mente subconsciente.

É necessário explicar, para aqueles que não estão familiarizados com os mecanismos da mediunidade, que até à altura desta análise com o Dr. Brown todas as minhas declarações em transe tinham sido transmitidas através de um ou outro dos dois controladores. Contudo, nunca em momento algum conseguira realmente aceitar as personalidades de transe que afirmavam comunicar através de mim como entidades separadas, embora admitisse como genuína a informação extraída daqueles outros níveis de consciência através dos quais estes controladores pretendiam trabalhar. Isto deixara-me, portanto, numa posição um tanto paradoxal de duvidar da realidade dos controladores ao mesmo tempo que reconhecia a validade da fonte de onde extraíam o seu conhecimento supranormal.

Estava bem ciente de que a escrita automática poderia não ser mais do que uma expressão dos conteúdos e desejos inconscientes de quem produz esses escritos, mas embora muitos scripts sejam o resultado de conflito subconsciente e autoilusão, há aqueles que revelam resultados paranormais. Embora considerasse os meus próprios experimentos nesta altura sem importância para ninguém exceto para mim, refiro-os aqui porque desempenharam um papel importante no início da minha libertação da dependência das personalidades de controlo no desenvolvimento ulterior.

As minhas escritas automáticas tratavam não só do tema da minha vida imediata, mas também do que parecia relacionar-se com possíveis estados anteriores de consciência. Parte deste material era sem dúvida extraído do meu subconsciente, mas uma grande parte dele, estou agora convencida, provinha de áreas do superconsciente.

Como distingui então, durante esta experiência, entre níveis da mente subconsciente e superconsciente? O subconsciente reconheceria o há muito tanto em imagem como em símbolo como representando a natureza das operações mentais não presentes na consciência, bem como os conflitos e confusões da vida quotidiana e da memória. Mas para além deste nível descobri ainda outras áreas que precisavam de ser exploradas e gradualmente vi que estava a extrair de uma região menos pessoal e mais extensa que ia além dos limites da experiência do subconsciente, dentro da qual havia imagens vívidas de lugares e pessoas distantes e desconhecidas, fragmentos de música estranha, cores raras e línguas desconhecidas que me chegavam como correntes prateadas de luz.

Estas experiências eram felizes e pareciam não relacionadas com aquelas fantasias subconscientes dos conflitos e problemas da vida quotidiana. Nessas sensações mais profundas e delicadas compreendi que estava ligada a áreas para além daquelas, quer no meu estado de vigília quer subconsciente. Só conseguia explicar o meu profundo sentido de ligação com experiências tão remotas mas que comoviam a alma como devido ou à sua associação com possíveis outras vidas que eu tivesse vivido, ou a memórias raciais, ou aos vastos domínios da mente universal.

Uma contemplação mais aprofundada destas áreas supranormais tornou-me consciente de uma consciência universal maior do que qualquer coisa que eu tivesse concebido até então, na qual acontecimentos que me eram desconhecidos conscientemente estavam a ocorrer e a ser revelados. Uma consciência suprema invadiu-me. Era um estado em que me era permitido participar e receber conhecimento de alguma fonte última para além do limite do ser pessoal.

Como os controladores não tinham sido dissipados — nem nenhuma nova interpretação do seu significado fora revelada durante o meu trabalho com o Dr. Brown —, perguntei-me se toda a estrutura da mediunidade não dependeria de informação extraída da mente subconsciente do indagador bem como do grande armazém do universo.

CAPÍTULO CATORZE

CLARIVIDÊNCIA E PSICOMETRIA

De regresso à América, procurei o conselho de um dos maiores cientistas, o Dr. Alexis Carrel, sobre o impasse das minhas investigações da mediunidade de transe. Possuía uma compreensão e um conhecimento muito abrangentes dos fenómenos supranormais e das leis que os regem. Sugeriu que, se desejava penetrar mais profundamente no problema da minha própria mediunidade, deveria fazer-se um estudo dos estados fisiológicos, dentro e fora do transe, para que a ciência pudesse revelar o que é realmente um estado psíquico.

Encontrei um médico disposto a realizar tal exame. Fez uma série de experiências, primeiro no estado de vigília e depois nos alegados controladores enquanto eu estava em transe. Infelizmente, estes testes fisiológicos, por mais reveladores e interessantes que fossem, foram interrompidos por problemas de saúde.

Contudo, o resultado destes esforços sugeriu que havia processos de pensamento extrínsecos a operar dentro do estado fisiológico de transe — influências que diferiam grandemente da minha própria realização consciente de mim mesma. Este padrão tendia a dar substância à declaração feita pelos controladores de que eram entidades desencarnadas. As diferenças eram suficientes para me

convencer de que ainda há muito a descobrir dentro da substância autocriada da personalidade.

As capacidades de um sensitivo são parte integrante da história de vida dessa pessoa. Sei que a minha “sensibilidade” estava enraizada na minha primeira infância. O meu primeiro ver e sentir de movimento, luz, cor e som foram o funcionamento, a níveis instintivos, do que mais tarde se tornariam as minhas capacidades suprassensoriais conscientes e seletivas. Desde a mais tenra infância que tenho consciência dos invólucros nebulosos ou auras de todas as plantas, animais e homens, e observei como eles se expandem e contraem, como se os corpos no seu interior respirassem por meio deste pulmão exterior.

Destas fontes vieram as primeiras descobertas sobre a minha própria respiração. Posso agora mudar conscientemente a minha respiração quando o desejo, e ao fazê-lo posso mudar constantemente a minha atividade de uma fase para outra. O controlo da respiração desempenha um papel da maior importância em todo o meu trabalho supranormal. Desenvolve uma sensação de excitação e ansiedade, como a que se sente ao entrar num território desconhecido ou proibido. Sem esta “aceleração”, não posso pretender trabalhar supranormalmente. Mesmo nas trocas comuns do dia a dia entre pessoas ocorre uma estimulação dos sentidos, mas no “visionamento” e “sentir” todas as faculdades físicas e emocionais são aceleradas. Este processo ocorre numa fração do tempo que me leva a descrevê-lo, e nenhuma análise consciente acompanha a experiência. Simultaneamente, num estado de contemplação fácil, vê-se através, em volta e sobre um objeto e associa-se à sua natureza e qualidade.

Por vezes, as formas ou símbolos clarividentes são precedidos por uma escuridão pesada e informe que está carregada de movimento vibrante, explodindo finalmente em linhas curvas de luz e cor. Estas linhas, por sua vez, separam-se dos raios-mãe para se deslocarem e formarem outras linhas que desenvolvem um movimento animado quádruplo. Adquirem um movimento oscilante e rítmico ao

entrelaçarem-se e moverem-se em espirais num espaço que parece ilimitado. Destas formas bastante simples nascem continuamente outras. É dentro destas formas que sinto a energia a transformar-se em substância.

Estas sensações quentes e agradáveis levam a um clareamento e a uma expansão na parte de trás do cérebro — uma sensação que continua a crescer até que a área de si próprio pareça estar inundada de luz suave, e entra-se numa condição ou dimensão que poderia ser descrita como de cor. A paz é a qualidade desta fase, trazendo consigo uma liberdade de qualquer ligação com o tempo, o espaço e os acontecimentos externos. É assim que funciona a clarividência. A ação que então ocorre pode estar relacionada com um acontecimento real relativo ao presente ou com um episódio que foi encenado há um século. No panorama móvel de cor vê-se uma série de formas que se movem rapidamente.

Os atores na cena podem ser aqueles que agora estão vivos ou aqueles que viveram no passado distante. Durante este tempo, o meu único ato físico consciente consiste em respirar profundamente para expandir o diafragma e alertar o plexo solar, esse importante centro nervoso que parece experimentar a sensação instintiva em primeiro lugar, pois é desta área que tenho consciência das energias que fluem pelo corpo. É deste centro que as faculdades parecem despertar para a sensibilidade e o estado de alerta, e este estado de alerta é a condição sine qua non da percepção sensorial, uma ansiedade de contactar, apreender e traduzir a “história” revelada na busca.

A clarividência depende dessas subtis capacidades interiores de visão que motivam a visão. Acredito que aprendi pela primeira vez a ser clarividente nos primeiros dias do jardim na Irlanda. Nessa altura, para controlar e sustentar a respiração, a prática era bastante natural. Era um acompanhamento do meu assombro e maravilha infantis diante do mundo rodopiante de vida e movimento que repetidamente provocava uma súbita suspensão “sem fôlego”, na qual procurava ver mais

profundamente nas coisas e a distâncias maiores — não distâncias apenas de espaço, mas distâncias de ser.

Cada tipo de vida tinha então, e ainda tem para mim, o seu próprio tipo particular de radiação. Cada pedra, metal, flor ou animal, substância ou organismo estava contido dentro do seu próprio campo de luz e cor, irradiando tanto para como a partir da sua forma interior de raios ativos e potentes. Entro “dentro” da própria vida deste mundo de luz, som e cor, usando-os como quem usa um telescópio para ver o que está dentro e além. Assim consigo sentir a história do organismo ou objeto cuja natureza é revelada pela qualidade da sua radiação que consigo contactar e penetrar.

De vez em quando tenho-me referido ao movimento, luz e radiação como sendo um estímulo presente e necessário à clarividência. Quando criança, observava os invólucros dos organismos vivos e parecia que estas substâncias envolventes atuavam como um pulmão exterior através do qual todas as formas de vida não só se sustentavam como, ao mesmo tempo, se uniam ao princípio vital do universo.

Cor e odor, bem como a própria substância da vida, operam através e dentro desta malha circundante. É por isso que acho a teoria da radiação razoável; estou convencida de que cada organismo vivo tem o seu próprio tipo de ser externo através do qual contacta outras energias. Esta substância nebulosa exterior não só protege e alimenta das forças da vida, como também protege a forma interior de forças intensas e impactantes.

(Todos têm consciência da maneira como nos podemos habituar a dormir apesar do ruído e da perturbação, e muito rapidamente o corpo aprende a excluir as coisas que registariam dor e desconforto intensos.) Ao estudar esta substância envolvente, concebo o seu papel como o de um condensador de experiência, peneirando através da sua malha, por assim dizer, todas as radiações atmosféricas de luz, cor e movimento e, em consequência, tornando-se o recetor de todas as sensações externas. Esta malha “magnética”, então, é um mapa através

do qual a doença do corpo e da mente pode ser alcançada e estudada por aqueles que compreendem os seus princípios e funções. Existem tais indivíduos, embora talvez não compreendam as leis pelas quais trabalham.

Uma vez que concebo este “campo magnético” como possuindo uma realidade exterior, não será também possível que contenha a localização e a estrutura da mente maior que ajuda a moldar a consciência mais limitada do homem?

Como o campo magnético interpenetra o corpo físico e também se estende para se relacionar com outras energias no universo, o homem torna-se intimamente ligado a todas as forças cósmicas que atuam no nosso planeta através do seu campo magnético. Há padrões que indicam que doenças ou enfermidades tivemos no passado. Análises de tais “cicatrices” foram verificadas em muitas ocasiões. Para aqueles que conseguem perceber este padrão, o invólucro torna-se um mapa que pode revelar a condição da mente, do corpo e do espírito.

As trocas psicoquímicas entre nós e as coisas que nos rodeiam estão em operação constante, e a percepção delas depende de uma faculdade humana natural que é facilmente sujeita a desenvolvimento. Por exemplo, uma moeda é escondida num envelope e segura na mão. Enquanto seguro ligeiramente a moeda, a presença real da pessoa que ma deu desvanece-se, e o objeto ganha importância crescente. Uma sensação de formigueiro anuncia que a expectativa interior começou, e a moeda começa a revelar a sua história. Posso ter um vislumbre de um edifício imponente com colunas situado numa elevação.

Pessoas entram e saem dele e movem-se nas suas proximidades, gregos de uma época antiga. É um templo de Esculápio; vejo aqui a sua estátua. Veste uma longa túnica, o peito está descoberto e segura o cajado simbólico com a serpente enroscada. A imagem muda e estou numa gruta escura de onde olho para um vasto mar azul, vazio e belo sob um céu pálido. Sinto que há moedas espalhadas no chão da gruta, mas está demasiado escuro para as ver. Depois vejo uma vitrina de

vidro onde várias moedas estão expostas. Todas estas coisas — o templo e a sua estátua, a gruta, a vitrina — são vistas clarivamente; requerem interpretação. Assim, resumindo a minha experiência, considero a sequência em ordem inversa, quanto ao tempo, e digo que a moeda é uma peça de museu, uma cunhagem grega antiga (não consigo decifrar a data), que foi encontrada numa gruta na Grécia e que um dos seus proprietários — provavelmente o último — era um grego rico, possivelmente médico mas, em todo o caso, devoto do deus Esculápio. Quando o envelope for aberto e a moeda revelada, verificar-se-á que é de origem grega ou romana.

Temos tendência para ser céticos quanto à natureza “pessoal” dos objetos não sencientes, mas os líquenes alpinos não crescem nos trópicos, nem as orquídeas se encontram no Ártico. A “natividade” de qualquer substância marca tanto a sua natureza como o seu destino natural, e no caso das coisas fabricadas, a sua feitura e o propósito para que são feitas equivalem a um renascimento numa nova vida.

O seu destino é assim reformulado, as suas relações destinadas a ser radicalmente diferentes daquelas que lhes eram possíveis no seu estado natural original. O ferro torna-se aço, a areia transforma-se em vidro, as árvores tornam-se papel e novas categorias nascem nos reinos da Natureza. Assim, cada objeto tem a sua qualidade individual e a sua história individual. A psicometria parece fornecer a chave para a percepção destas qualidades e destas histórias.

Os psicometristas são artistas no temperamento, pois estes lampejos impressionistas na mente têm de ser formulados prontamente pela pessoa que os percebe, e uma grande parte da psicometria bem sucedida consiste na expressão pronta destas impressões subtilmente sentidas.

Pessoalmente, não gosto da palavra “psicometria” como designação do processo que comumente representa. A palavra significa “medir por meio de capacidade psíquica”. Mas para mim o processo não é uma medição. Prefiro pensá-lo como experimentação em psicoquímica, e acredito que esta palavra representa mais

claramente o que ocorre. Sabemos, ou pensamos saber, que tudo no mundo é redutível aos cerca de noventa e tal elementos químicos básicos.

Por detrás das incontáveis combinações destas substâncias básicas encontra-se o imenso campo da energia diferenciável, e é neste campo diverso que a Vida se move, tanto manifesta como não manifesta à percepção humana. A psicoquímica consiste numa relação que surge em níveis de energia que se situam para além do campo sensorial.

Todos nós psicometrizamos mais ou menos. Tendo tido uma experiência realmente interessante a níveis sensoriais, fazemos o nosso melhor para a compreender — para descobrir a sua qualidade e significado — a níveis que estão para além do alcance dos sentidos. Mas aqui cometemos comumente o erro de limitar a liberdade da nossa percepção permitindo que o pensamento, a memória, a imaginação ou o emocionalismo atuem sobre o nosso tema. Assim, o campo das nossas apreensões torna-se cheio de imagens que ou excluem ou sufocam as aparições mais ténues mas mais iluminadoras que realmente emergem e se movem a níveis ainda mais profundos.

A consciência instintiva, que considero estar na base de todo o sentir supranormal, não se limita ao homem. Dirige também o comportamento de todos os outros organismos vivos. Há uma perceptividade que é o princípio ativador na vida tanto do homem como do animal, preservando-os contra as forças hostis do seu ambiente.

Esta vigilância em todas as criaturas vivas é criada pela síntese dos seus cinco sentidos físicos com a Vida una, e esta vigilância instintiva é o fundamento de toda a autoproteção que envolve a manifestação da própria Vida. O sentir supranormal é, portanto, apenas o refinamento desse poder dinâmico do ser que impulsiona toda a vida para a frente através do crescimento e desenvolvimento da sua própria evolução. E a isto o homem está comprometido pela sua relação com a natureza universal das coisas.

CAPÍTULO QUINZE

CLARIVIDÊNCIA E TELEPATIA

Há vários tipos de experiências clarividentes. Nem todas dependem do fluxo de imagens, mas podem ocorrer no aparecimento inexplicável de uma imagem estranha, na qual se vê através e para além de barreiras que bloqueariam completamente a nossa visão sensorial comum. Uma estrada pode serpentear entre colinas a qualquer distância. Vemos as colinas e, à medida que a estrada se afasta, a perspectiva opera e as suas dimensões mais distantes diminuem, como diminuiriam à nossa vista ou em qualquer fotografia.

Contudo, ao mesmo tempo, vê-se toda a estrada completamente, independentemente das colinas intervenientes, e os seus trechos mais afastados são tão meticulosa e discerníveis como as áreas que estão próximas do ponto de onde se vê. Cada sulco e pedra é visto individualmente e pode ser descrito com precisão. As folhas das árvores e as lâminas de erva são contáveis por toda a paisagem. Tal imagem pode ser do tipo “visionário”, ocorrendo misteriosamente e por vezes sem significado conhecido. Pode ser, e frequentemente é, uma imagem de nenhum lugar conhecido — uma criação puramente “imaginativa”, vívida e aparentemente real, embora não seja a imaginação que a cria.

Uma mulher vem ter comigo. A sua vida está a ser despedaçada por uma tensão prolongada entre as suas esperanças, os seus medos, o seu desespero crescente. «O meu filho George foi dado como desaparecido há meses», diz-me ela. «Não tive mais notícias dele. Era o meu único filho. Pode dizer-me se está vivo ou morto?»

No caso presente, em que procuro um homem em particular chamado “George”, sei na minha mente que tal pessoa existe algures no universo, vivo ou morto, pois uma mulher que afirma ser a mãe

dele declarou a sua realidade. Na minha imagem clarividente, um homem destaca-se proeminentemente como se a minha atenção estivesse voluntariamente centrada nele. É o George, o homem que procuro. Vejo todos os pormenores da sua pessoa, desde os pés descalços até ao rosto por barbear e à cabeça desgrenhada. Posso assegurar à mulher que está sentada ao meu lado que o filho está vivo. Se ela me perguntar como sei, digo que o “vi”. E se estiver demasiado transtornada para compreender que realmente vi o filho dela, descrevo-o, com ênfase numa peculiaridade pessoal que ela, como mãe, pode reconhecer.

Não há nada de extraordinário numa tal imagem — todos estamos familiarizados com ela —, mas a minha imagem não é uma reprodução impressionista de algo que eu tenha visto antes; não há nela elemento de memória ou imaginação. Reparo no estado esfarrapado, na barba, no olhar de desespero. Discerno os inúmeros pormenores do seu ambiente, o campo árido circundante e um pequeno trecho de costa solitária. É-me mais claro do que seria se eu estivesse presente no local, pois vejo tudo de uma vez, tudo junto num sopro de tempo, e não tenho de deslocar o foco da minha visão de uma parte da imagem para ver o todo, inteiro, completo.

Aqui estão duas experiências diferentes em relação: o meu contacto com George e o meu contacto com a mãe dele. A minha percepção de George e do seu ambiente foi instantânea e completa. Ocorreu num fluxo de ser que não está condicionado pelas nossas conceções de tempo e espaço. À entrada da mãe no meu gabinete, captei uma impressão igualmente vívida do seu estado perturbado, muito antes de as saudações habituais poderem ser trocadas a níveis convencionais e racionais. Há aqui outra diferença. Embora possa esquecer-me da mãe com quem tive contacto, nunca esquecerei as circunstâncias clarividentes que rodeiam o filho. A plena perfeição da sua clareza original será sempre preservada.

Muito frequentemente, no fluxo clarividente de imagens, vejo alguém em quem um membro ou um traço facial se torna subitamente

ênfatizado e cresce desproporcionadamente em relação ao resto da figura. Quando isto acontece, sei que há significado na distorção. Por exemplo, numa ocasião, a mão de um homem que eu procurava clarividamente cresceu até um tamanho enorme; não podia deixar de observar que lhe faltava um polegar, e esta deformidade tinha significado evidencial para o indagador. Neste ponto posso encontrar-me projetada no jardim da casa onde este homem vivera. Posso encontrar-me de pé debaixo de uma macieira.

É inverno; vejo a árvore despida e nua, mas diante dos meus olhos a mesma árvore muda e aparece em várias fases de estação, mudança e crescimento. Os aspetos em que a vejo são fatores sobre os quais não tenho controlo, mas os seus aspetos podem ser vitalmente evidenciais. Posso vê-la como uma árvore jovem ainda sem frutos, ou em flor na primavera quando consigo cheirar o odor da sua flor, e num sopro pode estar carregada de maçãs. Por outro lado, posso ter apenas um vislumbre da árvore num aspeto particular da sua história tal como se relaciona com a vida do falecido proprietário. Nestes exemplos de experiência clarividente que escolhi aleatoriamente, a visão, o olfato e o paladar contribuem para a unidade da impressão total.

Neste clímax da clarividência, uma precognição, clariaudiência, projeção e visão à distância ocorrem simultaneamente. É um estado de inspiração em que nos identificamos com tudo o que a visão contém. Se não tivesse aprendido a controlar estes poderes de percepção, a proteger-me do impacto destas experiências, tal sentir e receptividade intensivos poderiam esgotar-me completamente. Mas, na verdade, à medida que o meu corpo se torna cada vez mais exaltado, a minha mente torna-se progressivamente mais tranquila e clara.

Quando tenho uma consulta marcada com alguém que está em profunda necessidade, dizem-me que, antes da entrada do visitante no quarto, tenho o hábito de me ocupar. Movo os objetos na minha secretária ou acelero o meu corpo atendendo a várias coisas com grande pressa. Só depois me dou conta disto, nas ocasiões em que me chamam jocosamente a atenção. Não estou objetivamente consciente

de trabalhar para este alívio nervoso. É provavelmente um meio de limpar a mente de todo o material objetivo. Lembro-me de que, nos primeiros dias do meu trabalho experimental, se exigia de mim que passasse algum tempo tranquilo em concentração e meditação. Isso nunca consegui fazer. Contrariamente a tudo o que me tinham dito, era-me necessário estar num estado de indiferença — na verdade, numa atitude de elevada despreocupação.

Na visão clarividente não olho para os objetos nos meus campos de observação como na visão comum, mas parece que atraio o objeto percebido para mim, de modo que a essência da sua vida e a essência da minha se tornam, por um momento, a mesma coisa. Assim, para o meu sentir, a clarividência ocorre em estados de consciência cujas relações existem como facto na natureza, em níveis de ser que transcendem as atuais capacidades percetivas das nossas faculdades sensoriais.

Tenho-me referido a uma condição interior de “alerta” que é o fator essencial em muitas destas atividades. É uma realização de vida vital superior. Entro num mundo de radiação intensamente vibrante; sou extra-competente; participo plena e intimamente em acontecimentos que se movem a um ritmo aumentado. Embora os acontecimentos que observo sejam objetivos para mim, faço mais do que observá-los; vivo-os.

A principal diferença entre experiências clarividentes e telepáticas reside na natureza relativamente clara e simples do que se percebe telepaticamente. Estas imagens aparecem como coisas em si mesmas e são geralmente compreensíveis tal como surgem. Mas na experiência clarividente segue-se um processo. A luz move-se em fitas e fios entrelaçados e, dentro e fora destes, linhas curvas fragmentárias emergem e desvanecem-se, movendo-se em várias direções.

A percepção consiste num conjunto rapidamente móvel destas linhas quebradas e cambiantes, e no início colhe-se significado do fluxo à medida que as linhas criam padrões de significância que a percepção clarividente agudamente atenta sente. As linhas e as imagens

que formam nem sempre aparecem como representações claras de pessoas, lugares e coisas, como na telepatia; antes, são símbolos cujo significado não é imediatamente claro para o sensitivo como coisas em si mesmas.

Nada aparece inteiro e acabado; tudo o que é “captado” é construído a partir de fragmentos e relacionado com outra coisa. É necessário que o sensitivo clarividente traduza ou interprete estes símbolos se quiserem ter algum valor para a pessoa em cujo benefício foram procurados, e fá-lo por meio daquele claro saber interior que é também um elemento da experiência clarividente. A sua mensagem interpretada pode ter pouco ou nenhum significado para ele, pois pode não ter relação com qualquer outra coisa na sua experiência, mas geralmente acontece que os nomes de pessoas e lugares e referências a objetos e coisas são prontamente compreensíveis pela pessoa que procura a informação.

Digo que isto é geralmente assim. Contudo, por vezes a mensagem pode não ter significado para a pessoa que a recebe, pois nos níveis clarividentes existe simultaneidade de tempo, e a mensagem clarividente pode concernir acontecimentos futuros e relações futuras que hoje parecem impossíveis, incríveis ou sem sentido para a pessoa a quem são revelados. Tais “falhas” ocorreram várias vezes na minha própria experiência, mas em cada caso o significado incompreensível da mensagem tornou-se claro com a passagem do tempo e a ocorrência de acontecimentos subsequentes.

Quando telepatia e clarividência operam juntas, o caso é geralmente mais simples para o sensitivo. Fica então menos dependente da sua correta interpretação de formações simbólicas fugazes; as imagens vêm claras e inteiras, e o seu conhecimento do seu significado é uma alta aventura em realizações suprasensoriais. Ele sabe o significado, embora os significados possam não significar nada para ele. O processo poderia ser pensado como semelhante à leitura sensorial de um número: 76982. Sabe-se o número mas não o

que significa. Assumirá o seu verdadeiro significado, por assim dizer, apenas quando for transmitido à pessoa a quem pertence.

A clariaudiência pode também entrar na mesma experiência dada, e o conhecimento da pessoa é então ampliado por “ouvir” bem como por “ver”. Na minha imagem clarividente de uma aldeia, vejo o sino a tocar no campanário da pequena igreja e sei que está a tocar; se a clariaudiência entrar na experiência, ouço o seu tom também.

Clarividência, clariaudiência e telepatia são processos diferentes. Uma pessoa cujas sensibilidades estão desenvolvidas numa ampla gama sente-se em casa em todas estas operações e, ao viver em níveis tão sensíveis, normalmente não se diferencia entre elas mais do que se para para considerar se está a ver, a ouvir ou a tocar uma coisa.

É-me impossível, exceto teoricamente, separar a clariaudiência da clarividência, pois tenho a clara impressão de que a clarividência cria a sua própria câmara de som; está sempre acompanhada pelo seu próprio ritmo musical. A minha sensibilidade auditiva sofre refinamento; torno-me recetiva a tons que os meus ouvidos sensoriais nunca ouvem. Como repetidamente insinuei, não penso nas capacidades psíquicas como alienadas dos cinco sentidos.

Embora tenha usado os termos «extrassensorial», «suprassensorial» e «não sensorial» para transmitir os significados gerais que estes termos comumente têm, sinto que nenhum deles exprime com precisão a verdadeira natureza da experiência.

Assim, a experiência clarividente é frequentemente múltipla em termos dos cinco sentidos — os cinco sentidos amplificados e estendidos, superativos e extraordinariamente sensibilizados, com o estado de alerta clarividente sempre dominante. A clarividência é um sentir intensamente agudo de alguns aspetos da vida em funcionamento e, como nos níveis clarividentes o tempo é indiviso e inteiro, muitas vezes percebe-se o objeto ou acontecimento nas suas fases passada, presente e/ou futura em sucessões abruptamente rápidas.

Da maneira que descrevi, então, a telepatia apenas entra na experiência clarividente, e muitas que são chamadas «clarividentes» são também telepáticas. Estritamente falando, clarividência é visão clara, e telepatia é um saber de realidades distantes, e ambas são alcançadas por meios sensoriais.

A telepatia parece ser um saber suprasensorial. Transcende o tempo e o espaço e, quando opera, toma-se consciência de coisas reais que estão para além de todos os alcances possíveis dos nossos cinco sentidos tal como comumente os pensamos. Telepatia e clarividência não são a mesma coisa, mas frequentemente ocorrem juntas e, quando isso acontece, a experiência suprasensorial difere da experiência de clarividência sozinha ou de telepatia sozinha.

Na clarividência posso ver uma imagem ou uma figura claramente sem compreender o seu significado, e na telepatia posso saber de algum facto ou acontecimento que ocorre à distância e que não tem relação conhecida com qualquer outra coisa na minha consciência. Estou constantemente a receber tais imagens e tal conhecimento. Constituem um fluxo de percepção que se assemelha ao fluxo de pensamento inconsciente que se move na mente de todos o tempo todo, e eu presto-lhes não mais atenção do que as pessoas geralmente prestam ao seu fluxo secundário de pensamentos.

Para que as revelações quer da clarividência quer da telepatia sejam significativas para mim, têm de ter alguma relação com algo mais que eu sei. Caso contrário, a experiência é como folhear as páginas de um livro impresso numa língua que não compreendo.

Alguém disse que tudo o que podemos saber da Mente Divina é o seu aspeto subconsciente, e por vezes penso nesta imagética super-mental como o fluxo de pensamentos subsidiários no subconsciente da Divindade, semelhante àquele fluxo de pensamento secundário que se move nas mentes dos seres humanos.

CAPÍTULO DEZASSEIS

TELEPATIA E PRECOGNIÇÃO

A telepatia, na sua definição mais simples e tal como a experimentei, é conhecimento direto de factos distantes alcançado por meios extrassensoriais. Pode ser pensada como uma espécie sublimada e perfeita de intuição. É uma experiência que nem sempre tem de ser procurada. Muitas vezes a primeira indicação da sua ocorrência é uma sensação de inquietação que prende a atenção, de modo que a consciência tem de ser libertada daquilo com que está ocupada e posta em liberdade no campo suprassensorial. Depende da natureza vibratória de todas as coisas e da existência de uma certa afinidade entre os dois polos da experiência telepática.

O segredo da sensibilidade telepática é muito difícil de definir. Mesmo após anos de observação dos processos envolvidos, não se pode ter a certeza de que se descobriram todos os meios. A telepatia produz impressões plenas e claras de uma maneira que a clarividência não faz. É uma acuidade do próprio ser. Vê-se, ouve-se, sente-se emocionalmente, sofre-se dor física, fome e frio — está-se em unidade de sensibilidade com as pessoas, coisas e condições que entram na percepção. A telepatia é um processo de saber através do ser, e é um processo rápido.

Cenas inteiras passam rapidamente diante da visão. A experiência pode ser comparada a observar e relatar um filme que passa a alta velocidade, embora nem sempre seja contínua e coerente. Não só vejo as pessoas que aparecem, como as conheço — quem e o que são, o que sentem e pensam. Ao mesmo tempo, parece-me saber que elas não estão necessariamente conscientes da minha presença.

A telepatia é talvez a mais misteriosa das atividades psíquicas conscientes. O sentido de unidade do perceptor com aquilo que percebe e, ao mesmo tempo, a completa objetividade e ausência de

resposta de tudo aquilo em que partilha tão intimamente — juntos, estes dois fatores, que de alguma forma são contraditórios, constituem um problema intrigante para o pensamento após a experiência. Exceto por um facto, contudo, a percepção telepática pode ser comparada a caminhar pela Broadway na cidade de Nova Iorque, observando os teatros, os letreiros luminosos, os veículos e as multidões de pessoas.

Aqui e ali uma exibição de cor viva atrai a atenção, um rosto belo desperta admiração, outros rostos podem mover à piedade ou repulsa, algum mendigo ou aleijado pode despertar simpatia. Na experiência telepática todas estas coisas e mais podem aparecer e ser sentidas e compreendidas, e a principal diferença entre as duas experiências — sensorial e telepática — reside na aceleração com que o telepata percebe e na profundidade e clareza do seu saber e compreensão.

Durante muitos anos tenho registado telepatia em sonhos. Consiste em levar para uma parte da minha mente, ao adormecer, o problema que alguém me trouxe durante o dia. Para fazer isto, recupero uma impressão clara da pessoa, da nossa entrevista e do problema. Não é simplesmente recordar o nosso encontro da memória, mas uma recuperação definitiva de todos os elementos — sensoriais e extrassensoriais — que tive no momento da nossa entrevista, incluindo a profundidade e intensidade do estado emocional do meu visitante.

Depois, deliberadamente dou à minha consciência a tarefa de encontrar a resposta ao problema enquanto durmo e, pela manhã, encontro, no limiar do despertar, a informação que procurei. Tanto na minha telepatia em vigília como nos sonhos participo num processo que ocorre fora de mim; algures nas regiões da Vida universal onde estas pessoas vivem e atuam, estes acontecimentos percebidos ocorrem. E acreditando, como acredito, que a consciência é universal e coexistente com a Vida, suponho também que seja verdade que, através da direção intencional da minha consciência, me é permitido encontrar o que procuro. Aceitando a Consciência universal como

facto e compreendendo a minha unidade com ela, ganho acesso às suas áreas e registos abrangentes.

Descobertas, refinamentos e realizações progressivas no campo dos mecanismos surgem todos do campo da consciência. Estou muito certa de que, ao conceber a expansão da consciência do homem para áreas mais amplas do Universal e ao conceber o desenvolvimento das capacidades percetivas do homem para áreas muito mais profundas do mesmo campo ilimitado, não estou sem bom apoio no facto e ação práticos dos dias de hoje.

A precognição é uma experiência suprassensorial que levanta o problema da unidade do tempo e também o problema da relação da consciência com o tempo. Porque experimentei alguns acontecimentos antes de eles ocorrerem, outros enquanto se desenrolam à distância e ainda outros que ocorreram tanto longe como há muito tempo, não posso deixar de saber, dentro da minha própria soma de conhecimento, que tempo, espaço e consciência existem e operam juntos, que cada um deles é um contínuo indivisível, que são mutuamente interpenetráveis e que a sua natureza contém aquele elemento de simultaneidade que é apenas vagamente apreendido.

Do nosso treino geral no pensamento autocentrado acreditamos que projetamos a consciência para fora no espaço-tempo — para o passado, presente ou futuro, a quaisquer distâncias espaciais. Mas, em vez disto, acredito que o que realmente fazemos é libertar a mente dos confins dos nossos interesses presentes e assim descobrir e chegar a saber nas nossas mentes que a consciência está em toda a parte com o tempo e o espaço.

A ideia da unidade do tempo está gradualmente a tomar forma na compreensão humana, e muitas pessoas têm percepções frequentes, embora ténues, da realidade por detrás da frase «o eterno agora». É apenas através de tal ampliação mental, contudo, que o conceito do eterno agora poderia alguma vez ter sido alcançado pela mente humana. É muito mais difícil apreender um sentido da unidade do espaço do que da unidade do tempo, porque os nossos olhos são tão

maravilhosamente úteis dentro dos limites da sua capacidade que, para alcançar qualquer concepção de espaço ilimitado, é preciso escapar a um sentido arraigado de distâncias, e isto é muito difícil de fazer. Abranger a totalidade do infinito na consciência finita não é, claro, possível; toma-se peça a peça, por quaisquer meios e em quaisquer formas estranhas de imagética simbólica.

Para alcançar qualquer tipo de concepção prática do contínuo espaço-tempo, deixa-se a consciência seguir o seu próprio caminho irrestrito no espaço-tempo. Estou convencida pela minha própria experiência de que a consciência do homem opera constantemente em regiões onde a mente não pode seguir — que permanece para sempre no seu próprio direito e na sua própria natureza, e que no fundo não é condicionada pela experiência como a mente o é. Coisas estão constantemente a acontecer à nossa consciência das quais não temos consciência mental.

Alguns, mas não todos, os efeitos tanto da experiência sensorial como suprassensorial chegam à mente para julgamento — para crítica, aceitação ou rejeição —, e a mente lida com eles de acordo com a qualidade particular que desenvolveu: com descrença, desinteresse, maravilha, temor ou compreensão e, de acordo com a natureza da sua relação com cada experiência particular, a qualidade da mente é ela própria afetada.

Pode até colocar mais inibições na liberdade da consciência (avisamo-nos contra tantas coisas!). Mas assim como a realidade da girafa no jardim zoológico não foi afetada pela dúvida do camponês de que o animal existia, assim a qualidade livre e fundamental da consciência permanece inalterada pelos juízos da mente sobre a sua experiência.

A precognição é talvez a prova mais sólida, a melhor evidência, da realidade de toda a experiência suprassensorial, porque tantos acontecimentos percebidos desta maneira são mais tarde verificados sem qualquer dúvida, nos níveis sensoriais da vida.

Clarividência, clariaudiência e telepatia podem todas cooperar na experiência precognitiva. Não só se ouve, vê e sabe claramente todos os elementos envolvidos no que se testemunha, como também se pode sentir emocionalmente a essência da cena ou do acontecimento.

Para explicar este elemento de sentimento, sou novamente levada a mencionar a energia emocional, que referi como a força motivadora em toda a experiência suprasensorial. As minhas próprias precognições estão quase sempre relacionadas com pessoas ou coisas que estão próximas do meu interesse pessoal, mas ao experimentar em precognição, cheguei a saber que, durante todo o período experimental, alguma fase da minha consciência esteve focada em níveis precognitivos e, sob todas as atividades do meu campo sensorial — encontrar pessoas e manter conversas, comer, ler e escrever cartas, desfrutar paisagens, situações e acontecimentos e ouvir o diálogo num grupo de pessoas —, a fase precognitiva da minha consciência estava constantemente desperta e alerta.

Para esclarecer o processo usado na previsão, permitam-me descrever os experimentos tal como foram montados em 1947 e repetidos muitas vezes desde então. Os ensaios foram realizados por meio de imagens que, no momento do experimento, eram desconhecidas de todos. (As imagens estavam algures no edifício, mas o que poderiam retratar quando descobertas não era conhecido de ninguém.) A minha tarefa era desenhar telepaticamente e descrever clarivamente o conteúdo das imagens que seriam escolhidas por um agente após a conclusão do experimento de desenho.

O impulso que gera o pré-conhecimento não deriva em nenhum caso do eu conhecido ou por qualquer procedimento conhecido ou aprendido. Senta-se a uma secretária e, da tela vazia da mente, emerge uma “chave” que pode ser apenas uma sugestão de perfume, uma flor de doce aroma ou uma cena campestre; ou pode-se ouvir uma frase musical ou uma melodia assombrosa, ver um avião em voo ou um barco no oceano. Aceita-se a pista e, em breve, o mundo exterior é excluído, e está-se possuído pela ideia. Como a intuição, uma ideia

flui da outra, apresentando-se ativamente a partir do espaço. Por vezes sente-se instintivamente que se vai desenhar ou descrever uma coisa particular, mas chega uma linha e muda todo o contorno da cena.

No reino deste processo de pensamento insubstancial “perto” e “longe” parecem perder o significado; apresentar os contornos da imagem pode ser comparado aos desenhos livres de uma criança. É quase como se o cérebro tivesse uma série de raios que se dirigiam a um armazém secreto, como a abelha faz, e ali descobrindo certos elementos, os devolvesse de forma inspiracional. Este impulso é tão cativante que, durante o processo descritivo, sente-se que o eu subliminar predomina para traduzir as linhas cruas em padrões belos.

A vontade ou desejo conhecidos capitulam diante do experimento. O impulso governante seleciona o material que é mais agradável à mente do sensitivo. Por exemplo, notei que há uma “relutância” em aceitar ou descrever cenas que são desagradáveis ao eu consciente; em várias ocasiões “rejeitei” cenas de batalha ou, se a rejeição total não ocorresse, desenhei um esboço grosseiro da imagem como se quisesse afastar-me rapidamente da cena antes que o conteúdo ou significado real se revelasse.

Um exemplo tornará esta afirmação mais clara. Numa ocasião particular, “descrevi” quatro imagens pela ordem em que o agente as encontraria mais tarde. Numerei cada desenho conforme imaginava que o agente o escolheria depois. A imagem 3 foi anotada apenas vagamente e esboçada apressadamente. Quando a imagem real 3 foi selecionada pelo agente, verificou-se que era a imagem de um soldado com uma ferida na cabeça por onde corria sangue. Por outro lado, uma cena pastoral ou uma imagem à beira-mar revelará muitos detalhes e acho fácil demorar-me na execução de tal imagem. Em nenhum momento, contudo, o eu consciente está preocupado com a recepção deste material e, enquanto se está alerta e muito feliz com o jogo da previsão, não se tem consciência de qualquer processo direto de controlo cerebral.

Leva-se a concluir que a personalidade humana pode ser um grande armazém de olhos, ouvidos e sinais subtis insuspeitados que podem ser sintonizados com a mente Universal, um grande potencial que ainda está por explorar.

Há um elemento de surpresa e aventura na experiência de precognição que parece libertar-se de toda a direção consciente — até da própria personalidade —, pois quando qualquer ação se torna automática e sem esforço, deixa de evocar consciência. Entra-se num lugar de participação que não tem ligação no tempo e no espaço com direção consciente ou comunicação telepática consciente. A experiência permanece tão “real” como qualquer outra e sugere que deve haver uma comunhão intemporal e sem espaço entre os nossos eus intuitivos e as grandes leis eternas da natureza.

No seu livro *Something of Myself*, Rudyard Kipling escreveu: «Não sou de modo algum “psíquico”.» Contudo, regista um sonho que foi puramente precognitivo:

Sonhei que estava, com o meu melhor fato, que não uso habitualmente, numa fila de homens vestidos de forma semelhante, num vasto salão com chão de lajes de pedra mal juntas. Em frente de mim, à largura do salão, havia outra fila de pessoas e a impressão de uma multidão atrás delas. À minha esquerda realizava-se uma cerimónia que eu queria ver mas não conseguia a menos que saísse da minha fila, porque a barriga gorda do meu vizinho à esquerda barrava a minha visão.

No final da cerimónia, as duas filas de espectadores desfizeram-se e avançaram e encontraram-se, e o grande espaço encheu-se de pessoas. Então um homem aproximou-se por trás de mim, passou a mão por baixo do meu braço e disse: «Quero falar contigo.» Esqueci o resto: mas fora um sonho perfeitamente claro, e ficou-me na memória. Seis semanas ou mais depois, assisti, na minha qualidade de membro da Comissão das Sepulturas de Guerra, a uma cerimónia na Abadia de Westminster, onde o Príncipe de Gales dedicou uma placa aos «Um Milhão de Mortos» da Grande Guerra. Nós, comissários, alinhámo-

nos de frente, através da largura da Nave da Abadia, para mais membros do Ministério e um grande grupo do público atrás deles, todos de roupas pretas. Não conseguia ver nada da cerimónia porque a barriga do homem à minha esquerda barrava a minha visão. Então, o meu olhar foi atraído pelas fendas do chão de pedra, e disse para mim mesmo: «Mas aqui é onde estive!»

Desfizemo-nos, as duas filas fluíram para a frente e encontraram-se, e a Nave encheu-se de uma multidão, através da qual um homem se aproximou e pôs a mão no meu braço, dizendo: «Quero falar contigo, por favor.» Era sobre algum assunto completamente trivial que esqueci. Mas como e porquê me tinham mostrado um rolo não lançado do meu filme de vida?

Pode, talvez, objetar-se que a experiência de Kipling que citei ocorreu num sonho. Mas não há sentido numa tal objeção. A precognição de um sonho não difere de forma apreciável de uma experiência precognitiva no estado de vigília; a consciência humana está ativa da mesma maneira, e ambas são verdadeiras precognições — a verdadeira experiência na consciência, antecipadamente, de um acontecimento imaterial que mais tarde ocorre nos campos físico e sensorial. Não tenho dúvida de que no sono se aprendem muitas coisas através das atividades suprasensoriais da consciência.

O facto de não nos lembrarmos de mais sobre tais experiências deve-se sem dúvida ao facto de que, no sono, a consciência está de alguma forma dissociada dos níveis percetivos da mente; contudo, sabemos que a consciência é capaz de ultrapassar os alcances da mente. É geralmente aceite que os sonhos lembrados são aqueles que ocorrem nas misteriosas margens do ser nas quais a consciência está a regressar às áreas restritas da percepção sensorial no mundo “real”.

Mas é uma velha convicção da raça humana que resolvemos os nossos problemas dormindo sobre eles; certamente, uma nova clareza de mente, um ponto de vista fresco, surge muitas vezes com a manhã. Muitos sonhos contêm clarividência, clariaudiência e telepatia, e alguns são precognitivos, como o que citei.

Tenho o meu estado de “sonho telepático”, no qual muitos problemas são resolvidos. Coloquei bastante ênfase nos valores emocionais envolvidos nas atividades suprasensoriais, e tenho a clara impressão de que no sonho telepático a tensão emocional que causou o problema, a sua aceitação e a sua transposição na minha intenção de procurar e encontrar a resposta são os elementos que determinam as associações da minha consciência no estado de sonho e asseguram o sucesso do esforço.

As minhas experiências telepáticas, quer em sonho quer em vigília, são frequentemente precognitivas, como o sonho de Kipling o foi. Por exemplo, embora fisicamente cansada, encontro-me inquieta e incapaz de dormir à noite. Pego num livro e começo a ler. Mas sob a atenção que a minha mente dá ao que estou a ler, a inquietação desenvolve-se no nível secundário da minha atividade mental.

Em breve dou-me conta de que esta consciência secundária está preocupada com uma imagem ténue da minha casa de banho, e sei imediatamente que há uma aranha lá. Não é uma aranha comum, mas uma coisa grande, preta, de aparência demoníaca, medindo sete centímetros e meio de diâmetro e capaz de movimento rápido. É nativa do lugar onde estou hospedada na altura, e embora as pessoas me assegurem que é completamente inofensiva, tenho uma aversão temperamental muito definida a ela e à sua espécie. Levanto-me da cama, determinada a enfrentá-la e expulsá-la, e acendo as luzes da casa de banho.

A minha impressão da sua presença mostrou-a numa posição precisa — digamos, num ponto particular do padrão do azulejo. Agora, se a encontrar posada nessa posição, sei que tive uma experiência verdadeira, por mais insignificante que seja. Mas se não a encontrar lá? Muitas pessoas suporiam que imaginei tudo. Mas há uma diferença entre “ver”, “saber” e imaginar, e no presente caso sei que não imaginei a presença da aranha.

Contudo, uma busca não a revela, e finalmente desisto e volto para a cama. E quando, três dias depois, encontro a aranha na minha

casa de banho, posada no ponto previsto do padrão do azulejo e aparentemente a observar-me com malícia (como bem pode ser, pois não pretendo ser gentil com ela), sei que a minha experiência foi do tipo precognitivo.

De uma forma ou de outra, a “inquietação” a que acabo de me referir parece ser uma fase preparatória das minhas experiências psíquicas, quer ocorram ao acaso, por assim dizer, quer sejam conscientemente empreendidas. Estou ocupada no escritório e a minha secretária diz-me que a sra. A. chegou. A senhora tem uma consulta marcada comigo às onze horas, e digo: «Peça-lhe que entre.» Sei que a sra. A. tem problemas que deseja discutir comigo, e dizem-me que, durante os dois minutos que passam antes da sra. A. aparecer, realizo um ritual de preparação, a que me referi noutro lugar. Completamente inconscientemente, mexo nos papéis, livros, flores e outros objetos na minha secretária, sem qualquer propósito particular de que tenha consciência. Mas porque tudo isto é tão espontâneo e não considerado, não tenho dúvida de que tem a sua importância como fase preparatória no ajustamento da minha consciência a níveis psíquicos.

Se esta preparação é ou não um aspeto realmente essencial do trabalho, não sei. Por vezes penso que remete para os primeiros dias em que Hewat McKenzie diferenciava tão definitivamente o meu trabalho psíquico do resto da minha vida.

Estava no sul de França nos dias mais desesperados do início da guerra na Europa, após Munique e durante a evacuação de Dunquerque. A Grã-Bretanha estendera a sua própria vida através do Canal e fizera a sua oferta de unidade nacional com a França. O sul do país já estava cheio de refugiados de todos os tipos, e alguns que lá viviam e ainda permaneciam tinham aberto um foyer de soldat e uma cozinha de sopa. Por toda a França o ressentimento contra Inglaterra movia-se como uma peste: colaborava secretamente com Hitler; vendera a França; lutaria até à última gota de sangue francês. Sabia que este ódio selvagem a Inglaterra fora incubado na Alemanha e estava a ser propagado por agentes alemães que se moviam pelo

campo francês e pelas cidades francesas, lançando insinuações, fazendo sugestões vagas, colocando perguntas intermináveis carregadas de insinuações venenosas.

Vi a França engolir este isco, submeter-se a este engano, e vi o moral nacional desfazer-se dia após dia. Pensei no meu coração: seria isto possível em França, onde a vida do povo e a vida do mar e da terra eram uma só vida? Se isto fosse possível, seria então o início do fim do mundo, da reversão da humanidade à selvajaria, da extinção da raça humana? A humanidade parecia mover-se para a loucura — uma loucura destinada a terminar em autodestruição. À nossa volta, as pessoas fugiam de uma força aniquiladora, como aqueles outros povos, há muito tempo, tinham fugido diante das águas que subiam até não haver mais terra para onde fugir, e o dilúvio destruiu-os completamente.

Mantive-me o mais ocupado possível, mas na privacidade do meu próprio quarto e do meu próprio espírito levei a situação a uma resolução, exigindo algum sinal que me permitisse verificar a minha fé na Inglaterra e justificar as minhas esperanças num mundo de paz honrosa. Vi uma sala grande com janelas altas, como uma torre, e um homem sentado numa cadeira com um uniforme cor de mostarda do qual tinham sido cortadas as dragonas, os botões e todos os distintivos. O homem era inconfundivelmente Hitler. Estava mais gordo do que a maioria das fotografias o fazia parecer, e lágrimas corriam-lhe pelo rosto sujo e inchado. À medida que a imagem se tornava mais nítida na minha percepção, outro homem saiu da sala por uma porta. Só vi as costas deste segundo homem — umas costas à “von Stroheim”, com cabelo rapado e a grossa prega de carne acima do colarinho.

Este homem não era nenhuma dignidade; vestia um fato preto ferrugento, e tive a impressão de que era uma espécie de artesão, talvez um porteiro. Não olhou para trás ao sair, mas a sua mão atirou para dentro da sala uma faca com cabo curto de madeira e lâmina curvada. O meu olhar seguiu a faca enquanto esta deslizava pelo chão,

e tive a impressão de pensar: «É a foice russa.» Mas uma voz disse: «Não, não é russa. É uma faca afegã.»

Olhei novamente para «Hitler»; ele permanecia imóvel na cadeira, o uniforme despojado descomposto, enquanto lágrimas lhe corriam lentamente pelas faces. Naquele momento fui invadida por uma piedade transcendente, demasiado profunda e pungente para quaisquer palavras — piedade por aquela vida gasta em guerra sem sentido e fútil contra os seus próprios semelhantes e contra o tempo a que pertencia. Despojado das suas honrarias frágeis, o poder abandonara-o completamente, deixando-o — uma criatura humana tola, solitária — entregue à lenta, talvez eterna, consciência dos crimes que cometera contra a humanidade, contra a vida e a paz do mundo.

Para mim, aquela visão foi a chave da certeza de que precisava. Através dela, soube dentro de mim, mais fundo do que qualquer desejo ou esperança ou raciocínio, que a Alemanha nunca ganharia a guerra. Através de todos os altos e baixos de sucessos e desastres que encheram os anos seguintes, sofri com os meus semelhantes pelas crueldades vis e desumanas da guerra, mas nunca, nem por um momento, deixei de saber que, no fim, e custasse o que custasse, as Nações Unidas seriam vitoriosas. Por vezes, a minha família e os meus amigos perdiam a paciência comigo quando eu tentava aliviar a sua raiva e a sua angústia por Coventry ou Lidice lembrando-lhes o fim. Chorava eu também pelas catástrofes e pela perda de vidas, mas dentro de mim sabia, com uma certeza constante e firme, que a Alemanha estava destinada à derrota.

Há um aspeto desta experiência que nunca consegui traduzir em termos compreensíveis para minha própria satisfação. Ainda não sei o significado da afirmação: «Não, não é russa. É uma faca afegã.» Quando a guerra terminou na Europa com a ocupação russa de Berlim, seria fácil estabelecer uma ligação entre a minha impressão da «foice russa» e a queda final da ditadura nazi de Hitler; mas será sábio não fazer as nossas próprias aceitações e rejeições entre os símbolos de

uma tal experiência, e pode ser que o destino da Alemanha esteja ligado ao destino da Ásia num futuro demasiado longínquo para as nossas mentes penetrarem.

CAPÍTULO DEZASSETTE

ENTIDADES DESENCARNADAS

Durante os anos do meu trabalho em Londres, tive várias oportunidades de estudar fenómenos de poltergeist. Diversos pedidos de ajuda para lidar com estes fantasmas vigorosos, por vezes ruidosos, chegaram ao British College of Psychic Science. Eu já vira muitas vezes casos desses surtos noticiados na imprensa — surtos que consistiam geralmente em louça e cerâmica, bem como outros objetos pequenos, a moverem-se misteriosamente de um lugar para outro.

Quando ocorria um desses surtos, costumava alegar-se que um rapaz ou uma rapariga em idade adolescente estava associado à perturbação. Se fosse só isso, poderia ser-se indiferente aos pedidos de ajuda, mas esses pedidos vinham de pessoas inteligentes, nada dadas a comportamentos inconvenientes ou bizarros. Este último facto despertou o meu interesse, e fui frequentemente chamada a ajudar a investigar alguns destes acontecimentos fenomenais. Através de uma série destas investigações, tornei-me extremamente interessada em compreender o mistério do poltergeist e vários outros tipos de fenómenos físicos relacionados com estas entidades.

Os fenómenos de poltergeist diferem das assombrações comuns de que se lê e podem ser considerados explosões violentas de duração longa ou curta. A minha própria observação levou-me a crer que esses surtos, ocorrendo como ocorriam a intervalos regulares, estavam centrados em torno de um acontecimento invulgar, infeliz ou trágico dentro da casa e nem sempre estavam necessariamente ligados às pessoas que podiam estar assim afetadas. Seja qual for a causa dos

surtos, o facto é que os fenómenos acontecem, e há casos relatados de todo o mundo. O facto interessante sobre estes fenómenos é que todos os casos relatados têm uma semelhança entre si — campainhas tocam espontaneamente, louça e objetos domésticos movem-se misteriosamente —, embora por vezes estes acontecimentos sejam acompanhados de explosões, e do nada possam aparecer chuveiros de pedrinhas ou seixos pequenos (já se soube até de anzóis de pesca chegarem em quantidades).

Tais ocorrências podem ser não só perturbadoras como extremamente assustadoras. Por outro lado, estes acontecimentos parecem estabelecer a existência de uma energia invulgar ou de uma inteligência invisível rudimentar. Embora muitas pessoas continuem sem se convencer da realidade de tais fenómenos, existem tantos registos autenticados destas entidades travessas que é preciso aceitá-los e tirar as nossas próprias conclusões quanto à sua causa.

Como a minha mente nunca se decidira completamente quanto à realidade dos fenómenos espirituais, fiquei contente por ter oportunidade de ajudar na investigação de fenómenos de poltergeist que prometiam ajudar-nos a compreender melhor o que poderia estar na raiz da «infestação». Assim, sempre que ocorria um «surto», estava mais do que disposta a ser útil. Passarei agora a dar alguns exemplos destas ocorrências infelizes.

Um almirante reformado da Marinha Britânica, que vivia nos arredores de Londres, pediu ajuda aos responsáveis do College of Psychic Science. Era um homem de ação e um tanto *bon vivant*, habituado a comandar. Era senhor das condições externas da sua vida e da da sua família, que, presumia-se, eram bem disciplinadas por ele e livres de qualquer «disparate». Tinha uma esposa simpática e dois filhos. Quando o filho mais novo, ainda adolescente, começou a ser perturbado à noite pela ideia de que havia alguém no quarto onde os rapazes dormiam juntos, o pai mostrou-se pouco compreensivo. Aquilo era «disparate» — uma quebra neurótica de disciplina, ordem e boa educação.

O rapaz tinha o apoio do irmão mais velho, que ele acordara em várias ocasiões para testemunhar uma visitação misteriosa. Nenhum dos rapazes via nada, mas ambos ouviam ruídos inexplicáveis nos roupeiros, especialmente num onde guardavam os sapatos, e de manhã descobriam que estes tinham sido mudados de lugar. Estas contrariedades continuaram durante algum tempo. O efeito delas — a desaprovação do pai e a consequente tensão nervosa que se instalou em toda a casa — tornou o rapaz mais novo melancólico e nervoso ao ponto de a sua saúde ficar afetada. Os pais decidiram mandá-lo embora, e com a sua partida cessou o misterioso desarranjo dos sapatos.

Depois foi a mãe que se tornou nervosa. Testemunhou ter ouvido passos numa altura em que a casa deveria estar silenciosa. Não tendo medo de fantasmas, encorajou a visitação, mas nenhum esclarecimento veio da sua resposta. A princípio não contou ao marido sobre os passos, e como o desarranjo dos sapatos tinha cessado e, aparentemente, tudo voltara ao normal, o pai decidiu que o filho ausente deveria regressar e que a família esqueceria todo o episódio.

Contudo, antes de o rapaz chegar a casa, o almirante estava um dia sentado sozinho com o seu whisky com soda na mesa ao lado quando o copo começou a afastar-se dele sem qualquer meio visível que explicasse o movimento. O homem ficou atónito e um tanto impressionado, e sem mexer uma mão observou o copo de whisky com soda deslocar-se pela mesa e estilhaçar-se no chão. Naturalmente, foi buscar outra bebida e tentou esquecer o sucedido, mas quando, um ou dois dias depois, um jarro que estava a usar executou um movimento pela mesa e se espatifou no chão, percebeu que algo muito errado estava a acontecer. Envergonhado e embaraçado, pediu conselho a um amigo.

O amigo aconselhou-o a procurar ajuda junto dos responsáveis do College, e assim o caso foi encaminhado para eles. «Uvani» cooperou na investigação, e a triste história foi relatada através de comunicação em transe. A história, tal como foi revelada, era a de que a mãe dos

rapazes tinha um irmão de quem gostara muito e que morrera dois anos antes. Nos últimos meses de vida deste irmão, ele sofrera de doença mental e, nesse período — como tão frequentemente acontece nesses casos —, os seus afetos tinham-se alterado em relação à esposa e ao advogado, duas pessoas de quem ele mais gostara e a quem fora mais dedicado.

Durante esse tempo, fizera vários testamentos. O único apresentado após a sua morte tinha uma data correspondente ao período em que começara a sua perturbação mental. Esse foi aceite pelo tribunal e homologado como o seu último testamento. Nesse testamento, legava os seus bens a um primo afastado, e a esposa, que ele amara sinceramente ao longo dos anos, não receberia mais do que a parte legal de viúva. Na morte, parece que ele conseguiu aperceber-se da situação em que colocara a esposa e, perturbado por isso e incapaz de descansar, tentara desesperadamente atrair a atenção para corrigir esse grave erro.

A sua memória estava fixa em encontrar outro testamento, um anterior, no qual legava os bens conforme realmente pretendia e desejara, e no qual o primo afastado era lembrado mas o essencial dos bens era deixado à esposa. Não conseguia dizer onde estava o testamento desaparecido, mas alguma parte da sua memória recordava que tinha o hábito de escrever e esconder coisas nos sapatos quando alguém se aproximava. Durante a sessão, a irmã, dominada pela emoção, saiu da sala. Ela já tivera anteriormente a «convicção» de que era o irmão que tentava contactar a família.

Ele tinha especial afeição pelo mais novo dos dois sobrinhos, e sentia que a natureza sensível do rapaz poderia fornecer a linha de menor resistência através da qual ele poderia fazer-se notar. Não tendo conseguido nesse ponto, e não querendo perder a possibilidade de contacto, continuou a tentar aproximar-se através de outros membros da família, incluindo o almirante. Como a ocorrência com os sapatos no roupeiro fora um aspeto marcante de todo o episódio, o homem «morto», quando questionado sobre isso, explicou que a sua mente

estava cheia de coisas secretas que queria pôr por escrito, e que muitas vezes, enquanto anotava essas ideias importantes, era interrompido por algum membro da família; quando isso acontecia, guardava os papéis secretos colocando-os dentro dos sapatos. Embora não se lembrasse exatamente onde escondera o documento, o lugar do esconderijo estava repetidamente associado na sua mente à ideia de sapatos.

Graças a esta pista, o testamento perdido foi encontrado num armário. O primo afastado não precisava nem queria os bens que lhe tinham sido deixados. Perturbado e impressionado com a maneira como a existência do primeiro testamento fora descoberta, decidiu honrá-lo e distribuir os bens do falecido de acordo com o seu primeiro testamento e intenção. Aparentemente, depois de feitas estas correções necessárias, o homem morto seguiu o seu caminho, pois não foi relatada nenhuma outra perturbação na casa.

Mais tarde, a minha filha e eu fomos participantes de uma experiência de assombração muito infeliz mas espontânea de outra natureza. A viajar de automóvel pela Alemanha, tínhamos planeado chegar a Colónia ao anoitecer, mas ao chegar a Kleve decidimos passar a noite numa pequena estalagem confortável onde o nosso anfitrião queria renovar um agradável conhecimento com o estalajadeiro. O lugar era limpo e confortável, mas desde o momento em que entrei na estalagem faltava alguma nota vital, algum élan necessário. Atribuí isso à ausência do estalajadeiro amistososo que, disseram-nos, estava fora. Fiz uma toilette rápida e descí para a sala de estar à espera dos meus amigos.

Relaxada numa cadeira confortável com as costas voltadas para uma parede interior da sala, observava o empregado a pôr a mesa num canto. Sonolenta, senti o familiar formigueiro nos nervos e uma sensação de pele de galinha nas costas, que costuma ser sinal de que não estou sozinha na sala. Nesse momento entrou a minha filha, e comentei com ela: «Há alguém atrás de mim?» Ela olhou para mim e respondeu: «Não.» Mas mesmo por cima do meu ombro «vi» um

homem pendurado pelo pescoço numa grande viga e soube que era numa sala atrás de mim. Enquanto olhava, podia ver, pelo último espasmo convulsivo do seu corpo, que estava no momento da morte. Também «sabia» que ele era o dono da estalagem.

Não faço ideia por que razão o vi exatamente nesse momento do seu autoaniquilamento, a menos que fosse porque esse era o momento ao qual a sua consciência, em vez de ser totalmente libertada pela morte, estava ancorada por fortes laços emocionais. A morte normal não é um acontecimento instantâneo, mas um processo que em alguns casos implica um tempo longo antes que a vida seja finalmente e completamente libertada.

Já conheci casos em que houve evidência de uma «consciência» parcial permanecer em forma fantasmagórica durante anos após a morte do corpo, como se alguma parte da mente se mostrasse relutante em libertar-se. Até onde vai a minha própria experiência, esta permanência aqui deve-se a alguma injustiça, lesão ou erro moral que a consciência não conseguiu perdoar ou esquecer e que, sob a misteriosa lei da compensação, detém o seu progresso e mantém-na no lugar da sua relação de vida mais profunda.

No caso do estalajadeiro de Kleve, eu não conhecia nenhum facto ou circunstância da sua vida, mas lá estava ele, algum tempo após a sua morte física, a impingir-se na minha consciência, exigindo atenção e retendo-me na imagem do seu sofrimento. Pude ver que fora um homem idoso forte, solteiro e sincero nos seus desejos e devoções, e naquela hora a minha clarividência involuntária era tão aguda que via com perfeita nitidez cada botão de cada peça de roupa que ele trazia — não num relâmpago ou brevemente, como tantas vezes acontece, mas a percepção mantinha-se. Vendo assim claramente que não existia nenhuma ferida ou doença do corpo como causa do que ele fizera a si próprio, também sabia que o seu autoaniquilamento fora o culminar de uma série de acontecimentos e circunstâncias que, para ele, tinham sido trágicos na sua natureza.

Os meus amigos desceram, e pouco depois foi servida a ceia. Embora tentasse comer, não tinha apetite. Assim que pude, desculpei-me e fui dar um passeio, levando a minha filha comigo, a quem contei a história. Aprendi com longa experiência a aceitar tais acontecimentos, examiná-los objetivamente e aceitá-los no espírito de aventura. Tal atitude de modo algum diminui a minha simpatia e desejo de ajudar. No caso presente, verifiquei que a minha filha estava um pouco perturbada.

«Ó mãe», disse ela, num tom que poderia ser interpretado como «lá vamos nós outra vez», «se ele está lá em baixo, isso não te impede de dormir. Podemos muito bem despir-nos e dormir uma boa noite.»

Não era para ser, porém, porque havia um nível da minha consciência que manteria contacto com o suicida durante toda a noite. Levantei-me cedo da cama e, não sabendo o que mais fazer, esperei até chegar o sacristão da pequena igreja local, e ali acendi uma vela pela paz do espírito do homem morto e pedi que ele fosse libertado.

Partimos para Colónia logo de manhã cedo, mas não conseguia livrar-me da sensação de que não tinha feito tudo o que era necessário para o homem morto. Sabia instintivamente que ele fora católico, e quando nos aproximámos da Catedral entrei e pedi que ele encontrasse repouso. Ao cair da noite, estava completamente libertada da sua presença. Ele retirara-se de forma tão inexplicável como aparecera.

Quando contei a experiência aos meus amigos, o meu anfitrião fez mais investigações. Foi então revelado que o velho estalajadeiro, que ele conhecera, se enforcara efetivamente numa viga da escada da cave, levado ao desespero por um sobrinho que, sem ser convidado, viera viver e trabalhar com ele e que, gradualmente, por astúcia e por força, roubara ao velho a estalagem, a paz de espírito e, por fim, a vida.

Muitos casos semelhantes ocorreram ao longo dos anos, e é interessante conjecturar sobre a fonte da energia que tais seres desencarnados utilizam para se manifestarem e revelarem as suas

naturezas. A ciência não faz nenhuma declaração neste domínio, mas os volumosos registros das sociedades de investigação psíquica já não deixam margem para duvidar que algum fator potente da força vital de um ser humano pode, e muitas vezes sobrevive à morte do corpo físico, continua consciente no seu próprio nível e é capaz de afetar os destinos das pessoas.

A minha própria convicção é a de que, na vida de cada uma destas entidades desencarnadas, se desenvolveu um núcleo de intensidade emocional tão potente que nem mesmo as dissoluções da morte conseguem dissociar completamente a consciência do campo das suas mais pungentes afinidades de vida. Esta permanência da consciência individual nas áreas das suas associações mais profundas pode ocorrer no caso de todos os seres humanos que morrem; não sabemos.

No antigo Oriente, onde talvez os processos da morte sejam melhor compreendidos do que entre nós, o período entre o fim da respiração e o momento do enterro (seja ele de que tipo for) é normalmente preenchido com instruções, sugestões e exortações à consciência que está a partir relativamente à sua mudança de condição e ao futuro para o qual avança. O Livro dos Mortos chinês e o Livro dos Mortos tibetano são compilações destes rituais.

E embora nós no Ocidente deixemos cada entidade que parte mais livre de encontrar o seu próprio caminho para o seu próprio futuro, praticamente todas as mortes normais são marcadas por alguma bênção de amor e devoção do mundo e muitas vezes pelas ministrações simbólicas ou mágicas da religião. Parece que, dos milhões que morrem a toda a hora, relativamente poucos ficam presos e retidos no espaço intermédio.

E ainda bem. Pois, como insinuei acima, o que parece retê-los é o efeito de alguma lesão ou injustiça moral que lhes foi feita — uma agressão que não conseguem esquecer nem perdoar. Ainda bem que tais vidas não são mais numerosas — pelo menos nos níveis que são perceptíveis para nós.

Houve, por exemplo, um caso peculiar que ocorreu em Inglaterra. Uma mulher viúva, desconhecida na região, chegara a uma pequena cidade e abrira uma loja bastante modesta onde se instalou e esperou por clientes. Tinha uma filha pequena, anémica e nunca saudável. Não tinham estado ali muito tempo quando as pessoas da aldeia se aperceberam de que pancadas estranhas e outras perturbações ocorriam frequentemente no local. Entretanto, a saúde da menina piorava constantemente. Tudo isto continuou durante algum tempo, e os boatos cresceram, mas ninguém interferiu até que finalmente alguém escreveu as circunstâncias ao falecido Sir Arthur Conan Doyle. Ele encaminhou a carta para Hewat McKenzie, que era então diretor do British College of Psychic Science. O caso parecia conter alguns dos elementos dos fenómenos de poltergeist, e como eu estava particularmente interessada em poltergeists, acompanhei Hewat McKenzie ao local. A mulher mostrou-se agressiva e pouco cooperante quando soube o motivo da nossa visita, mas também tinha medo — e com razão —, mas acabou por permitir que entrássemos em sua casa e víssemos a criança, que parecia bastante doente. Quase logo que chegámos ao local começou uma série inexplicável de pancadas. Pouco depois entrei em transe, deixando McKenzie encarregado de anotar tudo o que pudesse vir através de mim.

O que veio através foi uma mensagem do marido falecido da mulher. Ele morrera cerca de dois anos antes, deixando algum dinheiro para que a viúva pudesse cuidar da menina, a sua única filha, de quem gostava muito. Mas o advogado que tratara da pequena herança «conseguiu enrolar» a mulher, que não era má mas fraca, e os dois tinham vivido de forma alegre e frívola juntos até o dinheiro estar quase todo gasto. Nessa altura, quer por se ter fartado dela quer por ter outro interesse, o advogado abandonara a mulher à sua consciência, fazendo-a saber ao mesmo tempo que ela se colocara completamente nas suas mãos, tanto legal como física e moralmente.

As pancadas e perturbações eram expressões do protesto do homem morto contra tudo isso. Simplesmente não conseguia abandonar a sua filha preciosa a condições tão escandalosas. E havia

duas indicações extraordinárias no que ele então declarou: uma era que a força ou energia que ele usava para as suas manifestações era força que ele de alguma forma absorvia da criança, e a outra era que, para «salvar» a menina (e assim que o conseguisse), ele a levaria da mãe e cuidaria dela pessoalmente no lugar onde ele estava.

Se os «mortos» podem ou não usar as forças vitais dos vivos para a manifestação dos seus próprios propósitos, não sei. Se tal coisa for minimamente possível, parece que só poderia ocorrer em algum caso e relação especial. Estamos, porém, todos familiarizados com o facto de que nesta vida há pessoas que nos estimulam e outras que nos deprimem ou esgotam mental e nervosamente; e embora não saibamos muito claramente como tais efeitos ocorrem, será fácil (para quem conhece por experiência própria) imaginar quão disruptivo da paz e vitalidade normais tais pressões poderiam ser se fossem aplicadas de forma persistente e íntima durante um longo período de tempo.

Que certas entidades desencarnadas têm o poder de nos afetar nos nossos corpos e nas nossas consciências, sei-o pelo meu próprio conhecimento, pois frequentemente exigem a minha atenção, como fez o pobre homem que se enforcou em Kleve. A maior parte das entidades desencarnadas de que tenho conhecimento através da minha própria experiência parecem operar não drenando a força vital dos seres vivos, mas pelo poder inato da sua própria existência — o poder daquela parte delas que permanece alerta na esfera da nossa vida consciente —, o poder desse emocionalismo inesquecível, imperdoável que ainda as liga a lugares e pessoas específicos, exigindo a justiça que lhes é devida.

O que elas parecem precisar é de uma oportunidade de se expressar, de se livrar do que as atormenta; e é uma questão saber se, ao tornarmo-nos conscientes delas, o sensitivo lhes dá alguma medida de energia que elas conseguem usar de forma subtil, ou se tudo o que elas precisam é de um canal através do qual projetar uma energia que é inteiramente sua.

No vale do Severn vivia uma família de pescadores: um homem, a mulher e vários filhos adultos. Havia outro filho, mais novo, que nascera durante a menopausa da mãe. Este rapaz mais novo era delicado e muito querido pela mãe, mas também era o favorito do pai e dos irmãos. Ao aproximar-se da puberdade, com os pais já a envelhecer, sofreu um período de terror, pois descobriu um «fantasma» na propriedade — um homem escuro, rude, moreno, ameaçador. Quando o rapaz falou aos outros desta aparição, todos souberam do que ele estava a falar; todos tinham ouvido falar «dele» em alguma ocasião, mas, disseram, era inofensivo, e não lhe ligavam importância.

Não era assim com o mais novo, porém, pois o estranho visitante parecia sentir-se atraído por ele de alguma forma. Por vezes o rapaz, chorando ou gritando de choque, corria para o quarto da mãe a meio da noite, e quando ela tentava acalmá-lo ele contava-lhe como fora acordado de repente pelo fantasma a arrancar-lhe os cobertores da cama. Quando ela se deitava com ele para o tranquilizar, os cobertores eram por vezes arrancados novamente. No entanto, o visitante sombrio nunca incomodava os outros membros da família.

Quando o relato do caso chegou ao conhecimento dos responsáveis do College, vários membros da sociedade acompanharam-me ao vale do Severn e encontraram a família de homens rudes mas simples. Quando chegámos, foram educados e cordiais e muito curiosos, à sua maneira tímida, de ver que «mágica» pretendíamos realizar.

Hewat McKenzie já não era vivo nessa altura, e Stanley Barber, membro da Sociedade, explicou aos nossos anfitriões que não precisavam de ter ansiedade; dentro em pouco eu adormeceria, e então veríamos o que aconteceria, se é que aconteceria algo.

«Uvani» cooperou, como habitualmente, e veio uma comunicação de uma personalidade que tinha uma relação distante com esta família de jovens — era um tio em grau remoto. Vivera na

mesma casa várias gerações antes, e ainda tinha afeição pelo lugar, regressando nos períodos em que a pesca deveria estar no seu melhor.

Não era uma pessoa agradável, e contou uma história horrenda e trágica com um gosto que revelava quão definitivamente ainda vivia e desfrutava do passado apaixonado. Ele e um irmão tinham sido contrabandistas além de pescadores, e num ponto da conversa ofereceu-se para conduzir o grupo à igreja local onde tinham escondido rendas, vinhos e outros bens de contrabando que conseguiam trazer do Continente — e também para revelar o caminho que usavam vindo do mar, pelo portelo do cemitério até ao grande cofre da igreja onde se guardavam a prataria e outros tesouros — um belo baú antigo esculpido, com quase dois metros de comprimento e um tesouro em si mesmo.

Contou que, por fim, ele e o irmão se desentenderam e que ele disparara e matara o irmão — um ato de que evidentemente não tinha arrependimento nem penitência; continuou dizendo que tivera de manter o cadáver em casa durante vários dias antes de poder livrar-se dele sem pôr em perigo a própria segurança. Falou abertamente de tesouro escondido no jardim, e disse que escavar forneceria prova da veracidade da sua história. Relatou como a família possuía outrora imensas extensões de terra e considerável riqueza e como tudo fora perdido no jogo — dinheiro, terras, cavalos, mulheres —; tudo e qualquer coisa fora arriscado na queda das cartas ou dos dados — arriscado e perdido. Mais tarde, quando se escavou o jardim, desenterraram-se várias moedas antigas e alguns ossos humanos. Se eram ou não os ossos do irmão assassinado era, claro, incerto.

Mas, entretanto, aconteceu uma coisa estranha. O pai da família atual tirou do esconderijo uma pequena arca forte que era sua. Foralhe dada pelo pai dele, e continha várias moedas antigas e papéis tão velhos que mal se conseguiam decifrar, mas suficientes para dar um toque de autenticidade à história do nosso comunicante sobre a antiga riqueza da família. O pai da família atual também recebera do seu próprio pai a crença na lenda da antiga grandeza da família, mas

aquela pequena arca de restos antigos era a única prova sobrevivente disso que ele conhecia. Nunca revelara aos filhos nem a arca nem a história, porque tinha vergonha de ter tão pouco para dar à família do que outrora fora tanto.

Quando se perguntou ao «estrangeiro» por que vinha ali, respondeu com arrogância que aquele era o seu lugar e que gostava dele. Não sabia quem eram os atuais ocupantes da casa e ressentia-se da presença deles em termos inequívocos. Quando lhe perguntaram por que andava a atormentar o filho mais novo da família, declarou que não pretendia assustá-lo, mas que gostava do rapaz e queria atrair a sua atenção.

O espírito inquieto do homem que estava morto há várias gerações foi finalmente convencido de que o seu lugar já não era ali mas noutro lado, e mais tarde informaram-me de que ele acabara por desistir das suas visitas e nunca mais foi visto.

Surpreende-me repetidamente a relativa facilidade com que estes «visitantes» aceitam ser afastados dos cenários que os retiveram durante tanto tempo. Poder-se-ia supor que um laço suficientemente forte para desafiar as dissoluções da morte e manter uma consciência ligada às cenas da sua vida na Terra durante um século ou mais só poderia ser quebrado por alguma consumação extraordinariamente definitiva. Mas, no geral, os resultados das sociedades de investigação psíquica não indicam que seja assim. As chaves para tais sobrevivências parecem ser a emoção e o egoísmo.

No caso que acabo de citar, a admissão ingénua dos crimes cometidos, a oferta cooperativa de levar os interessados à igreja e a indicação amigável de onde escavar no jardim — tudo foi dado num espírito de fanfarronice e ostentação. Era esse o tipo de homem que ele fora em vida, e era esse o tipo de «fantasma» que era. Amava-se a si próprio e amava a sua vida, e agarrou-se a ela década após década do nosso tempo, embora o tempo, tal como o entendemos, não pareça existir fora da sensação corporal. Aqueles que regressam desta maneira parecem estar num meio-mundo de confusão, um mundo

preso entre a vigília e o sono onde a experiência onírica se torna realidade e, muitas vezes, um pesadelo. De facto, todo o processo de assombração parece estar relacionado com uma experiência de pesadelo, pois o visitante fantasmagórico pode ser libertado do mundo da substância não pela força mas por sugestão paciente aliada a raciocínio amoroso.

A aparição de tais entidades parece ser dirigida e dominada por alguma fixação emocional do passado. Quando são libertadas pelo argumento de que já não pertencem a este mundo e de que seria bom para elas esquecerem o passado e encontrarem o lugar que agora lhes pertence por direito, o efeito é libertá-las de laços que parecem ser um estado de pesadelo no qual agem como se ainda estivessem vivas e responsáveis.

A dissociação tem sido considerada uma anormalidade e uma condição destrutiva nas vidas e personalidades de muitos indivíduos sensitivos. Mas convém lembrar que toda a pessoa «normal» tem os seus momentos de dissociação em fantasia e devaneio. Será possível que tal dissociação continue após a morte e, se for assim, não ajudaria isso a esclarecer algum do mistério ligado ao fantasma e às assombrações?

A entidade que regressa age como um doente com febre ou alguém cuja mente está «libertada» sob os efeitos de um anestésico. Exibe memória em relação a certos lugares e acontecimentos do seu passado e refere-se repetidamente (como faz o febril) a essas relações emocionais infelizes. Está tão «fora do tempo» como uma pessoa sob o efeito de qualquer uma das drogas que alteram o tempo.

Parece, pois, que a morte é apenas uma troca de uma experiência por outra, pois ao longo de toda a história humana existiu a crença — não limitada a nenhum país, credo, nível ou cultura em particular — de que, através de percepções para além dos cinco sentidos, os homens conseguiram contactar fases de existência desconhecidas da experiência quotidiana.

CAPÍTULO DEZOITO

MANIFESTAÇÕES PSICOCINÉTICAS

Muitos homens eruditos testemunharam a genuinidade das pancadas, do movimento de objetos sem meios visíveis e das substâncias ectoplásmicas, tudo o que cai sob a designação de fenómenos físicos. Apesar disso, há muitos que não acreditam que tais coisas ocorram. Eu, porém, estou convencida em parte pela grande quantidade de provas que foram tornadas disponíveis de muitas fontes, e em parte porque fui exposta a elas pessoalmente.

Participei também em grande número de experiências conduzidas por Harry Price com Rudi Schneider, o sensitivo austríaco de renome internacional, e fiz igualmente parte do grupo nas suas séries de experiências realizadas em Londres em 1921 com Stella C., em condições que tinham sido eletricamente preparadas com todas as subtilezas que o engenho científico podia conceber. Vi um ramo de lilases ser atirado para o centro da mesa sem que houvesse o mais pequeno som de campainhas reveladoras ou um piscar da luz elétrica

sensível que teria acendido se Stella ou qualquer um de nós se tivesse mexido na cadeira.

Vi uma mão «ectoplásmica» que se assemelhava a uma mão humana formar-se no espaço, e posso afirmar com convicção que não era uma mera «aparência», pois, a convite, agarrou um lenço que lhe foi estendido e, ao fazê-lo, deu prova da sua força.

Vi uma mesa de cinquenta quilos ser levantada até ao teto de uma sala, ali ficar suspensa enquanto os melhores esforços do grupo não a conseguiam trazer para baixo. Quando finalmente caiu, partiu-se com a queda.

Não foram exhibições aleatórias mas experiências controladas que tiveram lugar em South Kensington, Londres. Foram organizadas por Harry Price, antigo secretário honorário do University of London Council for Psychical Investigation. Um relatório destas experiências foi publicado pelo Sr. Price em 1926. Assisti a muitas destas sessões nas quais o Sr. Price se preocupava em ter uma enfermeira e um médico presentes durante as manifestações de Stella. «As mulheres não servem para este trabalho», comentava ele. «Tornam-se simpáticas e emocionais e mais facilmente enganadas — e têm menos conhecimento de métodos de engano.» Acreditava que, se um médium fosse genuíno, ele ou ela não se oporia a exame médico e a controladores que ele considerasse necessários. Quem quiser saber mais sobre os seus métodos encontrará muitos deles discutidos no seu livro *Confessions of a Ghost Hunter*.

As experiências a que me refiro foram conduzidas na presença de responsáveis de sociedades acreditadas, médicos, jornalistas e um painel de cientistas, militares e engenheiros, entre os quais se podiam ver Lord Rayleigh, Sir Robert Gregory, Sir Vincent Caillard e o Professor C. E. M. Joad (cujo interesse pela magia e temas relacionados era bem conhecido), Sir Ernest Bennett e o Professor F. C. S. Schiller, para mencionar apenas alguns. Estes homens estavam interessados e de espírito aberto. Acharam os factos estranhos e maravilhosos e pediram sempre um exame oficial e imparcial das

provas de fenômenos paranormais. Deram ouvidos simpáticos ao apelo de Harry Price para que a investigação psíquica fosse resgatada da emoção doentia que ameaçava submergi-la e mantê-la longe do olhar sereno da ciência.

É sem dúvida excelente que a mente humana seja cética quanto a estes tipos de fenômenos. Tais demonstrações parecem tocar a margem de energias pouco compreendidas e deixam-nos completamente perplexos quanto às técnicas que manifestam. Sabemos como a descoberta da eletricidade alterou radicalmente toda a vida do mundo civilizado, e vimos os usos destrutivos a que o homem pode destinar os poderes da natureza que tão recentemente caíram nas suas mãos. Por isso não é de admirar que achemos tais fenômenos perturbadores.

O perigo do gênio de Sinbad escapar à sua servidão, o destino do último dono do diabrete da garrafa de Stevenson e a história de Fausto são todos indicadores simbólicos do destino terrível do homem que se associa a forças amorais. Pode imaginar-se facilmente que as energias que evocam estes fenômenos físicos provenham de áreas secretas do processo criativo em que a força vital do universo semeia todas as formas de ser físico, particularizando-as, especializando-as e desenvolvendo-as para a existência no mundo tal como o embrião humano é preparado e desenvolvido no útero.

Vi um tal mundo onde formas e figuras meio-feitas se moviam e lutavam, vitais e conscientes mas estranhamente inconscientes — como uma árvore o é, mas não exatamente como uma árvore, pois não pareciam impregnadas do fogo e movimento da vida que conhecemos neste planeta. Tais experiências nos primeiros dias do meu treino continham um aviso para mim de um perigo que ia muito mais fundo do que o meu ser físico, não ativo mas suspenso, um *animus* ténue em potência até ao próprio cerne da senciência interior. Perguntei-me frequentemente se seria vítima de alucinações, e não encontrei voz que me dissesse claramente que não era. Contudo, continuei a experimentar, observar e refletir.

Antes disso já tivera alguma experiência com fenômenos físicos. Hewat McKenzie não queria nada disso e nos meus primeiros tempos avisara-me contra tais experiências, mas um grupo de amigos interessados em manifestações físicas instou-me a juntar-me a eles numa série de experiências apesar do veto de McKenzie. Sentei-me com um grupo para ver o que poderia acontecer, e eventualmente alcançou-se algum sucesso. Então tive uma erupção de consciência e contei a Hewat McKenzie o que andara a fazer. Ele repreendeu-nos a todos, e como tinha uma reputação de probidade desinteressada, as experiências em fenômenos físicos foram descontinuadas por enquanto.

Há outros tipos de trabalho psicocinético que são realizados com propósito consciente e em plena vigília, e que produzem formas e efeitos físicos muito definidos sem a ajuda de um médium. (Para interesse e ênfase neste ponto, pode ler-se o relato de uma experiência deste tipo feita por Madame David-Neel no seu livro *Magic and Mystery in Tibet*.)

Tais experiências não são recomendadas, pois, como indica o próprio relato, não se pode escapar às responsabilidades e consequências de tais criações — nem de quaisquer outras, aliás — exceto pagando o preço compensatório total. Na verdade, é impossível escapar. Não existe tal coisa como fuga. Paga-se e recebe-se pagamento por todos os compromissos e atividades da nossa vida.

O seguinte é do relatório de Madame David-Neel:

Além de ter tido poucas oportunidades de ver formas-pensamento, a minha habitual incredulidade levou-me a fazer experiências por mim mesma, e os meus esforços foram coroados de algum sucesso. Para evitar ser influenciada pelas formas das divindades lamaístas que via diariamente à minha volta em pinturas e imagens, escolhi para a minha experiência uma personagem completamente insignificante: um monge baixo e gordo, de tipo inocente e jovial.

Fechei-me em tsams (reclusão) e procedi à concentração de pensamento prescrita e outros ritos. Ao fim de alguns meses o monge-fantasma formou-se. A sua forma tornou-se gradualmente fixa e com aparência viva. Tornou-se uma espécie de hóspede que vivia no meu apartamento. Então quebrei a reclusão e parti em viagem com os meus criados e tendas. O monge incluiu-se no grupo. Embora vivesse ao ar livre, cavalgando muitos quilómetros por dia, a ilusão persistiu. Via o trapa gordo; já não era necessário pensar nele para que aparecesse. O fantasma realizava várias ações naturais nos viajantes e que eu não lhe tinha ordenado. Por exemplo, caminhava, parava, olhava à sua volta.

A ilusão era principalmente visual, mas por vezes sentia como se uma veste me roçasse levemente, e uma vez uma mão pareceu tocar-me o ombro.

Os traços que eu imaginara, ao construir o meu fantasma, foram-se modificando gradualmente. O sujeito gordo de faces rechonchudas emagreceu, o rosto assumiu uma expressão vagamente zombeteira, astuta, maligna. Tornou-se mais incómodo e atrevido. Em resumo, escapou ao meu controlo.

Um dia, um pastor que me trouxe uma oferta de manteiga viu o tulpa (criatura mágica, ilusória) na minha tenda e tomou-o por um lama vivo.

Deveria ter deixado o fenómeno seguir o seu curso, mas a presença daquele companheiro indesejado começou a ser penosa para os meus nervos; transformou-se num «pesadelo diurno-noturno». Além disso, eu começava a planear a minha viagem a Lhasa e precisava de um cérebro tranquilo, livre de outras preocupações, por isso decidi dissolver o fantasma. Consegui, mas só após seis meses de luta árdua. A minha criatura mental era tenaz da vida.

Não há nada de estranho no facto de eu poder ter criado a minha própria alucinação. O ponto interessante é que, nestes casos de materialização, outros veem as formas-pensamento que foram criadas.

Os tibetanos discordam na explicação de tais fenómenos: alguns pensam que uma forma material é realmente trazida à existência; outros consideram a aparição como um mero caso de sugestão, o pensamento do criador impressionando os outros e fazendo-os ver o que ele próprio vê.

Madame David-Neel não deu mais nenhuma opinião própria sobre as realidades da experiência assim relatada no seu livro, o que deixa toda a gente livre de tirar as suas próprias conclusões.

Pela minha própria experiência na observação dos produtos da mediunidade física, não consigo deixar de supor que o monge de Madame David-Neel fosse uma realidade de algum tipo — algum tipo de existência real em si mesmo. Nesta concepção não é preciso ir ao ponto de acreditar que a criatura era uma entidade orgânica plenamente desenvolvida e funcional; mas era, sem dúvida, uma «criação» real, o fruto de um propósito específico, intenção criativa e energias concentradas. Ele simboliza um aspeto de todo o vasto campo da psicologia e do mistério natural em que as energias imateriais do universo são transpostas em forma material através da intenção criativa do homem. E vale a pena lembrar que o atual esquema civilizado de vida é produto das intenções do homem.

Desde os meus primeiros tempos de treino que experimentei fenómenos espontâneos que me levaram a considerar seriamente o desenvolvimento da telecinese até ao ponto em que possa ser controlada e estudada por técnicas de laboratório; é para esta última fase de experimentação que dedicarei algum tempo no futuro. Continuo a acreditar que existe uma fonte de energia ainda não explicada dentro da humanidade que é automaticamente utilizada em momentos de profunda necessidade e tensão emocional.

A importância destas energias não pode ser ignorada e, embora espere muitos contratempos num tal estudo, sinto que, nesta era de inquietação intelectual, qualquer caminho que prometa lançar mais luz sobre a questão da herança e da sobrevivência do homem vale longos anos de esforço sustentado de investigação.

CAPÍTULO DEZANOVE

O ALENTO E O SANGUE

Na constituição humana há um ponto de foco que é a sede física das faculdades psíquicas. É o plexo solar, esse grande gânglio de nervos que se situa atrás do estômago. Fica longe do cérebro e pensa de modo diferente do cérebro, pois é um cérebro ele próprio. Quando, numa situação de perigo silencioso, um ramo se parte, é no plexo solar que se sente primeiro o efeito.

O facto de o ouvido ouvir e o cérebro registar o som são factos incidentais, remotos do centro onde a vida está então concentrada. Numa tal situação, o sangue lateja e o alento torna-se rápido e superficial nos pulmões, porque parte dele é retido profundamente na região do diafragma.

Quão raramente nos animamos assim no quotidiano rotineiro das nossas rotinas! Perdemos a tensão de uma vigilância vital que nos é inata e gastamos as nossas energias casualmente pelas linhas de menor resistência.

É nas proximidades do plexo solar que se sente primeiro o medo. Mas o medo é o prelúdio da coragem, da concentração das energias, do enfrentar das questões, do seguir em frente. A coragem e o sacrifício importante são aceites na mente — se é que o são — depois de terem sido decididos aqui. E é como resultado de ter satisfeito estas compulsões profundas que o pensamento e o sentimento se fundem num sentido de plenitude.

É ao nível do plexo solar que a natureza humana faz as suas mais profundas concessões à Natureza. É aqui que os que morrem em batalha aceitam primeiro o destino. Tendo-o feito, passam para além do medo e enfrentam a vida universal. E se, tendo aceitado o destino

desta maneira, não morrem mas vivem, nunca mais ficam completamente libertos das profundezas, por mais inconscientes que estejam da natureza da sua estranheza interior. Esta é a chave da coragem da juventude e do silêncio daqueles que muito sofreram do mundo.

É também a qualidade acima de todas as outras que conduz ao sucesso e que é inerente ao mundo da percepção. Platão lembrou-nos há muito que Deus geometriza eternamente. Há sempre uma linguagem à mão — a linguagem da natureza e da alma — para o engenheiro, o poeta e o matemático.

A majestade do incognoscível sempre reconheceu o alento e o sangue. Soprou nas narinas da criatura que fizera, e a criatura tornou-se uma alma viva. Pôs Jacob à prova exigindo o sacrifício de sangue do seu filho. Os ignorantes podem trocar, mas os verdadeiramente sábios — sejam religiosos ou não — saberão que, hoje, a vitória sobre as forças obscuras da morte, da destruição e da escravidão só foi ganha através do derramamento do sangue brilhante e corajoso, da entrega do alento de vida pelos jovens das nações.

Olha-se com espanto e piedade enquanto o preço sacrificial aumenta guerra após guerra. Pergunta-se se, no fim, a própria humanidade terá de morrer defendendo o espírito que nela habita. Não há grande perspectiva de algo menor na civilização, pois infelizmente a civilização não se baseia na integridade do homem natural mas no equilíbrio de poderes simbólicos. Poder-se-ia supor que os oitenta e tal centimos de substâncias químicas que, com água, constituem o corpo humano representassem o valor real de um homem. Mas não é o valor de um homem. Nenhum valor monetário é o valor de um homem — nem quanto possui nem quanto ganha. O valor do homem reside mais fundo do que o conhecimento da civilização consegue penetrar e só é descobrível nas categorias das espécies da natureza. Este é o reino das trevas para nós; conhecemos apenas os valores do mercado.

Isto não quer dizer que eu aconselhe alguém a demitir-se do emprego, abandonar responsabilidades e sair com uma tigela de

mendigo, confiando na natureza. Não, pois nem ganhámos o direito nem aprendemos o caminho. Mas sugiro que prestemos alguma atenção às fontes naturais da nossa existência, que pensemos no alento e no sangue, nas suas origens no universo e nas energias universais que, através deles, animam o ser.

O conhecimento direto do Infinito através da percepção é o objetivo comum tanto do místico oriental como do ocidental. Há muitos caminhos para a experiência interior, todos eles conduzindo à conquista da perfeição. Talvez a personalidade que somos hoje exista porque ainda não estamos prontos para uma participação mais plena. Estamos, porém, a começar a afastar-nos da autoridade externa e a confiar na experiência interior.

Os cientistas medievais, que acreditavam na transmutação dos metais inferiores em ouro e na cura universal das doenças e prolongamento da vida, não se sentiriam em estranha companhia entre os químicos atômicos da era moderna que conseguiram a transformação prática da matéria em energia em larga escala. Estes pioneiros da transmutação atômica podem muito bem conduzir a humanidade a desacelerar a energia até ao ponto em que ele ganhará ascendência sobre o tempo e o espaço e compreenderá estes níveis contínuos de energia através da sua própria consciência expandida.

A intuição lógica, em vez de ser suspeita, pode muito bem vir a ser mais plenamente compreendida. A experiência que o homem tem do universo depende inteiramente do seu desejo de conhecimento e da observação dos fenómenos com que vive. A existência torna-se realidade para ele de acordo com os seus horizontes e, a menos que tenha a curiosidade de persistir e perseverar na sua busca de conhecimento, deixa a cena do mundo com grande parte do imenso território e da sua atmosfera subtil por explorar.

A sua imagem do seu «novo país» diferirá enormemente da do homem que empurrou as suas fronteiras para um mundo de especulação, para um mundo de aventura.

O rio da experiência humana correu pelas planícies deste planeta durante muito tempo, mas sempre houve, em todas as épocas, aqueles que quiseram observar os rápidos; hoje, com a força acelerada da ciência, há mais. Cada um usou o seu território com sentimentos diferentes e, quando o viajante regressa para falar do que encontrou, afirma-se que os resultados são muitas vezes incoerentes e insignificantes.

Quando o homem morre, não terá mudado muito, e os relatos do que a próxima dimensão pode conter serão igualmente limitados como foram as suas reflexões deste lado, onde as limitações do pensamento humano impõem dificuldades quase insuperáveis. Quando se procura compreender a natureza fundamental de si próprio, a lógica deixa de servir, e as afirmações «iluminadas» só podem ser aceites como especulativas. Pois, como cada um aceita a fórmula da vida de modo diferente, cada um continuará a relatar as suas experiências de «vida após a morte» a partir das suas próprias deduções.

Contudo, quando se deseja explorar com as capacidades desenvolvidas da experiência que são supremas na nossa natureza, há um imediato avivamento dos nossos melhores impulsos. O pensamento conceptual permite escapar para além do alcance primitivo do ser e analisar as características cruciais da atividade da mente quando esta está plenamente coerente. A projeção de si mesmo para viajar pelos níveis desta experiência é altamente estimulante, não só para a mente mas também para o corpo.

Da exploração que fiz, parece que o crescimento do homem no seu próximo estado é infinitamente mais determinado pelo seu próprio propósito consciente. Por mais tempo que a alma permaneça num estado de sonolência especulativa, acaba por despertar para a necessidade de que o próximo passo no desenvolvimento reside no seu próprio desejo de crescimento e expansão.

CAPÍTULO VINTE UM

NOVO EMPREENDIMENTO

Os anos entre a primeira e a segunda guerras mundiais foram anos de espera. A maior parte da minha geração tinha, consciente ou inconscientemente, um sentimento de culpa pelos problemas políticos e sociais não resolvidos ou criados pelo Tratado de Versalhes. Sentíamos-nos inquietos durante os anos do Armistício porque sabíamos que poderosas influências para o mal estavam em ação no mundo. Em 1938 havia, por trás da busca nervosa de prazer, a sensação sombria de que o pior poderia acontecer novamente.

Após o desaire de Munique, senti-me impelida a visitar novamente a Alemanha para me assegurar de que os sentimentos de apreensão que tinha eram justificados; ali via-se muito claramente que o que estava a acontecer ao povo judeu na Alemanha irromperia sem dúvida numa chama que, se não controlada, um dia queimaria toda a terra. Não parecia restar nada a fazer senão decidir de que modo os próprios esforços seriam mais eficazes. Não havia dúvida de que, quando a guerra viesse, eu trabalharia em França.

Assim, tal como milhares de outros, esperei e ouvi as belas palavras de unidade que eram pronunciadas — até que a esperança morreu diante dos nossos olhos, e forças invasoras varreram a Europa para serem milagrosamente detidas no Canal da Mancha. Já muito foi escrito sobre estes primeiros dias, dias agora quase esquecidos, tão rapidamente a história se desenrola e o tempo apaga a crueza do drama. Permaneci em França até ao fim de 1940, trabalhando com

crianças e refugiados, mas era o sofrimento das crianças que era mais difícil de suportar.

Após a queda de França, uma Comissão de Armistício do Eixo composta por funcionários alemães e italianos policiava a Côte d'Azur e familiarizava-se com os movimentos de todos os estrangeiros. Isto não era de admirar, pois todos faziam a sua parte para evacuar os soldados, tanto franceses como britânicos, que tinham ficado de Dunquerque e se escondiam em França. A minha presença não era bem-vinda e depressa se tornou óbvio que me pediriam para partir. Isso não me preocupava muito. O grau do meu acolhimento não era importante para mim. O que era importante era o meu sentimento de estar no lugar certo. Enquanto esse sentimento persistisse, eu ficava.

Então, um dia, num instante, veio o «movimento ativo»; ficou-me claro que o meu trabalho em França terminara. Foi como se tivesse recebido uma ordem súbita das mãos do meu comando. Nessa altura não tinha nenhuma ideia clara de regressar à América, mas fui para Lisboa e, uma vez lá, tornou-se inevitável. Os navios que partiam para Inglaterra eram poucos e raros, e os aviões, dado que as linhas aéreas holandesas estavam paradas nessa altura, não podiam esperar transportar os milhares que aguardavam para partir para a América. Jornalistas, economistas, banqueiros, industriais — toda a espécie de pessoas importantes passavam semanas em Lisboa à espera de transporte. Mas, ao chegar, encontrei um barco de refugiados que partia para Nova Iorque e que milagrosamente me ofereceu passagem.

Durante a travessia, a situação das crianças da Europa atormentava-me muito; pensando nelas, numa manhã cedo caminhei pelo convés perguntando-me quando terminariam para elas os horrores da guerra. Foi então que me veio a ideia de lançar uma revista. Veio num lampejo instantâneo como algo a realizar, e nenhuma lógica surgiu para proclamar o passo seguinte — aquele passo que, no passado, sempre parecera revelar-se sem julgamento.

Definir o momento em que a inspiração nos impele não é fácil. A urgência da voz interior age como um movimento ordenado e ativo.

Não pode ser confundida com imaginação ou expressão criativa, que é a definição bem-sucedida e completa de qualquer experiência dada. A inspiração que me move de um passo para o seguinte é sempre instantânea.

Enquanto caminhava pelo convés, ouvia as vozes das crianças a perguntarem às mães: «Quando comemos, mamá?» E a resposta era sempre a mesma: «Amanhã, esperamos.» Ali, naquela pergunta tantas vezes ouvida e naquela resposta desesperada, estava o nome da minha revista: Tomorrow (Amanhã).

A sua razão de ser seria servir de orientação para a juventude e os problemas da juventude, para aqueles jovens que um dia, por mais distante que fosse, expulsariam a violação alienígena que destruíra não só o mundo adulto mas, mais tragicamente, o seu próprio mundo mais puro. A tendência niilista que se manifestara tão vivamente na Primeira Guerra Mundial era agora mais notável. O vírus da revolução tornar-se-ia mundial, e a negação ou a inércia não serviriam para o evitar. Três meses após a minha chegada à América, os escritórios estavam instalados e eu começara a reunir o material para os primeiros números da revista. A Creative Age Press, o departamento de livros, seguiu-se como consequência natural. Tornou-se então necessário publicar livros para sustentar o empreendimento da revista. Foi tão simples quanto isso.

É verdade que muitas vezes sonhara, quando jovem, em possuir um dia uma revista que expressasse os meus próprios ideais de vida criativa, mas os anos intermédios deram pouco reforço à ideia. Todavia, em 1941 a Tomorrow foi lançada para se tornar, não uma expressão apenas de mim própria, mas uma publicação mensal significativa que se alimentava da fração ainda demasiado pequena daqueles que se sentem compelidos a participar material e espiritualmente na formação da vida que está por vir.

O âmbito deste livro não permite que estas páginas sejam um relatório do negócio editorial; o ponto que quero aqui tornar claro é que isto, e fases semelhantes importantes na minha vida, nunca vieram

de dentro como crescimento que possa ser definido em termos gerais de experiência.

O estímulo compulsivo e a experiência que permite o crescimento chegam sem qualquer busca interior ou labor subjetivo conhecido. A natureza, portanto, de tal inspiração parece ser totalmente espontânea e de origem externa. Impulsa-nos para além do campo da experiência e é tão importante nas suas consequências que nos leva a procurar a natureza e o significado de um tipo de estímulo que provoca tal variedade de reações, não só na nossa própria vida mas nas vidas dos outros.

Muitas vezes me perguntaram — de facto, por vezes pergunto a mim mesma — por que razão escolhi entrar na edição. Se quiser encontrar razões práticas para tal passo, posso responder que a palavra escrita e falada passara a exigir maior responsabilidade pelo seu uso correto numa época em que a linguagem se tornara uma arma subtil de propaganda. O padrão de transformar belas palavras em instrumentos de motivos vis tornara-se comum e, como a linguagem é básica para o negócio da vida civilizada, são as palavras honestamente usadas que podem virar um mundo irado na direção da paz. Perante a tempestade que se avizinhava no horizonte, a edição oferece um meio exato e direto de preparação.

A minha herança irlandesa atua sem dúvida como uma tentação para mim; nós, irlandeses, gostamos e respeitamos as palavras. Após a Primeira Guerra Mundial, fui das que ajudaram a reunir os escritos póstumos dos jovens poetas. Então, como agora, considereei a escrita e a edição uma vocação honrosa, mais do que um negócio, e que exigia responsabilidade pela palavra escrita. Se estivesse interessada apenas nas fugas à vida — que hoje tornam insípida grande parte da nossa vida quotidiana —, teria escolhido um campo de expressão menos exigente.

CAPÍTULO VINTE E UM

EM SUMÁRIO

O espírito do homem está doente da confusão e da futilidade em que vivemos, e por esta razão acredito que os grãos de areia da submissão à ortodoxia e à tradição se estão a esgotar. Uma defesa espiritual contra a apatia e a descrença é da maior importância, e com isso em mente encaro com entusiasmo os anos vindouros dedicados a mais investigação. O trabalho nos domínios da investigação psíquica é o mais fascinante que se pode imaginar e, na minha opinião, o trabalho mais importante ainda está por fazer. Pouco a pouco o público vai-se apercebendo da sua importância.

Já não há muitos nos campos científicos que desconheçam as experiências e os estudos realizados em universidades deste país e da Europa. Especialmente conhecido é o trabalho do Professor J. B. Rhine da Universidade Duke e o do Professor Gardner Murphy do College of the City of New York. As implicações contidas nos seus estudos têm profundo significado para todos os líderes religiosos, independentemente da sua fé e crença, pois prometem uma revelação que um dia poderá reconciliar a religião e a ciência e devolver à primeira a sua potência espiritual.

A investigação psíquica em si mesma não é Espiritualismo nem é uma religião. É o estudo científico da personalidade humana para além do limiar do que o homem chama a sua mente consciente. Os investigadores não são pessoas supersticiosas que decidem acreditar em algo intangível, embora o tema sofra por ser erradamente identificado com outros cultos e crenças ocultos e esotéricos. Para esclarecer o que é, julgo que um brevíssimo levantamento histórico se justifica.

A investigação psíquica moderna não tem uma longa história, mas o próprio tema possui uma história longa que remonta à magia primitiva, pois os fenómenos com que lida aparecem por trás de todas as religiões antigas, bem como em todo o saber primitivo, pelo que

não pode ser considerado um movimento moderno. A investigação psíquica surgiu primeiro em Londres em 1882. É um ramo da ciência que exige observação e experimentação rigorosas. Atraiu estudiosos de renome de todos os outros campos para contribuírem com o seu conhecimento para o estudo do homem, da sua personalidade e da sua possível sobrevivência. Um dos seus principais fundadores foi F. W. H. Myers, autor de *Human Personality and Its Survival of Bodily Death*. Desde então, esta sociedade londrina nunca deixou de atrair o apoio de intelectuais de todos os cantos do mundo; entre eles encontram-se os nomes dos condes de Balfour, Sir Oliver Lodge, Professor H. H. Price, Dr. R. H. Thouless, Henri Bergson, Camille Flammarion, Dr. Alfred Russell Wallace, Sir William Crookes, Lord Rayleigh, Professores Charles Richet, Geley, Carrell e Osty de França, para mencionar apenas alguns. Ao longo dos anos surgiram muitas outras sociedades com os mesmos objetivos científicos. Entre as mais destacadas estão a American Society for Psychical Research e o Institut Métapsychique International em Paris, enquanto grupos semelhantes foram formados na Holanda, Itália, Polónia, Dinamarca, Noruega, Grécia e Egito. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, todos estes grupos voltaram a tornar-se ativos. A Universidade Harvard criou uma Bolsa Hodgson em investigação psíquica, e a Perrott Studentship para o estudo da investigação psíquica foi fundada como memorial a F. W. H. Myers no Trinity College, Cambridge.

Antes da guerra, na Alemanha, o Departamento de Psicologia da Universidade de Bonn dedicava grande atenção à investigação psíquica, onde ainda se recordava a personalidade vital de William James, cuja reputação e obras são conhecidas de todos os estudantes do tema.

Aqui na América, o trabalho do Professor Hodgson, William James, Morton Prince e Walter Franklin Prince, bem como o do Dr. James Hervey Hyslop — um dos fundadores da American Society for Psychical Research —, continuou a expandir estes estudos. O trabalho iniciado na Universidade Duke pelo saudoso e querido Professor William McDougall, e competentemente prosseguido pelo Professor J.

B. Rhine, continua a acrescentar lustre ao incansável labor de outros no campo que têm estado igualmente prontos a sustentar estes estudos.

Mas para além do que já foi realizado, há ainda muitos aspetos desta investigação que exigem atenção continuada. Tal estudo pode revelar as respostas a muitos dos problemas que não podem ser resolvidos enquanto a razão do homem não lhe permitir compreender a verdade de que, através do seu eu intuitivo, ele pode alcançar para além do condicionamento do seu meio. A porta para a alma do homem é a intuição, e é através do conhecimento da sua alma que todo o seu entendimento conceptual tem de brotar.

Avançámos tão rapidamente no conhecimento das coisas mecânicas e externas da vida e temos tal domínio sobre as forças materiais da natureza que nos resta pouco tempo para reflexão, e as verdades espirituais de potência potencialmente muito maior correm o risco de ser sufocadas. O poder e a riqueza são erigidos para adoração; por todos os lados ouve-se a pergunta «O que recebemos?» em vez de «O que damos?». Quando o homem existe sem conhecimento da sua função individual e coerente na vida, a crença morre, e o alicerce humano desmorona-se e apodrece.

Se pareço sublinhar a necessidade de mais estudo e investigação objetivos, é porque sei que a ciência e a religião terão inevitavelmente de se unir; é necessária a palavra intrínseca e espontânea para expressar esta ideia até que a fé se torne a diretiva do trabalho e do ser do homem. Como a razão tem de se submeter, só a ciência pode fornecer a resposta à busca espiritual do homem. É por isso que o trabalho dos cientistas neste campo é de suprema importância.

O seu trabalho pode dar aos nossos «racionalistas» provas exatas de que o homem tem uma alma. Pode acrescentar-se que é um triste comentário o facto de estes pioneiros na religião científica continuarem a ser entravados por falta de fundos para investigação quando somas enormes são gastas pela ciência para aperfeiçoar formas e meios de apagar a imagem do homem da cena.

Do que registei das experiências da minha própria vida, tornar-se-á claro que há aspetos da nossa natureza que dizem respeito não só ao mundo das formas civilizadas de convenção, mas a estados para além. Se digo que sei que os mortos sobrevivem, que a comunicação com aqueles que partiram é possível e ocorre de facto e que a consciência humana é capaz de percepção noutros níveis de experiência, sei estas coisas pelo meu próprio conhecimento e experiência.

Também ficará claro que estas certezas quanto à vida presente e à vida após a morte afetam e alteram as minhas atitudes à medida que as sigo diariamente. Se insisto que as faculdades paranormais estão geralmente distribuídas por toda a raça humana, necessitando apenas de ser desenvolvidas para se tornarem ativas e positivas, faço-o em consequência das experiências que tive.

Não há nada de novo ou surpreendente nestas experiências. Um momento de reflexão lembrará a qualquer um que o que experimentei se situa na direção geral de tudo o que os videntes e pregadores da raça testemunharam; mas na pressa da vida vivemos em constante inconsciência do facto de sermos criaturas naturais, e tornámo-nos tão absorvidos nas fórmulas de viver que olhamos para essas fórmulas e não para a natureza em busca do nosso próprio sustento. Convém lembrar que o alento e o sangue que estão em nós continuam a ser as portas fechadas para o mistério da vida. Neles a vitalidade do universo manifesta-se através de nós, e nós, como criaturas naturais, continuamos a existir.

Muitas vezes se confronta com a afirmação de que o próximo estágio da existência contém muitos níveis ou planos, mas isso também é verdade da vida aqui, onde há um crescimento fervilhante na terra, no ar que respiramos e, de facto, à nossa volta, de que estamos totalmente inconscientes. A próxima aventura pode parecer-nos subjetiva neste ponto, mas uma vez ocorrida a morte física, o ego será tão concreto e os acontecimentos existirão em sensação e memória, tal como existem nos nossos dias e anos atuais. O censor da

consciência quotidiana resiste, transforma ou transpõe os acontecimentos e ocorrências que representam as nossas vidas diárias.

As emoções de viver no momento já estão a desvanecer-se naquele abismo de silêncio alerta e à escuta que é o epítome do curto período do homem na Terra. Contudo, esse período não pode perder-se, pois a vida pode ser comparada ao martelo e à bigorna, cujos movimentos e resultados não viajam numa só direção. Enquanto os golpes pesados podem produzir a forma desejada e gerar calor, as vibrações invisíveis viajam para fora e para além, produzindo sons que, à sua maneira, atravessam paredes e incitam a imaginação do poeta a tecer uma canção, ou afetam os tristes e provocam discórdia numa vida já ofendida pelos fardos da vida.

Aprendi que vivemos da vida para o sonho, e depois para o despertar, pois o estado de sonho recolhe os impulsos rejeitados e os desejos condenados e, a partir deles, tece a matéria da energia criativa que nos levará, com objetivo instintivo e impulsionador, à satisfação do dia seguinte e para além das áreas escuras da melancolia.

Convém lembrar isto num mundo que está em fluxo, um mundo que se torna progressivamente melhor. Hoje é possível compreender aspetos da vida que eram estranhos há poucos anos, e agora é comum as pessoas compreenderem completa e profundamente a maior parte das funções do corpo e da mente. Quando eu era criança, a doença mental era considerada feitiçaria pelas pessoas simples à minha volta, e as minhas próprias visões eram tidas como as de uma criança trocada deixada pelos «pequenos povos». Hoje, os doentes mentais são reconhecidos como doentes, e o comportamento humano invulgar pode ser evidência de desajustamento. Há hoje muitos que não têm medo de dizer que a realização e o alcance terrenos apontam para o espiritual no homem, e que a vida contém de facto a promessa de continuidade.

Tanto em teoria como em experiência humana, acredito que a personalidade sobrevive à dissolução corporal, para voltar a ser contida em forma, embora ainda não possamos compreender a matéria

do nosso novo ser. Mas enquanto o universo funcionar haverá sempre forma através da qual encontrar expressão. Quer estejamos conscientes deste facto ou não, estamos sempre em comunhão com os nossos semelhantes e com o eterno, com aqueles que já não estão aqui, exceto na memória subconsciente e através de manifestações parciais e imediatas de dentro e de fora dos nossos eus intuitivos.

Forma e dimensão são a realidade concreta e qualificada da luta do homem. O significado desta luta não nos é claro. O que é evidente, porém, é que o fator comum da não-intenção dirige maioritariamente o mundo a partir de um centro do eu que, na maior parte dos casos, é insuspeitado. Em virtude de algo externo, há um fluxo contínuo ao nível da vida livre e para além da mecânica da existência.

O avanço do homem coletivamente parece ocorrer não por causa da sua maior eficácia e consciência, mas por acontecimentos externos, dentro dos quais está a matéria do significado, só compreensível à medida que avançamos para uma fusão viva de compreensão. Esta compreensão do padrão único do eu estende-se para preservar todos nós. Pode ser realizada eficazmente pela compreensão do amor maduro que está profundamente ancorado no Cosmos pessoal.

Como crianças, aceitamos a vida e estamos cheios de interesse perante o incompreensível. Somos ensinados a discernir entre o simbólico e o factual, até sabermos o significado de ambas as formas e podermos avaliar a sua importância para a vida. Desta compreensão alcança-se a síntese do ser. Os ideais da humanidade, agora brutais e falsos, podem ser ensinados aos jovens, e em vez de lhes ensinarmos que o seu único dever é para com o Estado e o sucesso pessoal, podemos com igual facilidade revelar-lhes a verdade e a justiça do Sermão da Montanha. Assim, a razão, com o auxílio da experiência madura, revelar-se-á por si mesma que existimos como um e como o outro ao mesmo tempo, responsáveis pelos nossos próprios atos e pelo bem-estar espiritual e corporal dos nossos irmãos. A morte tornar-se-ia então um acontecimento natural e, tendo-se uma vez rendido à vida e consciência eternas, abandonar-se-ia a negação e o medo.

Tão claramente como se sabe a hora olhando para o relógio, sabe-se que as regiões da morte estão constantemente à mão. Estas não são, porém, regiões de vazio e negação, mas regiões de realidade, compactas de consciência e cheias de substância. O valor de tal mudança refletida só pode conduzir à amplificação da consciência, à abertura de áreas dormentes da mente a novas ideias e impressões.

Passámos por uma grande guerra na qual milhões de seres humanos morreram em batalha, em campos de prisioneiros e como vítimas inocentes da brutalidade do homem para com o homem; e está a atravessar o mundo uma grande onda de desejo — de necessidade por parte dos que sobrevivem — de prova do ser espiritual. É por esta razão que sublinho continuamente a necessidade de investigação objetiva no supranormal. Sempre me deixou perplexa a falta de bom senso trazida ao tema desta indagação. Demasiado tempo foi gasto com o fator ou acontecimento observável, e não quase suficiente com a natureza do indivíduo ou com as razões que o levaram a produzir fenómenos.

Para minha própria satisfação, descobri o campo eletromagnético do meu próprio ser e do mundo externo. O meu objetivo deve ser, então, coordenar as minhas próprias sensações e experiências num padrão lógico que eu possa examinar, não só para satisfazer a minha própria curiosidade intelectual mas para estender o valor dos meus achados por meio de experiências objetivas. Reuni provas suficientes para me assegurar de que há áreas de consciência a explorar apenas através da investigação.

Levou meia vida a emergir através de um mundo de significado externo para voltar a entrar na natureza fundamental do ser dentro do espaço e do tempo, mas valeu bem a pena. Descobri que os acontecimentos de cada dia me passam pelos dedos como contas num fio. O tempo torna-se um elemento novo e excitante que flui através de mim, a sua passagem peculiar registando acontecimentos dentro em vez de fora. Estou agora capturada no seu significado totalmente intuitivo. Continuo a fazer arranjos externos para que os

acontecimentos exteriores desempenhem o seu papel na formação, mas dentro está o contínuo cujo relógio nunca deixa de ser ouvido, mesmo depois de todas as sensações externas e visíveis do corpo terem sido realizadas e postas de lado.

Perguntam-me frequentemente se tal percepção como a que aqui escrevi é dolorosa. A isso respondo que não; mas tudo contém uma necessidade de grande precisão. É um conhecimento revelado por vezes por imagens e por vezes por som ou sentimento, pois o fluxo de símbolos móveis pode ser de todo o tipo concebível, alguns como hieróglifos; mas em algum ponto ocorre um foco de significado e, de repente, tem-se o sentido, que vem como um reflexo da própria imagem em água clara.

Percepção, sensação e conhecimento não estão diferenciadas mas unidos. É esta fusão de faculdades, tão definitivamente diferenciadas nos níveis comuns de vida, que torna a explicação difícil.

Acredito que, acordados e a dormir, estamos expostos a um fluxo constante de imagens que se movem firmemente, como o rio, sob a ponte do nosso interesse ativo. Só parece diferente porque este fluxo ocorre em níveis insuspeitados de consciência e está relacionado com o campo da associação e da imaginação no qual todas as imagens — mentais, emocionais e físicas — são recebidas.

É necessária a imaginação de um poeta para dar expressão completa a estes estados; e como esta é uma história de viagem por território ainda não cartografado, deixo o leitor ao limiar da sua própria experiência subjetiva — aí para tirar as suas próprias conclusões.

Eileen J. Garrett, Presidente e Fundadora da Parapsychology Foundation, faleceu a 15 de setembro de 1970 em Nice, França. Nos seus últimos anos a saúde fora declinando, mas continuou ativa na escrita e nas atividades da sua Fundação até poucos dias antes da morte, tendo acolhido a Décima Nona Conferência Internacional Anual em Le Piol, Saint-Paul-de-Vence, no sul de França. Esteve

presente em todas as sessões da manhã e da tarde da conferência e foi anfitriã do grupo inteiro no jantar e na recepção. Começara a fazer planos provisórios para a próxima conferência anual e, a pedido do seu editor, tomava também notas para um novo livro. Nunca perdeu o gosto pela aventura.

EPÍLOGO

AS AVENTURAS CONTINUADAS DE EILEEN J. GARRETT

Aqueles que, como eu, acharam *Adventures in the Supernormal* uma leitura fascinante, poderão estar interessados em saber mais sobre a vida de Eileen J. Garrett após a primeira publicação deste livro em 1949. As «aventuras» de Garrett decerto continuaram até à sua morte em 1970. Aliás, pode defender-se que as contribuições mais importantes de Garrett para a parapsicologia ocorreram depois da publicação de *Adventures*.

Na minha opinião — e é uma opinião que sei partilhada por outros parapsicólogos —, a maior contribuição de Garrett não foram os seus dons psíquicos (e a contribuição que eles deram ao campo não foi, de modo algum, trivial), mas o seu trabalho de apoio e organização da parapsicologia. Deixem-me explicar.

Quando *Adventures* foi publicado pela primeira vez, a parapsicologia já tinha passado de um ênfase nos estudos de mediunidade, casos de aparições e PES espontânea para um ênfase em experiências de laboratório. Joseph Banks Rhine (1895-1980), considerado por muitos o fundador da parapsicologia experimental moderna, estabelecera um laboratório na Universidade Duke que foi

influyente na mudança da investigação para tarefas simples e facilmente quantificáveis como adivinhar cartas. Mas, independentemente da influência da abordagem rhineana, o campo permanecia dividido e fragmentado. Embora o Laboratório de Parapsicologia de Rhine se tornasse o principal local de investigação nos Estados Unidos e a sua influência fosse considerável na Europa e noutros lugares, não existiam organizações abrangentes que ajudassem a melhorar a comunicação e a compreensão através de barreiras linguísticas e culturais.

Nem o Laboratório de Parapsicologia de Rhine, nem a American Society for Psychical Research, nem a Associazione Italiana Scientifica di Metapsichica (Itália), nem o Institut Métapsychique International (França), nem a Society for Psychical Research (Inglaterra) estavam em condições de facilitar as ligações internacionais abrangentes de que a parapsicologia precisava para se desenvolver mais na parte central do século XX. A complicar as coisas estavam os problemas de financiamento: não existiam agências dedicadas inteiramente ao financiamento da investigação de parapsicólogos ou investigadores psíquicos. Organizações como a Society for Psychical Research financiavam a sua própria investigação quando havia dinheiro disponível ou, como a Perrott Studentship, financiavam estudantes que prosseguiam graus académicos. Embora existissem muitas agências de investigação convencionais para apoiar investigação em temas mais mundanos, a maior parte delas não estava interessada em financiar investigação parapsicológica. Cientistas sérios na investigação psíquica e na parapsicologia encontravam-se em séria desvantagem.

Foi aqui que Garrett entrou em cena.

Em 1951, Garrett fundou oficialmente a Parapsychology Foundation na cidade de Nova Iorque. Diferente dos grupos anteriores que se tinham centrado no seu próprio desenvolvimento e/ou em preocupações nacionais, esta organização, desde o início, tomou como propósito principal o apoio e o fomento do campo em geral. Além

disso — novamente ao contrário dos grupos anteriores —, a Fundação dispunha de meios financeiros para alcançar os seus objetivos graças à generosidade da sua doadora e cofundadora, Frances Payne Bolton (1885-1977), deputada no Congresso dos Estados Unidos pelo estado do Ohio durante vinte anos e benfeitora de várias causas importantes. Mas não se deve perder a perspectiva: a verdadeira força motriz da Fundação foi a energia e o espírito de Eileen J. Garrett. A mesma determinação e impulso que Garrett demonstrara na sua vida pessoal e em empreendimentos comerciais como a Creative Age Press e a revista literária Tomorrow trouxe-os também para a Fundação e os seus objetivos.

O resultado foi algo sem precedentes na história da parapsicologia.

A Fundação — conhecida por muitos de nós na parapsicologia simplesmente como «a PF» — conseguiu fomentar o crescimento da parapsicologia de uma grande variedade de formas. Garrett criou bolsas para investigadores de todo o mundo, financiando muitos dos que estavam ativos nas principais organizações do campo no início dos anos 1950. Por exemplo, Rhine recebeu muitas dezenas de milhares de dólares para o trabalho do seu Laboratório de Parapsicologia na Universidade Duke. O programa de financiamento de Garrett não conhecia fronteiras geográficas; a perspectiva internacional era muito cara ao coração de Garrett.

Além do financiamento, Garrett organizou uma série de conferências internacionais sobre as quais os participantes geralmente concordavam que estavam entre as reuniões mais intelectualmente estimulantes da parapsicologia da época. Talvez a mais conhecida e mais importante tenha sido a Primeira Conferência Internacional de Estudos Parapsicológicos realizada na Universidade de Utrecht em 1953. A Conferência de Utrecht representou um regresso aos verdadeiros congressos internacionais de investigação psíquica como os que tinham sido organizados por Carl Vett e outros entre 1921 e 1935. Até certo ponto, Garrett conseguiu recriar um sentido de

comunidade internacional que se perdera devido ao domínio da escola rhineana e a outros fatores geopolíticos. Mas Garrett conseguiu algo ainda mais importante em Utrecht. Proporcionou um contexto em que os investigadores puderam discutir o estado da arte da investigação parapsicológica e, assim, fazendo o balanço das áreas de investigação mais promissoras, definir a agenda para o trabalho futuro.

A produtiva conferência de Utrecht foi logo seguida por muitas outras reuniões que se tornaram lendárias na parapsicologia por várias razões. Embora as conferências de Garrett tenham ocorrido antes do meu tempo, tive o prazer de ouvir muitas anedotas interessantes tanto sobre a sua utilidade intelectual e científica como sobre os bons momentos vividos por todos os convidados. Durante muitos anos estas atividades realizaram-se num hotel propriedade da Fundação em Le Piol, Saint-Paul-de-Vence, no sul de França. Nestas reuniões, o biógrafo de Garrett, Allan Angoff, contou no seu livro Eileen J. Garrett and the World Beyond the Senses (1974): «Garrett era uma presença imponente. Sempre que fazia a sua entrada, as conversas paravam e todos os olhares se fixavam nela. A sua personalidade era verdadeiramente magnética, e mostrou-se uma líder clara e importante, mesmo entre professores e cientistas eminentes.»

Durante o resto da sua vida, Garrett provavelmente exerceu mais influência no apoio e organização do campo do que qualquer pessoa antes dela ou desde então. Um bom número daqueles que contribuíram significativamente para a parapsicologia entre 1951 e 1970 (o ano da morte de Garrett) beneficiou de bolsas da PF ou da oportunidade de passar momentos memoráveis nas conferências de Garrett, onde grande parte da identidade do campo e dos investigadores individuais se desenvolveu e, pode mesmo dizer-se, se construiu através das interações únicas possibilitadas por estar em proximidade com os colegas num ambiente confortável e estimulante.

As contribuições de Garrett surgiram, claro, no contexto do trabalho e das outras atividades daqueles que realmente conduziram a investigação e o trabalho teórico. Mas, como as tendências modernas

na história da ciência mostraram, o tipo de trabalho que Garrett fez é uma parte importante da história social de qualquer campo, tão importante para a compreensão do desenvolvimento da parapsicologia como disciplina científica quanto a própria investigação.

A Fundação continuou após a morte de Garrett em 1970 e mantém-se ativa até hoje. De 1970 até agora, Eileen Coly, filha de Garrett, tem servido como Presidente. Desde 2001, Lisette Coly, neta de Garrett e vice-presidente de longa data da Fundação, tem servido como Diretora Executiva.

Para além da própria Parapsychology Foundation, Eileen J. Garrett fez outras contribuições importantes para a parapsicologia. Continuou a publicar os seus próprios livros, obras como a que aqui reimprimimos, e ainda *The Sense and Nonsense of Prophecy* (1950), *Life is the Healer* (1957) e *Many Voices* (1968). Aproveitando a sua experiência anterior na Creative Age Press, criou a Garrett Publications, sob a qual a Helix Press foi uma chancela. Esta nova editora e a sua chancela proporcionaram um fórum de publicação para livros parapsicológicos sérios que não seriam considerados prováveis bestsellers — e portanto não «bons investimentos» por outras editoras. Alguns exemplos de obras publicadas incluem *Hidden Communion: Studies in the Communication Theory of Telepathy* de Joost A. M. Meerloo (1964), *Can We Explain the Poltergeist?* de A. R. G. Owen (1964) e *The Enigma of Out-of-Body Travel* de Suzy Smith (1965).

Em 1952, Garrett criou também uma nova revista intitulada *Tomorrow* que, tal como a sua anterior revista literária (publicada de 1941 a 1951), se centrava em fenómenos psíquicos e temas relacionados. (Foi publicada até 1962.) Outros projetos mais diretamente ligados à própria Fundação foram: o *Newsletter* da Fundação (1953-1970); e o *International Journal of Parapsychology* (1959-1968). Esta última publicação foi uma revista única que se centrava nos aspetos internacionais e interdisciplinares do campo. O IJP publicava artigos sobre investigação de fenómenos psíquicos de vários países, bem como artigos que ligavam a parapsicologia à física,

à antropologia, à literatura e a outros campos. A revista deixou de ser publicada ainda em vida de Garrett (em 1968), mas em 2000 retomou a publicação sob a liderança da neta de Garrett, Lisette Coly.

Outra contribuição editorial que a Parapsychology Foundation fez sob Garrett foi o estabelecimento da série Parapsychological Monographs. Iniciada em 1958, as Monografias consistiam em estudos demasiado curtos para serem livros mas demasiado longos para serem artigos científicos. Os títulos incluíam tanto os que relatavam investigação como os que realizavam trabalho conceptual e teórico sobre problemas parapsicológicos. A série de monografias, fico feliz em dizer, continua até hoje. Os títulos são amplamente apreciados por estudantes, académicos e investigadores do campo. Entre os mais importantes estiveram: *Deathbed Observations by Physicians and Nurses* de Karlis Osis (1961) e *Dream Studies and Telepathy* de Montague Ullman e Stanley Krippner (1970).

Finalmente, Garrett continuou a oferecer as suas capacidades psíquicas pessoais para serem estudadas por investigadores conhecidos. Por exemplo, em 1964, o psicólogo junguiano Ira Progoff realizou um estudo de psicologia profunda dos controladores espirituais de Garrett que publicou no livro *The Image of an Oracle*. Um estudo sem precedentes da dinâmica da mediunidade, o trabalho de Progoff mantém-se valioso até hoje.

Outras investigações realizadas com a própria Sra. Garrett incluíram os estudos eletroencefalográficos do transe mediúnico de Evans e Osborne (publicados em 1952), as experiências de PES de Andrija Puharich em ambientes blindados eletricamente (publicadas em 1967) e os estudos de psicomетria de Lawrence LeShan (publicados em 1968). Estas e outras investigações estão listadas na bibliografia incluída mais adiante neste volume.

Estes são apenas alguns pontos altos da vida de Garrett após a publicação de *Adventures*. O leitor interessado encontrará mais informação na bibliografia. Além disso, recomendo a leitura dos comentários que se seguem. Estas recordações foram escritas por

peessoas que conheceram bem Garrett. Algumas foram escritas especificamente para este volume e outras foram extraídas de obituários e cartas de condolências recebidas pela Fundação após a sua morte.

Para aqueles de nós que nunca a conhecemos pessoalmente, estas recordações trazem Eileen J. Garrett à vida, ao lermos sobre a sua personalidade, as suas interações com investigadores e outros, e as suas aventuras continuadas na vida.

Carlos S. Alvarado, Ph.D. Presidente dos Programas Nacionais e Internacionais Parapsychology Foundation, Inc.

RECORDAÇÕES

Eileen J. Garrett foi certamente uma pessoa muito dotada, extremamente voluntariosa, devotada e generosa. Pagou o alto preço por usar os seus dons de acordo com o seu sentido equitativo de dever. Os seus dons eram inextricavelmente tanto psíquicos como morais — isto é raro e, quando assumido, conduz à realização. Assim foi com Eileen. Conservo e entretenho dela uma memória muito viva e agradável, muito amistosa e respeitosa, muito grata.

Dr. Robert Amadou

Eileen Garrett foi uma força poderosa e ao mesmo tempo gentil que deu a homens e mulheres, a organizações e experiências científicas uma intensa humanidade. Era sensível às necessidades e ao sofrimento humanos a tal ponto que desde a infância precoce foi olhada com espanto como um ser sobrenatural dotado de poderes sobrenaturais. Durante mais de sessenta anos ouviu estas afirmações

feitas sobre ela com ceticismo, humor, divertimento e curiosidade, mesmo enquanto persistia em procurar aqueles que precisavam dela e em ajudar os que a procuravam. Quanto à extraordinária sensibilidade atestada por companheiros de brincadeiras de infância e cientistas eminentes, que fosse investigada e estudada, dizia ela, como foi, como ainda é, em todo o mundo. Eileen Garrett não a compreendia e não fazia reivindicações sobre ela enquanto se submetia a experiências que testavam e pesavam os seus poderes, os poderes psíquicos de outros como ela, talvez os poderes psíquicos latentes de todos os homens.

Fundou uma grande organização para encorajar a investigação e o estudo nesta área. Infundiu-lhe a humanidade e a sensibilidade do seu próprio ser. Depois saiu pelo mundo para estimular e dar esperança e ajuda aos obscuros e aos famosos em toda a parte.

Tive o privilégio de viajar longe com Eileen Garrett nessas viagens surpreendentes a lugares distantes onde homens e mulheres em bibliotecas e laboratórios eram tantas vezes transformados pelos seus poderes e frequentemente prosseguiram, com o seu incentivo, para alcançar algumas das descobertas mais importantes sobre o comportamento humano. A sua curiosidade e a sua esmagadora simpatia humana aumentavam. Quando a saúde precária a obrigou a reduzir as suas notáveis viagens, pediu-me que fosse, como seu emissário, às pessoas que ela sabia que precisavam dela. «Tens de ir à África do Sul», disse-me ela de cama. «Estão a fazer bom trabalho lá. É um grupo pequeno, mas importante.» E assim, em Joanesburgo e Pretória, levei-lhes saudações e ajuda desta mulher espantosa que há muito estendera a mão para eles através de dois continentes, trabalhara com eles e que aceitavam há tanto tempo como líder e companheira na South African Society for Psychical Research.

Alguns meses mais tarde, sofrendo maior dor e doença, soube que os trabalhadores psíquicos em Israel precisavam dela. Novamente fui por ela e levei aos cientistas israelitas o auxílio e o encorajamento para continuarem o trabalho que a Sra. Garrett os ajudara a iniciar na sua própria visita memorável a Israel. Quando uma grande figura pública

e académica israelita que estudara o paranormal soube que a Sra. Garrett estava doente, disse-me: «Oremos por ela.»

E nessa noite levou-me ao Muro das Lamentações, onde figuras patriarcais rezavam sob as estrelas. Também ele aí rezou pela saúde da Sra. Garrett, a rapariga das névoas da Irlanda, de Londres, de Nova Iorque, que compreendia tão bem o poder do conhecimento e a luz que ele traz a todos os povos. Este académico israelita virou-se então para mim para que rezasse também pela Sra. Garrett, para que escrevesse os meus pensamentos num pedaço de papel e inserisse o papel numa fenda do Muro. «É um costume antigo», disse ele, «e trará conforto ao grande coração que te envia aqui.»

No fundo da Índia, um dos principais académicos do paranormal também rezou pela Sra. Garrett. Quando expliquei que apenas a saúde precária a impedia de vir pessoalmente, levou-me ao grande templo vishnuíta de Simhachalam e, ali ao lado de camponeses que tinham viajado dias para chegar a este lugar sagrado, também ele rezou por Eileen Garrett.

Estes são alguns dos laços místicos e símbolos que revelaram à Sra. Garrett poderes que ela valorizava mais do que os seus poderes psíquicos. Que os cientistas estudem os aspetos físicos e não físicos desses poderes psíquicos, e que a Fundação que ela criou continue a encorajar a investigação psíquica em todo o mundo. Estas foram, estas são contribuições muito grandes para o conhecimento do homem. Mas muito maiores, sabia a Sra. Garrett, era a maneira como os seus poderes ajudaram a despertar uma humanidade comum nas pessoas de toda a parte. Era isto que motivava Eileen Garrett, essa humanidade comum que une as pessoas. Infundia todas as suas atividades. Os seus grandes poderes foram devotados a esse objetivo, na sua família, no seu escritório, nos estranhos que acolhia, nos académicos que ajudava.

Foi-me dada a oportunidade de a ver trabalhar, de trabalhar muito perto dela durante um quarto de século. Ela tinha realmente poderes incomuns, e homens e mulheres em toda a parte que foram tocados

por eles sabem quão inefável é a sua perda para o saber, para a humanidade.

Allan Angoff

Publiquei o meu primeiro artigo parapsicológico em 1961. Foi quando ainda estava na Queen's University, Belfast, pouco antes de me mudar para a Universidade de Edimburgo em 1963. A ideia de usar um gerador de números aleatórios veio de Leonard Evans, que era então estudante de física na Queen's University e ouvira uma palestra que dei à sociedade de física de estudantes sobre parapsicologia. Embora não tenhamos obtido resultados positivos, Helmut Schmidt reconheceu generosamente este esforço como o primeiro a usar um gerador de números aleatórios para testar PK, que mais tarde ele usaria com tanto sucesso.

Pouco depois disto, tanto J. B. Rhine como Eileen Garrett tomaram nota do facto de um académico britânico estar ativo na parapsicologia. Com o tempo visitei o laboratório de Rhine e, mais importante, fui convidado para as conferências que Eileen Garrett então realizava na sua residência de verão em Le Pisol, no sul de França. Ainda guardo com carinho os proceedings da conferência a que assisti em junho de 1967 e à qual contribuí com um resumo.

O que posso dizer sobre Eileen como pessoa? Era, acima de tudo, muito graciosa. Embora de origem humilde — nascera e crescera na Irlanda —, sempre me pareceu uma figura muito régia, efeito realçado pela presença de Allan Angoff que atuava como seu Primeiro-Ministro. Depois de ela deixar Le Pisol, a Parapsychology Foundation continuou a realizar conferências de verão na Europa às quais por vezes tive o privilégio de assistir; recordo uma em Copenhaga. Nunca conheci bem Eileen Garrett, há muitos outros que podem dizer muito mais sobre ela, mas fico feliz por poder prestar esta humilde homenagem a uma mulher notável por ocasião do 50.º aniversário da Parapsychology Foundation.

Professor John Beloff

Penso que ela foi a personalidade mais extraordinária que alguma vez conheci. Generosa, sensata, fantasiosa, realista, frágil, robusta, devotada, autônoma e dotada de psi. Nunca esquecerei o encanto da sua personalidade e o que fez pela parapsicologia.

Prof. Hans Bender

Adolescente, conheci Eileen Garrett socialmente como convidada dos meus pais na cidade de Nova Iorque em meados dos anos trinta. Fiquei imediatamente encantado. Embora para mim projetasse uma presença feminina distinta, a sua força era não-genérica, com um calor notável e capacidade de se ligar e comunicar.

A nossa relação ao longo dos anos, social e em negócios — edição —, nunca vacilou. A sua consciência, participação, inovações, honestidade e descobertas no domínio dos fenómenos psíquicos foram e são um dom.

Allen Brenner

Conheci Eileen Garrett quando ela desceu ao Laboratório de Parapsicologia de Rhine em Durham, onde eu trabalhava. O que mais recordo foi o nervosismo de J. B. Rhine com a visita dela. Penso que cada um tinha uma paixoneta pelo outro, mas J. B. estava sempre preocupado com a conveniência e a sua posição. Após muita deliberação, decidiu que o correto era descer as escadas (o seu gabinete ficava no segundo andar) para a cumprimentar, pois ela não gozava de grande saúde e poderia ter sido difícil para ela subir até ao seu gabinete.

Mais tarde nesse dia, J. B. pediu-lhe que desse uma breve palestra à equipa de investigação sobre as suas experiências. A maioria de nós era então estudante de pós-graduação, e reunimo-nos todos à volta da mesa da biblioteca enquanto a «Tia Eileen» nos contava histórias de fantasmas. Era bem diferente da abordagem estatística um tanto pesada que todos nós tínhamos aprendido no Laboratório. Grande diversão!

Dr. Bob Brier

Com a morte de Eileen Garrett, a investigação psíquica perdeu a sua personalidade mais marcante e complexa.

Conheci-a durante quase meio século. Encontrámo-nos pela primeira vez em 1923 numa sessão em Londres. Mesmo nessa altura eu não era nenhum novato na cena psíquica, pois já assistia a sessões há cerca de quinze anos. Tornámo-nos muito amigos e eu tinha a sensação de que, se existisse um médium genuíno, ela poderia muito bem ser um. Nessa época ela começava a cair cada vez mais sob a influência do Sr. Hewat McKenzie que, partilhando o meu sentimento sobre ela, fez tudo o que pôde para a afastar do caminho da mediunidade física, que eu queria que ela seguisse, para o de um médium de transe para mensagens espirituais. A batalha começou e o Sr. McKenzie venceu. Quantas vezes, nos anos seguintes, rimos disso.

Antes de ela partir para os Estados Unidos, eu costumava visitá-la no seu apartamento perto de King's Cross. Tínhamos muito para falar. Eileen era uma pessoa extremamente bem informada, cheia de curiosidade sobre pessoas e coisas e tão interessada como eu era, e ainda sou, nas estranhas peculiaridades da natureza humana.

Quando regressou dos Estados Unidos, estava, de certa forma, transformada. Tinha uma missão: fazer algo pela investigação psíquica. Queria elevar todo o tema a um ponto em que pessoas sérias lhe prestassem atenção e compreendessem que poderia haver ali algo que valesse a pena investigar cientificamente. Gradualmente concebeu-se a ideia de uma fundação; uma fundação que pudesse conceder bolsas a estudantes para trabalhos especiais que de outro modo não poderiam realizar. Com a ajuda da Sra. Frances P. Bolton e de outros, nasceu a Parapsychology Foundation e eu estive estreitamente associado a ela quase desde o seu nascimento. O que Eileen esperava que ela pudesse fazer, fez-o, e o grande Encontro de Utrecht foi o primeiro de muitos congressos internacionais que tiveram lugar. Estes foram de grande valor e o seu sucesso deveu-se

em grande parte à sua própria energia inesgotável no planeamento e direção dos mesmos.

Sempre que estava em Inglaterra encontrávamo-nos para longas consultas e, nas minhas numerosas visitas a Nova Iorque, passavam-se muitas horas a discutir finanças, reuniões futuras e muito mais. Foi nessas reuniões que vim a compreender o quão notável pessoa ela era. Discordávamos profundamente em muitas coisas, mas nunca discutíamos nessas conversas. Detestava vê-la explorada pelos muitos charlatães que estão sempre a estender as suas taças de mendigos a almas generosas que acham difícil resistir aos seus lisonjeiros encantos. Raramente conseguia persuadi-la a recusar uma bolsa a algum vigarista patenteado. Afinal, a Fundação era filha do seu cérebro e eu amava-a por cuidar dela. «Nunca se sabe», costumava ela dizer, «pode haver algo e não devemos perder isso, pois não?»

Com o passar dos anos tornámo-nos mais próximos porque nos compreendíamos muito bem. Embora fosse mais nova do que eu, ambos começámos a sentir que já não podíamos fazer tanto como antes. A sua coragem e alegria perante as numerosas cruces corporais que teve de suportar fizeram-me admirar cada vez mais a força de vontade indomável que a impelia sempre a novos esforços. As minhas próprias limitações pareciam menores comparadas com as dela, mas a sua determinação em superar os seus handicaps estava sempre presente.

A sua contribuição para a investigação psíquica foi muito maior do que muitos acreditam. Duvido que voltemos a ver outra Eileen Garrett. Que repouse na paz que certamente mereceu.

Eric J. Dingwall

A vida e a obra de Eileen Garrett exigiriam a habilidade de um escritor de ficção particularmente perspicaz. Patrick Dennis, que fizera parte da sua equipa editorial, captou alguns elementos da sua personalidade efervescente e colorida quando escreveu o seu livro de enorme sucesso *Auntie Mame*. Aldous Huxley, que muito apreciava

as suas frequentes visitas, incorporou algumas das suas características no seu último romance futurista, *Island*. E

specificamente, captou a notável capacidade dela, ao encontrar um homem ou mulher pela primeira vez, de se sintonizar com as suas capacidades individuais, necessidades e potencial. Era praticamente impossível alguém sair de um primeiro encontro sem a sensação de ter sido profundamente compreendido por uma mulher tão obviamente perspicaz e recetiva. Este dom particular, este talento de insight, era, claro, um reflexo das capacidades mediúnicas de Eileen Garrett.

Durante os doze anos em que tive o privilégio e o desafio de servir como Secretária Administrativa da Parapsychology Foundation, compreendi que o tema do primeiro livro autobiográfico de Eileen Garrett, *My Life in Search for the Meaning of Mediumship*, refletia de facto os seus esforços ao longo da vida¹⁵⁴. Repetidamente, questionava a realidade dos seus chamados «controladores» Uvani e Abdul Latif, perguntando-se se seriam entidades distintas ou aspetos dramatizados da sua própria personalidade. Lembro-me bem de que, quando planeava a sua obra final, *Many Voices*, mencionei que o seu público devia estar à espera de uma resposta definitiva às questões finais sobre a sobrevivência da consciência individual após a morte corporal. Ainda assim, evitou qualquer tipo de resposta dogmática a este desafio insistente mas, em última análise, efémero. E, no entanto, era aqui uma mulher enérgica, franca, exigente, dramática, que atraía atenções. Não sofria, para usar um cliché apropriado, os tolos de bom grado. Ao mesmo tempo, era capaz de uma ternura profundamente sentida, generosidade e — acima de tudo — encorajamento para o trabalho dos outros, nomeadamente cientistas e escritores. Identificava-se fortemente com todos os que lutavam pelo seu desabrochar pessoal; sabia, pela sua própria vida, que a nossa busca de significado tem, nesta vida, de permanecer sem fim.

Martin Ebon

Na Universidade de Freiburg, em 1968, assisti ao meu primeiro congresso da Parapsychological Association. Ali conheci Jarl Fahler,

um psicólogo e hipnotista finlandês que estava a caminho de encontrar a Sra. Garrett em Le Piol, na Riviera Francesa. Era durante as férias letivas e decidi juntar-me a ele, conduzindo-nos a ambos no meu Volkswagen até ao Mediterrâneo. No caminho, Jarl contou-me histórias sobre esta senhora notável e deu-me a minha primeira visão de insider das personalidades do campo. A Sra. Garrett recebeu-nos com graça e ficámos dois ou três dias na sua espaçosa villa. Naqueles dias, as bolsas de investigação no domínio do paranormal eram ainda mais difíceis de obter do que agora, e a Sra. Garrett era como um farol de esperança para muitos investigadores. De facto, em algum momento, quase todos no campo tinham obtido uma bolsa dela. Além disso, para além das suas dedicações pessoais, tinha um encanto e espontaneidade com um toque de capricho que levavam a uma fascinação que a tornava uma lenda entre os investigadores e um tema que nunca se esgotava.

Quando nos conhecemos, senti imediatamente afeição por ela e recordo que a primeira coisa que disse foi que, se alguma vez precisasse de algo (para investigação, obviamente), deveria avisá-la. Alguns anos depois, quando o fiz, ela já tinha falecido.

Em 1972 comecei a trabalhar com Karlis Osis. Ele trabalhara com a Sra. Garrett na Parapsychology Foundation durante vários anos, achara-a fascinante mas muitas vezes ficava frustrado com ela. Psíquica era ela sem dúvida, dizia ele, muito generosa por vezes mas podia ser bastante difícil de trabalhar — uma verdadeira prima donna. Não era algo que se pudesse dar por garantido por muito tempo, havia sempre surpresas, e nunca um momento aborrecido se se trabalhasse com ela. Por outro lado, mostrava uma estabilidade notável e as suas realizações eram verdadeiramente extraordinárias: a revista, as monografias e os livros que publicou, as conferências que organizou, a biblioteca que criou e, por último mas não menos importante, os numerosos projetos que apoiou, e tudo isto sem ter nascido com uma colher de ouro na boca.

Professor Erlendur Haraldsson

Quando conheci Eileen Garrett pela primeira vez, conhecia-a como editora e espírito orientador de uma nova revista progressista chamada Tomorrow. Alguns anos depois compreendi que ela era também o médium muito singular que estabelecera novos padrões no campo da parapsicologia, e acabámos por nos tornar bons amigos. Tive o privilégio de trabalhar com ela como médium de transe num caso trazido pelo falecido colunista do Daily News Danton Walker, envolvendo a sua casa colonial no condado de Rockland e um fantasma residente. Eventualmente, com a ajuda da congressista Frances P. Bolton do Ohio, conseguiu estabelecer uma Parapsychology Foundation em funcionamento, que floresce até hoje.

Eileen estava sempre «certa» e não media palavras quando se tratava da qualidade do trabalho que considerava adequado por parte de médiuns de transe em atividade, ou, aliás, de investigadores em atividade.

Quando eu estava prestes a tentar a sorte com um musical da Broadway, chamou-me e disse-me que eu devia investigar casas assombradas no leste dos Estados Unidos e entregar um relatório sobre elas. Simplesmente não se podia dizer não a Eileen: por isso não disse, e fui em frente e durante dois anos investiguei fantasmas. Quando quis regressar ao meu musical da Broadway, disse-me que eu devia escrever um livro. Novamente, não consegui recusar. O livro, Ghost Hunter, teve onze edições e mudou a minha vida para sempre. Agora, após 131 livros publicados, estou finalmente a voltar ao meu musical da Broadway. Tenho a certeza de que Eileen estará na primeira fila, a assistir.

Professor Hans Holzer

Embora tivesse ouvido o meu pai, J. B. Rhine, falar muitas vezes da sua querida amiga Eileen Garrett nos meus primeiros anos, a minha primeira memória clara dela foi em nossa casa a 28 de janeiro de 1946. Lembro-me da data distintamente porque era o meu 16.º aniversário. Eileen deve ter chegado com o seu séquito para visitar J. B. no Laboratório de Parapsicologia de Duke e foi convidada para

casa para o jantar familiar que marcava a ocasião. Agora, 55 anos depois, ainda consigo visualizar o traje exótico e colorido e os gestos dramáticos desta elegante senhora perfumada da cidade de Nova Iorque.

Mas a verdadeira razão pela qual esta noite ficou tão gravada na minha memória precoce foi Eileen Garrett, na sua magnificência, ter-me presenteado, a mim, uma adolescente tímida, com uma prenda notável — uma pesada pulseira de prata cheia de berloques. Era uma prenda além do imaginável para mim naquela altura, como testemunha o facto de ter guardado esta pulseira comigo toda a vida, até finalmente a passar à minha filha no último Natal.

Como toque final da noite, Eileen Garrett leu a minha sina nas linhas da minha palma. Incluiu sugestões tão sábias como «lembrar-te-ás sempre, mesmo no último minuto, de que és uma senhora», juntamente com pelo menos uma previsão incomum que recordei e compreendi anos depois que realmente se tornara realidade.

Dr. Sally Rhine Feather

A minha associação com Eileen Garrett abrangeu 44 anos a partir de 1926, data em que ela me conheceu como bebé e (para desgosto da minha mãe) beijava o cão na boca e depois a mim na minha! A minha ligação foi fortuita porque James Hewat McKenzie, cuja filha era minha madrinha, fundara o British College of Psychic Science em 1920, reconhecera o potencial no dom psíquico de Eileen e, durante quatro anos de 1925 até à sua morte em 1929, sentara-se com a minha mãe (Muriel Hankey) presente pelo menos quatro horas todas as sextas-feiras à noite desenvolvendo a mediunidade de Eileen. Eu simplesmente estava lá por vezes quando ela estava a treinar ou a trabalhar, e noutros contextos sociais.

Eileen poderia ser chamada a personificação da Generosidade. Recebi presentes munificentes e em três ocasiões fui sua hóspede no sul de França. Conhecera a pobreza e ganhava 2/6d (30p) por sessão nos seus primeiros dias, mas quando a Fortuna lhe sorriu partilhou a

sua abundância de forma magnânima. Por natureza era uma pessoa que dava, embora houvesse raras instâncias em que a generosidade de espírito estava surpreendentemente ausente. Estas pareciam ocorrer quando outra pessoa estava a conceder patronato (por exemplo, numa ocasião em que a Honorável Frances Payne Bolton me emprestou uma estola de pele, e também quando a mesma senhora me deu uma mala). Não é fácil para duas grandes damas partilharem os holofotes!

Embora existam gravações, não tenho conhecimento de que alguém tenha escrito sobre a voz de Eileen. Obviamente não conhecia a sua voz jovem, mas ao longo de décadas mudou perceptivelmente e, para alguns ouvintes, poderia ter soado afetada, com os seus sons vocálicos prolongados — quase um arrastado. Penso que isto pode ter sido o resultado de sobrepor sons que tinham origem na Irlanda, passaram por uma exuberância juvenil quando experimentava diferentes personas, e se fixaram numa voz de timbre profundo. A sua dicção era pausada, o que sugeria maturidade e gravidade, mas, ao mesmo tempo, muitas vezes podia detetar-se uma malícia divertida. Não tinha medo de dizer as coisas mais escandalosas, quase difamatórias, mas de alguma forma formuladas em linguagem que não era profundamente ofensiva, especialmente porque o seu sentido de humor subjacente sugeria que era tudo grande diversão. E era! De alguém propenso a um impulso sexual hiperativo, poderia perguntar secamente «... e como estão os seus pezinhos de cabra nestes dias?»

Mesmo em idade avançada, Eileen tinha sempre um enorme Fascínio. Não bela no sentido clássico, e com um embonpoint notável, encaixava na descrição de Alice no País das Maravilhas «... tão grande como a vida e duas vezes mais natural.» Tinha grande presença. As mãos e os pés eram delicados. Os olhos cor de avelã eram quase hipnóticos. Para a maioria dos homens — mas de modo algum todos — de qualquer idade e origem, Eileen tinha um enorme apelo sexual. Foi uma educação para mim ver homens distintos caírem completamente sob o seu feitiço, alguns completamente seduzidos. Para todos, de qualquer sexo, dava 100% de atenção quando em conversa, e ouvi a falecida Miss Mercy Phillimore dizer que atribuía a

extraordinária capacidade de Eileen de reter o afeto das pessoas por toda a vida a esta característica de fazer cada pessoa sentir que era a mais importante.

Embora não fosse alta, a aparência de Eileen comandava atenção. Tem de dizer-se que numa fase da sua vida o seu sentido de vestuário extravagante era considerado fora do comum e apresentava uma figura cigana, realçada com grandes brincos (não eram então moda), mas isto evoluiu para um estilo mais adequado a uma mulher com pretensões sérias. Na segunda metade da vida estava belamente e dispendiosamente vestida, embora nunca de forma aborrecida. Continuava a amar o invulgar e o exótico. Não cobiçava joias de valor incalculável, mas tinha algumas peças favoritas de bijuteria de design distinto e também durante muitos anos dois largos braceletes de ouro.

Dava facilmente uma joia admirada quando «tinha tido o seu momento», e tenho vários dos seus alfinetes, colares, brincos, um anel girandole e um item armilar do Haiti onde fora iniciada no Voodoo. As suas casas em Nova Iorque e no sul de França estavam belamente e muito confortavelmente mobiladas, exibindo bom gosto. Entretenia-se com luxo, e quando em Londres ficava invariavelmente numa suite no Claridges. Terrivelmente independente, estava contudo quase sempre acompanhada por um séquito devotado, não menos o seu amante de longa data.

Tinha um amor quase apaixonado por flores nas suas casas e quartos de hotel e, quer fossem compradas em quantidade no mercado local francês, quer fossem flores dispendiosas oferecidas por admiradores, nunca a vi sem um ambiente de flores e perfumes. Ela própria trabalhava arduamente no jardim, começando às 6 da manhã quando estava em França. Era metódica e disciplinada na sua rotina diária de trabalho, mesmo quando prostrada pela doença.

Apesar da imagem ostensiva de grandeza, e por vezes de grande opulência, os prazeres de Eileen eram essencialmente simples. Partindo de um início humilde na vida, conservava o amor pela comida simples: uma ceia de boa sopa caseira com um cracker, ou um

kipper, ou apenas batatas novas acabadas de cavar com feijão-verde fresco, servidos em La Ferme em St. Paul de Vence. Como jovem mulher empobrecida, achava impossível competir com a hospitalidade extravagante que Eileen oferecia e recebia, mas apreciava igualmente presentes modestos, como uma vela de novidade que encontrei numa loja de artesanato local — especialmente quando se tornou a sua única fonte de luz após uma tempestade elétrica.

Eileen era absolutamente Corajosa. Fisicamente suportou muito (o que, infelizmente, a levou a esperar estoicismo semelhante dos outros, e nem sempre era tão compassiva das suas doenças como poderia ter sido). Numa ocasião saiu do hospital quase imediatamente após uma grande cirurgia em Nova Iorque, contra as instruções dos médicos, para apanhar o avião para Londres onde se sentia obrigada por honra a cumprir um compromisso de palestra. Parecia radiante vestida com um longo vestido de cetim azul-gelo enquanto proferia a sua conferência. Em privado depois mostrou-nos as longas cicatrizes cirúrgicas, ainda suturadas e a sangrar ligeiramente. Emocionalmente suportou muito, sem ser detetado por todos exceto os mais íntimos.

A sua coragem moral não conhecia limites — na verdade, não se importava nem um pouco com o desprezo das pessoas. Gostava positivamente de defender o proscrito social, como quando, na Londres convencional pré-guerra, não forneceu o nome do seu acompanhante para um jantar formal (onde era costume os nomes de todos os convidados serem impressos previamente) e apareceu de braço dado com um malfeitor que, para conhecimento de todos, fora «alcatroado e emplumado» poucos dias antes desta aparição pública.

Tendo estado sentado com inúmeros sensitivos ao longo da minha vida, é um arrependimento duradouro nunca ter estado com Eileen em transe, embora ela falasse do seu trabalho, eu a tenha visto a radiestesia e, claro, tenha ouvido de várias pessoas, nomeadamente Muriel, sobre o seu trabalho incrível na sala de sessões.

Tenho os registos originais de um pouco disto, e o leitor colherá do testemunho de outros algo da qualidade da sua mediunidade

insuperável e, claro, da sua produção literária e, acima de tudo, da fundação da Parapsychology Foundation e tudo o que isso implicou. A sua grande personalidade era multifacetada, mas estas memórias encapsulam a Eileen Garrett que conheci, admirei e amei.

Denise Iredell

Em 1967, assisti a uma das célebres conferências de Eileen Garrett em Saint-Paul-de-Vence, no sul de França. Um dos participantes convidados administrou LSD a Eileen e ao seu amigo, o médium inglês Douglas Johnson. À medida que os efeitos se tornavam evidentes, deu a ambos envelopes com filme não exposto, pedindo-lhes que o segurassem na parte do corpo onde captaria «mais energia». Eileen abraçou imediatamente o filme contra os seios, e Douglas apertou-o contra a virilha. Nenhum dos dois produziu imagens no filme. Eileen teve maior sucesso com um envelope selado que eu trouxera do Maimonides Dream Laboratory em Brooklyn, Nova Iorque. Dentro do envelope havia um envelope mais pequeno que continha uma fotografia, desconhecida para mim. Um dos seus «controladores espirituais», falando através de Eileen, disse ao grupo que a fotografia continha a imagem de um homem ajoelhado debaixo de uma instalação elétrica de iluminação.

Os envelopes foram abertos, revelando uma fotografia do interior de uma mesquita em Washington, D.C.; um homem estava de joelhos, rezando debaixo de um candelabro elétrico. Eileen continuou: «A imagem não me interessa tanto como a pessoa que preparou a fotografia. É um jovem brilhante interessado em ciência; antes do fim do mês estará nos jornais e antes do fim do ano haverá um acrescento à sua família.» Ao regressar a Nova Iorque, descobri que os jornais tinham noticiado que ele ganhara um concurso municipal «Nomeie o Botão»; a sua entrada fora «Ignore Este Botão». Contei-lhe a previsão de Eileen, e ele disse-me que a irmã e o cunhado estavam à espera de um bebé, mas só em janeiro. O bebé nasceu a 28 de dezembro, cumprindo a previsão de Eileen.

Mas houve outra afirmação que o «controle espiritual» de Eileen fez: «A pessoa que possui esta fotografia interessa-me mais do que tudo. É muito parecido com o Dr. Stanley Krippner que está connosco hoje.» Depois de o «controle espiritual» ter partido, disse a Eileen que eu era o dono da fotografia, e ela aceitou-a como presente. Estas anedotas não só revelam as capacidades extraordinárias de Eileen, como também o seu sentido de humor picante, o seu sentido de surpresa e o interesse pessoal que tomava por aqueles que a rodeavam. Ela está sempre comigo, nas minhas memórias, e nunca esquecerei o papel importante que desempenhou na minha vida e em proporcionar o financiamento que iniciou a nossa investigação de sonhos em Maimonides.

Dr. Stanley Krippner

Tenho várias memórias muito vivas e diversificadas das minhas interações com Eileen Garrett. Tentarei descrever alguns momentos no tempo. Encontrámo-nos pela primeira vez em 1946 na famosa livraria Brentano's, então situada na 5.^a Avenida com a 47.^a Rua na cidade de Nova Iorque, onde eu trabalhava. Foi muito encantadora e disse-me que colocaria o meu nome na sua lista de envio antecipado de livros da Creative Age Press. Pouco depois de nos separarmos, chegou um mensageiro com um grande pacote de livros. Para expressar a sua gratidão por exibirmos os seus títulos na montra, convidava-me muitas vezes para almoços ou festas, sempre em locais elegantes ou sofisticados que eu nunca sonharia poder pagar com o meu ordenado miserável. Por vezes sentia-me um pouco tímido e obrigado por toda a sua bondade, por isso achei boa ideia entretê-la pelo menos uma vez à minha maneira modesta.

Pedia-lhe que fosse minha convidada para cocktails no Hotel Plaza! Sabendo que o seu aniversário era a 17 de março, telefonei à sua secretária pessoal para marcar uma hora às 17:30. Saí mais cedo da Brentano's e comprei um raminho de violetas e rosas de chá. O raminho bem arranjado e eu já estávamos sentados a uma mesinha para dois à espera de Madame minutos antes das 17:30, ficando cada

vez mais alarmado à medida que o meu relógio passava da hora marcada. Estava a saborear o martini que pedira quando, às 17:40, de repente Eileen Garrett chegou em todo o seu Esplendor. Vestia um deslumbrante vestido de noite verde todo em lantejoulas com várias grandes e belas orquídeas presas ao seu vestido deslumbrante.

Sorrindo, pediu desculpa enquanto a abraçava pela sua atraso e novamente pelo séquito que a seguia. Disse que os seus empregados lhe tinham dado uma festa de aniversário surpresa, por isso pedira a todos que se juntassem a ela para me conhecerem. Surpreendido como estava, beijei Madame na face e, desejando-lhe Feliz Aniversário, entreguei-lhe o meu raminho de violetas e rosas. Segurou-o um pouco e depois comentou que eu não deveria ter gasto o meu dinheiro suado com ela. Dando-me outro abraço e agradecendo-me efusivamente, removeu todas as suas orquídeas e entregou-as à secretária que estava ao lado e colocou o meu pequeno raminho no vestido, dizendo que as minhas violetas eram mais preciosas para ela naquele momento.

Todos no seu grupo bateram palmas em concordância. Eileen disse rapidamente ao empregado que arranjasse uma mesa maior para sentar todos os seus convidados, pedindo-me desculpa por não me ofender, mas que nas circunstâncias tomaria conta da festa.

Estar com Eileen Garrett nunca havia um momento aborrecido. Lembro-me novamente de caminhar com ela pelo Plaza até ao Oak Room, o meu bar favorito, quando Eileen avistou Marlene Dietrich e W. Somerset Maugham. Perguntou-me se já os conhecia e, se não, se gostaria de o fazer. Fiquei estupefacto com a ideia, pois Dietrich era uma das minhas artistas favoritas e, claro, Maugham era um dos meus autores favoritos. Dirigimo-nos directamente à mesa deles e Eileen desculpou-se graciosamente pela intrusão, dizendo que estava com um amigo que desejava ansiosamente conhecer dois dos seus artistas favoritos. Dietrich estendeu-me a mão com um grande sorriso; «encantada», disse.

Maugham, pelo contrário, nunca se mexeu da cadeira e apenas estendeu a mão de forma forçada como se estivesse aborrecido e

nunca proferiu uma palavra, apenas acenando com a cabeça. Partimos com os nossos agradecimentos e Eileen desejou-lhes uma noite agradável. Comentando mais tarde a nossa receção, Eileen ficou tão surpreendida como eu com as ações estranhas e bastante indignas de Maugham, e depois afirmou que «ele sempre se comportava como um velho azedo». Contudo, para mim tudo foi um regalo especial e devo-o tudo à minha amiga, Eileen Garrett.

Eileen era um ser invulgar, completamente diferente. Por vezes havia quase uma aura à sua volta — não ameaçadora, não visível, mas sentia-se na sua presença, bastante agradável — caía-se sob o seu feitiço — não se conseguia deixar de gostar dela — ouvindo a sua voz suave — o seu encanto irradiava constantemente. Era cético quanto aos seus chamados poderes psíquicos e uma vez desafiei-a e pedi-lhe corajosamente que me dissesse a verdade real sobre os seus dons psíquicos. Disse-lhe que não faria diferença na nossa relação se admitisse que era tudo uma farsa. Olhou para mim da maneira mais estranha — como que chocada. Muito seriamente disse:

«Querido Jan, por favor acredita no que te digo, quando entro em transe profundo vou para outro mundo — perco a minha verdadeira identidade. Não sou o meu eu normal. Acredita quando te digo que há um fenómeno tão forte à volta que me torno parte dele. Há algo lá fora com certeza e por vezes até a mim me assusta. Por favor nunca rias nem duvides disto tudo — está lá à nossa volta.» Foi tão séria nisto que me deixou tenso. Disse-me que não a surpreendia que eu tivesse dúvidas, pois muitos tinham. Disse que nunca tentaria influenciar-me de um lado ou do outro, pois eu tinha de encontrar a verdade dentro de mim mesmo. O assunto nunca mais veio à baila. Eileen, tenho a certeza, tinha realmente alguns poderes muito invulgares dentro dela e era de facto um ser humano raro.

Jan S. Mostowski

O dia tão esperado chegara e Eileen, o meu marido Carroll e eu passeávamos pelo campus da Universidade St. Joseph na Filadélfia (então ainda um College). Uma bolsa de Eileen permitia-nos fazer

investigação em parapsicologia e estabelecer um laboratório de investigação mesmo sendo professores de Biologia a tempo inteiro numa instituição jesuíta.

Enquanto vagueávamos pelos majestosos corredores de um edifício semelhante a uma catedral, os sinos tocaram lugubrememente. Eileen exclamou: «O Presidente Kennedy foi baleado!» Simultaneamente uma jovem secretária gritou pela porta de um gabinete «O Presidente está morto!» A resposta súbita de Eileen confirmou a previsão de um conhecido médium de que uma tragédia ocorreria durante a visita do Presidente a Dallas.

Após sermos graciosamente conduzidos de carro até à nossa modesta residência, não consigo lembrar-me do que servi para o almoço porque em minha casa estava a presença de uma personalidade dinâmica — uma senhora encantadora e uma conversadora estimulante e espirituosa com uma visão vibrante e positiva para o futuro da parapsicologia.

Chorei quando soube da sua morte pois sabia que eu, como pessoa, e o campo da parapsicologia tínhamos perdido uma verdadeira amiga.

Dr. Catherine Nash

Eileen Garrett conquistou-me no exato segundo em que nos conhecemos há muitos anos, quando ela era Editora da Tomorrow e eu fora vê-la a propósito de algum trabalho para a revista. Fiquei perdido no momento em que a vi e ouvi aquela voz maravilhosa. Depois disse: «Não sabia que eras amigo de Auriol Lee.» Auriol, realizadora, atriz etc., morrera recentemente num acidente de automóvel. «Como sabias?», perguntei. «Ela gostava muito de ti. Está ali de pé contigo!» «Meu Deus!», disse eu. «Não te alarmes», respondeu Garrett. Nunca soube realmente por que Eileen me aturava; a minha vida ia em direções tão loucas. Contudo, com aquela bondade fabulosa e coração terno, aturava.

Michael O'Shaughnesy

Que mulher notável — merecia bem a história que contava sobre o seu amigo Aldous Huxley que lhe disse «Há três criaturas que realmente não deveriam existir: a girafa, o ornitorrinco e tu, Eileen Garrett.» Ficava muito contente por se ver classificada entre tais maravilhas da evolução. Recordarei sempre o nosso primeiro encontro no edifício muito alto (seria o 500 da Quinta Avenida?) que tinha uma vista soberba do porto de Nova Iorque com a Estátua da Liberdade destacando-se esplendidamente. Deve ter sido no final de 1954. Aconteceu através de Aldous Huxley, que eu conhecera nos anos anteriores. A partir daí conheci-a cada vez melhor e passei a admirar a sua visão e a sua determinação em assegurar que os fenómenos que ela própria experimentara fossem devidamente examinados e investigados. Manteve essa determinação durante muitos anos e através de todo o tipo de desilusões.

Será sentida a sua falta por todo o tipo de pessoas e por razões muito diferentes. Suponho que se poderia fazer um volume substancial com essas várias visões de Eileen Garrett vistas de muitos ângulos diferentes... Sentiremos muito a sua falta porque literalmente não há ninguém como ela, é difícil acreditar que a sua presença vital já não existe, mas talvez esteja à nossa volta e dentro de nós.

Dr. Humphry Osmond

Um dos aspetos extraordinários de falar sobre Eileen Garrett é que as palavras vão não só para esta audiência dos seus amigos, mas para Eileen. Com o seu característico brilho de crença cética e a sua igualmente encantadora apreciação do blarney, seria a primeira a dizer: «Mas como podem ter a certeza?»

Esse foi talvez o tema da sua vida — Como podem ter a certeza? Tinha uma integridade feroz nesta busca de certeza que perseguiu implacavelmente toda a vida. Se pensava que um investigador tinha algum bom senso e alguma pequena ideia para uma experiência, nunca recusava oferecer-se para ser pessoalmente investigada. Nunca

queria realmente saber os detalhes de nenhuma experiência, e nunca quebrava as condições experimentais. A sua confiança na sua capacidade psíquica tornava-a destemida e nunca mostrou a menor dúvida sobre a realidade do seu mundo psíquico em ação. Mas tirem-na da arena do fazer e coloquem-na na arena da discussão académica, e tornava-se o maior São Tomé de todos — duvidando dos seus poderes, duvidando dos seus controlos e de todos os outros pretendentes a poderes psíquicos. O que não quer dizer que não tivesse amigos entre os psíquicos — certamente tinha. Era simplesmente um caso de autoduplicação a nível de discussão estendido a todos os outros psíquicos.

Em 1948 tirei dois anos do meu trabalho em medicina para descobrir se a telepatia realmente existia. Estava prestes a desistir da minha busca quando conheci Eileen. Ofereceu-se voluntariamente como sujeito para as minhas experiências na Gaiola de Faraday e provou-me que a telepatia existia de facto e nos meus próprios termos. Devo os meus esforços subsequentes em investigação psíquica em grande parte a esta experiência inicial com Eileen e à sua amizade e encorajamento contínuos.

Sempre teve qualidades heroicas em todos os aspetos da vida. Se eras seu amigo, era uma amizade abundante. Se eras inimigo, era melhor teres cuidado. Sendo uma grande juíza da natureza humana, tornava-se por vezes demasiado confiante na lealdade dos seus amigos. Assumia que a sua generosidade de coração e lealdade trariam sempre reciprocidade em espécie. Foi uma das grandes crueldades da vida para ela ser ferida por uma traição de confiança.

Dou estes aspetos contraditórios do seu carácter porque, de facto, o seu carácter era feito da tensão dinâmica de muitas oposições deste tipo e, quando somadas, tornavam-se a sua grandeza. Não duvido nem por um momento do seu lugar na história psíquica. Mas se conheço Eileen de todo, sei que não parou o seu trabalho quando o seu coração parou de bater. A sua vontade indomável de ajudar e elevar a humanidade através do conhecimento do físico e do espiritual

começou realmente agora. Nunca fiz uma previsão antes, mas farei uma agora: Eileen falará, e as suas melhores obras ainda estão para vir. Verdadeiramente, viveu sempre como se fosse morrer amanhã, mas aprendeu como se fosse viver para sempre.

Dr. Andrija Puharich

Conheci Eileen J. Garrett pela primeira vez em maio de 1962. Fomos amigos até à sua morte em Nice, França, a 15 de setembro de 1970. Teve um efeito profundo na minha vida e, de muitas maneiras, moldou as minhas atitudes, interpretações e insights na investigação psíquica e parapsicologia. Como a personagem Auntie Mame, «abriu portas», criou novas amizades para mim na comunidade académica, permitiu-me viajar para a Europa para «fazer perguntas» como bolsheiro da sua fundação. Apresentou-me a inúmeros investigadores e estava sempre atenta à minha associação com a igreja. Era uma personalidade profunda, percetiva e controladora que dava a sensação de sempre olhar para dentro daqueles de quem gostava e até dos que não gostava. Projetava mistério e a sua personalidade era muitas vezes severa e forte. As suas capacidades psíquicas estavam sempre presentes. «Posso fazer o que faço no meio da Times Square, Billy. Não preciso de uma Catedral.

Olho para as colinas do sul de França e isto, isto é a minha Catedral.» Era tanto telescópica como microscópica em relação às pessoas e à natureza. Eileen tinha vontade forte mas ansiosa por que outros descrevessem as suas capacidades usando as disciplinas científicas. Pensava que a conhecia mas ela conhecia-me melhor do que eu a mim mesmo. O seu círculo de amigos e investigadores abrangia o globo. O seu patrocínio da investigação no campo da consciência foi de proporções pioneiras.

Crédito a Eileen J. Garrett como um dos capítulos verdadeiramente grandes da minha vida. Era multidimensional de tantas maneiras. Lembro-me de uma das últimas coisas que me disse: «Billy, quando for a minha hora de partir, de me fundir com tudo o que é, dar-te-ei um toque e enquanto estiver a acontecer descrevê-lo-ei

para ti.» A sua morte em Nice não permitiu esse momento mas foi vintage Eileen.

Uma noite, jantando na sua sede europeia em Le Piol, Saint-Paul-de-Vence, olhou para a lua cheia e também para uma fogueira numa colina ao longe. Comentou: «Aquele lua não vai deixar que aquela fogueira diminua a sua luz.» Sim, Eileen era a psíquica, a médium, a patrocinadora da investigação, a provedora de muitos que trabalharam nas suas conferências para explorar temas da mente e do espírito, mas era também mística na sua visão do aqui e do além. Alguns quase se sentiam desconfortáveis ou ameaçados na sua presença. Eu não. Vi uma mulher que fazia as coisas acontecerem para o futuro. Era uma exploradora da «Consciência» e as suas muitas contribuições mudaram vidas.

Os seus escritos aguardam uma nova geração que está a aprender que o estudo da consciência em todos os seus níveis é, como ela acreditava, seguramente a ciência do futuro. Posso ouvir a sua voz na minha mente: «É apenas pela paciência científica, ao longo de longos anos, que a verdadeira visão espiritual da realidade pode ser alcançada, e assim limpar o emocionalismo sentimental que há muito tem sido o principal inimigo da verdadeira investigação psíquica.» Era verdadeiramente mágica no melhor sentido e o seu feitiço sobre o meu mundo interior permanece comigo. Obrigado, Eileen J. Garrett.

O Rev. Canon William V. Rauscher

Tantas coisas me acodem à mente do que aconteceu desde aquela manhã em que Eileen Garrett e a sua filha desceram pela primeira vez do comboio em Durham que dariam livros; ela iniciou muitas, muitas coisas, aqui como noutros lugares, com o seu vigor, a sua iniciativa, a sua mente inquieta da «idade criativa» e, sim, a sua generosa prontidão para ajudar os outros.

Quanto há que poderiam dizer, como eu, «Ela ajudou-me a dar os primeiros passos!» Eileen e eu tivemos momentos que, para mim, foram grandiosos. Haverá palavras eloquentes de outros sobre ela;

todos as apreciaremos também, mas o tipo de parceria pessoal que Eileen Garrett e eu tivemos pareceu-me algo único e significou muito para mim e sempre significará.

Dr. J. B. Rhine

Três indivíduos desempenharam papéis decisivos na minha vida como parapsicólogo: o Prof. H. H. Price, meu orientador em Oxford, o Dr. J. B. Rhine, que me deu o meu primeiro emprego no Laboratório de Parapsicologia de Duke, e Eileen Garrett, que me apoiou durante três anos em Oxford, 1954-1956. Isso permitiu-me trabalhar com Price e depois levou-me a Duke.

No ano anterior, em 1953, a Sra. Garrett pediu-me que apresentasse um artigo na Primeira Conferência Internacional de Estudos Parapsicológicos na Universidade de Utrecht, a primeira conferência a que assisti. Creio que era o mais júnior e certamente o menos realizado dos participantes. A confiança que ela depositou em mim, tanto quanto o apoio financeiro, foi um fator determinante para eu permanecer no caminho.

Algum tempo durante esse período, a Sra. Garrett visitou a pequena biblioteca e o laboratório de PES que o apoio da Parapsychology Foundation me permitira instalar em Oxford. Era uma presença imponente. Quando Eileen Garrett entrava numa sala, as pessoas arranjavam-se instintivamente como planetas em torno de uma estrela. Queria-se estar perto mas não demasiado perto; parecia rodeada por algo como um campo gravitacional que era altamente atraente mas também mantinha uma certa distância. Era uma pessoa muito pública e muito privada.

Eileen Garrett foi uma das escritoras mais perspicazes e astutas do campo. O seu *Adventures in the Supernormal: A Personal Memoir* é mais do que uma memória. Li-o como um apelo para incluir o indivíduo dotado psiquicamente na investigação sistemática. O seu conceito de “surround”, um campo de informação e energia que ela via à volta das pessoas e das coisas, merece estudo sério.

Sempre que visito a Parapsychology Foundation, o que faço sempre que possível, e vejo Eileen Coly e Lisette Coly, Presidente e Vice-Presidente, a conversa inclui inevitavelmente a Sra. Garrett. Filha e neta são ambas cétricas quanto às provas científicas da vida após a morte; no entanto, elas e o visitante que conheceu a Sra. Garrett sentem a sua presença. Seja o que for que se possa dizer, esta presença tem sido uma inspiração para as realizações da Fundação como um grande centro de informação e investigação em parapsicologia. Eileen Garrett ficaria (estará?) satisfeita e orgulhosa.

Dr. William G. Roll

Embora tenha encontrado a Sra. Eileen J. Garrett apenas uma vez na vida, a minha primeira impressão dela foi marcante. Com a Sra. Garrett e o seu séquito estavam muitas luminárias numa audiência para assistir a uma palestra do Professor Bernard Grad e ouvir os meus comentários numa reunião da American Society for Psychical Research. Era completamente desnecessário que ela se apresentasse, pois era notória: vestida com elegância num *tailleur* e uma peça de pele delicada, usando um chapéu na moda e absolutamente elegante com o seu sotaque britânico. Era efervescente, extrovertida e absolutamente dinâmica, avassaladora, elevadora e encorajadora. O seu *rapport* total comigo pareceu que nos tínhamos ligado imediatamente e nos conhecíamos genuinamente há anos.

Mais periférico do que este contacto público extraordinário foi o facto clínico de que, quando estudava os famosos telepatas-paragnostas Jacques Romano e Joseph Dunninger, que tinham percorrido o mundo inteiro e cruzado caminhos com as grandes e quase grandes personalidades do mundo ao longo das suas carreiras distintas, cada um deles conhecia a Sra. Garrett, lembrava-se dela e sempre lhe concedia respeito. Isto é psicologicamente contrário para estas pessoas unicamente dotadas que são mais frequentemente extremamente competitivas e não conhecidas por atirar bouquets sociais a outros de talentos semelhantes. Ela obviamente deixara a sua marca indelével de influência e personalidade em cada um deles e

noutros, e que também flui natural e poderosamente para os seus escritos.

Nandor Fodor, o famoso psicanalista-investigador psíquico, confessou-me uma vez que, de tudo o que tínhamos para discutir, o mais interessante eram as suas disputas amistosas contínuas com a Sra. Garrett sobre a origem dos seus guias, Uvani e Abdul Latif.

Embora a contenção ética imponha silêncio em muitos casos, fiquei profundamente impressionado pelos numerosos atos de bondade humana completamente desconhecidos e raramente conhecidos da Sra. Garrett em situações extremas onde, por exemplo, a sua intervenção oportuna salvou uma família muito notável de uma tragédia e conseguiu-lhes uma casa. Quanto a mim e à Sra. Garrett, se não fosse pela intercessão não solicitada do bom Martin Ebon, assistente administrativo de longa data da Parapsychology Foundation, o meu livro *Parent-Child Telepathy: A Study of the Telepathy of Everyday Life* teria muito provavelmente sido atirado para o caixote do lixo. Só ela achou a minha investigação digna de publicação.

Através de exemplos altruístas e requintados de generosidade, a minha intuição é que a abertura pioneira de Eileen Garrett — usando os seus grandes talentos e personalidade única — levará um dia a uma biografia definitiva e a um documentário televisivo. Ninguém poderia ser mais merecedor ou mais altamente interessante.

Dr. Berthold E. Schwarz

Eileen J. Garrett era uma pessoa tão única que parecia dever ser imortal. Quando soube da sua morte, a minha primeira reação foi de incredulidade — uma incredulidade que depressa deu lugar ao luto. Uma relação composta de simpatia e compreensão mútuas, de interesses e tarefas comuns, uma relação que durara um quarto de século — terminara, perdera-se.

Apenas alguns dias antes, presidira à Décima Nona Conferência Internacional da Parapsychology Foundation.

Outros colaboradores descreverão minuciosamente as circunstâncias históricas da vida da Sra. Garrett, farão uma listagem exhaustiva dos seus escritos, registrarão com precisão as múltiplas «iniciativas» que foram marcos da sua existência extraordinária. Será certamente uma tarefa difícil, mas talvez um pouco menos difícil do que a minha. Mais do que uma vez no passado, refletindo sobre os aspetos multifacetados da sua personalidade única, hesitei em escrever sobre ela, acabando por recusar vários pedidos de uma ou outra revista ou jornal. O facto é que, quando se evoca a imagem de Eileen Garrett, as suas diversas qualidades e atividades variegadas aparecem quase inextricavelmente ligadas. Era, ao mesmo tempo, médium, investigadora, intelectual, escritora e conselheira de dezenas de personalidades notáveis do nosso tempo.

Contudo, tudo isto tinha um denominador comum: um desejo ilimitado de explorar territórios desconhecidos, de alcançar algumas certezas quanto às «dimensões metafísicas» do homem, por outras palavras, de compreender o mais de perto possível algumas das grandes questões inerentes ao nosso destino humano. Isso perseguiu com raro poder intelectual e vontade indomável, bem como com capacidades quase ilimitadas de abnegação e sacrifício. Pensemos, por exemplo, nos seus dons mediúnicos, que atraíram a atenção de tantos investigadores psíquicos desde que era jovem.

Muitos médiuns são pouco mais do que instrumentos passivos de forças que não examinam e não conseguem controlar, e quase sempre estão inclinados a aceitar as motivações ou causas *prima facie* dos seus «fenómenos». Este certamente não era o caso de Eileen Garrett que, do princípio ao fim, manteve uma atitude vigilante e indagadora face àquilo que para muitos observadores era apenas motivo de espanto e crença acrítica.

Este desejo — de aprofundar o estudo e alcançar uma verdadeira compreensão do que lhe acontecia como médium — levou-a muitas vezes a colocar-se nas mãos de médicos, psicólogos, psiquiatras, neurologistas. Submeteram o corpo e a mente do seu sujeito único a

toda a espécie de experiências. Alguns dos resultados foram publicados e darão dados consideráveis e importantes aos cientistas nos anos vindouros.

Dizer que sem Eileen Garrett a parapsicologia teria tido um rosto bem diferente nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial é realmente dizer o mínimo. A importância do trabalho feito pela Parapsychology Foundation — que Eileen Garrett concebeu e à qual deu vida há cerca de cinquenta anos — é conhecida de todos. Poucas iniciativas privadas podem comparar-se a esta na história da cultura ou da ciência. Mas a própria atividade da Parapsychology Foundation em benefício da investigação parapsicológica em todo o mundo mostrou até que ponto Eileen Garrett estava longe de se satisfazer com o seu estatuto de «sujeito» excepcional e até que ponto, direta ou indiretamente, lutou para que os fenómenos de que estava intensamente curiosa fossem submetidos a investigação sistemática em escala internacional.

A morte de Eileen Garrett não pode deixar de suscitar em muitos um sentimento de incredulidade. Eileen Garrett chegou ao fim do seu caminho ainda a refletir, a duvidar, a questionar os problemas do espírito humano, o seu destino, a sua possível sobrevivência. Muitos, como é bem sabido, pensam ter a resposta definitiva à questão — seja sim ou não. Como Eileen Garrett, e após quase tantos anos de busca, encontro-me incapaz de alcançar uma conclusão segura. Mas uma coisa me parece certa: se é dado a todos os grandes humanos continuar presentes entre os seus semelhantes por causa das marcas indelével que deixaram da sua passagem — nesse sentido, e sem sombra de dúvida, a alma de Eileen Garrett ainda está connosco.

Dr. Emilio Servadio

Lembro-me de Eileen Garrett. Quem, tendo-a conhecido uma vez, poderia alguma vez esquecê-la? Certamente foi uma das mulheres mais notáveis que alguma vez conheci. Não acho que fosse particularmente complexa, mas os seus vários talentos podem tê-la feito parecer assim. Foi um médium importante durante muitos anos,

mas foi também uma empreendedora notável no melhor sentido da palavra. Ao estabelecer a Parapsychology Foundation há 50 anos, preservou o estudo dos fenómenos paranormais de se tornar demasiado confinado a laboratórios.

De todas as minhas memórias, guardo melhor a do nosso primeiro encontro. Aconteceu pouco depois de chegar à Universidade da Virgínia. Jantámos juntos na cidade de Nova Iorque. David Kahn estava connosco. Eileen já sabia do meu interesse pela investigação psíquica através de algumas recensões de livros que escrevera; também tínhamos correspondido um pouco. Com o que depois aprendi ser a sua habitual franqueza, perguntou-me que investigação sobre fenómenos paranormais pretendia fazer. Disse que esperava estudar as provas da reencarnação e da aura. Ela respondeu: «São temas extremamente difíceis!» Não me desencorajou, porém.

Cerca de dois anos depois, publiquei um resumo e análise de cerca de 40 casos sugestivos de reencarnação no *Journal of the American Society for Psychical Research*. Estes casos tinham sido, na sua maioria, publicados separadamente, sobretudo por jornalistas em revistas ou jornais. Ninguém os tinha antes analisado como grupo e procurado características comuns entre eles. Para minha surpresa, o meu ensaio sobre estes casos recebeu um prémio e alguma atenção de pessoas interessadas em investigação psíquica, incluindo Eileen. Alguns meses depois, telefonou-me e disse que recebera da Índia um relatório de um caso que parecia semelhante aos que eu descrevera no meu artigo.

O sujeito do caso era uma criança, uma rapariguinha, que afirmava lembrar-se de detalhes da vida de uma mulher que vivera numa cidade diferente da da criança. «Estaria interessado», perguntou Eileen, «em ir à Índia examinar este caso?» Certamente estava interessado. Deu-me então dinheiro suficiente apenas para as despesas de seis semanas na Índia e no Sri Lanka. Fui lá no verão seguinte, durante as minhas férias. Isso foi em 1961, e desde então tenho estudado casos na Índia e no Sri Lanka. Mais tarde obtive muito outro

financiamento; mas continuo profundamente grato a Eileen por me encorajar e tornar possíveis os meus primeiros esforços para estudar as crianças que afirmam lembrar vidas anteriores. Sem ela, nem sequer teria começado.

Tenho muitas outras memórias de Eileen, e todas são agradáveis. Mencionei os seus dons como psíquica e o seu tino para negócios; mas tinha outros talentos. Procurava juntar pessoas com interesses comuns. Na nossa correspondência anterior, que guardei, aconselhou-me a conhecer e tornar-me amigo de pessoas que partilhariam os meus interesses e abordagem à investigação psíquica. Do seu conselho conheci Karlis Osis e através dele Gardner Murphy.

Nos últimos anos da nossa amizade mostrou uma certa frieza em relação à ideia de reencarnação. Não precisava de adivinhar a sua atitude; não a ocultava, embora não prejudicasse a sua atitude afetuosa para comigo. Uma noite jantámos juntos e ela expressou a sua atitude negativa em relação à ideia de reencarnação de forma um pouco mais positiva do que o habitual. Mais tarde nessa mesma noite, entrou em transe e «Abdul Latif» manifestou-se. Para minha surpresa, começou a afirmar a realidade da reencarnação. Mais do que isso, repreendeu-me por hesitar quanto a ela. Ainda me lembro de ele me dizer «Estás mil anos atrasado.» (Afirmando lembrar-me das suas palavras exatas porque o seu efeito foi doloroso.) O que fazer disso? A própria Eileen não tinha a certeza do estatuto dos seus controladores e por isso não se importaria se eu também não tiver. Aqui isso não importa. O ponto é que Eileen, no seu compromisso com a investigação psíquica, mostrou-se hospitaleira para ideias que lhe eram desagradáveis. O tipo de experiência que tive com «Abdul Latif» encorajou algumas pessoas a chamá-la «complexa». Para mim, a experiência apenas deu outra indicação de que ela era uma grande pessoa.

Dr. Ian Stevenson

Quero falar de três aspetos da personalidade de Eileen que tocaram a minha vida de maneiras importantes.

O primeiro foi a sua generosidade. Imaginemos uma cena no início de 1953. Eu, jovem psiquiatra sentado no meu consultório um dia a passar o correio, deparei-me com uma carta que li com excitação crescente. Era de Eileen Garrett a convidar-me a participar na Primeira Conferência Internacional sobre Parapsicologia que se realizaria em Utrecht, na Holanda, com todas as despesas pagas. Tornei-me de repente importante o suficiente para aparecer na cena internacional! Como se isso não bastasse, tive a ousadia de perguntar se Janet, a minha mulher, que nunca tinha estado na Europa, poderia acompanhar-me às minhas custas. A sua resposta pronta e afirmativa foi oferecer-se para cobrir as despesas de vida de Janet em Utrecht. A mesma oferta generosa repetiu-se catorze anos depois para uma conferência em Le Pisol, Saint-Paul-de-Vence.

O segundo é a amplitude das suas capacidades organizativas. Se não tivesse realizado mais nada, a conferência de Utrecht permaneceria como um marco único na história da parapsicologia. Foi a primeira vez que um amplo leque interdisciplinar de académicos e investigadores (setenta e oito de treze países diferentes) se reuniu para enfrentar o desafio dos estudos parapsicológicos colocado à nossa compreensão de nós próprios e do mundo à nossa volta. Até hoje o impacto de tantos dos que participaram continua a influenciar o meu pensamento.

O terceiro é a sua visão de longo alcance. 1953 foi o ano que marcou a descoberta de que o sonho tendia a ocorrer durante certas fases eletroencefalográficas do sono e estava associado a movimentos rápidos dos olhos (REM). Por volta da mesma altura e antes de eu saber deste trabalho, realizara uma série de experiências informais de telepatia onírica com Laura A. Dale, associada de investigação da American Society for Psychical Research. A nossa intenção era ver se os nossos sonhos de uma dada noite revelariam alguma evidência de transferência telepática entre nós. Com cada um de nós a dormir na própria casa, foram feitos arranjos para despertares arbitrários a intervalos designados durante a noite na esperança de captar sonhos suficientes para ver se havia correlações entre os nossos sonhos.

Como não sabíamos na altura quando ocorria o sonho, estes despertares nem sempre produziam um sonho. Apesar disso, os resultados eram intrigantes. Quando os achados REM-sonho chegaram ao meu conhecimento, a experiência pôde ser refinada. Tínhamos agora um meio de recolher uma colheita completa de sonhos acordando um sujeito a dormir no fim de um período REM e fazendo-o registar o sonho. William Dement, que estivera envolvido nos estudos REM originais, concordou em vir comigo algum tempo no início de 1960 a uma reunião com Eileen para a familiarizar com o procedimento experimental necessário para o projeto de telepatia onírica que tinha em mente.

Na altura, Eileen ofereceu o seu apoio total. Além do equipamento e das salas necessárias na Fundação, disponibilizou a ajuda inestimável de dois dos seus associados de investigação, Karlis Osis e Douglas Dean. A primeira experiência teve lugar a 6 de junho de 1960 com Eileen como sujeito. Cerca de quatro meses depois foi novamente sujeito. Foi notavelmente bem-sucedida em ambas as ocasiões. O resto, como se diz, é história.

Os estudos-piloto em que nos envolvemos naquele ano foram intrigantes e acabaram por levar-me a deixar a prática privada para ocupar um cargo a tempo inteiro no Maimonides Hospital (que mais tarde se tornou o Maimonides Medical Center) e, com a ajuda de Gardner Murphy, instalar ali um laboratório de sono com o propósito expresso de estudar telepatia onírica. O trabalho aí realizado, uma vez que Stanley Krippner assumiu a direção do laboratório, mais tarde acompanhado por Charles Honorton, acabou por tornar-se uma contribuição importante para a história da investigação parapsicológica. Foi a visão de longo alcance de Eileen que tornou tudo possível.

Antes de conhecer Eileen Garrett, era psiquiatra. Depois de a conhecer, primeiro em Utrecht e depois na Parapsychology Foundation, embarquei numa carreira dupla de psiquiatria e

investigador parapsicológico. Por isso estou eternamente em dívida para com ela.

Dr. Montague Ullman

Embora tivesse tido alguma correspondência com a Sra. Garrett no início de 1954 a propósito de uma bolsa de investigação que ela me concedeu para realizar algum trabalho em psi no Florida Southern College, só a conheci pessoalmente mais tarde nesse ano, quando ela visitou Durham para discutir várias atividades no Laboratório de Parapsicologia de Duke. Tinha um carisma incrível e era impossível ignorar a sua presença em qualquer sala. Parecia bastante robusta, como se fosse capaz de realizar trabalho físico pesado, como o de uma leiteira irlandesa que labutava do amanhecer ao anoitecer, mas também tinha um sotaque britânico muito especial que sugeria fortemente traços de realeza ou alguém de estatuto privilegiado.

Era, talvez, a sua energia psíquica a sua característica mais proeminente. Quando olhava para si com aqueles olhos grandes, expressivos e líquidos, tinha-se a sensação de que ela olhava através de si, ou mais exatamente, que espreitava para dentro da sua alma. A minha mulher, nessa altura, reagiu com algum receio, pois temia o que a Sra. G. poderia perceber na sua aura. O que a Sra. G. descreveu foi uma aura bastante negra e verde-pálido lamacenta, mas não ofereceu comentários sobre o seu possível significado. Nos anos seguintes, vim a compreender melhor o que a Sra. G. aparentemente percebera. A relação com a minha mulher acabou por se tornar muito sombria e problemática, na qual a minha mulher manifestava profunda animosidade para comigo pessoalmente e também para o campo da parapsicologia em geral.

À medida que tive mais contacto com a Sra. G., impressionei-me com a sua capacidade de avaliar rapidamente uma pessoa ou uma situação e de chegar ao «fundo da questão» do que precisava de ser dito ou feito, com o mínimo de palavras ou esforço. A sua persona, nesses momentos, parecia a de um CEO eficiente de uma organização importante, o que, claro, ela era. Na ocasião daquela primeira visita a

Durham e em encontros subsequentes, alguns homens mais jovens e de aspeto artístico estavam frequentemente presentes e o seu comportamento sugeria que os seus papéis eram uma espécie de «acompanhante profissional». As imagens ou fantasias que me vinham à mente eram que a Sra. G. também podia exhibir uma espécie de personalidade «Mae West». Tal como a Sra. G. tinha várias personalidades de transe distintas e duradouras quando funcionava como médium num estado alterado de consciência, também apresentava um padrão complexo de «personalidades múltiplas» na sua vida consciente desperta.

O impacto mais profundo que a Sra. G. teve sobre mim pessoalmente foi o de ser uma benfeitora muito bondosa e generosa. Em 1954, quando era um assistente de investigação casado com três filhos a trabalhar no laboratório de J. B. Rhine, encontrava-me num estado de grave «desafio financeiro». A Sra. G. pediu-me que elaborasse uma lista dos meus credores atuais e que lha enviasse.

A lista totalizava 1 314 dólares e ela enviou-me um cheque da sua conta pessoal por esse montante. A minha mulher e eu fizemos depois uma fogueira cerimonial e, agradecidos, atirámos para ela cada uma das contas atrasadas que conseguimos pagar com o seu presente. Como sinal da nossa gratidão, demos ao nosso quarto filho o nome em sua honra e, sempre que vejo Craig Garrett pessoalmente ou na minha imaginação, lembro-me do seu modo especial de estender a mão às pessoas necessitadas.

A Sra. Garrett continuou a apoiar-me durante a escola de pós-graduação e em alguns dos meus primeiros cargos académicos. Foi particularmente instrumental no apoio a uma série de expedições que fiz às Ilhas San Blas no Panamá para realizar testes de PES de campo com os índios Cuna que lá residiam. Isso levou à publicação de vários artigos e os meus resultados formaram a base do meu Discurso Presidencial à Parapsychological Association em 1970.

Não fui de modo algum o único beneficiário do seu apoio financeiro. A Sra. G. serviu de «madrinha de fadas» a muitos outros

parapsicólogos aspirantes que provavelmente nunca teriam sobrevivido às suas circunstâncias financeiras restritas e eventualmente alcançado uma carreira em parapsicologia sem a sua ajuda.

1970 foi um ano marcante para a parapsicologia. A Parapsychological Association foi formalmente aceite como organização membro da American Association for the Advancement of Science e, nesse mesmo ano, eu e vários outros colegas apresentámos um simpósio nas reuniões da AAAS em Chicago. Em 1970, a PA realizou a sua conferência anual na cidade de Nova Iorque e escrevi uma carta à Sra. Garrett na minha qualidade de presidente, solicitando fundos para que os nossos colegas europeus pudessem assistir a essa reunião. Perto do fim dessa carta de 14 de março, escrevi: «Espero que a sua saúde tenha melhorado recentemente. Todos nós na Parapsychological Association olhamos para si como a Grande Mãe Terra de quem todos brotámos. Penso que se pode seriamente questionar se a nossa associação alguma vez teria sido possível se não fosse pelo seu papel incansável em encorajar e apoiar os vários indivíduos e centros de investigação que constituem a parapsicologia dos nossos dias.

Deve sentir um grande orgulho maternal ao saber que a sua família PA foi finalmente graduada nas fileiras da plena respeitabilidade científica pouco antes do ano começar.» Infelizmente, a saúde da Sra. Garrett declinou e o seu tempo de transição ocorreu mais tarde em 1970. Fomos todos abençoados pelo tempo que ela passou connosco e tenho a certeza de que ela continua a energizar-nos do plano dimensional onde atualmente reside.

Dr. Robert Van de Castle

Como muitos parapsicólogos da minha geração, tenho razões para recordar Eileen Garrett com gratidão. Quando me tornei ativo no campo nos anos 1940, o seu nome era lendário. Os seus supostos feitos mediúnicos, o seu interesse aberto pela investigação exploratória e o seu acesso a fundos para investigações

parapsicológicas davam-lhe um estatuto único. Nos anos 1950 tive um período de internamento por tuberculose e Eileen Garrett ofereceu-se para financiar uma visita a Lourdes para que eu pudesse combinar uma convalescença agradável com o exame dos registos médicos de curas milagrosas.

A minha reputação de cético e o tom crítico do livro *Eleven Lourdes Miracles* podem não ter sido o resultado que ela desejaria. Alguns investigadores queixaram-se de interferência na independência académica, mas eu não experimentei tal coisa e, de facto, desfrutei de convites subsequentes para as suas conferências em Le Piol. Conservo uma memória viva da sua aparência e dedicação na última dessas conferências quando era uma senhora idosa, claramente cansada e com dores mas, pelo menos para mim, alegre, amigável e graciosa até ao fim.

Prof. Donald J. West

Quando era um recém-chegado relativamente novo no Laboratório de Parapsicologia da Universidade Duke — creio que foi em 1955 (cheguei em setembro de 1954) —, Eileen Garrett com o seu séquito veio a Durham visitar-nos durante alguns dias.

J. B. Rhine presidia à «hora do café» todas as manhãs, à qual assistiam todos os membros da equipa. Contava-nos o que havia de novo, incluindo qualquer coisa notável em correio ou chamadas telefónicas recentes. Uma manhã disse-nos que «a Sra. Garrett» (era assim que a chamava) vinha e mencionou brevemente os testes de PES que lhe fizera anos antes e contou-nos algo sobre ela. Eu lia a sua revista *Tomorrow* e gostava especialmente dos seus editoriais e outras contribuições. Li alguns dos seus livros antes de ela chegar. Estava muito entusiasmada não tanto por conhecer o meu primeiro médium, mas pela ideia de conhecer alguém com capacidade psíquica que escrevia de forma tão comovente sobre experiências e sentimentos que tivera. Impressionava-me muito o seu estilo de vida cosmopolita. (Tinha 23 anos.)

Não sabia bem o que esperar, apesar do que J. B., Louisa Rhine e Gaither Pratt tinham dito. Em todo o caso, nada do que poderiam ter dito me prepararia para a realidade. Ela entrou como uma duquesa, ladeada pelo seu braço-direito Martin Ebon e pelo seu amigo Jean Andoire, e a sua presença encheu a sala de reuniões do laboratório. Era uma mulher grande, mas o que projetava era maior do que a vida (e nunca vi a sua aura — na verdade, ainda não vi a aura de ninguém).

Embora fosse apresentada a todas as pessoas novas que ainda não conhecia, na sua maioria membros do meu grupo, não tive tempo privado com ela até nos amontoarmos nos carros para ir ao refeitório do Campus Masculino de Duke. (O Laboratório de Parapsicologia ficava no Campus Feminino, onde os edifícios eram mais pedestre e modernos em contraste com o estilo gótico do campus masculino).

As suas primeiras palavras para mim permanecem enigmáticas até hoje! Não disse nenhuma das coisas banais de conversa como «Gostas de estar aqui?» ou «Há quanto tempo estás aqui?» ou mesmo «Porque te interessas por parapsicologia?». Não. Em vez disso, bateu-me na mão, que tomou na sua (estávamos sentados no banco de trás) e disse, pelo menos duas vezes, talvez mais, «Pobrezinha, pobrezinha!» como se eu estivesse mortalmente ferida ou algo assim.

Fiquei desconcertada! Não sabia o que dizer! Estava preparada para lhe perguntar como era Jung e sobre algumas das experiências de que escrevera nos seus livros, ou como era realmente sentir-se psíquica, mas fiquei sem palavras. Tudo o que consegui fazer foi um autoexame, perguntando-me porque raio ela me via como uma «pobrezinha». (Afinal, fora uma boa jogadora de golfe, fora elogiada pelas minhas capacidades de escrita, tivera uma EQM e uma experiência de consciência cósmica, era muito lida — lera muitos dos autores que ela mencionava nos seus escritos — e estava felizmente envolvida em aprender a ser parapsicóloga. Não tinha problemas graves de que tivesse consciência. Então o que sabia ela que eu não sabia? Ainda não descobri.)

Se tivesse de fazer tudo de novo, espero ter presença de espírito para lhe perguntar o que queria dizer com aquilo. Mas era jovem para a minha idade e estava muito impressionada com esta figura — demasiado — para interagir com ela como se fosse qualquer outra pessoa nova que acabara de conhecer. Sentia-me em pé de igualdade com a maioria das pessoas novas, mesmo com Aldous Huxley, que levei a almoçar quando visitou o laboratório. (Cada membro da equipa fazia algo com ele e assim aliviava J. B. do dever, pois estava muito ocupado, embora passasse tempo de qualidade com ele. Mas Huxley era um experienciador e o interesse quase exclusivo de J. B. eram experiências.)

A minha impressão dela foi que definitivamente não era uma pessoa comum. E depois do seu primeiro ataque, creio que permaneci quase sem palavras até chegarmos ao destino (talvez uma viagem de 10 minutos). Pelo menos, não me lembro de mais nada. Talvez Martin tenha misericordiosamente mudado de conversa. A minha impressão duradoura deste primeiro encontro foi que, ao conhecer a maioria das pessoas, ambas as partes sabem apenas o que veem e pensam conscientemente, o que geralmente é bastante superficial no contexto do primeiro conhecimento. Mas ao conhecer uma Grande Psíquica como a Sra. Garrett, ela aparentemente conseguia perceber profundidades de mim mesma de que eu não tinha (e ainda não tenho) consciência. Pergunto-me se algum dia sentirei que sei a resposta ao koan que ela me atirou com as primeiras palavras que me dirigiu?

O jantar daquela noite foi uma experiência cativante. Todos nós ficámos encantados, não só com Eileen, mas também por ver um lado de J. B. com que nós, os recém-chegados, pelo menos, não estávamos familiarizados. Estes dois estavam habituados a estar no comando, ambos com estilos que poderiam ser caracterizados como ditatoriais, e ambos vindo de posições diferentes quanto a fenómenos psíquicos e à sua investigação. Garrett conhecera o lado interior desde a infância. J. B. era o líder mundial no que toca à investigação. Era altamente racional e tinha bom senso comum (embora a mulher Louisa tivesse

ainda mais), ao passo que a Sra. Garrett, como psíquica, por vezes vinha do nada. Eu já sabia como isso podia desorientar!

Ambos eram extremamente hábeis em réplicas e em levar a melhor. Garrett estava sentada no meio de um dos lados da longa mesa e J. B. estava em frente. Sentia que estávamos a assistir a um raro espetáculo de fogos de artifício um tanto moderado para que ninguém se magoasse. As relações entre Rhine e Garrett tinham sido «quentes» e «frias», e estávamos a entrar num período quente após um frio. Por isso cada um estava bem disposto para com o outro. Garrett estava sempre interessada em financiar investigação; daí ter formado a Parapsychology Foundation.

Quem melhor financiar do que o laboratório de Rhine? Rhine estava fervorosamente dedicado à investigação e o laboratório precisava sempre de mais dinheiro para levar a cabo todos os projetos que ele imaginava. Assim, à superfície, tinham esta conversa política muito educada a ir e vir. Sentia-me como se estivesse a ver um jogo de pingue-pongue com jogadores de estrela. Mas com bastante frequência, sempre de forma subtil, uma pequena farpa voava pela mesa de um para o outro. Ambos continuavam a sorrir, mas se conhecêssemos algum do historial, podíamos sentir a picada que um deles devia estar a sentir. A troca era definitivamente de dois lados e, tanto quanto me lembro, foi um empate. Identificava-me com ambos! Por isso sentia que estava a dar socos e a ser socada!

A minha adrenalina estava a bombar naquela noite! Adorei. Louie Rhine, Gaither Pratt, Dorothy Pope e Martin Ebon provavelmente captaram toda a troca de palavras enquanto o resto de nós só apanhou uma parte. De qualquer modo, foi uma das noites mais divertidas da minha vida. Deu a todos nós, recém-chegados (Win Nielsen, Gordon Mangan e a mulher, Bob Van de Castle e a mulher, e talvez até Karlis Osis e a mulher, que nos tinham precedido por um ano ou assim, e eu) a sensação de que tínhamos verdadeiramente estado «nos bastidores» da parapsicologia naquela noite, a ver os fazedores e agitadores a fazer e agitar enquanto ríamos e aplaudíamos e olhávamos uns para os

outros, como se a dizer «Ele (ou ela) disse mesmo o que penso que disse?»

Fiquei triste quando acabou. Sentia-me muito privilegiada por lá ter estado. Penso que Win teve a honra de voltar de carro com a Sra. Garrett. Provavelmente fui com Bob e Gordon, todos nós a tagarelar durante todo o caminho sobre o que tínhamos testemunhado naquela noite, relatando uns aos outros algumas das nossas falas favoritas que cruzaram a mesa.

Pelo menos aprendi cedo que quando Eileen Garrett estava envolvida, nunca se sabia o que esperar. Mesmo que não gostasses ou concordasses, era certo que seria divertido. E mais tarde, olhando para trás, coisas que ela dizia faziam-te pensar um pouco mais fundo, um pouco mais amplo, ou por vezes apenas abanar a cabeça. Assim foi, pelo menos, comigo.

Certamente conhecê-la foi uma experiência excecional. Se algum dia compreender porque ela sentia tanta pena de mim, talvez se torne uma experiência humana excecional, revelando mais da minha natureza humana do que realizei até à data.

Rhea White

Quando me cruzei com Eileen Garrett, nos anos 1950, ela fizera de si mesma uma figura muito grandiosa num mundo bastante pequeno e reinava com verdadeira noblesse oblige. Para mim, era uma personagem marcante e uma ligação viva ao mundo pós-Primeira Guerra Mundial de Conan Doyle e da investigação psíquica britânica. Era o mundo de D. H. Lawrence, «uma criaturinha suja», como me informou uma vez, referindo-se mais à sua higiene do que às suas crenças sexuais, e de Aldous Huxley, agora não mais o crítico social selvagem mas um gigante cego e cambaleante que tentava abrir as portas da perceção e ocasionalmente visitava o escritório.

Pelo que entendia, ela afirmara-se como médium e como mulher devido ao grande interesse pela vida após a morte que se seguiu às enormes baixas daquela primeira grande guerra.

A Sra. Garrett era uma mulher de vitalidade espantosa, generosidade, bondade e calor, com acessos de mesquinhez, mesquinhez sórdida e rancor cruel. Tinha a capacidade real de elevar algumas vidas com um sorriso e de lançar outras para o exílio com um franzir de sobrolho. Sim, era arbitrária, mas vivia pelos seus instintos e pela sua esperteza, e quem esperaria que fosse de outra forma? Pensem na Rainha Isabel I ou numa Rainha Vitória mais vigorosa e têm algum do seu espírito.

Madam era extravagante. O seu escritório estava decorado em estilo provençal francês pelos melhores decoradores da Sloan's, vestia roupas esplêndidas, os melhores turbantes de seda na sua cabeleira bem penteada, as melhores peles, joias de ouro tilintantes nos pulsos, mais ouro a brilhar nas orelhas. Quando sorria, os seus olhos cor de avelã iluminavam-se e mostrava uma fila de dentes brancos perfeitos, tão bons como as pérolas caras que usava. Tinha excesso de peso mas era bonita e ia intermitentemente à Suíça para emagrecer, cirurgicamente e de outras formas.

Despida das suas galas poderia ter sido uma camponesa irlandesa bonita, uma mãe numa peça de O'Casey, mas Eileen J. Garrett sem essas galas era impensável. Tinha o dom da conversa, bem como o seu alegado dom da segunda visão. Adorava conversa inteligente e pessoas inteligentes. Não tinha medo das suas próprias dúvidas nem das dos outros. Sabia que eu não era crente, mas não fez qualquer esforço para me converter; de facto, muitas vezes punha uma piscadela na sua conversa sobre o sobrenatural quando estava comigo. Não era que fosse hipócrita, simplesmente não era dogmática por natureza e gostava de considerar todas as possibilidades, até a possibilidade de ela própria ser uma fraude.

Mas não era nenhuma vigarista. No fundo, reconhecia que havia algo muito real no seu conhecimento e nos seus dons. E a sua

curiosidade pelo mundo psíquico era impulsionada pela sua curiosidade sobre si mesma.

Como a maioria das pessoas, Madam gostava da companhia de celebridades. Aldous Huxley, Gloria Swanson e todos os muitos notáveis que vinham à revista e à Fundação intrigavam-na e ela tinha opiniões fortes sobre eles. Faltando-lhe uma educação formal, talvez desse demasiada credibilidade a credenciais académicas, mas a causa da parapsicologia precisava de todo o apoio científico que pudesse obter.

Quando comecei a ficar inquieto no escritório, ofereceu-me uma bolsa para estudar o sobrenatural em Shakespeare no British Museum. Isso deu-me um ano magnífico em Londres no qual escrevi um estudo sobre o tema. Por esse ano estou eternamente grata. Gostava dela? Não se gosta de pessoas assim, são tão especiais que estão para além de gostar ou não gostar; detesta-se a sua natureza arbitrária e os seus lampejos de crueldade interesseira, mas admira-se o seu gosto pela vida, a sua curiosidade e a sua sabedoria. Acredito que era muito sábia quanto à natureza humana e essa sabedoria era a sua verdadeira segunda visão. Lembro-me que o seu aniversário era perto do Dia de São Patrício e penso sempre nela com prazer nessa altura do ano. Há anos, quando vivia na Europa, soube da sua morte e fiquei profundamente triste, por isso era claro que ela deixara uma marca na minha vida. O mundo pareceu de repente mais pobre quando ela partiu. Como gostaria de acreditar em fantasmas. Seria divertido ser assombrada por Eileen J. Garrett. Pensando bem, talvez o seja.

Sherman Yellen